

Olá, sejam bem-vindos a mais um semestre do nosso curso de Teologia Sistemática. Neste semestre, teremos o privilégio, a honra e o prazer de estudarmos a disciplina Cristologia. Como tenho feito nas outras disciplinas, nesta aula introdutória, farei uma apresentação dos temas que estudaremos ao longo do semestre. Mais uma vez, convido vocês a se dedicarem da melhor maneira possível aos estudos dos temas propostos por esta disciplina.

Todas as cadeiras que compõem o escopo da Teologia Sistemática são importantes, pois uma complementa a outra, uma é o desenvolvimento da outra. Contudo, existem aquelas pelas quais nutrimos um carinho especial, uma atenção mais profunda, que tocam nossos corações. Confesso a vocês que a disciplina Cristologia é muito especial para mim, por uma série de razões. A mais óbvia delas é que estudaremos acerca do nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.

Isso é maravilhoso! Nosso coração se alegra e somos gratos a Deus por termos sido alcançados por Sua graça e, ao mesmo tempo, pela ação competente do Espírito Santo em nós, que nos concede o privilégio de estudarmos a doutrina, as características da pessoa de Cristo, Sua obra, o que Ele conquistou para a Sua igreja; enfim, todas as características da Sua obra.

Convido vocês a aproveitarem este semestre da melhor maneira possível, persistindo em seus estudos, sem desanimar, pois este é um ponto muito importante. Lembrem-se sempre de que a competência deste curso e o alcance das minhas aulas dependem muito do envolvimento de vocês: da leitura dos textos indicados na ementa, do acompanhamento passo a passo de cada aula, buscando sempre o melhor aprendizado possível.

A partir deste momento, apresentarei o que estudaremos durante o semestre. A apresentação reflete basicamente o que vocês encontrarão na ementa da disciplina. No entanto, hoje, para despertar o interesse de vocês, para que se sintam motivados a dizer: "Esta disciplina é realmente muito importante!", quero fazer esta apresentação especial.

Então, vamos ao material que usaremos para apresentar nossa disciplina. Como está apresentado, Cristologia: a doutrina de Cristo. Estudaremos sobre o nosso Senhor. Iniciaremos falando sobre a doutrina da pessoa de Cristo: as naturezas divina e humana do nosso Redentor.

É crucial termos uma base doutrinária sólida em relação a esses temas. Por que é tão importante termos informações bíblicas sólidas acerca da natureza humana e divina de Cristo? Veremos que essas doutrinas são consideradas fundamentais. Ou seja, a igreja não admite nenhuma distorção dessas afirmações. Tanto que, ao longo da história, a igreja se posicionou em relação a elas; alguns concílios tiveram como tema e objetivo defendê-las.

Estamos falando da afirmação de que Cristo foi 100% homem e 100% divino. É claro que temos dificuldades em compreender e encaixar isso em nossa racionalidade. Mas, como tenho dito nas outras disciplinas, fazemos teologia a partir da revelação bíblica. Portanto, mesmo que alguma doutrina não possa ser compreendida pela razão, somos convencidos pela revelação das Escrituras.

As Escrituras nos revelam, e nós nos submetemos a esta revelação, que Jesus Cristo foi, é e sempre será Deus. Não houve nenhum momento em que Jesus Cristo tenha deixado de ser Deus. Cristo foi Deus, falando na cronologia humana; Jesus

é Deus; e Jesus sempre será Deus.

Afirmamos também que Jesus, dentro do Seu ministério, dentro do propósito do plano de salvação para o homem, assumiu a forma humana e foi plenamente humano. Ele não teve uma aparência humana, não foi um "quase humano". Ele foi 100% humano. Veremos o desenvolvimento dessas duas afirmações e o porquê de serem tão importantes, de serem doutrinas fundamentais para a igreja.

Por que é necessário que Jesus Cristo seja Deus? Por que não podemos abrir mão da Sua divindade? E por que também é necessário que Jesus Cristo tenha sido homem? Por que é necessário defender a doutrina da humanidade de Cristo? Abordaremos essas duas afirmações durante as aulas.

Prosseguindo com a apresentação, a pergunta é: como Jesus pode ser plenamente Deus e plenamente homem e ainda assim ser uma pessoa? Teremos contato com algumas respostas propostas para explicar essa questão, respostas que não foram aceitas pela igreja. Foram rejeitadas e classificadas como heresias. Daremos uma olhada nisso também, analisando o posicionamento de um dos concílios sobre as duas naturezas de Cristo.

Segundo a revelação bíblica, é possível. Não só é possível, como é um fato! A partir da Teologia Bíblica, dos textos bíblicos – porque a nossa Teologia Sistemática é resultado, é produto da nossa Teologia Bíblica –, quando estudamos a pessoa de Cristo, o que a Bíblia nos fala sobre o Jesus homem?

A Bíblia apresenta esse Jesus homem como detentor de uma humanidade plena. Jesus foi humano. E aí, trataremos da doutrina da encarnação, que faz parte do ministério de Cristo, dividido em três processos: manifestação, que classificamos como encarnação – "o verbo se fez carne e habitou entre nós" (Jo 1:14) –; sofrimento – o ministério de Cristo durante Sua existência aqui na Terra foi caracterizado pelo sofrimento em vários aspectos –; e glorificação ou exaltação.

Veremos alguns desses sofrimentos, a realidade e a necessidade deles. Os sofrimentos de Cristo foram reais e necessários. A Teologia Bíblica nos revela um Cristo humano. A partir das informações da nossa Teologia Bíblica, somos convencidos de que Ele é plenamente humano. Talvez este seja o lado mais fácil da nossa argumentação.

Questionar que Jesus Cristo foi homem não tem sido o grande desafio contra a fé cristã. Até mesmo aqueles que não comungam da nossa fé admitem que um homem chamado Jesus, um judeu, tenha vivido em algum momento. Mas a Bíblia também apresenta textos sobre a divindade de Jesus: os autores bíblicos falando desse Jesus como plenamente divino.

Analisaremos a opinião do próprio Cristo. O que Cristo pensava de Si mesmo? Será que Cristo se considerava Deus? Será que Cristo tinha plena consciência da Sua divindade? Veremos que sim, é possível: Jesus ser plenamente Deus, Jesus ser plenamente homem, e ainda assim ser uma só pessoa. Chegaremos a essa conclusão a partir das informações bíblicas.

Abordaremos também a necessidade da plena humanidade. Não se trata apenas de uma pesquisa, de uma curiosidade que devemos ter. Ela é necessária, não é uma pesquisa meramente especulativa. Tem um objetivo. Doutrinariamente, é

importante, porque se Jesus não foi plenamente homem, isso trará consequências doutrinárias para algumas doutrinas centrais da fé cristã. É isso que desenvolveremos durante a nossa caminhada pela disciplina neste semestre.

A necessidade da plena humanidade era real para que Cristo pudesse cumprir os ofícios do Seu ministério, para que Ele pudesse cumprir plenamente, inclusive, com as exigências da satisfação da justiça divina. Por isso que a igreja se posicionou em relação a esse tema também.

Veremos a necessidade da plena divindade. Por que é importante que Jesus seja Deus? Porque, se assim não for, algumas doutrinas importantes também caem. É interessante nos dedicarmos a esse tipo de pesquisa, pois a nossa Cristologia influenciará a maneira como vemos muitas doutrinas.

Talvez seja a disciplina que mais influencia também as nossas pregações. Somos pregadores que falam acerca de Cristo. Nossa visão acerca tanto da humanidade como da divindade de Jesus precisa estar bem clara. Precisamos ter posições firmes em relação a isso, e isso transparecerá em nosso discurso.

Uma das coisas que tenho dito aos meus alunos é que um dos grandes males que a teologia liberal produz é justamente diminuir essa visão bíblica acerca de Cristo, reduzindo-O a apenas um homem que tinha um discurso diferente, um discurso em algum momento por eles classificado como importante, mas que não era Deus.

Temos visto no mundo o resultado disso em algumas comunidades: os efeitos dessa afirmação. Quando se retira a divindade de Cristo das comunidades, elas morrem obrigatoriamente, porque as comunidades giram em torno dessa divindade. Estamos ali para adorá-Lo, nossos cultos são peças de adoração a Cristo. Se Ele não é Deus, estamos cometendo pecado, porque estamos adorando a criatura em vez do Criador. Não estamos oferecendo um culto verdadeiro, um culto que seja aceito. Vejam como é perigoso!

Portanto, não é uma pesquisa especulativa; ela é necessária. Por isso, também analisaremos como os reformadores se posicionaram nas confissões de fé em relação a esses temas. Mas, voltemos à nossa apresentação.

Falaremos sobre a humilhação do Redentor, que está dentro daquilo que mencionei sobre as três fases do ministério de Cristo: a fase da humilhação, também chamada por alguns de fase da encarnação, onde o Verbo se encarna, abre mão da Sua glória e assume a forma humana; a fase do sofrimento, o momento do ministério de Cristo em que Ele se propõe a sofrer – e aqui não se fala só do sofrimento da cruz, mas do sofrimento de se colocar em submissão à vontade de Deus em todos os aspectos, durante o Seu ministério terreno –; e a terceira fase, que os comentaristas e teólogos chamam de fase da glorificação ou da exaltação.

O ministério de Cristo é dividido nessas três fases: encarnação e humilhação, sofrimento, e glorificação ou exaltação. Durante a disciplina, veremos as características dessas etapas do ministério de Cristo: a humilhação do Redentor, as fases da encarnação – acabei repetindo as duas informações, mas vocês me perdoem –, os propósitos da encarnação e a importância da doutrina da encarnação.

Por que a doutrina da encarnação é importante? Principalmente quando tratamos da obra da expiação, ela só faz sentido, tudo o que ela representa – e veremos isso também, as características da obra da expiação, a sua extensão, o que de fato foi conquistado – se de fato Cristo foi humano, se de fato o Verbo se encarnou.

Sabemos que, no início da história da igreja, ela enfrentou dificuldades com isso. Mesmo dentro da igreja, havia aqueles que questionavam a encarnação. E a razão disso é que eram pessoas influenciadas pelo gnosticismo, que atribuía à matéria, à carne, a característica de ser má.

Por consequência, Cristo não poderia ter se encarnado verdadeiramente, justamente por conta desse pressuposto filosófico do gnosticismo. Então, alguns começaram a defender que Cristo apenas tinha uma aparência humana. Esses pressupostos tiveram seus desdobramentos – veremos alguns também –, mas a igreja, prontamente, se posicionou.

O evangelista João se posicionou tanto no seu Evangelho como em suas cartas, colocando como questão essencial que Cristo, de fato, se encarnou. Trabalharemos essas questões também.

As características do sofrimento do Redentor: veremos que foram sofrimentos reais. Cristo não morreu no campo das ideias, Cristo não sofreu no mundo das ideias. Os sofrimentos do nosso Redentor foram reais! Inclusive, trabalharemos as Suas tentações. É importante que isso seja bem definido. As tentações de Cristo foram reais.

É claro que debateremos até que ponto seria possível Cristo cair, sendo Ele 100% homem e 100% Deus. Há uma discussão acerca disso, os teólogos reformados divergem em algumas características. Mas devemos chegar à conclusão bíblica: as tentações de Jesus foram reais? Sim! Os sofrimentos de Cristo foram reais? Por óbvio! E isto é necessário. Insisto na minha frase: não é apenas uma pesquisa especulativa, não é um tema sobre o qual você ou eu possamos ter uma opinião diferente.

Os sofrimentos foram reais porque, se não foram sofrimentos reais, também criam-se dificuldades para a doutrina, para um dos princípios doutrinários de Cristo como nosso sacerdote. Hebreus deixará isso muito claro, que Ele pode ser, não, Ele é o nosso Sumo Sacerdote porque Ele viveu, experimentou as nossas fragilidades, sentiu as nossas fraquezas. Não faz sentido se esses sofrimentos não foram reais.

Traremos também informações sobre isso para vocês. Os propósitos do sofrimento redentor: Cristo, de forma alguma, tinha prazer no sofrimento. Não era isso. Cristo não procurava o sofrimento apenas por sentir prazer nisso. Mas foi necessário que Ele sofresse por propósitos. Veremos quais foram esses propósitos, e isso também deverá gerar em nós piedade, gratidão, constrangimento ao dizermos: "Cristo passou por tudo isso por mim". Quais foram os propósitos? O que Ele conquistou? O que de fato foi conquistado com todo esse sofrimento?

Trabalharemos também a questão da obediência representativa. Cristo estava nos representando, e essa Sua obediência conquistou algo para nós. Veremos que a morte de Cristo não apenas possibilitou a salvação. Cristo não tornou a salvação possível; os autores bíblicos dirão que, de fato, Ele salvou. Ele realizou uma obra.

Por ser plenamente homem, Ele foi o nosso representante perfeito. E por ser plenamente Deus, cumpriu integralmente todas as exigências para que a ira de Deus fosse satisfeita. Veremos também Cristo como nosso representante, representante do Seu povo, representante da Sua igreja, recebendo sobre Si toda a justiça, toda a ira de Deus necessária para que os nossos pecados fossem perdoados.

Voltando à nossa apresentação, a justiça plenamente satisfeita: veremos que, em Cristo, Ele conquista plenamente essa satisfação da justiça de Deus. A expiação: era necessário que Cristo morresse? Deus não poderia ter simplesmente nos perdoado? Por que foi necessário que Jesus passasse por tudo isso? Deus não poderia simplesmente nos perdoar e ter poupado o Seu Filho de passar por tudo isso? Isso era possível?

Outra pergunta: a vida terrena de Jesus como um todo conquistou-nos algum benefício salvífico? Os sistemas teológicos tratam essa questão de maneira diferente. Veremos qual deve ser o nosso melhor posicionamento. A causa e a natureza da expiação. Uma pergunta que também coloco: por quem Cristo morreu? Por todos ou pelos eleitos? Veremos essa discussão também, que é importante.

E, por fim, trataremos da ressurreição e ascensão de Jesus. O que a Sua ressurreição e a Sua ascensão representam para o Seu povo? O que significa para nós o fato de Cristo ter ressuscitado?

Esta foi uma breve introdução do que a disciplina se propõe a abordar. E são muitos temas! Espero que, durante as aulas, consigamos, mesmo que de forma introdutória, tratar de todos.

Agora, quero apresentar a vocês alguns livros. É claro que vocês terão à disposição, como nas disciplinas anteriores, uma bibliografia, uma bibliografia obrigatória, com os textos que esperamos que vocês leiam para terem um entendimento melhor da disciplina. Haverá também outros textos indicados na bibliografia.

Mas, aqui, quero apresentar rapidamente alguns para vocês, para que, quando puderem adquiri-los, sirvam de apoio para um estudo mais aprofundado. Como em qualquer curso de teologia, ao cursá-lo, vocês se tornam aptos a estudar teologia. Com esta disciplina, não é diferente: vocês estarão aptos a se aprofundar.

Apresentarei alguns textos que, creio eu, serão de grande auxílio para que vocês possam aprofundar suas pesquisas. Apresentarei esses textos a vocês rapidamente.

Muito bem, este texto aqui é do Van Groningen, um autor muito conhecido no meio reformado. Ele trata da revelação messiânica no Antigo Testamento, a origem divina do conceito messiânico e o seu desdobramento progressivo. Assim que puderem, comprem este livro.

Não é um texto fundamental agora, no início da disciplina, mas, depois que vocês terminarem a disciplina, quando puderem comprá-lo, será um texto que aprofundará esses conceitos que trabalharemos durante o semestre.

Outro texto muito conhecido é o do N. T. Wright, um livro extenso. Recomendo

este livro a vocês: “A Ressurreição do Filho de Deus”. Uma discussão acadêmica muito profunda acerca da ressurreição, e é muito bom ver alguém do tamanho do Wright defendendo isso de forma acadêmica. Este tema sofre muitos ataques.

O tema da ressurreição, durante toda a história da igreja, sofre muitos ataques. Este é um texto extraordinário para que vocês possam ter contato com alguém que defende academicamente a ressurreição do nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.

Este livro também é muito bom. Um livro do Larry Hurtado: “O Senhor Jesus Cristo: Devoção a Jesus no Cristianismo Primitivo”. Um livro também da Editora Academia Cristã. Como se dava a adoração nas comunidades primitivas, os conceitos... É um texto extraordinário! Assim que puderem, comprem-no também.

Estes próximos livros, talvez sejam a leitura mais importante da nossa disciplina. Gosto muito do Wayne Grudem. Utilizo muito o material do Grudem, vocês já perceberam isso. Justamente por conta da didática do Grudem, da forma como ele aborda os temas.

Os sistemáticos – falando aqui com vocês –, os sistemáticos reformados, basicamente, trazem as mesmas informações. É claro que temos teologias sistemáticas com algumas diferenças, mas, entre os reformados, as diferenças estarão, basicamente, relacionadas ao sistema de governo, às formas de batismo, às posições escatológicas.

Mas, no geral, os teólogos sistemáticos de linha reformada repetem as mesmas informações. Obviamente, com escritas diferentes, com metodologias distintas, com didáticas distintas. Mas o Grudem me agrada muito.

Então, como tenho dito, se vocês tiverem a sistemática do Grudem, leiam, e vocês perceberão que a minha fala está em acordo com o Grudem. Não por não me identificar com os outros sistemáticos, mas por uma questão didática. Acredito que, neste exercício de dar aula a vocês, a proposta didática do Grudem é muito eficaz.

Mas se você for pastor, professor, e me perguntar: "Qual livro eu deveria comprar para esta disciplina? Qual livro eu não posso deixar de comprar de forma alguma?", eu lhes direi que o livro a ser comprado é esta coleção "Fé Evangélica".

Na verdade, são três livros do Heber Carlos de Campos, autor conhecido aqui no Brasil. Considero-o um dos maiores teólogos do Brasil, um homem que se propõe a tratar de temas complexos. Às vezes, ele tem a coragem até de ir um pouco além, abordando temas sobre os quais, geralmente, os sistemáticos não se posicionam, e Heber se mostra um teólogo muito corajoso.

Ele tem esta coleção, uma coleção de três livros que tratam justamente dessas três fases do ministério de Cristo: da Sua encarnação, do Seu sofrimento e da Sua exaltação. O primeiro livro desta coleção é este: “A Humilhação do Redentor: Encarnação e Sofrimento”.

O segundo: “A Pessoa de Cristo: As Duas Naturezas do Redentor”. E o terceiro: “A União das Duas Naturezas do Redentor”. Então, se puderem comprar estes livros, será muito interessante e proveitoso para o desenvolvimento desta disciplina e para os seus estudos posteriores.

Temos este livro clássico aqui também, muito indicado nos cursos de teologia: “A Pessoa de Cristo”, do Berkouwer. Se vocês se interessarem, se puderem comprá-lo, será proveitoso para as pesquisas de vocês.

Finalizamos aqui nosso primeiro encontro. Espero ter despertado o interesse de vocês para a importância desta disciplina. Reafirmo a minha empolgação, a minha alegria com esta disciplina. Estudaremos acerca do nosso Senhor, estudaremos acerca dAquele que morreu por nós, estudaremos acerca dAquele com quem passaremos toda a eternidade.

Acredito que estes sejam motivos mais do que suficientes para estarmos empolgados, para nos dedicarmos, durante todo este semestre, a esta disciplina tão importante: Cristologia, a doutrina de Cristo. Um grande abraço e até a nossa segunda aula!

Olá, sejam bem-vindos à nossa segunda aula do curso de Teologia Sistemática, disciplina Cristologia. Na nossa primeira aula, fiz uma apresentação da disciplina, com o objetivo de despertar o interesse de todos para, juntos, estudarmos esse tema tão importante. Durante este semestre, estudaremos características de doutrinas centrais da fé cristã. Entenderemos tanto o ministério humano de Cristo como também o seu ministério divino. Iremos reafirmar essas doutrinas centrais da fé cristã que são inegociáveis, não podemos abrir mão delas de forma alguma.

Daremos continuidade à nossa afirmação de que Cristo foi 100% homem e que isso não é apenas uma mera especulação filosófica ou teológica, mas sim uma necessidade. Veremos aqui porque isso é necessário para que tenhamos uma doutrina cristã bíblicamente correta e para que tenhamos desdobramentos teológicos sólidos da doutrina cristã a partir de princípios doutrinários bíblicos, teológicos e reformados da nossa Cristologia.

Bem como também veremos que é necessário que Jesus Cristo seja Deus, que Ele seja plenamente divino. Isso é necessário para que a Sua obra seja considerada uma obra competente. Se Ele não foi homem, não pode ser o nosso intermediador. Se Ele não é Deus, nada do que Ele realizou nos garante alguma coisa.

Então, vamos dar uma olhada nessas características a partir desta segunda aula, buscando entender como é importante reafirmarmos a doutrina da plena humanidade e da plena divindade de Jesus. Nas outras aulas, discorreremos sobre as implicações disso, mostrando que a convicção dos autores bíblicos e a própria consciência de Cristo acerca da Sua divindade, tanto a Sua humanidade como a Sua divindade, não foram invenções da comunidade primitiva.

No decorrer dos seus estudos, do seu curso, vocês verão que, em algum momento, alguns estudiosos propuseram a ideia de que tanto a humanidade de Jesus, como – e ainda mais – a Sua divindade, foram visões que a igreja, a comunidade primitiva, colocou sobre Ele através dos textos bíblicos. Veremos que isso não é verdade. O próprio Cristo tinha plena consciência e afirmou e reafirmou isso em muitos momentos para os Seus ouvintes.

Então, vamos dar início à nossa caminhada. Tenho certeza de que será muito prazeroso poder estudar acerca daquele que é o nosso Senhor e Salvador. Então, como vocês já estão acostumados com a minha metodologia, passo aqui a apresentar as informações. Estudaremos, durante este semestre, as doutrinas de Cristo.

Vamos analisar o desenvolvimento dessas doutrinas.

Muito bem. Seguindo a metodologia que tenho usado nas outras disciplinas, quero apresentar este material para vocês também utilizando a didática de perguntas e respostas. A primeira pergunta, que serve como pontapé inicial da nossa reflexão, é a seguinte: como Jesus pode ser plenamente Deus e plenamente homem e ainda assim ser uma só pessoa? Repito: como Jesus pode ser plenamente Deus e plenamente homem e ainda assim ser uma pessoa?

Aqui está o ponto central da questão. É a este tipo de afirmação que devemos chegar ao final da nossa disciplina: Jesus sendo plenamente Deus e Jesus sendo plenamente homem, mas não sendo duas pessoas. Jesus é apenas uma pessoa, e nesta pessoa estão plenamente contidas as Suas duas naturezas: tanto a Sua natureza divina como a Sua natureza humana.

É claro que, assim como na doutrina da Trindade, temos dificuldades de encaixar isso dentro de uma caixinha racional, dentro de um arcabouço racional. Mais uma vez, chamo a atenção de vocês para o fato de que o convencimento, a certeza dessas doutrinas, se dá pela revelação das Escrituras. A doutrina da plena humanidade e da plena divindade de Jesus também não é uma invenção da Igreja.

Há aqueles que dizem que tanto a humanidade – mas ainda mais a divindade – de Jesus foram acréscimos feitos pela Igreja, tanto através da comunidade primitiva como depois, pelo transcorrer da história da Igreja, e que os concílios teriam sido responsáveis por colocar sobre Cristo uma visão divina que Ele não possuía. Isso não é verdade.

Tanto a comunidade primitiva como os concílios apenas confirmaram aquilo que as Escrituras Sagradas revelam acerca de Jesus. Não são doutrinas que foram inventadas pela Igreja. A Igreja apenas reconhece a autoridade das Escrituras e entende a necessidade dessas doutrinas para uma Cristologia bíblica reformada. Ok? Mas essa pergunta é importante para iniciarmos aqui a nossa reflexão.

Então, voltemos. Retornemos à pergunta: como Jesus pode ser plenamente Deus e plenamente homem, e ainda assim ser uma pessoa? E aqui temos um apontamento de Wayne Grudem, em que ele diz: “Jesus Cristo foi plenamente Deus e plenamente homem, em uma só pessoa, e assim o será para sempre”.

Vejam, é importante também colocar isso aqui para vocês... Deixe-me voltar... É importante colocar isso aqui para vocês, porque Jesus assumiu a forma humana; a Sua encarnação O colocou nessa situação por toda a eternidade. Essa é uma doutrina cristã também. Jesus Cristo assumiu a natureza humana e nela permanecerá por toda a eternidade. Por toda a eternidade.

Inclusive, neste momento, Cristo está ao lado do Pai, encarnado, cumprindo o Seu ministério de Sumo Sacerdote. Os hebreus falam disso de maneira muito clara: Cristo agora, antes da Sua volta, antes da Sua segunda vinda, Ele está à direita do Pai, intercedendo pelo Seu povo, intercedendo como Sumo Sacerdote, Sumo Sacerdote humano. E o texto dirá que temos um Sumo Sacerdote que conhece as nossas fragilidades, que sofreu o que nós sofremos, que experimentou o que nós experimentamos.

Então, Jesus Cristo é plenamente Deus. Não podemos falar nem em passado, nem em futuro. Jesus: não houve nenhum momento em que Jesus não tenha sido Deus. Antes

da Sua encarnação, obviamente, Jesus já era Deus. Então Jesus, a partir da Sua manifestação, a partir da encarnação do Verbo, há esse mistério cristão apresentado a nós – mistério no sentido de que houve um momento em que esse mistério ainda não havia sido revelado. Paulo, lá em Colossenses, vai deixar muito claro que o mistério foi revelado. O mistério foi revelado! Não há mais nenhum mistério! Cristo, quando Se encarna, quando o Verbo Se encarna, então o mistério foi revelado.

Então, temos aí, numa só pessoa, alguém que é plenamente Deus e alguém que é plenamente homem. É claro que agora precisamos de informações bíblicas. Precisamos das informações bíblicas que confirmem esses nossos apontamentos teológicos acerca da pessoa bendita do nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.

Então, eu convido vocês a fazer esse exercício. Começarei a apresentar as informações e os textos bíblicos, e o interessante é que você vá pausando o vídeo, vá pausando a aula, e conferindo os textos bíblicos, porque é assim que se faz. Vamos analisando os textos bíblicos e sendo convencidos pela visão bíblica dos autores acerca dessas duas doutrinas fundamentais para a fé cristã. Ok? Então, deixe-me voltar lá, nas nossas informações.

Muito bem. Então: “Jesus Cristo foi plenamente Deus e plenamente homem, em uma só pessoa, e assim o será para sempre”. Aqui, este organograma é interessante também. Vocês podem ter uma representação disso que estamos conversando. É apenas isso: uma representação. As duas naturezas de Cristo, um boneco representando uma pessoa. E é assim que devemos pensar: nessa pessoa estão contidas essas duas naturezas, tanto a natureza divina como a natureza humana. Ok?

Aqui vamos destacar com vocês... Quero destacar com vocês as características da humanidade de Cristo. Então, os autores bíblicos... Há vários textos bíblicos que nos apresentam esta humanidade de Jesus. Interessante aquilo que eu falei para vocês: que nesse momento você dê uma pausada no vídeo para que possa conferir as informações, ok?

Voltando aqui um pouquinho... Vejam, esses apontamentos aqui já nos dão uma base bíblica interessante para conversarmos acerca da humanidade de Jesus. O Seu próprio nascimento já é uma afirmação disso. Quando a Bíblia apresenta Jesus nascendo... Porque a Bíblia poderia ter contado esse nascimento de uma outra forma. Se há exemplos de outras religiões, que às vezes há histórias mirabolantes acerca dos nascimentos de deuses ou de divindades, a Bíblia relata o nascimento de Jesus da maneira mais humana possível. A Bíblia relata o nascimento de Jesus da maneira mais humana possível.

Inclusive, nos conflitos que surgiram a partir desse nascimento. Todos vocês sabem do conflito que foi gerado na mente de José, quando ele é informado de que Maria estaria grávida. Então, José é avisado divinamente de que aquele que foi gerado no ventre da sua esposa foi obra do Espírito Santo. Então vejam que há uma preocupação, inclusive, de explicar um possível conflito de interesses, da relação entre um homem e uma mulher.

Então, por que eu enfatizo isso? Porque há aqui uma clara ideia de que o nascimento foi verdadeiro, houve o nascimento de um bebê, e esse bebê tinha um pai e uma mãe. Não há nenhuma ideia aqui de nada fantasioso ou de uma história inventada. Então, claramente, a Bíblia apresenta esse Jesus – o mesmo Jesus dos

Evangelhos, tanto que depois, ali, os autores do Evangelho vão narrar inclusive o seu crescimento, características da sua infância ali antes do início do seu ministério público -, mas os autores bíblicos se preocupam com isso: de explicar o nascimento de uma criança com o pai e com a mãe. Então, nós temos ali famílias envolvidas nesse processo.

Então, esse Jesus... Por que é importante eu colocar isso? Porque é esse Jesus dos Evangelhos, esse mesmo Jesus, filho de José, filho de Maria, que sobre ele, ou acerca dele, os autores bíblicos irão fazer algumas afirmações que atribuem a esse homem chamado Jesus divindade. Ok? Isso vai ficar muito claro: os autores dos Evangelhos atribuindo, imputando, colocando sobre esse homem chamado Jesus - este homem que muitos conheciam, conheciam suas famílias, conheciam suas origens -... Muitos vão dizer, vão atribuir a esse Jesus características divinas. Por isso que é importante esse desenvolvimento da doutrina. Ok?

Tem que ter um pouquinho de paciência. Eu sei que algumas informações já são conhecidas de vocês, mas me permitam fazer esse desenvolvimento dessas características doutrinárias para que, quando chegarmos lá na frente, não tenhamos dúvidas acerca de alguns apontamentos. Voltando lá para a nossa informação... Muito bem.

Então, aqui, essas informações: nascimento virginal. Isso pode ser lido em Mateus, capítulo 1, de 18 a 20; Lucas, a partir do verso 35. Lá em Gênesis já havia essa promessa: que nasceria da mulher alguém que pisaria a cabeça da serpente. Alguns tratam esse texto como protoevangelho, mas, claramente, uma profecia messiânica. Claramente uma profecia messiânica, falando justamente do nascimento desse Messias, que seria o representante do seu povo.

Então, seria a encarnação, a própria encarnação de Deus, Deus encarnado, morrendo no lugar do seu povo e conquistando os benefícios da sua obra. Você pode ler acerca disso em Gênesis; em Gálatas, capítulo 4, versos 4 e 5. Obviamente, a conclusão lógica desse nascimento é que Jesus possuía um corpo humano. Depois também vocês devem ler esses textos, porque nesses textos nós vamos ver características humanas desse Jesus. Algo que você já fez em muitas aulas de escola bíblica, dominical, de estudos bíblicos pessoais: de que os autores bíblicos apresentando Jesus com características humanas: Jesus se cansando, Jesus tendo fome, Jesus tendo sede, Jesus tendo emoções humanas.

No próximo apontamento, quando vamos dizer: “Jesus possuía uma mente humana”... “Jesus possuía uma mente humana”... Nós vamos ver os autores bíblicos apresentando o Cristo de maneira muito humana. E isto é interessante. Também não há - percebam -, não há nenhum esforço dos autores bíblicos em tentar atribuir ao Cristo características de um ser divino no momento em que ele precisava ser apresentado como um ser humano. Os autores bíblicos não inventam uma história. Eles nem acrescentam nem diminuem. Isso me chama muito a atenção também na narrativa dos Evangelhos. Percebe-se uma fidelidade dos autores. Eles não têm a preocupação nem de aumentar nem de diminuir o Cristo que está diante dos seus olhos. Então, quando esse Cristo tem atitudes humanas, ele é apresentado a partir dessas atitudes humanas. Então, estes textos que vocês devem conferir vão mostrar Jesus no seu corpo, com características de um corpo humano: um corpo limitado pelas fragilidades da sua encarnação. Jesus vai se alimentar, Jesus vai ter sede, Jesus vai se cansar, Jesus vai sentir emoções humanas. Então, é importante também conferir esses textos bíblicos para que sejamos, aí, convencidos da sua humanidade, para que não haja nenhuma dúvida da sua

humanidade, ok? Então, os textos estão aí.

Então, nós partimos da ideia do nascimento virginal, depois chegamos na afirmação de que Jesus possuía um corpo humano, e o próximo desenvolvimento é de que Jesus possuía uma mente humana. Jesus possuía uma mente humana. E aí também, na história da igreja, houve conflitos em relação a esse tipo de afirmação. Algumas heresias surgiram a partir do entendimento equivocado desta afirmação. Lembram? Uma só pessoa com duas naturezas. Uma natureza não absorve a outra. Uma natureza não elimina a outra. Nós vamos sendo convencidos dessa realidade pela revelação bíblica. Lembram? Não tem como colocar isso dentro de uma caixinha de racionalidade. Nós não vamos conseguir explicar racionalmente essas características. Nós estamos fazendo esse exercício de sermos convencidos pelos autores bíblicos.

Então, Jesus era humano? Sim. Plenamente humano? Correto. Então, se ele era plenamente humano, ele obrigatoriamente tinha que ter uma mente humana. Não era um ser divino tomando conta de um corpo humano. Nós vamos ver algumas heresias nesse sentido. Algumas heresias que serão refutadas, que foram refutadas, inclusive, nos concílios. Os concílios se posicionaram, tanto em relação à humanidade bem como à divindade de Jesus. Nós vamos ver esse posicionamento da igreja. O que a igreja afirmou acerca da divindade, da humanidade. O que é doutrina que não pode ser modificada por nós. Já houve um posicionamento oficial da igreja, depois confirmado pelos reformadores, pelas confissões de fé. As confissões de fé também se posicionam de maneira muito clara em relação a isso.

Então Jesus, em sendo 100% homem, possuía uma mente humana. Jesus, em sendo 100% divino, também possuía – ou possui – uma mente divina. É a única conclusão a que podemos chegar. Qualquer outra explicação, tanto em que se acresça alguma coisa, algum atributo, ou se diminua, não pode ser aceito como verdadeiro por nós, ok?

Vou voltar lá para as nossas informações. Então, está aí. Então, é importante vocês se debruçarem sobre essas informações aqui, sobre esses textos bíblicos, para que esta base bíblica acerca da humanidade de Jesus possa ser firmada.

Você pode estar dizendo assim: “Ah, professor, em relação à humanidade não há nenhuma dúvida”. Estão enganados! Já ali no desenvolvimento da igreja, muitos questionavam a humanidade de Jesus. O próprio apóstolo João, tanto no seu Evangelho como nas suas cartas, ele teve que se posicionar. E nós vamos ver o porquê disso. Mas havia um grupo lá que negava a humanidade de Jesus. Eles negavam a humanidade de Jesus! E há questões filosóficas para essa negação. Nós vamos ver isso um pouquinho mais à frente. Eles alegavam que Jesus tinha aparência humana, que Ele, de fato, não era humano. Porque, segundo a sua corrente filosófica, Jesus não poderia ser humano, porque, se ele assim o fosse, ele não poderia ser um ser divino. Ele não poderia ser um ser divino. E João se posicionou, e nós vamos ver isso um pouquinho mais à frente. Ok?

Na humanidade de Cristo, algumas características também serão consideradas por nós. Jesus era humano? Sim, claro que sim. E aí nós vamos conversar um pouquinho sobre a sua impecabilidade. Por que Jesus não pecou? Alguém pode perguntar: “Professor, já que Jesus era humano, ou seja, se ele possuía a natureza humana, então ele não poderia pecar?”. Diferentemente de nós, Jesus não nasceu maculado pelo pecado. Jesus tinha uma natureza humana – ou tem uma natureza humana – sem a mácula do pecado. Algo semelhante ali ao que Adão... ao que Adão tinha antes de desobedecer... antes de desobedecer... Mas Jesus, Ele não nasce com a mácula

do pecado, Ele nasce com a natureza humana. Mas é interessante colocar que, quando Jesus experimenta as fragilidades da nossa natureza, essas fragilidades foram reais. As tentações de Cristo foram reais.

Alguns tentam diminuir a importância da tentação de Cristo, fazendo a seguinte afirmação: “Já que Jesus era impecável, ou não podia pecar, então as suas tentações não foram reais”. Não é isso que os autores bíblicos nos apresentam. Não é isso. O que é apresentado a nós é que Ele experimentou as nossas fragilidades, mas não pecou. Obviamente, aqui há uma junção das duas naturezas. Quando eu uso a expressão “junção”, não estou falando nada no sentido de uma absorvendo a outra, mas as duas existindo de maneira plena em uma só pessoa. É nesse aspecto, tá bom? Não quero trazer nenhum indício de uma se sobrepondo à outra. Mas, por óbvio, que, quando Jesus está fazendo qualquer tipo de coisa, isso é feito pela pessoa como um todo. Tanto pelo Jesus humano como pelo Jesus divino. Deus não pode pecar. Deus não pode pecar! Deus é impecável. Então, nesse sentido também, Jesus era impecável. Jesus não poderia quebrar a lei do Senhor. Jesus não poderia tomar uma atitude que fosse de encontro à sua própria lei. Entendem? Mas, ainda assim, as tentações, as fragilidades, foram reais. Jesus foi tentado de forma real. Jesus sofreu as fragilidades humanas de forma real. Jesus sentiu o peso do juízo de Deus sobre Ele de maneira real. Que era algo mais real do que naqueles momentos que precederam a Sua crucificação, ali no Getsêmani, quando Ele começa a sentir a ira de Deus, o pavor de sentir a ira de Deus sobre si. Ele sabe que carregaria o preço da igreja, que seria o responsável por aplacar a ira do Pai. Isso produz no Jesus humano as reações de alguém que está sendo levado a um nível de estresse muito elevado. Então, a Bíblia chega a dizer que ele suou gotas de sangue. Isso foi real, isso não foi uma invenção do autor do texto sagrado. Isso foi real, Jesus sofreu de maneira real. Ok? Então, é interessante ir colocando isso para vocês.

Então, Jesus não pecou. Jesus não possuía uma natureza pecaminosa. Mas, por ser humano, ele sofreu, sim, as nossas fragilidades. É interessante: a sua impecabilidade... esses textos devem ser conferidos por vocês.

Jesus possuía alma humana e emoções humanas. Interessante que vocês devam conferir esses textos. Também as pessoas próximas a Jesus O consideravam apenas humano, durante essa progressividade também de entendimento de que Jesus era o Messias, o Messias prometido do Antigo Testamento. E aí também todas as implicações doutrinárias acerca desse conceito messiânico foram desenvolvidas também pela própria comunidade primitiva com o passar do tempo. Mas, ali, no início do Seu ministério, Jesus foi visto como humano. Então, é interessante que sejamos convencidos desta humanidade do nosso Senhor, ok? Então, vocês devem dar uma conferida nesses textos para que possamos ir firmando essas bases doutrinárias acerca dessa afirmação.

Fiquemos por aqui. Logo, logo, voltamos com a nossa terceira aula. Até mais. Um abraço!

Olá, sejam bem-vindos à nossa terceira aula do curso de Teologia Sistemática, na disciplina Cristologia. Vamos dar prosseguimento à nossa reflexão acerca da humanidade de Cristo. Na aula anterior, começamos a pensar acerca da visão bíblica sobre a humanidade do nosso Senhor e estamos refletindo sobre a sua necessidade.

Como mencionei na aula anterior, não se trata de uma mera especulação. Tanto a humanidade quanto a divindade de Cristo são necessárias para que a sua obra seja

eficaz. Para que todas as características da nossa cristologia, principalmente a reformada, possam apresentar a obra de Cristo como algo perfeito, competente, algo em que de fato possamos basear a nossa fé.

Não foi uma criatura que pagou o preço em nosso lugar, foi o próprio Deus. E é importante entendermos que a obra de Cristo foi realizada por alguém que é Deus porque isso nos garante a perfeição, a completude e a integralidade daquilo que foi realizado. Mas também é necessário que Ele tenha sido humano porque, assim, Ele se coloca como um representante perfeito.

A obra de Cristo, necessariamente, precisa abarcar esses dois aspectos. Aquele que morreu em nosso lugar tem que ser o homem, tem que ser humano. Ele estava representando a raça humana. Lá em Antropologia Bíblica, vimos que Adão, como nosso representante, por sua desobediência, por sua falha, trouxe sobre toda a raça humana as consequências da sua desobediência.

Cristo, e isso também vimos, é o nosso segundo representante, representante daquilo que chamamos de aliança da graça. Mas um representante humano, porque Ele só poderia nos representar se, de fato, Ele fosse humano. E Ele o é. Estamos vendo que, inclusive, Ele assumiu essa humanidade. O verbo se encarnou por toda a eternidade. Não haverá nenhum momento, por toda a eternidade, em que Cristo deixará de ser Cristo homem. Ele assumiu a forma humana, o verbo se encarnou eternamente para ser o nosso representante perfeito.

Dando prosseguimento, a partir de agora, às informações acerca da humanidade de Cristo e a necessidade disso para a nossa Cristologia, apresento novamente as informações para vocês. Vimos a questão da impecabilidade. Jesus, mesmo sendo homem, não nasceu com uma natureza pecaminosa. Portanto, em nenhum momento pecou. Ele foi obediente integralmente aos mandamentos do Senhor, cumpriu aquilo que nós não poderíamos ter feito, cumpriu integralmente as exigências da lei do Senhor.

Vimos também que Jesus possuía uma alma humana e emoções humanas. Os textos, acredito que vocês já tenham conferido, passam essa ideia muito clara de Jesus Cristo possuindo uma alma humana e, por consequência, emoções humanas.

Falamos sobre isso também: as pessoas próximas de Jesus O consideravam apenas humano. Depois, com o desenvolvimento do seu ministério, com a própria fala de Cristo e os milagres que Ele foi realizando, é que foram tendo um entendimento maior.

Passando um pouquinho à frente, vamos à metodologia que tenho usado com vocês: perguntas que fomentam a nossa reflexão. Por que era necessário que Jesus fosse plenamente humano? Lembrem que estamos conversando sobre isso, tenho falado sobre isso com vocês. Por que é necessário que Jesus Cristo fosse humano? Por que é necessário?

O material vai começar a apresentar as características dessa necessidade. Por que isso é necessário? Por que é necessário Jesus Cristo ser plenamente humano? Por que isso não é uma questão de menor importância? Por que talvez nós pudéssemos tratar isso como uma questão de opção? Veremos que isto não é uma possibilidade. A nós não é dado esse direito, decidir se Cristo foi plenamente humano ou não.

Na outra aula, inclusive, citei o posicionamento do apóstolo João. Ele, em oposição àqueles que questionavam a plena humanidade do Cristo, classifica esse grupo, essas pessoas que representam esse tipo de ideia, como tendo um pensamento anticristão. Pessoas que eram, inclusive, classificadas por João como manifestações do anticristo. João chega a dizer que, se os espíritos negam a encarnação do Messias, eles devem ser rejeitados e reputados como espíritos do anticristo.

Então, não é uma questão de simples escolha, isso é necessário. E agora vamos ver o porquê disso. Por que é uma questão importante definirmos e entendermos as implicações dessa humanidade? Por que essa doutrina é tão importante para a nossa Cristologia?

É importante lembrarmos aqui que, quando falamos acerca da humanidade de Jesus, estamos falando de toda uma série de implicações do que representou o sacrifício de Cristo em nosso lugar. Ali não estava alguém com aparência humana, não estava alguém que parecia ser um ser humano, não estava alguém que assumiu o nosso lugar, assumiu a nossa humanidade com a exceção, com a diferença, com a distinção de não ter pecado, mas tinha uma natureza humana à exemplo de Adão antes do pecado. Cristo, o verbo encarnado, tem essa característica humana.

Qual a importância dessa pergunta: "Por que era necessário que Jesus fosse plenamente humano?" É por isso a importância dessa pergunta. E aí eu passo a trabalhar isso com vocês. Vejam. Primeira questão: possibilitar uma obediência representativa. Por que era necessário que Jesus fosse plenamente humano? Por que era necessário?

Primeiro apontamento: possibilitar uma obediência representativa. Interessante, vamos ver isso em vários textos bíblicos, e alguns serão apresentados, já estão sendo apresentados para vocês. Era necessário que alguém, como o representante da nossa segunda aliança, cumprisse com as exigências desta aliança. O nosso primeiro representante, como vocês já sabem, foi incompetente nessa missão, nessa função. Ele nos representou, mas caiu em sua representação. E nós sofremos as consequências dessa desobediência.

Cristo, homem, Cristo humano, Ele agora se coloca de maneira competente e, como coloco aqui, de maneira correta, ou de maneira que isto não pode ser questionado. O garantidor daquilo que foi realizado em nosso favor, o faz como homem. Porque se Cristo tivesse cumprido com as exigências desta aliança da graça apenas como Deus, Ele não seria o nosso representante. Ele não seria um homem representando homens e sendo obediente no lugar desses homens. É importante que entendamos isso.

Claro que toda essa necessidade está alicerçada em todo esse conceito que temos desde o Antigo Testamento até aquilo que nos é apresentado, tanto nos Evangelhos como nas cartas do Novo Testamento. Quando estamos diante daquilo que Paulo fala acerca de todas as características da obra de Cristo, o próprio apóstolo Paulo entendeu que Cristo é o cumpridor de tudo aquilo que o sistema sacrificial do Antigo Testamento prefigurava, toda aquela representatividade, todos aqueles detalhes, inclusive dos animais que eram oferecidos, de todo um cuidado (não podia ser qualquer tipo de animal, de toda forma, não podia ser feito por qualquer um).

Havia exigências tanto do animal como daquele que oferecia o sacrifício, havia

todo um sistema sacrificial e toda uma exigência sacerdotal para que aquilo fosse realizado de maneira correta. Então, Cristo, agora como homem, pode apresentar essa obediência representativa. Tanto Ele é, como homem, esse sacrifício correto, Ele representa de maneira correta os que estão sendo representados. Então, é um homem morrendo pelos homens. A legitimidade, esse é o termo mais correto. Cristo é um representante legítimo. Cristo é um representante legítimo. Por isso, Ele possibilita esta obediência representativa.

E aí nós vamos ver todo esse desenvolvimento. Ele pode ser o nosso representante e ser o sacrifício em nosso lugar e também pode ser o nosso sumo sacerdote, Ele pode ser o nosso intermediador. Justamente porque Ele tanto nos representa de maneira legítima, como experimentou de maneira legítima e real as fragilidades humanas. É isso que os autores bíblicos vão nos informar: temos um intercessor, temos um intermediador que sofreu o que sofremos, que sentiu o que sentimos. E por isso Ele possibilita uma obediência representativa. Espero que isso esteja ficando claro para vocês.

Também é interessante que, a partir dessa pergunta – "Por que era necessário que Jesus fosse plenamente humano?" – isso, primeira afirmação, possibilitar uma obediência representativa, e o segundo apontamento, ser um sacrifício substitutivo. Ser um sacrifício substitutivo. Então, voltando aqui. Em sendo homem, em sendo humano, Ele foi colocado, e Ele se colocou como esse sacrifício substitutivo.

Então, se Ele não fosse de fato humano, isso não teria a menor razão de ser. Todos os sacrifícios do Antigo Testamento eram sacrifícios reais. Não se sacrificava por ideias, ou não se sacrificava por aparências. Ninguém levava lá um desenho de um animal. Ninguém levava algo representando um animal. Inclusive, o texto bíblico vai dizer que sem derramamento de sangue não há remissão de pecados, porque esta era uma das características dos sacrifícios do Antigo Testamento.

Os animais que representavam ali o pecador ou os pecadores, os animais que eram sacrificados como sacrifícios substitutivos daqueles que estavam oferecendo aquele sacrifício, eram animais reais. Tanto que a troca, a ideia ou a representatividade de substituição, porque é isso que acontecia: o ofertante colocava a mão sobre a oferta representando troca de lugares, o inocente morrendo pelo culpado. O culpado colocando sobre o inocente a culpa que era sua.

Então, quando entendemos a humanidade do Cristo, vamos ver que esse sacrifício Dele, por ser o Cristo humano, foi sim um sacrifício substitutivo. Ele foi sim um sacrifício substitutivo. Quando nós lemos, por exemplo, o texto de Isaías, capítulo 53, aquele texto só faz sentido se aquele que já ali está sendo apresentado é plenamente humano. E ali o texto traz detalhes, detalhes de alguém real que vai passar por sofrimentos reais e que vai conquistar algo real. Lá na frente nós vamos discutir acerca dos benefícios que foram conquistados pelo Cristo.

E Cristo não conquistou possibilidades. Cristo não conquistou possibilidades. Cristo não fez a parte Dele e colocou sobre nós a responsabilidade de fazermos a nossa parte. Nós vamos ver que esse Cristo humano, que nos representa de maneira plena, e esse Cristo divino, que também realizou obra plena e perfeita em nosso favor, Ele conquistou algo, algo que independe das nossas ações.

Então, foi um ser humano real, passando por sofrimentos reais, conquistando algo real em favor daqueles que foram representados por Ele. Então, quando pensamos acerca desse sacrifício substitutivo, Ele só tem razão de ser se aquele que está o fazendo é uma pessoa plenamente humana. Espero que isso esteja ficando claro para os meus irmãos e que vocês estejam entendendo.

Por que a igreja, por toda a sua história, de pronto se posicionou e se contrapôs, pois classificou, inclusive, como heresia ou como hereges, aqueles que, de alguma forma, tentaram diminuir a humanidade do Cristo? Ou, então, colocando essa humanidade apenas como algo que estava a serviço de uma divindade? Inclusive, vamos tratar lá na frente acerca desses equívocos doutrinários, tanto da humanidade como da divindade de Jesus.

Mas aqui, nesse momento, nos cabe o entendimento correto da necessidade desse sacrifício substitutivo. É um homem morrendo por homens. A diferença é que esse homem não nasceu com uma natureza pecaminosa e que esse homem nos representa de maneira plena, diferentemente do nosso primeiro representante. Cristo, o nosso Senhor. Cristo, o homem. Cristo, o homem, morre em nosso lugar.

Voltando lá para as nossas informações. Muito bem. Por que era necessário que Jesus fosse plenamente humano? Desenvolvendo mais essa questão: ser o único mediador entre Deus e os homens. Parece óbvio, mas é necessário que reafirmemos isso para que haja de fato um intermediador correto, competente, um intermediador que de fato nos represente e Deus.

Esse mediador, necessariamente, precisa ser homem, precisa ser um homem. E Jesus Cristo, Ele é esse intermediador perfeito. Por quê? Porque como homem Ele nos representa de maneira plena e como Deus Ele oferece uma intermediação perfeita. Porque, também, se fosse, a exemplo, por exemplo, do nosso primeiro representante, Adão, mesmo que Cristo não pecasse como homem, mas ainda assim Ele não teria condições de ser plenamente o nosso intermediador, porque Ele não teria condições de falar a Deus de forma plena, de estar lado a lado com o Senhor, de não estar numa posição de igualdade diante do Pai, para poder oferecer essa intermediação perfeita.

É isto que nos apresenta, por exemplo, o texto de Hebreus. O texto de Hebreus vai dizer que nós temos um sumo sacerdote que está à direita do Pai, ou seja, posição de igualdade. Ele é igual a este, a este que está do seu lado. Um dos textos que me chamam mais a atenção quando falamos acerca dessa plena divindade de Jesus é o texto de Apocalipse, capítulo 5, do versículo 1º até ali o verso 14, quando uma problemática é apresentada e somente alguém igual a Deus poderia resolver a problemática que está sendo proposta.

E ali, depois vocês podem ler, Apocalipse, capítulo 5, dos versículos 1 a 14, quando o texto apresenta uma problemática e alguém se levanta. Alguém que se levanta e o texto vai usar figuras de linguagem de que esse que se levanta é igual àquele que está sentado no trono. Ele se levanta, Ele toma o livro da mão direita. A partir dessa sua atitude, há uma reação e há uma adoração. Há este que se levanta e que se coloca de maneira igual ao que está sentado no trono.

Então, está diante de nós, o texto está apresentando a nós, alguém que agora é esse intermediador perfeito entre Deus e o homem, porque Ele representa o homem como homem, mas faz essa intermediação como Deus. Então, Ele fala ao Pai em pé

de igualdade, e Ele se apresenta como um representante perfeito, porque é um homem que está se apresentando diante do Pai e falando em favor de outros homens, falando em favor da Sua igreja. E isso deve alegrar o nosso coração.

Porque, vejam, a nossa salvação, os méritos da obra de Cristo, independem das nossas qualidades humanas. Porque é Ele que nos representa, é Ele que oferece obra perfeita ou intermediação perfeita em nosso favor. Prossigamos nessa reflexão. Vejam a importância dessa doutrina da humanidade. Isso é necessário, mas voltemos lá para as nossas informações.

Tudo bem. Ser o único mediador entre Deus e os homens. Também cumprir o propósito original do homem de dominar a criação. Cristo cumpre com aquele objetivo. Lembrem o objetivo originário de Adão, que era dominar a criação? O nosso primeiro representante falha nesta missão. Cristo vai cumprir, cumprir como homem, o propósito original disto. Há vários textos, inclusive, falando dessa posição do Cristo: o Cristo sendo exaltado não somente como Deus, mas o Cristo homem recebendo a adoração, o Cristo homem sendo o garantidor desse propósito original de Deus para a criação do homem.

Também interessante ver que Cristo, como homem, Ele se apresenta, e Ele é apresentado como o nosso exemplo. Ser nosso exemplo e padrão na vida. O interessante desse apontamento é que se Cristo não tivesse sido homem, se Cristo não fosse, se Cristo não é plenamente humano, nós não teríamos um exemplo a seguirmos.

Nós já sabemos que não podemos seguir a Deus integralmente, sermos imitadores de Deus. Temos... Nós nem podemos vê-Lo, mas vejam, a ideia de ser o nosso exemplo, porque nós temos um padrão humano a seguir. Adão falhou nessa responsabilidade. Não podemos ser imitadores de Adão. Adão desobedeceu a Deus, quebrou os mandamentos do Senhor, falhou na sua missão. Cristo, o homem, se coloca como esse exemplo a ser seguido.

Cumpriu a vontade de Deus, nunca quebrou nenhum dos mandamentos e viveu para fazer a vontade de Deus sobre a sua vida e viveu de forma em que Deus foi glorificado na vida Dele. Há vários textos falando, o próprio Cristo falando, que a Sua vontade, a Sua comida, o Seu objetivo era fazer a vontade do Pai. E Ele se coloca como esse exemplo a ser seguido. Agora, o que é ser um cristão? O que é ser um cristão? Ser um imitador do Cristo. Do Cristo homem. Imitar o que Cristo fez aqui durante o seu ministério terreno. Não é esse o nosso grande objetivo de vida? Sermos cada vez mais tornados pelo Espírito Santo do Senhor homens e mulheres parecidos com esse Cristo? Imitar o seu comportamento? Respeitar os seus discursos? E todos esses discursos e todos esses exemplos foram dados pelo Cristo humano. O Cristo que era o nosso representante humano ali.

Então, por ser humano, Ele se apresenta e é apresentado pelos autores bíblicos como o nosso exemplo, um exemplo a ser seguido como o nosso grande padrão de vida. Vejam como é importante o entendimento correto da necessidade. Por que era necessário que Jesus fosse plenamente humano? Justamente por essas questões que estamos colocando aqui. Para ser o nosso mediador, para cumprir com o propósito original de domínio sobre a criação e para ser o nosso exemplo e padrão na vida, vejam que essas questões são importantes.

Deixa eu voltar lá para as nossas informações. Muito bem. Jesus Cristo, o Deus

homem. Uma figura aqui representando Maria e José. Jesus Cristo ali como um menino. E Jesus será um homem para sempre. Algo que ainda causa estranheza em alguns cristãos, mas Jesus Cristo assumiu a forma humana para todo sempre, como já foi dito aqui em algum momento na nossa aula de hoje: Ele assume a forma humana para todo sempre. Essa é uma das belezas da doutrina da encarnação. Jesus Cristo assumiu a forma humana em favor do seu povo eternamente. Por isso que nós temos essa garantia de salvação eterna, porque não haverá nenhum momento, por toda a eternidade, que o nosso intermediador, o nosso Senhor, não esteja à frente do seu povo.

Alguns questionam: "Nós veremos a Deus?". Sim, claro que veremos, veremos a Deus sempre a partir do Cristo, do Cristo que é essa revelação perfeita. Ele mesmo assim o disse: "Quem vê a mim vê ao Pai". Quem vê a mim vê ao Pai. Então, depois vocês podem conferir esses textos, esses textos bíblicos que confirmam esse nosso apontamento.

Vamos prosseguir na nossa caminhada acerca do estudo tanto da humanidade como da divindade de Jesus. Fiquemos por aqui. Até a nossa quarta aula. Abraço. Deus abençoe a todos vocês.

Olá, sejam bem-vindos à nossa quarta aula do nosso curso de Teologia Sistemática, disciplina Cristologia. Hoje, nós vamos dar prosseguimento à nossa reflexão acerca da necessidade da doutrina da humanidade de Jesus. Estamos trabalhando essa questão das duas naturezas desse homem chamado Jesus, do Messias encarnado, da manifestação do Filho de Deus e desses pressupostos da fé cristã, de que Ele é 100% homem e também 100% Deus.

Estamos trabalhando com vocês a ideia de que ambos os aspectos, tanto a Sua humanidade como a Sua divindade, são necessários. Então, nós vamos dar continuidade à apresentação do nosso material. Muito bem. Isso aqui nós já vimos na nossa aula anterior, vimos esses aspectos e conversamos um pouquinho sobre isso: porque era necessário que Jesus fosse plenamente humano, ser o único mediador entre Deus e os homens, cumprir o propósito original do homem de dominar a criação, ser o nosso exemplo e padrão na vida.

Também coloquei ali essa condição eterna, essa condição eterna de Jesus como homem. Ele assumiu essa encarnação para toda e por toda a eternidade. Muitas vezes, os cristãos nos perguntam: "Como é que veremos a Deus na eternidade?". Veremos a Deus a partir do Cristo. Quando os textos bíblicos nos falam dessa nova realidade eterna, Cristo estará presente ali conosco.

Então, estaremos vendo Deus o tempo todo, estaremos vendo Deus o tempo todo, por toda a eternidade. Isso também traz a profundidade da doutrina da encarnação. A profundidade da encarnação. Ela não foi apenas um momento, ela não foi apenas um estágio no ministério do Cristo. Por amor ao Seu povo, em obediência ao decreto do Pai, Cristo assumiu essa forma humana. Cristo se encarnou por toda a eternidade.

Voltando lá para o nosso material. Muito bem. Jesus Cristo, Deus homem, Jesus será um homem para sempre. E aí nós começamos a conversar um pouquinho sobre a questão da divindade. Já deu para ter uma boa noção da importância da doutrina da humanidade, nós ainda veremos os desdobramentos disso: os sofrimentos do Cristo, a realidade desses sofrimentos, o que Ele conquistou através do Seu sofrimento.

Então, nós vamos começar sobre isso também. Mas também, de forma embrionária, de forma introdutória, também passo a apresentar para vocês agora a questão da divindade. Do mesmo modo que a divindade é importante para termos uma compreensão correta da Cristologia Bíblico-Reformada, do mesmo jeito que a humanidade é importante, a divindade também o é.

Não basta termos uma boa base bíblica acerca da Sua humanidade, afirmarmos a Sua humanidade e, de alguma forma, abraçarmos algum tipo de conceito que também não afirme a Sua plena divindade. Assim como a doutrina da humanidade é necessária para uma boa cristologia bíblico-reformada, do mesmo modo, precisamos ter um conceito claro acerca da Sua divindade.

Mais uma vez, não por mera especulação, mas por necessidade doutrinária. Algumas doutrinas, elas só se sustentam se Jesus for Deus. Muito do que nós fazemos em nossas comunidades, muito do que nós fazemos em nossos cultos, só tem alguma razão de ser se Jesus for Deus.

Se Jesus for menos que Deus ou se em algum momento for encontrado em nós, em que admitamos que Ele não é Deus plenamente, ou que a Sua divindade não seja integralmente idêntica à do Pai, nós teremos sérias implicações teológicas para a nossa eclesiologia, para a nossa cristologia, para a nossa pneumatologia, enfim, todas as cadeiras da sistemática também sofrerão consequências. Por isso que é de suma importância entendermos a plena divindade de Jesus.

E vamos fazer isso do mesmo modo, mesmo que de forma introdutória, vendo o que os autores bíblicos falam acerca disso. Também vamos ver o posicionamento dos concílios e das confissões de fé acerca da divindade de Jesus. Mais uma vez, eu digo que é muito bom estudar acerca disso.

Estamos falando do nosso Senhor, daquele que é o nosso Mestre por excelência. Então, estudar essas informações e cada vez mais sermos convencidos da Sua divindade produzem em nós segurança. As nossas orações são feitas em nome de alguém que é Deus. De alguém que tanto pode ouvir as nossas orações como pode atendê-las e fazer com que essas orações sejam ouvidas e atendidas pelo Pai.

Se Jesus não for Deus, as nossas orações não fazem o menor sentido. É como se fosse exercício de tolos. Por isso que um dos males da teologia liberal é diminuir o conceito da divindade do Cristo. E isso, na história da igreja, tem produzido resultados catastróficos, na verdade, porque de fato isso mata a comunidade cristã. Tira-se a divindade do Cristo, as comunidades perdem a sua razão de ser.

Então, passamos aqui a dar uma olhada nessa questão da divindade. Tem aqui também um apontamento do Grudem: "A encarnação foi o ato pelo qual Deus Filho assumiu a natureza humana". A encarnação foi o ato pelo qual Deus Filho assumiu a natureza humana.

Aqui, as provas bíblicas da divindade de Jesus. Como eu disse para vocês, é apenas uma introdução. A palavra "Deus", "Deus", dependendo da pronúncia, atribuída a Cristo. E nós temos alguns textos. Por isso que o interessante é que você agora pare aí, dê uma pausada e leia esses textos. Textos conhecidos.

Esse do Evangelho de João é um texto clássico. Texto clássico: "No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus". E lá no verso 18 vai

dizer: "E o Verbo se fez carne e habitou entre nós". Nós temos outros textos aí: Romanos 9:5, Tito 2:13, Hebreus 1:8, 2 Pedro, capítulo 1, verso 1.

Então, você, dando uma lida aí nesses textos... E aí também cabe a comparação, ver o que bons comentaristas reformados falam acerca desses textos, mas são bons textos de provas desta divindade, de que não estamos falando apenas de uma criatura excelente, de que não estamos falando de alguém menor do que Deus. Esses textos são boas provas bíblicas da divindade atribuída pelos autores bíblicos por esses textos apontados, ok?

Então, é um processo de construção. Você vai lendo o texto bíblico, aquele exercício que nós temos feito, ele deve ser reproduzido. Esse convencimento vai sendo produzido, obviamente, pela ação do Espírito Santo sobre as nossas vidas. Em última análise, sempre será assim. As doutrinas bíblicas não são cridas, entendidas e obedecidas por nós apenas pela racionalidade. Obviamente, nós cremos sim que as doutrinas, a revelação do Senhor, foi feita de forma racional. Um Deus racional se revelou a seres racionais.

Mas, para que sejamos convencidos de algumas afirmações, é necessário que o Espírito Santo produza em nós esse convencimento. Mas precisamos percorrer este caminho. Racionalmente, eu não consigo entender como é que as duas naturezas podem existir numa só pessoa. Aí, nós vamos nas informações dos autores bíblicos mostrando a humanidade do Cristo.

E agora nós começamos a ver afirmações de textos bíblicos, os autores falando de Jesus como Deus, como um ser divino, falando acerca da Sua divindade. Esses conceitos começam a serem formados em nós e começamos a montar um alicerce para que possamos desenvolver uma boa teologia, uma boa cristologia. Cristologia esta que será confrontada em estudos posteriores.

Vocês terão contatos com outros pensadores, com outras escolas, com outros sistemas filosóficos e teológicos que colocarão em xeque a divindade do Cristo. E é importante que você já chegue diante desses sistemas opostos à fé cristã já com uma boa base teológica acerca disso.

Voltando lá para as nossas informações. Muito bem. Então, nós temos lá a palavra θεός (theos), atribuída a Cristo. Também temos a palavra κύριος (kyrios), Senhor, ali já no Novo Testamento, um termo grego, atribuída a Cristo. E também o mesmo exercício deve ser feito por vocês: Mateus 13:27, 21:30, 27:63, João 4:11, Mateus 6:24, 24:40 e Lucas 2:11.

Então, é claro que o ideal é que pudéssemos trabalhar verso por verso, mas, como vocês sabem, os nossos vídeos são curtos, eu não posso investir tanto tempo, mas fique tranquilo sabendo que vocês vão olhar esses textos e ver se as afirmações que estão aqui sendo feitas estão de acordo com o texto sagrado. Tanto na palavra "theos" como na palavra "kyrios", claramente há ali conceitos de divindade defendidos ali, expostos pelos autores bíblicos. Ok? Passemos um pouquinho.

Interessante esse organograma aqui, porque nele também nós temos sendo apresentado a vocês, mesmo que de forma introdutória, esses conceitos. De textos que só fazem sentido se acerca daquele de quem os textos falam, se esse ser é um ser divino. Se esse ser não for um ser divino, se esse ser não for Deus, esses textos não fazem o menor sentido.

Então, nós temos aqui, nesse organograma, estou mostrando aqui para vocês, sinais de que Jesus possuía atributos de divindade. E aí também os textos que estão sendo postos. Nós temos aí Mateus 8, de 26 a 27. Dois textos bíblicos aí que vocês podem estar olhando. Onipresença, Mateus 28:20. Um texto interessante também, texto conhecido de vocês. O texto conhecido de vocês. Onisciência, Marcos 2:8. E imortalidade...

Então, nós temos ali onipotência, onipresença, onisciência e imortalidade. Talvez seja interessante mostrar para vocês, pelo menos, uma referência rápida acerca disso. Mateus 8... Mateus 8, o texto bíblico vai dizer o seguinte: Mateus 8, de 26 a 27, diz assim: "Então Jesus lhes perguntou: 'Por que vocês são tão medrosos, homens de pequena fé?' E, levantando-se, repreendeu os ventos e o mar, e tudo ficou bem calmo. E aqueles homens ficaram admirados, dizendo: 'Quem é este que até os ventos e o mar lhe obedecem?'".

De fato, só alguém muito poderoso poderia fazer tal coisa, poderia fazer tal coisa. Em Marcos 2:8, esse texto é muito interessante também, quando a Bíblia nos mostra o seguinte... Marcos 2:8, deixa eu ler aqui para vocês... Marcos 2:8: "Jesus, percebendo imediatamente em seu espírito que eles assim pensavam, disse-lhes...".

Então, nós temos aqui um texto falando que eles apenas pensaram, e Jesus já sabia o que se passava em suas mentes. Vejam que eu estou, como eu disse a vocês, fazendo uma introdução com vocês do assunto. Nós temos alguém que domina os ventos e o mar, Ele dá ordem, para e para, sinal claro de onipotência, alguém que tem em suas mãos todo o poder.

O texto fala daqui de um episódio, dentre muitos episódios que nós temos no Novo Testamento, das pessoas apenas pensando, apenas pensando, e isto não serviu de impedimento para que Jesus conhecesse o que se passava em suas mentes. Uma clara ideia de onisciência, Ele sabe de tudo, sabe inclusive o que se passa no fundo do ser humano.

Então, são evidências bíblicas que vão sendo apresentadas para nós e que só fazem sentido se estiverem falando de alguém que é Deus. Só fazem sentido se estiverem falando de alguém que é Deus. E aqui também cabe a nós nos posicionarmos contra aquela ideia defendida às vezes pelos teólogos liberais de que a divindade de Jesus foi algo que foi colocado sobre Ele a posteriori.

Então, Jesus, quando desenvolveu aqui o Seu ministério terreno, de que nem Ele nem os Seus discípulos atribuíam a Ele divindade. E isto não é verdade. Uma simples leitura dos Evangelhos... Que os Evangelhos são as melhores fontes que nós temos acerca do ministério terreno de Jesus. E eu quero aqui reafirmar a minha crença, a minha crença como estudante de teologia, como professor de teologia, de que eu creio na inspiração dos Evangelhos e de que eles são a melhor fonte que nós temos acerca do ministério terreno de Jesus.

Então, eles são o que nós temos: a melhor narrativa, o melhor retrato, a melhor descrição que nós temos do Cristo. Por isso que, quando esses versículos são apresentados, para mim são provas muito fortes. Mesmo que os discípulos, no instante em que determinadas coisas estão acontecendo, que eles não tenham plena consciência do que aqueles sinais representam, mas que com o desenvolvimento tanto do ministério do Cristo como depois, quando esses discípulos, quando esses

autores bíblicos são inspirados pelo Espírito Santo para produzirem as suas narrativas, de que essas narrativas são escritas já a partir desta consciência da divindade do Cristo.

Já há, viu, sim. E aí não é um acréscimo. É aquilo que nós chamamos de revelação progressiva. Aqueles homens, assim como eu, como você, também foram entendendo determinadas doutrinas com maior profundidade a partir da reflexão, da inspiração e da iluminação do Santo Espírito do Senhor sobre as suas mentes. Mas nós estamos aqui diante de um relato da comunidade primitiva que já atribuía a Cristo características de divindade. Não estamos diante aqui de uma comunidade que "a posteriori", por causa da sua decepção com a morte do Cristo, teria colocado sobre Ele características divinas por outros motivos. Não. Eu sou convencido de que o relato dos Evangelhos são ali uma narrativa honesta do que de fato aconteceu. Ok?

Então, deixa eu voltar lá para as nossas informações. Como eu disse a vocês, estamos fazendo uma introdução do assunto, uma introdução do assunto com vocês. Muito bem. Então, esse organograma é interessante. Veja: por que é necessária...? E aqui a gente começa a fazer as mesmas perguntas que fizemos em relação à humanidade. As letras saíram aqui um pouquinho do esquadro, mas dá para que vocês entendam. Por que é necessária a divindade de Jesus?

"Se alguém fosse Deus infinito, poderia...?" Se alguém fosse Deus infinito, poderia arcar com toda a pena de todos os pecados dos que creem nEle? Qualquer criatura finita não seria capaz de arcar com tal pena. A ideia é essa. Se alguém fosse Deus infinito, poderia arcar com a pena de todos os pecados dos que creem nEle. Qualquer criatura finita não seria capaz de arcar com tal pena. Somente uma criatura divina poderia arcar com tal peso. Esta é a ideia da coisa.

Então, por que o sacrifício de Jesus é suficiente? Porque foi um sacrifício perfeito, porque foi oferecido por alguém que é Deus. Se fosse um sacrifício oferecido por uma criatura igual a nós, esse sacrifício seria insuficiente. Esta é a ideia. Esta é a ideia. Por que é necessária a divindade de Jesus? E aqui tem uma citação bíblica: "A salvação vem do Senhor" (Jonas 2:9).

E toda a mensagem das Escrituras é moldada para mostrar que nenhum ser humano, nenhuma criatura, jamais conseguiria salvar o homem. Só Deus mesmo poderia. E aqui a gente chega num aspecto importante da necessidade da divindade de Jesus. Lá em Atos 4:12, o autor do texto de Atos vai dizer assim: "Olha, bispos, pastoreiem bem a igreja de Deus, governem bem a igreja de Deus...". E ele fala que é "...de um...", da igreja que foi "...comprada pelo seu próprio sangue...".

E esse texto, ele aponta tanto para a divindade do Cristo e que para o sangue de Jesus como se fosse um sangue derramado pelo próprio Deus, mas também fala da necessidade, da necessidade de que essa obra tenha sido realizada. Somente Deus pode satisfazer Deus. A ideia sempre será esta. Por que podemos descansarmos naquilo que foi feito por nós por intermédio da obra do Cristo? Porque não foi obra humana.

A obra humana é sempre limitada, ela é falha, ela é temporal, ela tem um alcance limitado, ela tem um tempo de eficácia necessário limitado. Por exemplo, os sacrifícios do Antigo Testamento, qual era o grande problema deles? Porque o ofertante oferecia a sua oferta, mas ele já saía daquele ambiente devendo

novamente. Por quê? Porque aquele sacrifício de animal tinha um valor limitado. Ele tinha o valor naquilo que ele representava, mas a sua eficácia era pouca e temporária.

O sacrifício do Cristo muda completamente o seu aspecto ou o aspecto da sua competência justamente porque quem está sendo oferecido como sacrifício não é uma criatura. Não é apenas uma criatura excelente, mas é o próprio Deus. O próprio Deus pagando o preço pela necessária imputação da ira de Deus sobre o Seu Filho.

Nós vamos ver isso em alguns textos também, textos que serão apontados, e que Cristo, no momento da Sua morte, está recebendo sobre Si o peso pelos nossos pecados. Isso é tão sério que houve um momento em que Cristo, citando um salmo, Ele demonstra que houve uma quebra de comunhão entre Ele e o Pai.

E aqui eu não quero mensurar quanto tempo durou isso, não há nenhuma ideia de estabelecer um tempo humano para essa quebra de comunhão, mas naquele momento o próprio Cristo externa isso. Segundo Ele diz, citando o Salmo, Ele diz: "Olha: 'Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste? Por que me abandonaste?'". Naquele momento... Isso pode ter durado um décimo de segundo, enfim, não temos como precisar disso por meio da cronologia humana, do tempo humano, mas houve um instante de quebra de comunhão. E isso aconteceu porque Ele estava carregando sobre Si o peso dos nossos pecados. Deus não pode ter comunhão com o pecado.

Então, naquele momento em que a justiça de Deus é lançada sobre o Filho, mas somente o próprio Deus poderia suportar tal necessidade. Vocês entendem? Uma criatura não estaria fazendo absolutamente nada, porque seria uma obra ineficaz. Então, ali nós podemos descansar e termos a certeza de que é uma obra eficaz porque era Deus realizando esta obra. Deus realizando esta obra. Ok?

Então, voltando lá para a nossa informação. Toda a mensagem das Escrituras é moldada para mostrar que nenhum ser humano, nenhuma criatura jamais conseguiria salvar o homem. Só Deus mesmo poderia fazer isso. E foi o que Ele fez. E foi o que Jesus fez. Por que é necessária a divindade de Jesus? "Se alguém que fosse verdadeira e plenamente Deus..." Só alguém que fosse verdadeira e plenamente Deus poderia ser mediador entre Deus e os homens (1 Timóteo 2:5).

Tanto para nos levar de volta a Deus como também para revelar Deus de maneira mais completa a nós. Então, veja que há essa necessidade. Vocês entendem? Só alguém que fosse verdadeira e plenamente Deus poderia ser o mediador nessa relação. Tanto para ser competente para nos levar de volta a Deus... E Cristo vai falar isso em vários momentos: "O bom pastor dá a vida pelas suas ovelhas".

Ele, pagando o preço pelo Seu povo, pagando o preço pelos Seus escolhidos... Então, é aquilo que nós colocamos em outras disciplinas: Deus determinou aqueles que deveriam ser salvos, Jesus Cristo pagou o preço desses eleitos e o Espírito Santo aplica essa obra. O Espírito Santo é aquele que nos convence do pecado, do juízo, que nos leva, que opera em nós o milagre do novo nascimento e que nos convence e faz com que possamos crer e entender a obra do Cristo.

Então, os benefícios dessa obra são imputados a nós. Mas Cristo, na Sua obra na cruz, não está fazendo uma obra humana. Ele está realizando uma obra divina. Por isso que ela é competente, por isso que ela é certa. Por isso que Ele apenas não ensina conceitos. Ele apenas não foi só um exemplo. Não foi só um exemplo que

Jesus deu e disse: "Olha, eu fiz tudo isso, e agora o que vocês fazem?".

Nós estamos diante de uma obra divina. A obra do Cristo foi uma obra divina realizada por esse homem-Deus, por essa pessoa humana e divina. Entendem a necessidade e a completude desses dois apontamentos? Por isso, nós vamos entendendo a necessidade da divindade. Voltando para as nossas informações. Na próxima aula, vamos dar uma olhadinha sobre essas ideias equivocadas acerca da divindade. Fiquemos por aqui. Até a nossa próxima aula. Deus abençoe. Olá, sejam bem-vindos à nossa Cristologia Reformada! Nas aulas anteriores, começamos a refletir acerca da necessidade desses dois apontamentos: porque é necessário Cristo ser plenamente humano e porque também é necessário Cristo ser plenamente Deus. Hoje, partiremos para analisar alguns conceitos equivocados que surgiram na história da igreja, tentando trazer uma explicação racional, ou até mesmo explicações que se adequassem a sistemas que não concordavam plenamente nem com a humanidade, nem com a divindade de Cristo, e tentaram, de alguma forma, adequar a Cristologia cristã aos seus pressupostos.

Vamos, como tenho dito sempre de maneira introdutória, mostrar alguns desses conceitos, sempre na perspectiva de que vocês, alunos, possam estar se aprofundando, pesquisando. Para isso, como em todas as disciplinas, estará à disposição de vocês uma bibliografia em que vocês poderão estar aprofundando a discussão sobre esses temas tão importantes. Então, vamos dar continuidade aqui à nossa conversa.

Só repetindo a informação da última aula: por que é necessária a divindade de Jesus? Temos esse apontamento, né? Só alguém que fosse verdadeira e plenamente Deus poderia ser o mediador entre Deus e os homens (1 Timóteo 2:5), tanto para nos levar de volta a Deus, como também para revelar Deus de maneira mais completa a nós.

Então Jesus é essa revelação perfeita a nós, essa revelação perfeita do Pai. Ele entra, Ele assume a nossa natureza humana. Ele é um intermediador real, passa por sofrimentos reais. Nós ainda iremos ver o desenvolvimento desses apontamentos e a necessidade também, tudo que ele conquista por meio dessa intermediação real. Ele também se coloca como esse representante perfeito, porque não bastaria um humano. Um humano não teria competência, não teria condições de realizar uma obra perfeita em nosso favor. Então era necessário que ele também fosse Deus.

Por isso que a doutrina das duas naturezas em uma só pessoa é um pilar da fé cristã. Não podemos abrir mão disso de forma alguma, porque sobre estas verdades estão alicerçadas muitos apontamentos da nossa Cristologia. Então Jesus Cristo foi alguém que cumpriu de maneira plena esta função. Voltando lá para o nosso material, adiantando um pouquinho aqui com vocês, já mostrando alguns equívocos... Não foram só estes. Quando você estuda qualquer livro que trata do desenvolvimento da Cristologia, outras problemáticas surgiram. Aqui, aponto algumas, mas só para que vocês tenham a ideia de como essa questão da divindade do Cristo foi questionada também na história da igreja.

****Concepções inadequadas sobre a divindade de Cristo na história da igreja:****

A primeira que é apontada para vocês leva o nome também do seu pensador, por isso os termos sempre se desenvolvem, às vezes, a partir do defensor principal da ideia. ****Apolinarismo****: a ideia de que a pessoa de Cristo possuía um corpo

humano, mas não uma mente ou um espírito humano, e que a mente e o espírito de Cristo proviam da natureza divina do Filho de Deus. Repetindo: Apolinarismo, ideia de que a pessoa de Cristo possuía um corpo humano, mas não uma mente ou um espírito humano, e que a mente e o espírito de Cristo proviam da natureza divina do Filho de Deus.

Então, aqui cabe a nós também uma melhor explicação do que ele quer dizer com isso. Vocês verão que na história da igreja, até nos dias atuais, alguns tentam propor esse tipo de solução. Num primeiro instante, parece ter algo aceitável, ou algo provido de alguma racionalidade, mas esta visão se opõe completamente àquilo que as Escrituras revelam.

Essa ideia de que Cristo possui um corpo humano, mas não uma mente e um espírito humano, ela é estranha. Porque se assim o fosse, algumas atitudes do Cristo, alguns comportamentos, alguns sentimentos que foram expressados ali pelo Cristo, registrados principalmente nos evangelhos, que são um relato do Ministério Terreno do Cristo, seriam, na verdade... Como é que eu coloco? É como se Cristo apenas estivesse atuando, é como se ele fosse um ator, como se essas coisas não fossem reais. Porque as emoções, os sentimentos humanos, as fragilidades humanas pelas quais o Cristo passou, só têm sentido se ele possuía, de fato, uma alma humana.

E daí vem aquela dificuldade... Daqui a pouquinho, mais à frente, nós vamos ver, inclusive, como os concílios se posicionaram. Principalmente um concílio em especial, nós vamos vê-lo: a posição final desse concílio, quando ele se opõe, quando a igreja ali, num conselho ecumênico, quando todas as igrejas cristãs daquele período são convidadas a participar com seus representantes... Então a igreja se posiciona, a igreja vai dizer qual é a posição dela em relação à natureza divina do Cristo e também com a sua plena existência, com a natureza humana do Salvador.

Mas vejam, aqui essa proposta não se encaixa e ela traria uma série de implicações, em que a obra do Cristo como intermediário teria que ser vista como deficitária. Então Cristo não experimentou os sofrimentos, Cristo não passou pelas fragilidades da humanidade, Cristo não experimentou... Porque aí nós estaríamos tratando apenas de um ser biológico que foi possuído por uma entidade divina. E não é esta a Cristologia das Sagradas Escrituras. Não é esta.

Veremos daqui a pouco, apesar de que nas aulas anteriores eu já trouxe ali indícios dessa Cristologia cristã reformada, mas não é isso que as Sagradas Escrituras nos ensinam. Elas não vão mostrar um Cristo que tinha um corpo e em algum momento foi tomado por uma parte divina. Não é isso.

Os que defendem esse tipo de pensamento também, às vezes, usam aquele texto, aquele relato no batismo de Jesus. É uma forma embrionária desse pensamento, quando eles dizem que Jesus, até ali, era um homem comum, mas naquele momento ali do batismo, quando o evangelista cita o fato do Espírito descer sobre o Cristo em forma de pomba, que naquele momento ali o Cristo biológico, o homem chamado Jesus, passa de fato a ser o Messias de maneira plena, porque agora, nesse momento, o divino passa a tomar conta dele, inclusive da sua mente, subjugando por completo o seu espírito humano e sendo, a partir daquele momento, apenas um meio de expressar a vontade do divino sobre aquele homem que foi possuído. Não é essa a ideia também.

Aqui, a ideia é um pouquinho ainda mais ousada do que essa. É de que Cristo, desde o seu nascimento, ele já nasce sem uma mente humana, sem um espírito humano. E aqui se contradiz, inclusive, a informação trazida pelos evangelistas, de que ele crescia em conhecimento. O Cristo humano aprendia. E nós não estamos falando aqui apenas de uma retórica do autor dos evangelhos. Cremos que a narrativa é uma narrativa inspirada por Deus, portanto as informações que são apresentadas ali pelos evangelistas, elas são verdadeiras.

Então, Cristo crescia em conhecimento. Então, para que ele pudesse crescer em conhecimento, é necessário que ele tenha uma mente humana, porque somente a mente humana poderia passar por esse processo de aprendizagem. O Cristo Deus... Deus não aprende, Deus não evolui, Deus não progride. Então é por isso que nós não podemos admitir tal afirmação.

Mais uma vez, eu insisto com vocês: todas as vezes que se tenta colocar essas duas naturezas em uma só pessoa dentro de uma explicação racional, nós teremos dificuldades. Nós somos convencidos da realidade dessas duas naturezas em uma só pessoa, primeiro, pela revelação das Escrituras e pelo convencimento, pela iluminação do Espírito Santo sobre as nossas mentes. Senão, não teríamos condições de chegarmos a esse entendimento correto acerca da pessoa de Jesus.

Então, o apolinarismo, a ideia que defende que a pessoa... A ideia de que a pessoa de Cristo possui um corpo humano, mas não uma mente ou um espírito humano, e que a mente e o espírito de Cristo proviam da natureza divina do Filho de Deus... Foi uma proposta. Foi uma proposta. E nós vamos ver que essa proposta foi rejeitada pela igreja.

Mudando aqui, vamos lá. Um segundo equívoco que nós podemos citar para vocês é o ****Nestorianismo****: doutrina de que havia duas pessoas distintas em Cristo, uma pessoa humana e uma outra pessoa divina. Nestorianismo: doutrina de que havia duas pessoas distintas em Cristo, uma pessoa humana e uma pessoa divina.

Quando se pensa nesse tipo de solução, talvez seja a solução mais fácil: "Não, não tem complicação não. Nós temos ali duas pessoas. Nós temos um ser divino e um ser humano, com naturezas distintas. São dois seres que coexistiam no mesmo espaço, mas que, na verdade, são duas pessoas distintas". Isso resolveria uma série de dificuldades, dificuldades aparentes da nossa explicação acerca de como essas naturezas se relacionam. Mas, a exemplo do primeiro equívoco que foi apresentado a vocês, este é ainda mais perigoso. Este é ainda mais perigoso.

Porque ele traz uma ideia de dois seres que agiam de maneira... Que coexistiam no mesmo espaço, mas que possuem naturezas distintas. Então, o que um faz, não obrigatoriamente implicaria que o outro estivesse fazendo também. O que é que eu quero explicar com isso? Que não seria a obra de um, mas seria sempre a obra de dois. Entendem?

Se eu admito que haviam duas pessoas distintas em Cristo, então nós teríamos que saber fazer essa separação: o que foi feito pelo Cristo divino e o que foi feito pelo Cristo humano. E esse tipo de apontamento também não se encaixa naquilo que é apresentado pelos evangelistas, bem como depois pelas cartas do Novo Testamento, em que os seus autores falaram acerca da obra de Jesus.

Não há o menor indício disso, de que em algum momento nós estamos diante do Cristo humano e de que em algum momento estamos diante do Cristo divino. E nós

teríamos que exercer uma hermenêutica extremamente criteriosa, e eu chamaria até de criativa, para tentar identificar qual das duas pessoas estaria fazendo algo em determinado momento, qual das duas seria a responsável: a parte humana seria responsável somente pela encarnação e pelo ministério terreno, e a parte divina pelo ministério da intermediação?

Então, essa ideia de que haviam duas pessoas, que no primeiro momento parece trazer uma boa explicação, na verdade, trouxe inúmeras dificuldades para inúmeras doutrinas relacionadas à Cristologia, à Cristologia cristã. Ok? Então, essa ideia também será rejeitada, porque não é isso que o Novo Testamento nos apresenta.

O Cristo sempre fala desta unidade dele com o Pai. Não há nenhum menor indício na fala do Cristo de que ele, em algum momento, esteja agindo como Deus e em outro momento esteja agindo como homem. Mais uma vez: o que fica muito claro na revelação das Escrituras é que nós temos uma só pessoa. Nesta pessoa, residem duas naturezas: uma natureza humana e uma natureza divina, que agem em plena harmonia. Não há contradições entre elas. Não há nem sequer completude. Não é uma completando a outra. Não é isto. Elas fazem parte de uma só pessoa.

Então, quando a obra está sendo realizada, está sendo realizada pelas duas pessoas... Em todo momento. Então, Cristo está sofrendo ali. Quando Cristo, em seu ministério, tanto em suas pregações como na operação dos milagres, no seu sofrimento, na sua ressurreição, ambas as pessoas estão envolvidas... Ambas as naturezas! Ambas pessoas, não. Ambas naturezas. É sempre uma pessoa completo, passando por tudo aquilo, tanto em seus aspectos positivos, como em seus aspectos negativos.

Então, essa doutrina, o **Nestorianismo** - doutrina de que havia duas pessoas distintas em Cristo, uma pessoa humana e outra divina - também deve ser rejeitada. Quando você estuda a história da igreja, você vai ver que de vez em quando isso é trazido numa roupagem diferente, até mesmo em dias atuais. Eu sempre digo que as heresias não são novas. Os hereges contemporâneos geralmente só fazem requebrar velhas distorções que, na maioria das vezes, já foram, ali, contrapostas, já foram rejeitadas... Não somente rejeitadas, mas condenadas pela igreja. Apenas o fazem trazendo esses equívocos numa nova roupagem.

Vamos para a próxima informação aqui. Muito bem. Aí, olha. Então já vimos o **Apolinarismo**: ideia de que a pessoa de Cristo possuía um corpo humano, mas não uma mente, um espírito humano, e que a mente e o Espírito de Cristo proviam da natureza divina do Filho de Deus. **Nestorianismo**: doutrina de que havia duas pessoas distintas em Cristo, uma pessoa humana e outra divina. E agora vamos para outro equívoco: **monofisismo**, ou **eutiquianismo**. Ideia de que Cristo possuía só uma natureza.

A ideia de que Cristo possuía somente uma natureza também, no primeiro momento, isso parece ser extremamente atraente. Então, acabaria as dificuldades de explicar como essas duas naturezas coexistem em uma só pessoa. Não, Cristo possuía somente uma natureza! E aí ficaria também a discussão: que natureza é esta? Somente uma natureza humana?

Então, se eu admito isso, Cristo passou a existir em algum momento. Então, toda a ideia de Cristo existindo por toda a eternidade... Não houve um momento em que ele não existia. O que há é o momento da encarnação. O que há é o momento da

encarnação. Mas Cristo não passa a existir a partir do seu nascimento. O que nós temos na encarnação é a manifestação. É a manifestação do Cristo.

Lembram vocês? Em que na economia da Trindade foi firmado um pacto de salvação e, dentro desse pacto, houve um acordo entre as três pessoas desta economia, a economia da Trindade? Houve um acordo entre o Deus Pai, o Deus Filho e o Deus Espírito Santo. Deus determinou que iria salvar o seu povo. Deus determinou que iria salvar o seu povo. E o Filho resolveu se colocar na posição de salvador desse povo. Ele seria o executor desse decreto, ele ficaria responsável pela execução desse processo. Então ficou determinado, dentro desse conselho divino, que em algum momento o Cristo, o Deus Filho... O Deus Filho, nesse momento, assume esta missão. Ele assume de bom grado essa missão e ele se coloca como aquele que encarnaria.

Então, a encarnação não é o início da existência do Cristo. Não. A encarnação é a manifestação. Quando ele assume a natureza humana e o verbo se manifesta. "E o verbo se fez carne e habitou entre nós e vimos a sua glória, a glória do unigênito do Pai". Ok?

Mas se eu admito que ele possuía só uma natureza, como é que eu explico tal questão? Também teríamos dificuldades, se ele só possuía uma natureza, seja ela inclusive a natureza divina. Se é só uma natureza divina, como é que explicamos o nascimento, as tentações, as fragilidades e as emoções humanas? Ele nem poderia ser o nosso intermediador. Ele não poderia nem sequer o nosso representante, porque se ele fosse apenas divino, então ele não estaria apto a cumprir com o papel de profeta, de sacerdote, de rei. Todas essas funções apontam para representantes da raça humana, são representantes de classes humanas. Então, obrigatoriamente, o nosso Salvador tem que ser humano. Tem que ser humano.

Então, essa proposta trazida por essa corrente filosófica... A maioria desses apontamentos surge de escolas filosóficas que estão tentando adequar a doutrina cristã aos seus sistemas. Então, esta proposta feita não nos parece racional. E muito menos bíblica. Ela é desprovida de racionalidade, porque se eu tenho dificuldades em explicar a coexistência de duas naturezas em uma só pessoa, muito mais é explicar o que as Escrituras demonstram dessa pessoa: demonstra essa pessoa com características humanas e características divinas! E eu agora terei que escolher uma ou outra, porque é esta obrigação que é trazida por este tipo de apontamento.

Se Cristo foi só humano, então podemos falar sobre... Só acerca das características humanas do seu ministério. Se ele é apenas um ser divino... Se ele é apenas um ser divino, poderíamos falar só sobre os aspectos divinos do seu ministério. Não é isto que o Novo Testamento nos apresenta. Não é isto que os evangelhos nos apresentam. Como eu disse a vocês, a partir da pesquisa de como esse Cristo é apresentado, tanto a sua humanidade como a sua divindade são postas, são defendidas.

Nós vamos dar prosseguimento à nossa reflexão, vendo, inclusive, como foi que a igreja se posicionou. Claro que não são só esses equívocos que foram apresentados aqui para vocês. Existem outros, que inclusive vocês irão estudar em disciplinas específicas da história da igreja, inclusive que demonstram, apresentam o desenvolvimento de algumas doutrinas, inclusive de algumas heresias. Mas basta essas informações aqui para vocês nesta aula, para mostrar

como a igreja teve que se posicionar em relação a alguns equívocos.

Também fica aqui uma palavra para que nós também, em nossos dias, tenhamos esse cuidado... Esse cuidado de observação, de observarmos aquilo que é pregado, aquilo que é cantado. Nós temos aí muitos grupos hoje, muitos grupos! E às vezes esses grupos estão defendendo em suas músicas, em suas letras, mesmo que eles não saibam, mas ideias parecidas com essas aqui. Quando eu quero tratar de Jesus como igual, quando eu enfatizo mais a humanidade do Cristo que a sua divindade... Existem vários movimentos aqui no Brasil que acabam, mesmo que os seus idealizadores não tenham a consciência daquilo que eles estão compondo, escrevendo e transformando em músicas, mas que de alguma forma essas ideias aqui, que não são novas, obviamente, acabam sendo externadas por esses grupos.

Por isso que nós temos que ter cuidado, cuidado! Porque não podemos admitir nenhum acréscimo, nenhum acréscimo à Cristologia apresentada pelo Novo Testamento, pelos autores dos evangelhos. Não podemos admitir nenhum tipo de aumento, mas também não podemos admitir nenhum tipo de diminuição. Devemos apresentar o Cristo como Ele é. Devemos apresentar o Cristo como Ele é. Essa é a nossa função como igreja, essa é a nossa função como pregadores: de que a nossa exposição traga uma visão elevada, não de Cristo como um igual. Ele se fez igual a nós no seu ministério terreno, ele se coloca na nossa posição. Isso está muito claro. Mas esse Cristo é Deus. Esse Cristo é Deus.

Nós não estamos falando de uma pessoa que tinha uma natureza humana e uma natureza divina. E essa natureza divina é responsável também por essa perfeição de obra que foi realizada. Então, não é um qualquer, não é um igual a nós. É alguém que se coloca na nossa posição, mas que estará... Estava, está e estará sempre muito acima de nós.

E esta visão elevada de quem Cristo é também nos proporciona o comportamento correto, proporcionará uma liturgia correta, uma adoração correta, uma exposição correta, uma administração correta dos seus sacramentos. Vejam como é importante, vejam como é importante termos uma Cristologia sadia. Então, essas ideias foram rejeitadas pela igreja.

Então, só recapitulando aqui para encerrarmos esse encontro de hoje, da nossa quinta aula: a ideia de que Cristo possuía um corpo humano, mas não uma mente, ou um espírito humano, e que a mente e o espírito de Cristo proviam da natureza divina do Filho de Deus... Não é isso. Na próxima aula, nós vamos ver como o concílio se posicionou. ****Nestorianismo****: doutrina de que havia duas pessoas distintas em Cristo, uma pessoa humana e outra divina. Também não é isso. E, por último, o ****monofisismo****, a ideia de que Cristo possuía uma só natureza. Também vimos que isso é um grande equívoco.

Então, na próxima aula, nós já passaremos a ver como foi que a igreja... Como é que a igreja se posicionou a estas possibilidades? Então, vamos ver como é que a igreja se posicionou ali em seu concílio. Ok? Deus abençoe. Abraço. Até a próxima aula.

Olá, sejam bem-vindos à nossa sexta aula do nosso curso de Teologia Sistemática, Disciplina Cristologia. Hoje, em nossa sexta aula, nós vamos ver como a Igreja se posicionou acerca de alguns equívocos que foram propostos para explicar a Cristologia apresentada nas Sagradas Escrituras.

Então, nós vamos passar a refletir sobre como a Igreja se posicionou. Para isso,

quero mostrar a vocês a definição de Calcedônia, que é o que nós temos de melhor apontamento acerca da Cristologia da Igreja. Este é o resultado de debates e reflexões de representantes de Cristologias distintas desta que foi firmada.

Foram chamados, houve ali debates, mas no final esses equívocos foram rejeitados e a Igreja se posicionou. Então não há nada de novo nisso, viu gente? Eu sempre falo isso aos meus alunos: sempre que surgem novas propostas para a Cristologia, eu digo: "Olha, não vejo nada de novo. Tudo isso já foi rejeitado pela Igreja e a Igreja já se posicionou".

É claro que quando a discussão gira em torno de textos isolados, onde se discute a plena divindade e a plena humanidade de Cristo, aí sim, acredito que o debate é muito importante. Mas sobre a Cristologia da Igreja, eu acredito que já temos uma definição. Esta é a definição da Igreja, é isso que eu vou apresentar para os meus queridos alunos nesse momento.

Vamos lá? Então, qual foi o resultado desse concílio? Está aí a definição de Calcedônia, ano 451, 451 do Senhor. Vamos ler qual foi a resolução, né? Qual foi a definição dada pela Igreja? "Fieis aos santos pais, todos nós, perfeitamente unânimes, ensinamos que se deve confessar um só e mesmo Filho, nosso Senhor Jesus Cristo".

Perfeito, prestem atenção nesse apontamento: "Perfeito quanto à divindade e perfeito quanto à humanidade, verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem". Vejam que esses apontamentos vão refutando tudo aquilo que foi proposto por aqueles equívocos que vimos em nossa aula anterior.

Prestem atenção como são apontamentos que vão desconstruindo aquelas propostas realizadas por alguns grupos. Vamos lá. Ele diz: "Constando de alma racional e de corpo, consubstancial com o Pai, segundo a divindade, e consubstancial a nós, segundo a humanidade". Ou seja, em sua divindade, Jesus era idêntico ao Deus Pai, possuía a mesma natureza, nada a mais, nada a menos.

Ele também diz: "E consubstancial a nós, segundo a humanidade". Ou seja, Ele era perfeitamente ou plenamente humano, em tudo semelhante a nós, exceto no pecado. Então vejam que até nesse momento, nós já temos o que a Igreja acredita acerca da sua Cristologia.

Lembram daqueles equívocos? Um disse: "Olha, Ele é divino, Ele é humano, mas não tem mente humana, não tem alma humana nem mente humana". O concílio aqui se posiciona: "Olha, não, Ele tem sim alma humana, Ele tem alma humana". O outro diz: "Olha, Ele só possui uma natureza, uma só natureza". O concílio aqui diz: "Não, de forma alguma, Ele possui duas".

E eu acho interessante esse cuidado teológico de colocar isso de forma escrita para que tenhamos esse parâmetro de julgamento. Eu, particularmente, também gosto sempre de dizer aos meus alunos: "Pastor, apareceu um novo livro de Cristologia, o que o senhor acha dele?".

É claro que só podemos emitir algum juízo de valor sobre algum texto a partir do momento que o lemos e desenvolvemos ali uma leitura para fazer alguns apontamentos, mas eu sempre digo: "Vejam o que esse, comparem esse texto à Cristologia que foi definida por Calcedônia. Se esse texto estiver de acordo com essa definição, será um bom texto, porque esta é a definição do que entendemos

ser uma Cristologia ortodoxa, ok? Uma Cristologia que está de acordo com aquilo que a Igreja definiu".

Mas vamos lá. Vamos voltar a ver a definição aqui de Calcedônia, ok? Vamos lá. Então, só para retornarmos aqui o nosso pensamento: "Quanto à divindade e perfeito quanto à humanidade, verdadeiramente Deus e verdadeiro homem, constando de alma racional e de corpo, consubstancial com o Pai, segundo a divindade, e consubstancial a nós, segundo a humanidade, em tudo semelhante a nós, excetuando o pecado".

E tudo isso, nas primeiras aulas, nós vimos que é necessário. É necessário que Ele seja plenamente humano para ser o nosso mediador e é necessário que Ele seja plenamente Deus para também ser o nosso mediador, ok? Mas vamos lá.

"Gerado segundo a divindade pelo Pai antes de todos os séculos e, nestes últimos dias, segundo a humanidade, por nós e para nossa salvação. Nascido da Virgem Maria, Mãe de Deus, um e só mesmo Cristo". Vejam lá: um e só mesmo Cristo, Filho, Senhor, Unigênito, que se deve confessar: "em duas naturezas".

E aqui, meus irmãos, os termos teológicos que são usados é que servem de parâmetro para a nossa análise, ok? Então, a Igreja se posiciona teologicamente. Vejam que nós temos um parâmetro aqui. É claro que todos esses apontamentos devem ser alicerçados por textos bíblicos. Nós, reformados, nunca podemos fugir daquele nosso apontamento, da nossa defesa da **Sola Scriptura**: não é o que a Igreja diz, mas o que as Escrituras dizem.

Mas nós temos aqui um apontamento de um concílio em que a Igreja se posiciona a partir da revelação das Escrituras. E esses apontamentos aqui só são possíveis pelo entendimento correto e pela iluminação do Espírito Santo das Escrituras, ok? Ok?

Então vejam que esses termos que serão usados agora, eles irão refutar por completo esses equívocos que foram propostos. E eu insisto, nós precisamos desenvolver esse tipo de Cristologia em nossos seminários. O seminário, graças a Deus, vocês estão estudando no seminário confessional, o seminário de linha reformada, em que isso é apresentado, em que as confissões de fé irão confirmar esse tipo de apontamento.

Vocês verão que as confissões de fé reformada não irão se contrapor a isso, muito pelo contrário, elas se utilizarão desse tipo de definição. O que elas trarão são apenas explicações didáticas ou apontamentos didáticos desta fundamentação aqui apresentada pelo concílio.

Então, vejam, os nossos seminários precisam apresentar esse tipo de Cristologia. As nossas denominações precisam apresentar, apresentar esse tipo de Cristologia, as nossas pregações... Não podemos apresentar algo que seja menor do que Cristo é. As nossas pregações precisam trazer essa visão elevada. Por isso, obrigatoriamente, necessitamos de uma Cristologia elevada, de uma Cristologia elevada.

Então vejam os termos que serão usados pela definição de Calcedônia para falarmos acerca desta pessoa, desta pessoa que possui, dessa única pessoa que possui duas naturezas. Então, vamos lá. Voltando ali, vamos lá...

"Por nós e para nossa salvação, nascido da Virgem Maria, Mãe de Deus, um e só mesmo Cristo, Filho, Senhor, Unigênito, que se deve confessar em duas naturezas, inconfundíveis, imutáveis, indivisíveis, inseparáveis". Lembra do que eu falei? Toda obra realizada é realizada pelas duas. É uma só pessoa com duas naturezas.

Então, as duas naturezas estão envolvidas na obra. Não é uma natureza realizando uma coisa e a outra natureza realizando outra. Não é isso. É uma pessoa, uma pessoa perfeita com duas naturezas. E aí os termos que são apresentados apresentam isso. Inconfundíveis: uma não absorve a outra, uma não absorve a outra. É uma pessoa com duas naturezas distintas, ok?

Mas aí o texto... "inconfundíveis, imutáveis, indivisíveis, inseparáveis". Percebiam que a obra sempre será desta pessoa, dessa única pessoa. Não são uma natureza realizando algo e a outra natureza realizando algo distinto. Não são duas pessoas realizando a mesma obra. É uma pessoa, e essa pessoa, que é formada por duas naturezas, está sempre realizando a obra perfeita.

Mas prosseguimos. Ele diz assim, essa definição de Calcedônia: "A distinção de naturezas, de modo algum, é anulada pela união. Antes, é preservada a propriedade de cada natureza, concorrendo para formar uma só pessoa, em uma só e em uma subsistência, não separado nem dividido em duas pessoas, mas um só e o mesmo Filho, o Unigênito, o Verbo de Deus, o Senhor Jesus Cristo, conforme os profetas desde o princípio acerca dele testemunharam, e o mesmo Senhor Jesus nos ensinou, e o Credo dos santos pais nos transmitiu".

Ou seja, está aqui diante de nós, está aqui diante de nós uma boa definição, a melhor definição que nós temos de como deve ser a nossa Cristologia, ok? Espero que a apresentação dessa definição, desse concílio, sirva para vocês como essa base. Então, é claro que vocês vão, vão aí desenvolver os seus estudos. A Cristologia tem muita coisa aí que vocês podem estudar acerca desse ramo da Teologia: vários autores, várias escolas...

Mas o importante é que está sendo apresentado para vocês aqui uma base. Depois, vocês podem fazer, inclusive, a comparação desta afirmação com aquilo que é dito nas confissões de fé reformada. E eu adianto para vocês que vocês não vão encontrar nenhum tipo de oposição entre elas. Pelo contrário, como eu disse, as confissões reafirmam e expõem de maneira mais didática esses apontamentos aqui.

A Cristologia de Calcedônia é a Cristologia evidenciada nas confissões de fé reformada. Então, já está aí à disposição de vocês como, como é que eu coloco? Um apontamento que vocês podem usar para julgar a Cristologia que está sendo apresentada a vocês. Se o autor do texto, se a escola que está sendo proposta, o grupo, enfim, a confissão que está sendo estudada, se elas não estão de acordo com isso aqui, com essa Cristologia que está sendo apresentada aqui por essa definição de Calcedônia, você deve ter cuidado, você deve pensar um pouco e dizer: "Opa, opa...".

Então, creio que está aí diante de vocês um bom alicerce, uma boa base para que vocês possam desenvolver a sua Cristologia. Como eu disse, é um assunto... Cristologia, o tema Cristologia, a disciplina Cristologia, ela nos atrai. Por quê? Porque sempre estamos falando daquele que é o nosso Senhor, o nosso mestre, o nosso líder. O maior tesouro que nós, cristãos, temos é Cristo.

Então, por isso que a Cristologia tem esse poder de nos atrair, despertar em nós

o nosso interesse, a nossa paixão. Talvez também, por isso que quando tratamos da Cristologia, os debates sejam mais acalorados. Creio que uma das razões seja esta também. Estamos falando daquele que é o nosso tudo. Se tirar Cristo das nossas vidas, o que sobra? Nada. Não somos nada. E tudo que temos, temos a partir de Cristo. Tudo que temos, temos a partir de Cristo. Por isso que tudo na Igreja gira em torno Dele.

Se tirar o Cristo da comunidade cristã, fica ali um amontoado de pessoas que estão ali, estão ali interligadas por terem ideias em comum, enfim, mas deixa de ser Igreja, deixa de ser Igreja. Ter uma boa base para a sua Cristologia também garantirá e evitará que você cometa o pecado de apresentar uma visão do Cristo que não esteja de acordo com as Escrituras, ok?

É claro que essas afirmações produzem desdobramentos. E aí nós vamos continuar nessa nossa reflexão da Cristologia. Então: "Professor, se de fato Cristo é uma só pessoa com duas naturezas, e Ele foi plenamente humano e plenamente divino, quais são as consequências teológicas disso? Quais são os desdobramentos para a nossa Teologia?".

Aí nós vamos ver aquilo que foi apresentado para vocês na nossa primeira aula. Nós vamos ver que Ele foi um ser humano real, com sofrimentos reais, que conquistou algo real em nosso favor. Também vemos que Ele é Deus. E, por ser Deus, Ele pode sim se colocar como esse garantidor da perfeição da Sua obra.

Por isso que, quando você escuta, quando escutamos o discurso do Cristo, quando Ele falava acerca de Si mesmo, da Sua obra, você não consegue perceber ali nenhum tipo de dúvida. Não há nenhum "se". Cristo sempre fala como algo concreto: "Creiam no que Eu estou falando, porque quem está falando é Deus! Então, Eu posso garantir que isso que Eu estou prometendo a vocês se cumprirá. Porque tanto Eu estou aqui realizando a vontade do Meu Pai, como Eu sou Deus. Então, Eu estou fazendo isso e Eu tenho poder suficiente, Eu tenho poder suficiente para garantir que a competência dessa obra está garantida".

Vejam que este é o desdobramento de termos uma Cristologia sadia. Então isso também influenciará, isso se evidenciará no nosso discurso. Eu mesmo identifico logo um pregador que tem uma Cristologia sadia, reformada, bíblica. Isso dá força ao discurso. Isso chama a atenção para o Cristo, não chama a atenção para o pregador, mas chama a atenção para o Cristo. Porque percebe-se claramente que aquele pregador tem a sua mente tomada por uma visão elevada de quem Cristo é, e ele evidencia isso na sua pregação.

Então, nós vamos ver agora alguns desdobramentos desses apontamentos, dessa definição da Cristologia a partir de Calcedônia, ok? Deixa eu continuar aqui apresentando para vocês as nossas informações. Muito bem, então já vimos que... Você tem que dar uma paradinha, ler... Vamos lá.

"A Cristologia de Calcedônia", um termo teológico que é usado ali também, *hypostasis*, que trata justamente dessa questão que nós estamos trabalhando com vocês. Vejam mais uma vez um boneco ali representando uma só pessoa. No caso aqui, essa pessoa que está sendo apresentada é a pessoa do Cristo, é a pessoa do Cristo.

Então, esta arte aqui é uma boa representação disso que eu estou explicando para vocês. Aí, olha, é uma pessoa, e esta pessoa possui uma natureza humana sem

pecado. Lembra lá da definição do Concílio de Calcedônia? Totalmente semelhante à nossa natureza. Então, quando Ele se encarna, Ele tem uma natureza totalmente semelhante à nossa, excetuando-se, ou com exceção do pecado. Ele nasce com a natureza humana, mas sem pecado, sem pecado.

E aqui também, nessa arte, está aí: natureza plenamente divina. Então, essas duas naturezas estão contidas nessa mesma pessoa, essa pessoa que está nessa arte, que está representando o Cristo. E aí, aquilo que o concílio definiu: uma natureza não anula a outra, uma natureza não absorve a outra. Então, é esta a consequência teológica.

Então, quando formos escrever acerca disso, formos cantar acerca disso, formos pregar acerca disso, é esse tipo de Cristologia que devemos apresentar aos nossos alunos, aos nossos ouvintes, ok? Prossigamos.

Aqui um resumo, trazido também pelo Grudem, um resumo, isso que nós estamos conversando, um resumo sobre a divindade e a humanidade de Cristo, um resumo bem interessante para a nossa reflexão. Diz assim: "Permanecendo o que era, tornou-se o que não era".

Em outras palavras, enquanto Jesus permanecia o que era, ou seja, plenamente divino, Ele não deixou, Ele nem era, nem se tornou mais divino em nenhum momento. É importante colocar isso aqui para vocês. Algumas heresias surgem justamente do entendimento incorreto, correto, desse, dessas etapas do ministério do Cristo. Cristo nunca passou a existir, ok?

Nós temos lá a economia da Trindade, que é... Exemplo, em Cristo nós falamos de uma pessoa com duas naturezas. Na Trindade, como vocês já viram isso lá em Teontologia, nós temos um Deus, um Deus. Nessa economia divina, há três pessoas. Mais uma vez, esse nosso entendimento, esse nosso convencimento se dá através da revelação das Escrituras e da iluminação do Espírito Santo. Entendemos assim porque as Escrituras nos ensinam assim, e o Espírito Santo abriu o nosso entendimento para que crêssemos assim, para que creiamos nesse fato dessa forma.

Mas o que o Grudem está colocando aqui para nós é que precisamos entender que Jesus permaneceu sendo o que era. E o que Ele era? Divino. Divino. É claro que no momento da Sua encarnação, Ele se coloca numa posição, Ele abre mão desta posição e se coloca em nossa posição. Mas isso não diminui a Sua divindade, ok? Vamos ver isso lá na frente. Isso não diminui a Sua divindade. Ele permanece sendo o que era. É isso que está sendo apontado aqui pelo Grudem. Tá bom?

Vamos voltar lá para o apontamento dele: "Em outras palavras, enquanto Jesus permanecia o que era, ou seja, plenamente divino, Ele também se tornou o que não fora antes, ou seja, Jesus, antes, não era humano". É de fácil entendimento. Pelo menos esse apontamento é de fácil entendimento. Jesus, antes, tinha uma existência à semelhança do Deus Pai e do Deus Espírito Santo, um ser divino, um ser espiritual divino. Na encarnação, Ele passa a ser o que Ele não era: Ele assume a nossa natureza humana, ok?

Mas vejam: "Jesus não deixou nada da sua divindade quando se tornou homem, mas assumiu a humanidade que antes não lhe pertencia", ok? Então, vou repetir aqui para que tenhamos um entendimento correto desse apontamento: "Em outras palavras, enquanto Jesus permanecia o que era, ou seja, plenamente divino, Ele também se tornou o que não fora antes, ou seja, também plenamente humano. Jesus

não deixou nada da sua divindade quando se tornou homem, mas assumiu a humanidade que antes não lhe pertencia".

Então, também tem aí um bom apontamento para vocês, uma boa base para desenvolver uma Cristologia sadia, uma Cristologia reformada. Para encerrarmos o nosso encontro de hoje, falando justamente sobre as consequências teológicas dessa afirmação, e aí volta aquela questão da necessidade tanto da Sua plena humanidade como da Sua plena divindade...

E aí eu começo a apresentar para vocês as implicações teológicas disso. Vejam: obra perfeita. Por que é que nós podemos afirmar, por que é que nós podemos afirmar que Cristo realizou obra perfeita? Simples, porque Ele foi um homem perfeito. Prestem atenção nisso! Ele foi um homem perfeito e tudo que realizou, realizou como Deus. Ou seja, Deus só pode realizar algo perfeito.

Então Jesus Cristo foi um homem perfeito, não somente na questão da Sua natureza humana, mas no Seu comportamento. Os autores bíblicos são unânimes em afirmar que Ele cumpriu com os mandamentos do Senhor. Ele não quebrou a lei do Senhor em nenhum momento. Então, como homem, Ele foi esse representante perfeito. E como Deus, também realizou obra perfeita em nosso favor, ok?

Então, vejam a necessidade desses pressupostos teológicos: 100% homem, obra com... homem perfeito. 100% Deus, e esse Cristo que é homem perfeito e Deus perfeito realiza uma obra perfeita em nosso favor, ok? Voltando lá para as nossas informações, quando diz assim, olha: "Obra perfeita. Da natureza divina para a natureza humana: dignidade para ser cultuado".

Nós só podemos cultuar Jesus porque Ele é Deus! Se, se não fôssemos convencidos da Sua divindade, estaríamos cometendo o pecado da idolatria. Então, cantar em nome Dele seria pecado, orar em nome Dele seria pecado, ministrar os sacramentos em nome Dele também seria idolatria. Nada pode ser adorado no lugar de Deus, nada pode ser posto entre nós e Deus.

Então, a natureza divina para a humana, ela aponta para a dignidade que a pessoa do Cristo tem para ser cultuada. Então veja da necessidade da Sua divindade. O próximo apontamento diz: "Ainda que a natureza humana de Jesus não tenha mudado em seu caráter essencial, porque ela foi unida à natureza divina, na pessoa única de Cristo, a natureza humana de Jesus obteve o quê? Incapacidade de pecar".

E aqui eu acredito que é um bom apontamento, que explica, inclusive, a realidade das tentações, a realidade das tentações. Cristo, de fato, como homem, como humano, foi tentado. Mas esse apontamento aqui explica a impossibilidade, ou a incapacidade de pecar.

"Ainda que a natureza humana de Jesus não tenha mudado em seu caráter essencial, porque ela foi unida à natureza divina da pessoa do Cristo, a natureza humana de Jesus obteve incapacidade para pecar". Acredito que esse seja um dos melhores apontamentos que nós temos para tratar dessa questão. Cristo era uma pessoa, e essas duas naturezas agiam de conformidade. Então, veja, não havia atos separados.

Então, a natureza divina atribui, ela dá à natureza humana essa incapacidade de pecar ou a capacidade para não pecar, certo? Então, acredito também ser um

excelente apontamento acerca disso. Muito bem, meus irmãos, nós vamos ficar por aqui, e na próxima aula vamos continuar refletindo acerca dessas consequências teológicas, tanto da natureza divina do nosso Salvador como também da Sua natureza humana. Grande abraço para vocês, até a nossa próxima aula.

Olá, sejam bem-vindos à nossa sétima aula do nosso curso de Teologia Sistemática, disciplina Cristologia. Hoje, daremos continuidade à nossa reflexão acerca dos aspectos da obra realizada por Cristo, aspectos esses que devem ser observados por nós tanto a partir da sua humanidade como da sua divindade. Da sua plena humanidade e da sua plena divindade.

Como eu coloquei para vocês em encontros anteriores, é necessário abordarmos a questão da humanidade e da divindade, porque só assim compreenderemos aspectos da obra de Cristo. Tanto a perfeição do que foi realizado pelo Cristo homem, bem como a perfeição daquilo que foi realizado pelo Cristo Deus. Ok?

Então, hoje, nós vamos dar prosseguimento a essa apresentação dessas informações. Repetindo essa minha metodologia com vocês: apresento as informações – sempre, eu sempre gosto de enfatizar isso com vocês – informações sempre com caráter introdutório. Estou apresentando temas e informações, acreditando que vocês irão se dedicar às leituras obrigatórias, às leituras complementares e, aí sim, nós conseguiremos – eu e vocês, eu como professor, vocês como alunos – cumprirmos com excelência mais essa etapa em nosso curso de Teologia Sistemática. Ok?

Então, eu retorno lá para as nossas informações. Vejam esta aqui. Só fazendo *link* com a aula passada, nós paramos com esta informação, falando sobre a obra do Cristo, a sua perfeição. Destacamos ali: da natureza divina para a natureza humana, o que é que isso proporcionou? Dignidade para ser cultuada, já que o Cristo, além de ser plenamente humano, ele é plenamente Deus.

Então, não há nenhuma quebra de mandamento da nossa parte, não estamos quebrando nenhum mandamento nem cometendo o pecado da idolatria a partir do momento em que adoramos a Jesus Cristo. Então, esse é um aspecto da importância do entendimento correto desses apontamentos doutrinários. Segundo, ainda que a natureza humana de Jesus não tenha mudado em seu caráter essencial, porque ela foi unida à natureza divina na única pessoa de Cristo, a natureza humana de Jesus obteve incapacidade de pecar.

Então, nós comungamos dessa afirmação no seguinte aspecto: em que Deus não pode pecar. Na verdade, a Bíblia tem vários textos que falam que Deus é santo, Deus é perfeito, Deus é justo, e Deus não pode ter comunhão com o pecado. Se Ele não pode ter comunhão com o pecado, obviamente Ele não pode pecar. Por ser um Deus santo, ele não peca.

A natureza divina imputa à natureza humana essa incapacidade de pecar. Como as duas naturezas estão unidas em uma só pessoa, então a natureza divina concede a esta natureza humana essa incapacidade para o pecado, ou a capacidade para não pecar, é praticamente a mesma coisa. Isso, para mim, é uma boa explicação.

Às vezes, as pessoas questionam, dizendo que, se de fato ele foi humano, e se ele foi humano, então ele teve tentações reais. E nisso concordamos. As tentações do Cristo foram reais. Para que ele pudesse ser o nosso intermediador, para que ele pudesse ser o nosso substituto, para que ele pudesse cumprir, inclusive, o que os autores bíblicos falam acerca dele, que ele experimentou o

que experimentamos, ele fez parte da nossa existência, se colocando no mesmo lugar, assumindo, de fato, a nossa humanidade.

Então, as tentações foram reais. E alguém pergunta: "então, Cristo poderia pecar?". A nossa resposta é não. Até porque, se nós admitíssemos isso, estaríamos trazendo consequências para a obra do Cristo. Então, será que, em algum momento não relatado pelos evangelhos, Cristo teria cometido algum pecado? Se ele cometeu, toda a sua obra cai por terra.

E ele não pode ser o realizador de uma obra perfeita. Ele não pode ser o nosso salvador. Por isso que essa afirmação tem que ser muito clara em nossos lábios. Jesus Cristo sofreu e foi tentado de forma real. Me lembro aqui, trago à memória de vocês também, a tentação no deserto, onde o inimigo das nossas almas o tentou em todas as áreas: em suas necessidades biológicas, emocionais e espirituais.

Cristo foi tentado e ali foram tentações reais. Cristo, como é sabido de todos, resistiu a essas tentações, cumpriu cabalmente com a lei do Senhor – tanto que ele só respondia: "está escrito, está escrito" – e obteve a obediência perfeita em nosso lugar. O segundo Adão, assim como Paulo o classifica, foi perfeito em sua obediência e na sua resistência à tentação, diferentemente do nosso primeiro representante. Mas esta afirmação está de acordo com a Cristologia apresentada pelas Sagradas Escrituras. Ok?

Voltemos lá para as nossas informações. Vou continuar aqui conversando com vocês. Muito bem. Então, passemos aqui ao próximo. Por que podemos classificar a obra do Cristo como uma obra perfeita? Por que podemos fazer isso? A natureza humana para a natureza divina. Aquele mesmo esquema ali. A capacidade de experimentar o sofrimento e a morte.

E aí também é interessante isso aqui, porque aí a gente vai tratando de algumas questões que geralmente são levantadas, não só por inimigos da fé, mas às vezes por cristãos que querem entender melhor aspectos da Cristologia bíblica. A pergunta é esta: "mas se Jesus era Deus, então, Deus morreu ali na cruz?". Sim, sim, Deus morreu ali na cruz.

E esta afirmação aqui, esse apontamento, nos dá uma boa ideia de como explicamos isso em nossos discipulados, em nossos estudos teológicos. Claro que, quando nos aprofundarmos em nossas leituras, nós teremos discussões mais técnicas, mais acadêmicas acerca desses aspectos, mas, num primeiro momento, já é um bom apontamento para a nossa reflexão.

Como é possível que Deus tenha morrido? A natureza humana deu essa condição à natureza divina. Como nós estamos falando de uma única pessoa – e já está muito claro para nós que não há, não são duas pessoas, são duas naturezas distintas, mas uma só pessoa –, então a natureza humana dá esta condição à natureza divina de que, naquele momento ali, o Cristo Deus, de fato, esteja experimentando tanto o sofrimento, tanto o sofrimento como a experiência da morte.

Acho que ninguém questiona a morte de Jesus, apesar de que alguns querem, às vezes, inventar possibilidades criativas, mas a visão mais simples, mais objetiva, é de que, de fato, ele morreu na cruz. Momentos antes do cessar do fôlego da vida, ele mesmo verbalizou isso. Ele disse: "Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito". E a Bíblia afirma que ele, de fato, morreu e foi sepultado.

E isso só foi possível porque a natureza humana, a natureza humana deu essa possibilidade ao Cristo Deus de poder morrer. Então, é algo que deve ajudar nessa reflexão acerca desse assunto. Voltando lá para as nossas informações, mas a natureza humana de Jesus lhe deu a capacidade de ser o nosso sacrifício substitutivo.

Um sacrifício em favor de um ser humano ou de seres humanos só poderia ser aceito, ou ser aceitável, no sentido de que deveria ser um representante igual a nós, igual a nós, porque, se não fosse um representante igual a nós, obviamente não poderia ser o nosso representante. Seria uma obra imperfeita, seria uma obra injusta.

Então, a natureza humana de Jesus lhe deu a capacidade de ser o nosso sacrifício substitutivo. E aqui nós voltamos um pouquinho àquilo que nós já conversamos em outras aulas, que é a questão de todo o sistema sacrificial do Antigo Testamento. Todo o sistema sacrificial do Antigo Testamento apontava para o sacrifício maior, que seria realizado pelo próprio Messias. É isso que se encontra nos textos do Antigo Testamento.

Todo aquele sistema de sacrifício apontava para um sacrifício maior. E, claramente, os autores do Antigo Testamento identificam o Messias como o objeto, como sendo aquele que se ofereceria como esse sacrifício perfeito. Mas é interessante ver que todo aquele sistema também possuía características, normas, regras, não poderia ser qualquer tipo de animal.

É claro que tentou-se tornar esse sistema o mais acessível possível, inclusive estabelecendo níveis de sacrifício, daquilo que era oferecido de acordo com as posses dos ofertantes. Mas, mesmo assim, haviam regras que apontavam para algo sem mácula, algo perfeito, algo sem mancha, algo que deveria ser oferecido da maneira correta, algo que deveria ser apresentado da forma correta e o que deveria ser sacrificado da forma correta.

Então, todos esses aspectos, inclusive os aspectos substitutivos dos sacrifícios do Antigo Testamento, todos eles representavam isso: o ofertante oferecendo a oferta e essa oferta recebendo a pena do sacrifício em lugar daquele que estava ofertando, em lugar daquele que estava ofertando.

Então, quando nós pensamos na humanidade de Jesus, ela é necessária justamente por isso. Porque ele é o nosso representante. Ele é o sacrifício perfeito em favor dos seus, em favor das suas ovelhas, em favor do seu povo. E isso só foi possível por causa da sua plena humanidade. Então, foi um representante humano morrendo em favor, morrendo em lugar de outros homens e mulheres.

Então, a natureza humana de Jesus lhe deu essa capacidade de ser o nosso sacrifício substitutivo. E aí você vai entender vários textos que falam justamente dessa imputação da ira de Deus sobre o Cristo, aplacando a ira de Deus sobre nós. Deus lança sobre o seu filho a sua ira, a sua ira que deveria ser aplacada, apaziguada, retirando de nós essa punição, retirando de nós essa punição.

Dos textos mais impressionantes do Antigo Testamento é o texto de Isaías 53, que claramente fala justamente sobre esse ministério do Cristo, ele apresentado como homem, como homem, dizendo que ele era um homem de dores – o texto fala acerca disso –, homem de dores e que sabe o que é padecer.

Muito mais claro do que isso é impossível: o texto que nos informa que o Messias seria verdadeiro homem e, por ser verdadeiro homem, ele se ofereceu como sacrifício, né? "O castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados", né?

Então, ali nós temos, nós temos vários aspectos da obra realizada por Jesus: da sua, da justificação, da expiação, né? Então, isso só foi possível porque, de fato, Jesus foi o nosso representante humano. Então, a natureza humana de Jesus lhe deu essa capacidade de ser o nosso substituto. O nosso representante assumiu o nosso lugar e pagou o preço da dívida que era nossa.

O nosso primeiro representante humano falhou e nós recebemos as consequências da sua desobediência. O nosso segundo representante realizou a obra perfeita. Ele foi aquele que nós já falamos, ele obedeceu radicalmente a todas as exigências da lei e também sofreu todas as penalizações que a justiça de Deus teria que impor sobre pecadores. Então, é ali naquele momento em que Jesus, como nosso substituto, carrega sobre si toda a ira de Deus. Ok?

Então, vamos continuar aqui com as nossas informações. Muito bem. Vamos lá. Então, a natureza humana para a natureza divina. Capacidade de experimentar o sofrimento e a morte. A natureza humana de Jesus lhe deu a capacidade de ser o nosso sacrifício substitutivo. Comemos um pouquinho. Outra afirmação do Grudem: "A expiação é a obra que Cristo realizou em sua vida e morte para obter a nossa salvação".

Vou repetir a frase: "Expição é a obra que Cristo realizou em sua vida e morte para obter a nossa salvação". É claro que existem outras afirmações, outros resumos acerca do que seria a expiação, outras definições. Mas, como eu tenho colocado nas nossas aulas, esta é uma boa definição trazida pelo Grudem.

Mas aí, em outros teólogos sistemáticos, você poderá encontrar tanto afirmações semelhantes ou afirmações mais extensas. Mas, para o nosso objetivo, na nossa disciplina, esta, nesse momento, nos é suficiente: "A expiação é a obra que Cristo realizou em sua vida e morte para obter a nossa salvação". Muito bem.

Aí aqui, como eu tenho colocado para vocês, lá na frente, nós vamos ainda trabalhar de maneira mais exaustiva algumas questões, algumas questões inclusive mais polêmicas em relação à expiação, mas, para que possamos ter uma reflexão mais aprofundada lá na frente, é necessário que eu percorra esse caminho com vocês. Eu introduzo os assuntos, para que depois nós possamos discutir as suas consequências.

Por que eu estou falando acerca disso nesse momento com vocês? Porque, por exemplo, quando se fala sobre expiação – e aqui eu me recordo de pronto dos cinco pontos do calvinismo, são aqueles cinco pontos clássicos que vocês já conhecem. Mesmo você, aluno, que porventura não seja ainda, ou não se identifique com a teologia calvinista, mas ainda assim você precisa conhecer do que tratam esses cinco pontos, que, na verdade, são um resumo do sistema da soteriologia calvinista.

E, em um desses pontos, no terceiro ponto – porque, classicamente, se coloca ali o terceiro ponto, esses pontos, inclusive, foram apresentados em soteriologia, foi apresentada, inclusive, uma comparação entre os sistemas calvinistas e

arminianos -, o terceiro ponto, os calvinistas tratam da expiação.

Alguns usam a expressão "expiação limitada", alguns não veem como um bom termo, como se a obra do Cristo, de alguma forma, fosse uma obra limitada, mas ela é limitada no alvo, não naquilo que ela conquistou. Quando se usa o termo "expiação limitada", é porque está se fazendo um contraponto à seguinte pergunta: "Cristo morreu por todos os homens" - e aí nós estamos colocando todos, de forma indiscriminada, todos, todos os homens que existiram, existem e existirão -, "Cristo morreu por todos, ou Cristo morreu apenas pelos eleitos?".

"Que eleitos, professor?". Aqueles que foram escolhidos por Deus antes da fundação do mundo. Então, dependendo do sistema teológico, essa pergunta se faz necessária. E aqui, por isso que eu digo, estamos introduzindo o assunto. Precisamos entender o que é expiação até para que possamos dialogar melhor com essa pergunta.

E aí: "Cristo morreu por todos de maneira indiscriminada, e se ele morreu por todos, então, o que de fato a sua obra conquistou? Se ele morreu por todos, qual foi a diferença daquilo que ele fez na cruz?". Então, quer dizer que, se Cristo morreu por todos, não é somente o que Cristo fez. Então, há algo que o homem deva fazer.

Então, há aquela afirmação clássica que diz assim: "Não, Cristo fez a sua parte e agora cabe ao homem decidir por ele, escolher ele, permitir que os benefícios de Cristo sejam imputados àqueles que creem". Há pessoas que pensam assim, que pensam assim, que Cristo fez a parte dele, mas que é necessário que o homem faça a sua parte.

Já os que pensam de modo distinto, afirmam que Cristo, ali na sua obra de expiação, ele realizou a obra perfeita. E, por aqueles pelos quais ele morreu, os benefícios dessa obra serão aplicados obrigatoriamente. Então, Cristo morreu por um grupo específico. Cristo morreu por uma comunidade específica.

E essa comunidade é classificada como "povo de Deus", como "igreja". No Antigo Testamento, mais chamado como "povo de Deus", em alguns momentos identificado com Israel, mas, de forma mais abrangente, como o "povo de Deus". E, no Novo Testamento, esse povo é classificado como "igreja". Mas aí, então, Cristo teria morrido pela sua igreja. Então, quando ele realiza a obra da expiação, ele tem um objetivo específico. Ok?

Então, ele morre pelos seus. Claro que aí há uma grande discussão acerca disso, não há unanimidade entre os teólogos, de forma alguma. Talvez esse seja dos cinco pontos do calvinismo o mais polêmico, o mais debatido, que mais encontra resistência. Por isso que eu preciso fazer essa introdução com vocês, dos aspectos da expiação, para que possamos, lá na frente, tratarmos o assunto de maneira específica.

Então, por isso que alguns preferem, ao invés de o termo "expiação limitada", preferem o termo "expiação eficaz". Então, a expiação do Cristo foi eficaz porque Cristo morreu por um grupo específico e, sobre este grupo, obrigatoriamente, certamente, os benefícios dessa obra serão aplicados. E esta certeza vem justamente daquela minha afirmação, que eu já fiz em outras aulas, de que a história da salvação nada mais é do que a revelação dos decretos estabelecidos pela economia da Trindade.

Houve uma determinação desse conselho divino, onde ficou acertado que um grupo de pessoas seria salvo, e aí Deus determina esse plano de salvação, o Filho executa e o Espírito Santo será o responsável pela sua aplicação. Daí está a certeza de que aqueles que creem que Cristo morreu por um grupo específico, daí está a certeza da aplicação, porque este grupo é alvo da eleição de Deus, Cristo morre por este grupo e o Espírito Santo, que é Deus também, ele será o responsável por aplicar todos os benefícios desta obra.

E aí vem toda a nossa soteriologia reformada. O Espírito Santo vai produzir novo nascimento, vai produzir arrependimento, vai colocar fé, vai convencer o homem do pecado, de juízo e, a partir disso, vai desenvolver nele todos os aspectos dessa novidade de vida cristã. Ok?

Então, vejam que é importante trabalharmos essas questões, agora de uma forma introdutória, para que possamos ter uma discussão mais madura lá na frente. Ok? Então vamos lá. Aspectos teológicos da expiação. Seria a causa: amor e a justiça de Deus. E aí tem os textos de referência, vocês devem estar conferindo: João 3:16, um texto aí, todos conhecem: "Deus amou o mundo de tal maneira...", seu filho unigênito, enfim. Romanos 3:25 também, que, depois, deve ser conferido aí por vocês.

Qual seria a causa? Amor e justiça. Amor: Jesus Cristo expiou o nosso pecado por amor a nós, é um ato de amor; e para satisfazer a justiça de Deus. Estamos sempre conscientes de que Deus não poderia ter comunhão conosco e nós não poderíamos ter comunhão com ele se a justiça de Deus não tivesse sido satisfeita, sobre nós.

E quando falamos sobre satisfação, sobre as penas que os nossos pecados mereciam... Deixamos de ser pecadores? Não. Mas somos pecadores justificados. É aquilo que nós chamamos da imputação da justiça do Cristo sobre nós. Como ele morreu em nosso lugar, então a sua justiça é imputada a nós. Ok?

Mas vamos prosseguindo. Então, causa: amor e a justiça de Deus. Necessidade. Por que é necessário? Algumas pessoas perguntam, até você pode já ter se questionado, ou alguém pode ter lhe questionado: "Por que Deus simplesmente não perdoou a todos?". Por que Deus simplesmente não perdoa a todos? "Por que era necessário que o seu filho morresse?". Que é necessário que seu filho morresse.

Eu me lembro uma certa vez que um aluno me questionou em uma aula e disse: "Pastor, não é contraditório que a Bíblia nos afirma que Deus ama Jesus Cristo?". Deus ama Jesus Cristo? "Como é que Deus ama e o coloca numa situação dessa, de tanto sofrimento, de tanta humilhação, de tanto desprezo?".

E eu me lembro que eu disse: "Olha, daí você é uma clara afirmação do tamanho das nossas ofensas, ou do tamanho dos nossos pecados. Cristo só morreu naquela cruz porque era necessário". Cristo só morreu naquela cruz porque era necessário. Os autores bíblicos apresentam isso de maneira exaustiva.

Por isso que os autores bíblicos vão falar que Deus prova o seu amor para conosco pelo fato de Cristo ter morrido por nós, sendo nós ainda pecadores. Então, veja, de fato, a crucificação é uma prova de amor? É. Deus amava o seu filho? Sim, mas dentro desse plano de salvação, o filho, em obediência ao pai, e por amor a nós, se coloca. Mas era necessário, sim.

Então, esse aspecto aqui, que nós vamos ver agora, mostra a necessidade. Alguém pode conjecturar: "Deus poderia ter nos perdoado sem que Cristo tivesse morrido?". Eu nunca posso dizer assim: "Que Deus pode fazer o que Ele não pode". Agora, Deus também não pode contradizer a sua palavra. Todas as escrituras mostram a necessidade de que o preço pelo pecado seja pago.

Então, alicerçados naquilo mesmo que Deus revelou ao seu povo, para que haja comunhão entre Deus e pecadores, é necessário que haja um sacrifício sendo oferecido. E aí a necessidade do sacrifício de Jesus. E eu sempre digo que é empolgante estudar essa disciplina, porque daí a gente vai entendendo melhor aspectos do que foi realizado, do que ele fez por nós.

E isso deve produzir em nós uma fé mais robusta, corações mais gratos, uma teologia mais viva. Então, isso influencia também em nossas pregações, em nossas aulas. Enfim, deixe-me voltar para as nossas informações, para mostrar a questão da necessidade. "A expiação não era absolutamente necessária, mas, como consequência da decisão divina de salvar alguns, a expiação era absolutamente necessária".

Então, veja, não era necessária num aspecto divino. Deus não tinha nenhuma necessidade de fazer isso. Não foi para satisfazer nenhum desejo de Deus. É nesse sentido. A expiação não era absolutamente necessária. Mas, como consequência – já que Deus resolve salvar um grupo de pessoas, é importante aqui sempre dizer que nós não sabemos a quantidade desse grupo.

Lá em Apocalipse, nós temos apenas um indício, um número que não se pode contar: milhares e milhares, milhões e milhões, enfim. Um número que representa que há uma multidão incontável. Então, por essa multidão incontável, houve uma decisão de salvar essa multidão incontável e, por causa dessa decisão, então a expiação se torna necessária. Ela se torna necessária. Ok?

Então: "A expiação não era absolutamente necessária, mas, como consequência da decisão divina de salvar alguns seres humanos, a expiação era absolutamente necessária". E aí estão os textos: 2 Pedro 2:4; Mateus 26:39; Lucas 24:25-26; Romanos 3:26 e Hebreus 2:17. Confirmam. A natureza dessa expiação. "Jesus obedeceu ao Pai em nosso lugar e cumpriu de maneira perfeita as exigências da lei".

Então, nós vamos parar por aqui. E na próxima aula, no nosso próximo encontro, continuamos a nossa reflexão acerca desses aspectos teológicos da expiação. Um grande abraço. Até a nossa próxima aula.

Olá, sejam bem-vindos à nossa oitava aula do nosso curso de Teologia Sistemática, na disciplina Cristologia. Estamos trabalhando aspectos relacionados à obra de Cristo. Na aula anterior, trabalhamos a expiação, mas especificamente em relação aos seus aspectos teológicos. Vimos um pouco sobre a causa – o amor e a justiça de Deus – e a necessidade da expiação. A partir do momento em que Deus define, determina, decreta que iria salvar um número incontável de homens e mulheres, a expiação se tornou necessária para que esse povo pudesse ter comunhão com Deus, ok?

Também vimos um pouco sobre a natureza dessa expiação. Jesus, em obediência ao Pai, se coloca em nosso lugar de maneira perfeita. Naquilo que temos colocado em nossas aulas anteriores, como nosso representante humanamente perfeito, Ele,

como um ser humano divino, cumpre integralmente com todas as exigências e se coloca como nosso representante perfeito, cumprindo de maneira perfeita todas as exigências da lei. Por isso que hoje nós podemos ter plena certeza da nossa salvação.

Nossa salvação, de forma nenhuma, é meritória; não está baseada em méritos humanos. Nesse aspecto, ela é uma salvação somente por graça. Por favor, não merecemos ser salvos, mas Cristo garantiu a nós tudo aquilo que era necessário para que, a partir do momento que depositássemos a nossa fé nele, nele, fosse imputado a nós tudo aquilo que foi conquistado por Ele em sua obra de expiação.

Claro que até mesmo esta fé, até mesmo esta decisão, é uma consequência da obra de Cristo sobre nós. O Espírito Santo fará isso com certeza sobre todos aqueles pelos quais Cristo morreu. Repito: o Espírito Santo fará isso com toda certeza sobre aqueles pelos quais e para os quais Cristo morreu. Então, eu retorno aqui para mostrar as informações para vocês, para que possamos continuar a nossa reflexão acerca dos aspectos da obra de Cristo, ok?

Este aqui foi o material da aula anterior: causa, necessidade e natureza. Falamos sobre isso. As consequências da expiação. Nós também já trabalhamos esses temas nas aulas anteriores, de maneira introdutória, mas aí, como eu disse a vocês, vamos desenvolvendo a nossa reflexão, vamos progredindo aí na nossa reflexão. As consequências da expiação: obediência de Cristo por nós. Nós podemos classificar isso como obediência ativa. Cristo obedeceu ativamente. Ele se coloca, Ele desenvolve o ministério ao nosso favor.

Eu sempre coloco para os meus alunos – e isso é algo que ajuda na compreensão correta disso que estamos trabalhando – as três etapas do ministério do Messias: Ele encarnou (obediência ativa), Ele sofreu (e quando falamos de sofrimento, falamos de todo o seu ministério terreno – os evangelhos mostram as características de todo o sofrimento, não somente o sofrimento da cruz; às vezes, nós queremos limitar o sofrimento de Cristo ao sofrimento da cruz, não! Como homem, Cristo também sofreu as pressões que nós sentimos, tanto no seu crescimento, em questões familiares – os evangelhos, inclusive, mostram isso na sua relação com seus irmãos, com sua mãe, enfim, na relação dele com os religiosos, com os doutores da lei, às vezes até mesmo com os seus próprios discípulos).

Então, a segunda fase desse ministério, em obediência ativa também, Ele se coloca numa situação de passar pelas experiências humanas. E isso, em certa medida, é sofrer por nós. Então, o Messias se encarna, o Messias sofre, e aí, claro que esse sofrimento tem o seu ponto dominante, o seu ápice na crucificação e sua morte. E esse Messias morre, Ele morre completando ali a sua obra. Obviamente, nós veremos o cumprimento pleno, integral, do ministério do Messias na sua segunda vinda, que é o que nós chamamos da etapa da glorificação. Cristo não mais voltando para ser humilhado, para sofrer, para ser desprezado, para morrer. Mas, depois da sua ressurreição, Ele é assunto aos céus. Então, a promessa é que Ele voltará. E, voltando, Ele volta para a última etapa do seu ministério, a etapa da glorificação. Cristo será glorificado. Cristo será glorificado com a implantação plena do seu reino. Então, é importante entender esses aspectos.

Voltando lá para o nosso material. Muito bem. As consequências da expiação: obediência de Cristo por nós, obediência ativa. Cristo tinha que viver uma vida

de perfeita obediência a Deus, a fim de que pudesse obter a justiça por nós. Ele tinha que obedecer à lei ao longo de toda a sua vida por nós, de modo que os méritos da sua perfeita obediência fossem contados em nosso favor. Muito interessante isso aqui. Cristo tinha que viver uma vida de perfeita obediência. Esse era o tipo de representante que nós necessitávamos.

Se fosse alguém para cumprir apenas uma parte, ou não cumprir plenamente, que deixasse algo ainda ser cumprido, para nada adiantaria. Seria mais um homem tentando cumprir a lei de Deus e sendo incompetente nesse objetivo. Por isso que é importante entender que este Cristo homem, esse Cristo Deus, o homem Cristo, esse homem divino, Cristo tinha que viver uma vida de perfeita obediência a Deus, a fim de que pudesse obter a justiça por nós. Ele tinha que obedecer à lei ao longo de toda a sua vida por nós, de modo que os méritos da sua perfeita obediência fossem contados em nosso favor.

E aí os textos que são usados para alicerçarmos essas nossas afirmações, ou esta afirmação em específico, os irmãos podem encontrar lá em Filipenses 3:9, 1 Coríntios 1:30, Romanos 5:19 e Mateus 3:15, ok? Espero que isso fique claro para nós: a necessidade dessa obediência. Por isso que nós podemos descansar.

Às vezes, as pessoas nos questionam: “Mas em que está baseada essa certeza de salvação de vocês? Por que vocês são tão convictos?” Até aquela frase clássica, naqueles que têm algum apreço pela fé cristã, até frequentam alguma igreja, seja ela católica ou protestante, as pessoas que, quando alguém morre, dizem assim: “Que Deus a coloque num bom lugar, que Deus a coloque onde ela merece”.

Nós sabemos que não podemos fazer esse tipo de afirmação, ou de externar esse desejo, por mais que seja, às vezes, um costume, por mais que tenha uma boa intenção por trás de tal afirmação. Se de fato isso fosse a nossa realidade, as consequências não seriam boas, não, porque não devemos pedir a Deus que nos coloque no lugar onde merecemos. O que merecíamos era condenação, o que merecíamos era separação eterna.

Mas de onde vem essa convicção, essa paz de alma, essa relação harmoniosa com a possibilidade da morte? E com a possibilidade, porque ela pode acontecer a qualquer momento, ela já é uma certeza para nós. Ou Cristo volta ou a gente morre. Não tem outra possibilidade. Mas como é que a gente lida com tanta paz e podemos afirmar que temos certeza de que, quando partirmos, estaremos com o Cristo, com o nosso Senhor, por toda a eternidade?

Tudo isso está alicerçado justamente nessa afirmação: alguém precisava viver uma vida perfeita. Nós não conseguiríamos. Eu, você, não conseguiríamos. Nós sabemos disso. Sabemos disso. Não conseguimos cumprir as nossas promessas. Não conseguimos. Mas Cristo tinha que viver uma vida perfeita e viveu. E viveu. E viveu! Até alguns episódios nos evangelhos, onde os religiosos, os doutores da lei queriam colocar [Jesus] em prova para ver se Ele quebrava algum dos mandamentos, sendo que naquele instante ali, aqueles homens estavam sendo corruptos, estavam tentando manipular o sistema, estavam colocando acima, inclusive de uma interpretação correta dos mandamentos, da lei do Senhor, as suas tradições, enfim...

Mas percebemos claramente que os evangelhos não nos apresentam nenhuma quebra dos mandamentos, nenhuma quebra da lei. Jesus Cristo sempre foi muito obediente. Algo que eu citei na aula anterior, interessante, quando Cristo ali é tentado, e

ali é uma prova, é um teste de obediência. O nosso primeiro representante foi tentado pelo mesmo tentador e ofereceu-se algo a ele, e ele caiu diante da prova que estava à sua frente.

O nosso segundo representante, em situação muito mais adversa: o primeiro representante está num lugar onde ele tinha tudo à disposição, não lhe faltava nada, nem mesmo companhia, ele tinha a companhia da sua esposa; o nosso representante está posto num lugar de privação, de solidão, enfim, foi levado pelo Espírito Santo para passar por isso, uma prova inequívoca de que essa obediência do Cristo fazia parte do plano de salvação. Ali não foi o diabo se aproveitando do momento de fragilidade do Cristo, não.

Quando lemos [em] Mateus, capítulo 4, o texto nos informa que Cristo foi levado pelo Espírito ao deserto para ser tentado pelo diabo. Então, Ele está ali justamente para cumprir esta obediência ativa. Como eu disse na aula anterior, Ele será atestado em todos os aspectos: aspectos físicos, emocionais e espirituais. É disso que tratam aquelas tentações. E Cristo, em obediência – obediência também, obediência às Escrituras –, Ele vence aquela tentação se colocando de maneira submissa em obediência às Escrituras. Ele responde o tempo todo: “Está escrito, está escrito, está escrito”.

Então, Ele tinha que obedecer à lei ao longo da sua vida, e Ele fez isso. Ele fez isso de modo que os méritos, os méritos da sua perfeita obediência, fossem imputados a nós. E é isso que acontece. Por isso, e somente por isso, nós temos paz com Deus. Temos paz com Deus e temos certeza, certeza da nossa salvação. Porque ela não está alicerçada nem naquilo que somos, nem naquilo que fazemos, mas ela está alicerçada nos méritos do Cristo. É pelo que Ele fez que somos salvos.

Então, voltamos para as nossas informações. Muito bem. As consequências da expiação. Estamos desenvolvendo esse tema com vocês. Os sofrimentos de Cristo por nós. Obediência passiva. Interessante esses dois aspectos. Obediência ativa, o que Ele faz por nós; e obediência passiva, o que Ele suportou por nós. Ele fez o que nós deveríamos ter feito e suportou o que nós deveríamos ter suportado. No caso aqui, o que teríamos que suportar por toda a eternidade.

E aí também nos traz uma reflexão mais madura, mais aprofundada, da grandiosidade daquilo que foi feito por nós. Daquilo que foi feito por nós. Então, ali naquele momento em que Ele está carregando o peso da ira de Deus, Deus está imputando sobre o seu Filho a pena dos nossos pecados, Ele está se colocando em nosso lugar e retirando aquilo que teríamos que passar por toda a eternidade. Por toda a eternidade.

Além de obedecer à lei de modo perfeito por toda a sua vida em nosso favor, Cristo tomou sobre si os sofrimentos necessários para pagar a penalidade pelos nossos pecados. Lembrem que lá na nossa aula de introdução eu disse isso a vocês, recoloquei isso para vocês, de que os sofrimentos também são necessários? Os sofrimentos são necessários.

Tentando entender como é que se desenvolve essa relação de um Deus santo que resolve ter comunhão com pecadores, e para que essa comunhão seja possível, é necessário que um sacrifício seja oferecido. E, se tem sacrifício, tem sofrimento, concordam? Se tem sacrifício, tem sofrimento. Os animais que eram oferecidos no sistema sacrificial lá no Antigo Testamento, eles sofriam. Eles

eram cortados, o sangue ia se esvaindo e eles morriam. Então, havia sofrimento envolvido. Cristo também, necessariamente, sofre por nós. Necessariamente, Ele sofre por nós.

Vejam a seriedade dos nossos pecados! Vejam como isto colocou Cristo numa posição de extrema humilhação! De extrema humilhação! Alguém santo, alguém perfeito, alguém que gozava de uma posição, alguém que está numa posição de exaltação, e Ele, em amor, em obediência, Ele se coloca numa posição de sofrimento. O nosso pastor, o bom pastor! Por isso que Ele diz: “Eu sou o bom pastor. O bom pastor dá a vida pelas suas ovelhas. O bom pastor sofre pelas suas ovelhas. Eu vim para que tenham vida e vida em abundância”. Enfim, esses aspectos dessa obediência é que precisamos entendermos. Eles foram necessários.

Então, Cristo não sofreu no mundo das ideias. Não. Cristo sofreu de forma real. De forma real. Isso também nos leva a ter uma vida cristã mais madura, mais consistente. Às vezes, queremos desanimar ou desistir ou deixar para lá por algum sofrimento enfrentado. Isso não está de acordo com tudo aquilo que o nosso Senhor passou por nós. Nada do que possamos enfrentar em nossas vidas, nenhum sofrimento pode ser comparado ao que Ele sofreu. Não pode, porque os nossos sofrimentos são consequências dos nossos pecados. Sofremos porque somos pecadores.

Os nossos males físicos, emocionais e espirituais são consequências da nossa natureza pecaminosa. Então, estamos numa situação em que nós nos colocamos nela. Nosso sofrimento é consequência dos nossos atos. O sofrimento do Cristo, não! Ele se coloca nesta posição sem nunca ter cometido nenhum tipo de pecado. Ele não merecia sofrer! Ele não merecia sofrer!

Mas, a partir dessa decisão do conselho divino, onde Deus estabelece que vai salvar esse grupo incontável – incontável! – de homens e mulheres, então era necessário que alguém pagasse o nosso preço. E, além de obedecer à lei de modo perfeito por toda a sua vida em nosso favor, Cristo tomou também sobre si mesmo os sofrimentos necessários para pagar o preço, para pagar a penalidade pelos nossos pecados. É importante que isso fique bem claro em nossas mentes. Nossa Cristologia precisa evidenciar isso. Cristo morrendo em lugar de pecadores.

E aqui Ele morreu especificamente pelos nossos pecados. Não há nenhum tipo de mensagem aqui de que Ele tivesse morrido para a realização dos nossos projetos pessoais, para a obtenção das nossas ambições mundanas. Não! A expiação nada tem a ver com isso. Cristo conquistou o que era necessário. O que era necessário. E o que era necessário? Morrer em nosso lugar. Obter o perdão pelos nossos pecados.

Muito bem. Apenas uma figura para representar um pouquinho isso que nós estamos conversando com vocês: sofrimento do Cristo. O seu ministério foi caracterizado pelas dificuldades, pelos sofrimentos, como eu coloquei para vocês, sofrimentos relacionados à sua condição social, ao preconceito religioso, também ao seu enfrentamento do sistema religioso. Cristo, em obediência à palavra, se contrapôs a um sistema muito pesado, muito grande. Então, Cristo se coloca contra esse sistema e, em obediência à palavra, Ele sofre as consequências disso também.

A dor da cruz. Temos aí vários estudos que tratam acerca de como foi essa experiência, como era a experiência de alguém que morria pela morte de cruz. Era

um método reservado a criminosos e conhecido pela sua exposição, pela humilhação que trazia aos que morriam dessa forma, pelo tempo, pela intensidade da dor que isso produzia.

O interessante, que é bom destacar aqui para vocês – isso é importante destacar aqui para vocês –: na cruz estão sofrendo ali, juntos, o Cristo homem e o Cristo divino. Também não é correto alguns tentarem separar o Cristo homem do Cristo divino nesse momento. Eles estão ali juntos. A Cristologia permanece a mesma. Cristo já nasce com essas duas naturezas. Uma só pessoa com duas naturezas. Ele cresce com essas duas naturezas. E Ele está ali, passando por tudo isso, com as suas duas naturezas.

Percebam que não é um evento qualquer que está diante dos nossos olhos! Não é um evento qualquer! Não é um evento qualquer! É algo que nós não conseguimos nem mensurar! Nem mensurar! Está ali o Cristo, o Filho de Deus, o Cordeiro de Deus, alguém perfeito sendo posto numa situação de extrema humilhação, de extremo sofrimento! E esses sofrimentos, para Ele, são reais!

E Ele fazendo tudo isso em favor do seu povo, em favor da sua igreja. E aí cabe uma pergunta, como se fosse uma aplicação do sermão: como sermos gratos a tudo isso? Como sermos gratos? Ainda devemos esperar mais alguma coisa? Exigirmos do Cristo mais alguma coisa? Achamos que temos direito à realização de mais alguma coisa? Não! A compreensão correta desse evento deve produzir em nós gratidão. E tudo que fazemos agora, na nossa caminhada cristã, o fazemos por gratidão. O fazemos por gratidão, ok?

Mas é interessante isso aqui: entender o que está diante dos nossos olhos. Então, sofrimento por toda a vida, a dor da cruz, como eu já coloquei aqui para vocês em alguns aspectos. A dor física da morte. Também não temos como explicar todos os detalhes disso, mas, como eu disse a vocês, a natureza humana deu essa capacidade à natureza divina de Cristo passar pela morte. Cristo passou por uma morte real. A natureza humana deu essa capacidade. Essa capacidade.

A dor – talvez seja a pior delas – a dor de carregar o nosso pecado! O nosso pecado! Porque, veja, como é que nós podemos refletir um pouco acerca dessa dor? Justamente pelas suas consequências, que são os dois apontamentos que estão aí diante de vocês. Justamente por carregar os nossos pecados, Cristo enfrenta o abandono e a dor de suportar a ira de Deus. O texto bíblico, os evangelistas, mostram isso de maneira muito clara.

Naquele momento, Jesus Cristo foi – naquele momento – abandonado pelo Pai. Ele cita um salmo para falar dessa realidade. É claro que aqui eu não estou tentando mensurar o tempo disso. Mas houve um momento específico, e aqui, volto a dizer, não tem como estipular uma cronologia para isso. Não tem! Se foi um milésimo, se foi um segundo, não sei. Mas um momento – é a melhor palavra que eu tenho – em que, por estar carregando o pecado do povo de Deus, houve uma quebra de comunhão. Deus não pode ter comunhão com o pecado! Naquele momento, o Filho Dele está carregando todo o pecado do seu povo.

E Cristo diz: “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?”. E naquele momento Ele sente a dor, a dor do abandono, a dor da quebra de comunhão. Ele nunca experimentou isso! Várias falas dos evangelhos também, Ele dizia que a sua vontade, a sua comida, era fazer a vontade do Pai. Sempre orava dando graças, dizendo que sempre teve plena comunhão com o Pai, que o Pai sempre o atendia.

Naquele momento específico – e não é uma invenção dos evangelistas, nem uma invenção minha também aqui, não é uma especulação teológica, é apenas uma averiguação do que o próprio Cristo diz, e mesmo que não compreendamos, também não conseguimos explicar isto...

O meu professor no seminário, professor respeitadíssimo, ele colocava nessa questão um grande ponto de interrogação. Ele dizia: “De fato, isso aqui foi real. Como eu explico? Não sei, mas foi real”. Naquele momento, houve uma quebra de comunhão entre o Pai e o Filho. Logo depois, Jesus Cristo entende que vai morrer. Ele demonstra isso e diz: “Pai, Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito”. A restauração da comunhão entre o Filho e o Pai que já tenha sido ali, se tornado real novamente.

Em sua ressurreição também, Cristo já ressurge já agora num novo estágio do seu ministério. E a Bíblia diz que agora Ele está à direita do Pai. Está à direita do Pai, então... Está ali em posição de igualdade. Então, a própria palavra nos afirma que, naquele momento, Ele paga o preço. Sofre todas as consequências: o abandono, a dor. A ira de Deus é lançada sobre o seu Filho. Mas agora não. Agora Ele está na posição que Ele estava antes da sua encarnação. Está à direita do Pai. Em plena comunhão. E a Bíblia diz que Ele está intercedendo por nós.

Vejam como a reflexão vai nos levando para desdobramentos. Então, nós hoje temos um intermediador perfeito, porque, além de ter realizado a obra perfeita, Ele está à direita do Pai, intercedendo por nós. E só sai de lá – só sai de lá, segundo o próprio Cristo e os autores bíblicos que falam disto –, só sai de lá para a sua segunda vinda, quando Ele vier implantar o seu reino de maneira plena.

Mas, até lá – e aí está também alicerçada a nossa certeza de salvação – até lá, temos um intermediador entre nós e Deus: o Seu Filho. Aquele que sofreu, que sentiu as nossas dores, que sofreu por nós, que pagou as nossas dívidas e que hoje está à direita do Pai, intercedendo por nós. Então, são aspectos dessa expiação. Espero que isso esteja gerando reflexão em vocês. No nosso próximo encontro, daremos continuidade à nossa reflexão, ok?

Fica só aí para que vocês possam firmar esses temas aí. Então, na próxima aula, nós vamos continuar a nossa reflexão acerca dos efeitos da obra do Cristo, ok? Então, grande abraço aí para vocês. Grande abraço aí para vocês. Até o nosso próximo encontro. Paz. Deus abençoe!

Olá, sejam bem-vindos à nossa nona aula do nosso curso de Teologia Sistemática, disciplina Cristologia. Daremos prosseguimento à nossa reflexão acerca da obra do Cristo. Nas aulas anteriores, falamos um pouco sobre as características da expiação, aspectos da expiação, tanto no que diz respeito à divindade do Cristo como à sua humanidade. Ambas naturezas estavam envolvidas nesse processo de expiação.

Então, Cristo, com sua obra perfeita, garantiu a nós também expiação perfeita. Essa ideia de tomar o nosso lugar, retirar a pena que nos era merecida e ser o garantidor de que a sua obediência, a sua justiça, seria imputada a nós. Na aula anterior, nós vimos a questão do sofrimento. Cristo, durante todo o seu ministério terreno, sofreu por nós.

E eu aqui destaquei algumas características desse sofrimento, desde o seu contexto social e econômico, dos conflitos familiares que o Cristo também

enfrentou, os seus conflitos também com o sistema religioso, os seus embates registrados nos evangelhos com os religiosos, com as classes que faziam aquele sistema religioso da religião judaica, também como os sofrimentos inerentes à natureza humana. Ele passou por todos eles.

E também falamos um pouquinho sobre a questão da humilhação da cruz, esses sofrimentos sendo levados ao seu ápice. Passamos ali também pela dor, pela dor da morte física, e essa dor foi real. Falamos, inclusive, que a humanidade deu essa capacidade à divindade de passar por esse tipo de sofrimento.

Falamos sobre a dor maior, a dor maior que é a dor de carregar o peso do pecado, de carregar o pecado do seu povo, o pecado da sua igreja, e por isso ser alvo da ira do Pai. Então, nós estamos pensando acerca dessas características da obra do Cristo, e hoje nós vamos ver um pouquinho daquilo que foi conquistado ou das suas consequências ou seus efeitos.

Cristo, de maneira perfeita, como homem perfeito e Deus perfeito, Ele oferece algo perfeito, Ele realiza uma expiação perfeita, e esta expiação perfeita traz consequências. A partir dessa obra que foi realizada em nosso favor, temos aí as consequências desta obra realizada pelo Cristo. Então eu passo agora a mostrar estas informações para vocês. Vamos lá.

Muito bem. Vejam aí, só repetindo aquelas informações da última aula: sofrimento em Cristo, sofrimento por toda a vida, a dor da cruz, a dor física da morte, a dor de carregar o pecado, o abandono, a dor de suportar a ira de Deus. Muito bem.

Então, agora nós passamos à nossa reflexão introdutória acerca dos efeitos da obra do Cristo. E o interessante também nesse organograma, nessa arte, é que mostra a situação do homem e os efeitos da obra do Cristo sobre esse homem. É claro que nós estamos aqui falando, falando a partir de uma cosmovisão calvinista, a partir de uma cosmovisão reformada, de que a obra do Cristo foi imputada ao seu povo.

Nós vamos conversar sobre isso de maneira mais exaustiva em uma aula posterior. Nós vamos conversar sobre isso de maneira mais exaustiva em uma aula posterior, mas é porque eu quase que sou obrigado a fazer esse tipo de delimitação. Quando nós estamos falando aqui sobre a situação do homem e aquilo que foi conquistado, automaticamente eu preciso dizer que esses apontamentos só fazem sentido a partir de uma visão reformada da nossa Cristologia.

Porque em outros sistemas teológicos eu não poderia fazer essa aplicação direta, porque em outros sistemas teológicos, Cristo não realizou tudo. Ainda assim, há uma dependência da parte humana no processo, da parte da aceitação, da crença, inclusive da permanência. Outros sistemas teológicos dizem que, inclusive, tudo isso que foi realizado pode ser perdido, ou pode se tornar ineficaz a partir do abandono, a partir da apostasia.

A cosmovisão de fé reformada sustenta que, pelos quais Cristo morreu, Ele mudou essa situação, Ele mudou esse quadro de maneira perpétua ou de maneira eterna. Pelos quais Cristo morreu, e aqui já colocamos, eu gosto sempre de trazer esse detalhe porque às vezes há uma visão muito pequena quando nós dizemos que Cristo morreu pelo seu povo, Cristo morreu pelos eleitos, de que estamos falando de um grupo pequeno.

Não, nós não sabemos a quantidade de pessoas. Gosto muito de citar aquele texto de Apocalipse, capítulo 5, quando fala sobre uma multidão incontável. Essa é a ideia do autor do texto, o que ele podia dizer: que eram milhares de milhares, milhões de milhões. Então era uma multidão que não se podia contar. Mas é sobre este povo ou por este povo que os efeitos da obra do Cristo serão imputados.

É claro que nós teremos uma aula específica sobre a questão da expiação objetiva ou da expiação eficaz. Justamente não uso o termo costumeiro já para fugir dessa visão pejorativa. Às vezes se conhece por expiação limitada, mas em outra aula eu já falei sobre a ideia negativa que esse tipo de expressão traz, como se nós estivéssemos limitando o alcance da obra do Cristo ou a sua competência.

Se alguém me pergunta: "Professor, a obra do Cristo é suficiente para salvar a todos?", obviamente que eu tenho que dizer que sim. Não há dúvidas, o sacrifício de Cristo é suficiente para salvar a todos, a todos que viveram, sem nenhuma dificuldade. Mas o que está em discussão é a aplicação desse sacrifício.

Claramente as Escrituras se posicionam em dizer que esses benefícios conquistados, os efeitos da obra do Cristo, não serão aplicados a todos, não serão. Então, se não são, e eu não posso admitir incompetência da parte do Cristo, não posso admitir engano da parte do Cristo, Ele disse que daria a vida pelas suas ovelhas. Em sua oração sacerdotal, inclusive, Ele disse que não roga pelo mundo, roga por aqueles que são Dele, porque o Pai os havia dado.

E diz ali: "Rogo ainda por aqueles que ainda irão crer em mim". Então, na sua própria oração sacerdotal, Jesus Cristo limita o alcance da sua obra. Há uma especificação daqueles que seriam alcançados pelo efeito da sua obra. Ela é suficiente para todos? É. Mas o objetivo não foi esse. O objetivo não foi esse.

Isso também nos leva à reflexão de que, se admitimos que Cristo morreu por todos, todos teriam que ser salvos pelos efeitos da sua obra, ou então começarmos a defendermos algum tipo de universalismo, que no final de tudo, por causa do seu sacrifício, todos serão salvos. E aí é outra ideia que nós vamos trabalhar também no momento posterior, refutando.

A Bíblia é muito clara em dizer que nem todos serão salvos e que, infelizmente, uma parte será condenada ao castigo eterno. Mas é importante pontuar essas situações para que possamos refletir sobre... Voltando lá para as nossas informações. Então veja, sobre esse grupo, a situação do homem: estamos escravizados ao pecado e ao reino de Satanás.

Essa afirmação aqui, talvez o texto clássico para alicerçar essa afirmação, está lá em Efésios, capítulo 2, a partir do primeiro verso, onde Paulo vai falar de maneira muito clara qual era a nossa situação. Vai, inclusive, deixar muito claro que fomos alvos de uma ação. O texto vai dizer lá: "E nos vivificou, estando nós mortos em nossos delitos e pecados".

"E éramos por natureza filhos da ira, como também os demais". Vivíamos para fazer a vontade da carne, dos pensamentos. E ainda Paulo chega a dizer que estávamos sobre o julgo do espírito que agora atua nos filhos da desobediência, deixando muito claro que a situação do homem, antes dele ser alcançado pelos efeitos desta obra do Cristo, era um estado de escravidão.

Escravidão do pecado, o texto diz que estávamos mortos em nossos delitos e pecados, e de que estávamos sob o julgo, o julgo do inimigo das nossas almas. E essa situação só foi mudada porque fomos tirados de lá. Não pedimos para sair, nem surgiu esse desejo em nós, nem porque fomos mais inteligentes ou mais observadores do que os demais ou mais espertos é que saímos daquela situação.

O texto vai dizer que, estando naquela situação, fomos alvos de uma ação divina, de uma ação sobrenatural. Deus intervindo na nossa situação e mudando a nossa realidade. Então, qual era o nosso estado? Estávamos escravizados ao pecado e ao reino de Satanás. E ao reino de Satanás.

Essa mesma linguagem Paulo vai dizer quando... Paulo usa quando diz que Deus nos tirou do reino das trevas e nos trouxe para o reino do Filho do seu amor. Aquela ideia de um rei potente, de um rei poderoso, que ele invade outro reino, não pede licença, o reino inimigo não pode fazer nada para se opor a essa ação por total incapacidade.

O poderio desse rei que está invadindo é incomparável, ele vai lá e pega o que ele quer. Então essa é a ideia, de que nós somos arrancados desse reino inimigo e trazidos e postos no reino de Jesus Cristo. Esta é a ideia. E tudo isso só foi possível pelos efeitos da obra do Cristo. Voltar lá para as nossas informações.

Muito bem. Então, situação do homem: escravizados ao pecado e ao reino de Satanás. O que é que muda isso? O sacrifício de Cristo. Cristo, por meio do seu sacrifício, ou se colocar como Ele é o pagamento pela nossa dívida. Dívida esta, interessante colocar isso também, não é uma dívida de Deus com o diabo, não, viu, gente?

Nem a nossa dívida também era com o diabo, não. Alguns até propuseram isso na história da igreja. De vez em quando a gente vê alguma fala nesse sentido, de que o sacrifício de Cristo foi um pagamento ao diabo. Não, não, não. Não tem nada a ver isso. O sacrifício de Cristo e a satisfação plena, o pagamento completo da nossa dívida, está atrelado ao conceito de satisfação da justiça de Deus, de aplacamento da ira de Deus.

Então, quando Jesus Cristo paga o nosso preço, Ele faz com que a justiça de Deus, que antes seria contrária a nós, a justiça de Deus aplicada a nós nos levaria à condenação eterna, ao inferno. Agora, esse pagamento reverte a situação. Então, a partir desse momento, a justiça do Cristo é imputada a nós, e por oferecer pagamento completo da nossa dívida, somos justificados diante de Deus, e por isso não recebemos a condenação pelos nossos pecados. Ok?

Então, voltando lá. Então, não foi um pagamento ao diabo, não, viu, gente? Não foi um pagamento ao diabo. Deus nunca ficou devendo nada em absoluto ao diabo. O papel dele nesse sentido, nessa nossa soteriologia, nessa nossa Cristologia reformada, é de que ele sempre foi esse agente potencializador da ação do pecado sobre nós.

O texto que eu citei: "Estávamos mortos em nossos delitos e pecados", e o diabo, se aproveitando dessa nossa situação, ele potencializava, se utilizava dos meios para que pudéssemos, cada vez mais, nos afundarmos naquela situação de escravidão do pecado, dando a nós tudo que era necessário para que a nossa natureza pecaminosa fosse sempre estimulada e alimentada, proporcionando os meios para que essa natureza pecaminosa pudesse existir em pleno funcionamento.

Mas não há ideia de pagamento a ele. O pagamento aqui é a Deus, da sua justiça.

A lei de Deus diz que o pecador tem que ser condenado. Deus não pode ter comunhão com o pecador. Então, com o seu sacrifício, Jesus Cristo muda essa situação. Voltemos para lá. Merecíamos morrer como castigo pelo nosso pecado. Essa era a nossa situação, a situação do homem antes de Cristo.

Cristo, com a sua obra, com os efeitos da sua obra, Ele realiza propiciação. Propiciação tem a ideia de substituição, de apaziguamento, de satisfação. Também vamos trabalhar um pouquinho isso mais à frente, quando falarmos sobre a realidade da expiação efetiva, da expiação eficaz, da expiação objetiva.

Cristo morrendo por um grupo, e para este grupo, Ele foi sim um substituto perfeito. Tem todo um conceito aí também do propiciatório lá do Antigo Testamento, mas agora nos é suficiente nessa aula de introdução aos temas. Nessa aula de introdução aos temas. Nós merecíamos morrer. Cristo morre em nosso lugar. E agora Ele nos concede vida. Agora Ele nos concede vida.

Terceiro apontamento ali: merecíamos receber a ira de Deus contra o pecado. Era o que merecíamos. Por isso que todo sistema teológico que não afirma isso, ele tem seríssimas dificuldades para se encaixar dentro daquilo que é revelado pelas Sagradas Escrituras. Todo o sistema soteriológico que traga qualquer indício de uma soteriologia meritória, ou seja, de uma soteriologia baseada em méritos, encontra dificuldades, porque, posto diante disso que tudo nós já temos conversado em nossas aulas, não pode ser assim. Nós devemos fugir disso, na verdade.

Nós não queremos defender nenhum tipo de sistema meritório, porque o que é revelado a nós pelas Escrituras, que o que merecemos é receber a ira de Deus contra o nosso pecado. Isto é o que nós merecíamos. A não ser o Cristo, não tivemos outro homem... Outro homem, quando eu estou falando, não me informa... geral, homens e mulheres, que obedeceram a lei do Senhor.

A Bíblia diz que, depois de Adão, todos nasceram pecadores. Essa mesma Bíblia diz que o salário do pecado é a morte. Por isso que, depois de Adão, todos os seus descendentes, como vocês já sabem, nasceram sem nenhum tipo de mérito. A Bíblia chega a dizer lá em Isaías que as nossas boas obras de Deus, elas fedem, aquilo que fazemos de bom, porque em última instância são sempre obras de pecadores. Há sempre um desejo impuro por trás, mesmo quando fazemos bem. Às vezes, lá dentro, queremos receber algum tipo de reconhecimento, algum tipo de vanglória.

Então, o que merecíamos? Merecíamos a condenação pelos nossos pecados. Mas o que acontece com os efeitos da obra do Cristo sobre nós? Nós fomos reconciliados. Aqui o efeito é reconciliação. Nós temos vários textos que falam justamente sobre essa mudança. Antes, inimigos, afastados, como já foi citado, vivíamos para fazer a vontade da carne e dos pensamentos, e éramos, por natureza, filhos da ira, não éramos objetos dessa relação harmoniosa com o Pai.

Então, através da obra do Cristo, e somente por isso, tivemos essa situação mudada. E aí é o que a Bíblia chama de reconciliação. Fomos reconciliados com o Pai. Mas isso acontece por consequência, como está aí posto para vocês, são efeitos da obra de Cristo. Efeitos da obra do Cristo. Não quer dizer que por... "Ah, agora estou reconciliado com Deus, porque eu entendi tudo isso, eu resolvi

andar com Deus, resolvi dar uma chance a Deus". É claro que nós usamos esse tipo de linguagem, já porque há toda uma reação... Eu já trabalhei isso lá em Antropologia Bíblica... Deus nos atrai sim, Deus nos convence sim, Deus produz em nós essa confissão pública de aceitação, é claro que tudo isso é verdade.

Mas nunca podemos nos esquecermos que tudo isso só acontece porque Ele realizou primeiro algo em nosso favor. Então vejam: nós merecíamos receber a ira. Por efeito da sua obra, por um dos efeitos da sua obra, fomos reconciliados. Então percebam que a reflexão vai nos levando para um caminho onde nós teremos que tomar uma decisão. Cristo conquistou com sua obra, de fato, algo real, ou apenas Ele deu exemplos? Ou Ele apenas fez a sua parte e espera que façamos a nossa?

No nosso sistema de teologia, na nossa escola teológica, nós classificamos como escola reformada, nós dizemos que somos monergistas. O que quer dizer isso? Apenas uma força atuando para realizar algo. Então, na nossa salvação, quem realizou essa obra de salvação sobre nós foi essa força, foi essa ação da Trindade Santa. Trindade Santa nos salvou.

Trindade Santa nos salvou, e dentro desse projeto de salvação da Trindade Santa, da economia da Trindade, desse Deus... Desse Deus que são três pessoas: o Deus Pai, o Deus Filho e o Deus Espírito Santo, Jesus... Jesus foi o executor desta obra. Então, merecíamos a ira do Pai, mas Jesus Cristo, a partir da sua obra, nos trouxe reconciliação. Reconciliação. Ok?

Voltando lá um pouquinho para as nossas informações. Muito bem. Então veja, esse é o quadro, esse quadro em vermelho da situação do homem. Tudo isso é pré-Cristo, antes de Cristo entrar em nossas vidas. Hoje nós já podemos dizer: "Estávamos...". Louvado seja o nome do Senhor por isso. Mas antes do Cristo é... "Estamos escravizados ao poder do pecado e ao reino de Satanás". "Merecemos morrer como castigo pelo pecado". "Merecemos receber a ira de Deus contra o pecado". "E estamos separados de Deus pelos nossos pecados".

E aí outro termo, outro termo, e isso tem tudo a ver com o ministério do Cristo, é quando falamos da redenção. A redenção. Não é bom quando dizemos assim: "Cristo, o nosso Redentor"? "Cristo, o nosso Redentor". Então, o interessante de trabalhar com esses termos é de que eles vão nos trazendo a ideia de que algo foi conquistado em nosso favor, algo de fato.

Vejam que nós estamos falando de sacrifício oferecido, nós estamos falando de propiciação, nós estamos falando de reconciliação, e nós chegamos à redenção. Por isso que os conceitos vão se completando, por isso a necessidade de plena humanidade, a necessidade da plena divindade. Por que houve tantos debates no desenvolvimento da Cristologia? Porque alguns teólogos identificaram as consequências doutrinárias.

Se Cristo não é 100% homem, temos consequências doutrinárias. Se Cristo não é 100% Deus, temos consequências doutrinárias. Vocês vão ver isso em disciplinas específicas: a história do desenvolvimento das doutrinas cristãs. Você vai ver que muitas doutrinas passaram séculos. A Cristologia mesmo passou alguns séculos para que chegássemos a algumas definições. Chegássemos a algumas definições.

E todas elas passam justamente por esse caminho que nós estamos trilhando aqui, de entender bem esses conceitos, de entender bem esses conceitos. Quando nós trabalhamos lá naquela aula em relação aos equívocos, houve equívocos

cristológicos, propostas que foram trazidas para explicar a questão tanto da humanidade como da divindade, houve sempre o posicionamento contrário da igreja.

Você vê ali, já ali naquele período conhecido como os pais da igreja, logo no início, no primeiro século, até chegar aos concílios, e como nós íamos ali ao Concílio de Calcedônia, houve debates acerca disso. Então, os pais da igreja se posicionando, escolas que abraçavam uma ideia ou outra, a Escola de Antioquia, a Escola de Alexandria, e a igreja foi se posicionando, adicionando, até chegar àquele conceito, àquela definição de Calcedônia.

Mas vejam que é importante a gente ir pensando acerca desses temas. Esses são os efeitos da obra do Cristo. Então está diante dos nossos olhos... Deixa eu voltar aqui. Está diante dos nossos olhos de que Ele conquistou algo de fato. De que Ele conquistou algo de fato. E se Ele conquistou algo de fato, a um público que foi alvo desta conquista.

E aí os teólogos vão, obviamente, usar termos para falar de tudo isso: o povo da história da salvação. E aí nós estamos falando tanto do povo do Antigo Testamento como do Novo, esse povo sendo identificado no Antigo Testamento como o próprio Israel, e agora, a partir do Novo, sendo classificado como igreja. Mas claramente a cosmovisão reformada da coisa vai dizer que, depois de Adão, todos aqueles que foram eleitos pelo Pai, essa multidão incontável que foi eleita pelo Pai, foi sobre este grupo que todos esses efeitos aqui foram conquistados. Os efeitos da obra do Cristo, os efeitos da obra do Cristo são... são uma realidade na vida desse grupo, ok?

Então nós vamos ficar por aqui na nossa aula de hoje. No próximo encontro, vamos continuar aí com as nossas reflexões acerca dos efeitos, das consequências da obra do Cristo. Abraço, até o nosso próximo encontro.

Olá, sejam bem-vindos à nossa décima aula do nosso curso de Teologia Sistemática, Disciplina Cristologia. Vamos dar prosseguimento, na aula de hoje, à nossa reflexão acerca dos efeitos da obra de Cristo.

Na aula anterior, vimos um pouquinho da nossa situação antes de Cristo, qual era a nossa realidade, e também fizemos ali uma comparação sobre essa mudança, essa mudança de posição. Vimos, inclusive, que toda essa mudança só foi possível por causa da aplicação dos efeitos da obra de Cristo sobre nós.

Eu sempre digo que essa deve ser uma das principais ocupações dos pregadores. Nós que expomos as Escrituras para o seu povo, para o povo de Deus, precisamos falar sobre isso, sobre os efeitos da obra de Cristo, dessa mudança.

Precisamos falar ao povo de onde estávamos, de quem éramos e qual seria o nosso destino eterno, e mostrar claramente ao povo de Deus a mudança a partir daquilo que foi realizado pelo Cristo e seu ministério.

Então, essa mudança de situação, essa mudança daquilo que receberíamos, essa mudança na relação com Deus... Saímos de uma relação de ira, saímos de uma relação de condenação e fomos reconciliados com Deus a partir dos efeitos da obra do nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.

Antes separados, e agora habitação do Santo Espírito de Deus. Vejam que mudança radical. Antes, separados, totalmente entregues aos efeitos da nossa natureza pecaminosa, vivíamos para o pecado, e agora, por causa dos efeitos da obra de

Cristo sobre nós, agora somos habitação do Santo Espírito do Senhor.

Ou por causa da Sua redenção, o nosso Redentor nos aproximou do Pai. Hoje somos habitação de Deus a partir da presença bendita em nós, do Seu Santo Espírito. Ok? Então vamos continuar refletindo sobre esses efeitos. Deixem-me ir lá para as nossas informações.

Muito bem. Essas informações já foram postas para vocês na aula anterior. Alguns termos teológicos dentro daqueles efeitos que já foram colocados para vocês. Então, Cristo proporciona tudo isso, são os efeitos da Sua obra, mas aqui a gente quer destacar os termos teológicos.

Os termos teológicos: sacrifício. Cristo morreu como sacrifício por nós. Isso pode ser conferido lá em Hebreus 9:26. Vocês podem ver aí esse conceito. É claro que é apenas um texto. Nós temos inúmeros outros textos que mostram essa ideia de Cristo como sacrifício. Sacrifício por nós.

A ideia de propiciação... E propiciação tem a ideia também de tomar o lugar, de apaziguar, de se colocar na posição do outro, de trazer harmonia entre partes. Esse conceito tem uma série de significados, mas aqui basta nos dizer o seguinte: propiciação. Cristo morreu como propiciação pelos nossos pecados.

E aí esse conceito pode ser averiguado em 1 João 4, verso 10. Lembram que lá na nossa primeira aula eu falei que os sofrimentos de Cristo foram reais e obrigatoriamente trariam consequências reais?

Então vejam que os conceitos precisam estar interligados. Por isso que para alguns parece algo de menor importância as definições de algumas questões, mas quando você compreende o todo, as consequências teológicas, os desdobramentos teológicos de determinadas afirmações...

É por isso que não podemos abrir mão de alguns conceitos, conceitos-chaves. E voltamos naquela afirmação do nosso primeiro encontro, quando trabalhamos a ideia tanto da necessidade da humanidade como da necessidade da divindade.

Os sofrimentos foram reais, foi um sacrifício real. Então, aquilo que está sendo feito ali trouxe consequências ou conquistas reais. É este pensamento que eu quero que fique bem desenvolvido na mente de vocês.

Para que depois, lá na frente, quando formos trabalhar com algumas discussões, é possível para nós perdermos o que não fizemos nada para ser conquistado? É possível. É possível que nós, através da nossa desobediência, tornemos nulo tudo aquilo que foi enfrentado pelo Cristo?

Será que esta é uma possibilidade? Será que mesmo depois do Cristo tendo ali dito: "Olha, está tudo consumado", ainda assim depende da nossa obediência, depende do nosso testemunho, depende das nossas obras para que de fato isso se torne uma realidade em nossas vidas?

Daí vem aquela discussão que nós já tivemos em Antropologia Bíblica e também em Teontologia em relação à aplicação ou às características da doutrina da eleição. Nós vimos que aqueles que foram alvos dessa eleição, e, obviamente, foram alvos também dessa ação do Espírito Santo...

O Espírito Santo obrigatoriamente irá produzir neles os frutos do Espírito. Frutos que evidenciam novidade de vida. Frutos que evidenciam novidade de vida. Por que eu estou colocando isso?

Porque, às vezes, se diz o seguinte: "Não, então quer dizer que depois que aceitou Jesus..." - essa frase é costumeiramente usada - "Depois que se aceitou Jesus, então quer dizer que o cara pode fazer o que ele quiser, pode viver do modo que ele quiser e ele não vai perder a sua salvação?"

Não é isso que está sendo proposto. O que é dito e o que é ensinado pela Soteriologia Reformada é de que aqueles pelos quais Cristo morreu, obrigatoriamente o Espírito Santo produzirá nestes os efeitos daquilo que foi conquistado.

Então, obrigatoriamente, o Espírito Santo irá produzir neles, ou nestes, as evidências dessa ação do Espírito Santo. Essas evidências de uma nova vida.

Não quer dizer que aqueles que são habitação do Santo Espírito não possam passar por momentos de queda, momentos de resfriamento... As próprias confissões se posicionam acerca disso, os próprios exemplos bíblicos... Nós temos gigantes na fé, tanto no Antigo como no Novo Testamento, que cometeram erros que nos escandalizam.

Isso não quer dizer que esses homens ou essas mulheres não fossem regenerados, mas nós estamos falando aqui de uma conformidade com o pecado, de agir sem que isso produza conflito na vida do pecador.

Então, o que nós estamos dizendo aqui, o que eu quero colocar para vocês é que esses efeitos são reais. E de que eles não podem ser descartados ou tornados nulos por minha vontade.

Vejam, façam esse contraponto comigo. O Conselho Divino resolve salvar. Eles definem as funções de cada um nessa história de salvação. Tudo que era necessário para que esta salvação pudesse ser realizada na vida do homem foi feito, mas agora tudo isso pode ser negado, ou tornado nulo, ou ineficaz, ou ajeitado, ou perdido, por minha iniciativa. É algo estranho. É algo estranho.

Então pensemos nisso como efeitos reais, porque tudo o que Ele fez ali foi real. Ok? Voltemos lá para as nossas informações. Então, sacrifício. Cristo morreu como sacrifício por nós. Hebreus 9:26. Cristo morreu como propiciação pelos nossos pecados. 1 João 4:10.

Reconciliação. Cristo nos trouxe de volta à comunhão com Deus. Texto muito usado, Segundo aos Coríntios, capítulo 5, 18 e 19. Claro que nós temos muitos outros textos que falam dessa reconciliação, mas como introdução, esse texto nos é suficiente. Nos é suficiente.

No nosso caso, perdemos essa comunhão com Deus em Adão, como nosso primeiro representante. A partir dele, já nascemos separados por causa das consequências da sua desobediência. Da sua desobediência.

A partir daquilo que nós já classificamos aqui em nossas aulas como obediência ativa, obediência radical do Cristo, Ele sendo esse nosso substituto perfeito. Então, esta substituição perfeita nos garante reconciliação.

Aí nós podemos falar com muita alegria: "Fomos reconciliados!". Então: sacrifício real com efeitos reais, com consequências reais. A ideia é essa. Aparece aí até três pontos de uma pregação. Sacrifício real, um evento real, sofrimentos reais com consequências reais.

Também redenção. A ideia de libertação. O preço do escravo foi pago, a dívida do escravo foi paga. Não devemos mais nada ao nosso Senhor. E, de fato, Cristo pagou a nossa pena de tal forma que, judicialmente... É interessante isso aqui, às vezes a gente tem um pouco de receio de fazer tal afirmação, mas, teologicamente, e usando uma linguagem judicial, nós não devemos nada para Deus. Não devemos nada para Deus. Por quê?

Porque Cristo pagou o nosso preço. Cristo pagou o nosso preço! Então a dívida foi paga! O famoso ali: "A dívida foi paga!". Então não devemos nada.

É claro que, por consequência desse perdão, dessa redenção, dessa libertação do pecado pelo pagamento do preço, isso deve produzir em nós uma vida agora de gratidão. Somos gratos! Somos gratos por tão grande salvação!

Mas nada do que fazemos vai aumentar ou diminuir os efeitos dessa obra de Cristo sobre nós. Por isso que se exclui-se qualquer participação humana. Qualquer participação humana.

É claro que a dedicação, a utilização dos meios de graça vão nos garantir uma progressividade na caminhada cristã. E aí sim, há uma responsabilidade da nossa parte de tomarmos posse dos meios de graça, dos meios de santificação, para que tenhamos progresso em nossa caminhada cristã.

Mas isso não vai nos tornar mais ou menos salvos. Isso não vai nos tornar mais ou menos merecedores de salvação. Não somos mais ou menos justificados diante de Deus. Não há níveis. Nós somos justificados, todos do mesmo modo. Porque os que são justificados, são justificados baseados nesta redenção.

Redenção conquistada pelo preço que foi pago pelo nosso Senhor Jesus. Então vejam que as consequências, e agora usando esses termos teológicos, vão trazendo a ideia daquilo que foi realizado. Daquilo que foi realizado.

Muito bem. Voltemos lá para as nossas informações. Alguns temas que propõem aqui. Reflexões teológicas sobre a morte de Cristo. O castigo foi infligido por Deus Pai. Esses textos podem ser usados para alicerçar essa afirmação. De fato, o castigo foi imputado ao Cristo.

Lá em Isaías, que é o texto que está aí, há uma expressão muito forte: "Todavia, agradou ao Senhor moê-lo". A ideia de que ali a justiça de Deus estava sendo plenamente satisfeita, porque a ira merecida contra o pecado estava sendo posta sobre o Seu filho.

Então, outra coisa, refutando às vezes conceitos estranhos em nós, de que o diabo estava naquele momento envolvido nesse processo. Não estava! Ali, na cruz, Cristo está recebendo a aflição imposta por Deus por satisfação dos nossos pecados. Ponto. Ok?

Naquele momento ali, a justiça de Deus está sendo satisfeita. E Deus está

lançando sobre o Seu filho toda a ira merecida por todos os pecados do Seu povo nessa história de salvação.

Um indício do peso disso é que Jesus Cristo, antes de ser preso, antes de ser entregue ali por traição de Judas, Ele começa a sentir o peso de tudo isso, e aí Sua humanidade transparece toda a Sua aflição, todo o Seu sofrimento.

O texto Dele chega a nos informar que Ele suou gotas de sangue, evidenciando ali um momento de nível de estresse absurdo. O nível de estresse é absurdo, porque Cristo tem plena consciência do que vai acontecer daqui a poucos momentos.

Já no Seu ministério, durante um bom tempo que Ele cedeu a esse evento da traição e logo depois da crucificação, Cristo falava que esse era o objetivo Dele. "O Filho do Homem veio para ser entregue nas mãos dos homens e o Filho do Homem vai morrer". Ele sabia disso.

Quando Ele falou sobre isso e Pedro tentou mudar a Sua ideia em relação a isso, Cristo o repreendeu de maneira muito forte. "Afasta-te de mim, Satanás!". Foi para isso que Ele veio. Mas o castigo foi infligido por Deus, por Deus Pai. Naquele momento Ele está sofrendo de maneira real. Ele vai sentir o peso, o castigo de Deus sendo o castigo que nós merecíamos. O castigo que nós merecíamos.

Imaginem vocês o peso do pecado do povo de Deus dentro dessa história da salvação, sendo lançado sobre Seu filho e Ele sofrendo isso. Sofrendo como homem. Sofrendo como homem. Aí eu não consigo nem mensurar. Nós não temos como mensurarmos esse tipo de sofrimento. É algo inimaginável! Não tem como racionalizar isso!

Por isso que quando somos confrontados com esse tipo de informação, devemos ficar constrangidos, sermos impulsionados a ter a melhor vida cristã possível. Não na expectativa de recebermos algum tipo de recompensa, não, porque não tem nada maior do que aquilo que já nos foi dado.

Nós merecíamos o inferno. Pagariamos o preço pelos nossos pecados por toda a eternidade. E agora Cristo está... O castigo infligido por Deus Pai está sendo posto sobre o Seu filho por nossa causa.

Voltando lá para a nossa informação. O castigo foi infligido por Deus Pai. O castigo foi infligido por Deus Pai. 2 Coríntios 5:21. Isaías 53:10. E Romanos 5:8.

Não um sofrimento eterno, mas um pagamento integral. Jesus Cristo sofreu até aquele momento. Ponto. Mas um pagamento integral. É interessante aqui essa colocação. Em Isaías também, um dos textos que é citado, Ele diz: "Ele verá o fruto do Seu trabalho e ficará satisfeito. O justo, com o Seu conhecimento, justificará a muitos".

Então, não o sofrimento eterno. Ele sofreu ali até o momento da Sua morte. Até o momento da Sua morte. Quando Jesus Cristo morre, cessa-se também o sofrimento. Porque ali houve um pagamento integral. Ele não precisa estar sofrendo mais pelo Seu povo. Ele sofreu.

Quando Ele ressuscita, aí Ele já entra numa nova etapa do Seu ministério, aquela

que nós classificamos, os teólogos classificam como glorificação. Mas aí também esse apontamento pode ser conferido por vocês em Isaías 53, o verso 11. João 19:30. E Romanos 8:1.

Ok? Agora pois já não há mais condenação para aqueles que estão em Cristo Jesus! Outro tema aí para a nossa reflexão teológica: o significado do sangue de Cristo. O que o sangue de Cristo como sacrifício representa para nós?

E aqui eu quero ler com vocês o texto de 1 Pedro. Acho interessante fazer esse exercício aqui com vocês. O texto de 1 Pedro. 1 Pedro, capítulo 1. Capítulo 1, os versos 18 e 19. 1 Pedro, os versos 18 e 19. Veja o que a Palavra nos diz. 1 Pedro 18 e 19.

"Sabendo que não foi mediante coisas perecíveis, como prata ou ouro, que vocês foram resgatados da vida inútil que seus pais lhes legaram, mas pelo precioso sangue de Cristo, como de um cordeiro, sem defeito e sem mácula".

Lendo novamente o texto, porque aí explica de maneira muito clara esse apontamento teológico. "Sabendo que não foi mediante as coisas perecíveis, como prata ou ouro, que vocês foram resgatados da vida inútil, que seus pais lhes legaram, mas pelo precioso sangue de Cristo, como de um cordeiro sem defeito e sem mácula".

Aí vocês entendem o porquê da importância da definição de alguns conceitos. Veja, essas afirmações aqui do texto bíblico só fazem sentido se tudo aquilo que foi realizado foi realizado de maneira real. Isso não pode ser um acréscimo da Igreja, não pode ser um acréscimo da comunidade primitiva.

Às vezes as pessoas se espantam com o nosso posicionamento em relação a alguns pressupostos da teologia liberal que colocam em dúvida características dos evangelhos, dizem que isso aqui foram acréscimos da comunidade primitiva acerca do Cristo, acerca do Seu ministério, acerca da Sua humanidade, acerca da Sua divindade...

Vocês percebem porque nós que somos rotulados como conservadores, às vezes como fundamentalistas, porque nós nos opomos a isso? Porque para nós isso é muito sério! Para nós isso é muito sério! Tira-se alguns conceitos, perde-se por completo o peso de muitas afirmações. Perde-se por completo!

Então, características importantes da Cristologia e, por consequência, da Soteriologia. Porque eu também só terei uma boa teologia se primeiro eu tenho uma boa Cristologia. Não é verdade?

O entendimento correto desses conceitos e a crença e a obediência, o diálogo e o discipulado disso tem tudo a ver com a seriedade disso que está sendo refletido por nós.

Então vejam que Pedro vai dizer: "Olha, vocês não foram tirados dessa situação inúteis, inútil, inútil, né? Vocês viviam em uma situação inútil. Não valia para nada o legado que os seus pais deixaram. Não servia para nada. Vocês não foram comprados por coisas perecíveis, como prata ou ouro. Não, não. Vocês foram comprados pelo sangue precioso, sangue de como um cordeiro perfeito sem mácula".

Tanto aquilo que os sacrifícios representavam no Antigo Testamento, e muito mais

agora o que o sacrifício de Cristo representa para nós, precisa ser real! Precisa ser real! Não está apenas no mundo das ideias, vocês entendem isso?

Mas ao mesmo tempo isso deve, como eu tenho dito, inundar o nosso coração de alegria. O que foi conquistado para nós foi real, foi perfeito, foi integral, foi eterno. A nossa salvação é algo real. Somos salvos do nosso pecado, somos salvos do nosso estado de escravidão. Somos trazidos para uma nova realidade. Ok?

Espero que isso também tome conta do nosso coração e produza essa gratidão necessária por tudo que foi realizado em nosso favor. Vamos caminhar mais um pouquinho em nossas informações.

Muito bem. Aqui nós já vamos entrar em algumas teorias. Em algumas teorias. Teorias da história da teologia sobre a expiação. Você já deve ter visto alguma coisa sobre isso. Orígenes. Gostava muito de alegorizar as coisas. O defensor do sistema alegórico de interpretação.

Ele criou aí uma teoria. A teoria do resgate pago a Satanás. O resgate que Cristo pagou para redimir... O resgate que Cristo pagou para nos redimir foi dado a Satanás, em cujo reino se encontravam todas as pessoas devido ao pecado.

Eu já refutei isso hoje com vocês. Tem um texto em Apocalipse, capítulo 20, 28... Não, Apocalipse, Atos. Atos 20:28. Deixa eu ler esse texto aqui com vocês. Atos 20:28.

Um texto que eu sempre me utilizo dele, quando estou tratando desse assunto com os meus alunos, em relação a um povo comprado, quem comprou, por que comprou. Então, só esse texto aqui refuta, diz assim: "Cuidem de vocês mesmos e de todo o rebanho...". Atos 20:28.

"Cuidem de vocês mesmos e de todo o rebanho, no qual o Espírito Santo os colocou como bispos, para pastorearem a igreja de Deus, a qual Ele comprou com o Seu próprio sangue".

Também é um texto que fala de maneira muito clara, de maneira muito objetiva, acerca da divindade do Cristo. Deus comprou com Seu próprio sangue? Era Deus que estava ali? Sim! Deus quem estava ali.

Então, essa ideia dessa teoria de resgate proposta por Orígenes é estranha. Eu até me pergunto por que Orígenes chegou a essa conclusão. É claro que existem questões filosóficas e também da escola de interpretação dele. Enfim.

Mas essa ideia de um resgate sendo paga a Satanás deve ser refutada. Nós já vimos aqui que o preço que foi pago foi pago para que a justiça de Deus fosse satisfeita. Ok?

Então vamos prosseguir em nossa reflexão acerca da obra de Cristo. Então, espero que essas aulas estejam despertando o interesse em vocês, de nos aprofundarmos nas características dessa obra perfeita, que foi realizada por um Salvador perfeito e que produz salvação perfeita também para nós. Fiquemos por aqui. Um grande abraço. Até a nossa próxima aula.

Olá, sejam bem-vindos à nossa décima primeira aula do nosso curso de Teologia Sistemática, disciplina Cristologia. Estamos conversando sobre a obra da

expição. Passamos por alguns significados, algumas características da obra da expiação, expiação como resultado da obra perfeita que foi realizada pelo nosso Senhor. Abordamos alguns temas teológicos que introduzem o assunto da expiação: o que foi conquistado por nós por essa expiação.

E também começamos a ver teorias estranhas que, na história da igreja, foram propostas acerca do que seria a expiação. Eu já enfatizei para vocês que o preço foi pago a Deus. O preço foi pago para aplacamento, para abrandamento da ira de Deus. Então, quando Jesus realiza a obra de expiação, Ele tem como objetivo cumprir a justiça de Deus.

Em que aspecto? A justiça de Deus exige punição ao pecado. Então, naquele momento, quando Cristo realiza a obra expiatória, quando Ele se coloca em nosso lugar, Ele está recebendo a pena cabível pelos nossos pecados. Então, a pena que cabia a nós está sendo agora lançada sobre o Filho. Ele paga esse preço à justiça divina, à necessidade da punição dos nossos pecados.

Se hoje temos certeza da nossa salvação, como diz lá em Romanos, capítulo 5, "sendo pois justificados pela fé, temos paz com Deus", se hoje temos paz com Deus, é justamente por termos consciência de que essa dívida foi paga. Jesus Cristo pagou o preço por nós. Pagou esse preço a Deus.

Mas algumas teorias foram propostas na história da igreja, e eu quero apenas citar algumas delas. Não é uma análise exaustiva de nenhuma delas, é apenas para que vocês tenham conhecimento. Eu sempre enfatizo isso. O objetivo da nossa disciplina é trazer o maior número de informações possíveis para os alunos, mesmo que essas informações tenham um caráter introdutório.

Mas aí, tendo esses temas propostos, vocês terão condições de realizar uma pesquisa mais detalhada, também se aproveitando da bibliografia, tanto da obrigatória como da complementar, para assim estudar mais detalhadamente esses temas que são propostos aqui, mesmo que de forma introdutória. Então, nós vamos ver algumas teorias estranhas, e a maioria delas são estranhas mesmo. Muito bem.

Vejam esta aqui: teorias na história da teologia sobre a expiação. Nós demos uma olhadinha rápida nisso, não foi na aula passada? A teoria do resgate pago a Satanás, proposta por Orígenes. Data de nascimento, data de sua morte. O resgate que Cristo pagou para nos redimir foi dado a Satanás, em cujo reino se encontravam todas as pessoas devido ao pecado.

Ele faz uma confusão entre o nosso estado e a quem deveria o preço ser pago. De fato, nós vimos na nossa aula anterior que a nossa condição antes de Cristo era de escravidão. Estávamos sob o jugo do inimigo das nossas almas. Mas isso não quer dizer que o preço foi pago a ele. O preço foi pago a Deus. Quando Jesus Cristo realiza a obra em nosso lugar – e nós vimos alguns termos teológicos, um deles foi redenção –, quando Cristo realiza a redenção por nós, esse mesmo Cristo providencia a nossa retirada.

Não somos retirados do reino de Satanás porque foi paga uma dívida ao diabo. Não! A justiça de Deus foi plenamente satisfeita e agora Jesus pode buscar os seus. É aquela figura de linguagem que eu já trouxe para vocês: um rei extremamente potente que invade o reino inimigo e retira os seus. Nos transportou, nos arrancou do reino das trevas e nos trouxe para o reino do Filho do seu amor.

Então, essa teoria proposta por Orígenes é estranha. Quando pecamos, não pecamos contra o diabo, pecamos contra Deus; quando quebramos os mandamentos, não estamos ofendendo ao diabo, estamos ofendendo ao Criador. Isso está muito claro! Então, não devíamos nada ao diabo, nem Deus nem Jesus deviam nada ao diabo.

Então, quando Jesus realiza a obra de expiação, Ele está pagando o preço necessário em relação à devida condenação que os nossos pecados mereciam, ok? Então, essa teoria aqui, estou apenas citando para vocês, essa teoria do resgate pago a Satanás, ela deve ser rejeitada.

Mas, mesmo assim, de vez em quando, vocês escutam, seja num discurso, seja em alguma música, essa ideia sendo vislumbrada. Não há nenhum indício disso nas Sagradas Escrituras, de que Jesus tenha ido pedir algum tipo de permissão ao diabo, de que a chave do Senhor estava lá na mão do diabo e que Jesus foi lá pegar essa chave.

Essa ideia de: "Olha, eu paguei o que era necessário, aqui vim confirmar esse pagamento e agora você", se referindo ao inimigo das almas, "me autoriza a tirar esse povo daqui". Nada disso! Isso é até uma ofensa, uma ofensa ao nosso Senhor. O nosso Senhor não precisa pedir permissão de absolutamente nada. Ele é soberano!

Então Jesus, quando oferece a obra perfeita em nosso favor, Ele está cumprindo cabalmente com o apaziguamento da ira de Deus, ira que é lançada sobre o pecado. E quando Ele carrega o nosso pecado, Ele recebe a ira do Pai e realiza a obra de expiação perfeita em nosso favor. Ok?

Prossigamos aqui nas informações. Vamos para a próxima. Mais uma vez: teorias na história da teologia sobre expiação. A teoria da influência moral, proposta por Pedro Abelardo, sustenta que Deus não exige o pagamento de um castigo pelo pecado, mas que a morte de Cristo era simplesmente um modo pelo qual Deus mostrou o quanto amava os seres humanos, ao identificar-se até a morte com os sofrimentos deles.

Repito: qual é a proposta trazida por Pedro Abelardo? Sustenta que Deus não exige o pagamento de um castigo pelo pecado, mas que a morte de Cristo era simplesmente um modo pelo qual Deus mostrou o quanto amava os seres humanos, ao identificar-se até a morte com os sofrimentos deles. Olha aí, né? Tão bonitinho isso, né? Tão bonita essa afirmação! "Não foi um pagamento, não, não foi um pagamento de uma dívida, não. Quando Cristo morre em nosso favor, na verdade, Deus estava mostrando aos seres humanos o quanto os amava".

Nós vemos essas ideias também sendo trazidas de maneiras distintas, em nossos dias, quando alguns pregadores falam da cruz, falam da morte de Jesus, baseados nesse tipo de pressuposto, quando eles dizem: "Olha, Deus lhe amou tanto, você é tão precioso, você é tão importante, você é tão importante que Jesus morreu por você".

Há aqueles também que trazem outra ideia, né?: "Não, você é o centro da coisa, você é o centro do Evangelho, e você é tão importante, Deus quis demonstrar esse amor por vocês que Ele colocou Jesus lá para morrer por vocês, só para demonstrar esse amor".

Meus irmãos, é claro que a Bíblia, em muitos versículos, fala que a morte de Jesus Cristo foi realizada por amor, por amor! Nós vimos até lá em Teontologia que a base da eleição é o amor de Deus por nós. Ponto, ninguém discute isso.

Só que nós já vimos aqui, em tantas aulas já nessa disciplina, que a causa de Jesus ser posto naquela cruz não está baseada na nossa importância, nem para que Deus nos demonstrasse alguma coisa. Não! Cristo morreu naquela cruz porque era necessário, necessário!

Nós estamos trabalhando, desenvolvendo todos esses princípios durante essas aulas. Trabalhamos a questão da necessidade da humanidade, da divindade, porque era necessário o oferecimento de um sacrifício perfeito. Por quê? Pelo objetivo desse sacrifício. Qual era o objetivo? Perdoar o pecado daqueles que foram objetos do amor de Deus!

Então veja: o amor de Deus elege, o amor de Deus escolhe, mas a necessidade desse sacrifício, ou a necessidade dessa expiação, não é Deus demonstrar o amor Dele por nós. Essa ideia de que Deus não estava exigindo um pagamento... era exigido sim! Desde o Antigo Testamento, o próprio Deus estabeleceu leis, estabeleceu, inclusive, um sistema sacrificial, um sistema sacrificial todo cheio de significados, um sistema sacrificial extremamente representativo, que simbolizava justamente isso, de que o ofertante ofertava porque estava pagando o preço do seu pecado.

A ideia de substituição, de que, ao penalizar a vítima – no caso ali, a oferta inocente, a oferta de um inocente –, havia uma transferência de culpa. A culpa do ofertante era transferida para a oferta. É isso! Então, esse conceito aqui proposto por Pedro Abelardo, ele vai de encontro a tudo aquilo que nos ensina tanto o Antigo Testamento como a própria fala do Cristo e o que os evangelistas escreveram acerca Dele.

A morte de Cristo foi, de fato, sim, um pagamento a Deus. Um pagamento a Deus! Deus exigia sim! Isso é facilmente visto, tanto no Antigo Testamento como nos Evangelhos e nas cartas do Novo Testamento. É porque, às vezes, tenta-se diminuir, como se isso fosse escandaloso. Alguém coloca: "Por que Deus simplesmente não perdoou? Por que foi necessário que Jesus Cristo pagasse por tudo isso? Por que Deus simplesmente não perdoou?".

Porque a Sua Palavra, os conceitos e os princípios estabelecidos pelo próprio Deus, desde o início, apontam para a necessidade do sacrifício para que a Sua ira fosse aplacada. Por que assim? Porque Deus determinou, Deus determinou!

Então, quando Jesus Cristo se coloca como o nosso expiador, como aquele que se coloca em nosso lugar para sofrer a pena – aquela nossa –, Ele não está apenas dando um exemplo moral, não, gente. Não é apenas um exemplo, não. Às vezes, nós queremos transformar o evento crucificação em apenas um exemplo. Não é apenas um exemplo! Não é para nós olharmos ali e ficarmos comovidos com tanto sofrimento e aí dizemos: "A partir de tanto sofrimento, Ele sofreu tanto, então eu vou...". Não, não é isso.

A crucificação não era apenas um exemplo. A crucificação não foi apenas uma demonstração de amor. A crucificação foi a demonstração da seriedade dos nossos pecados! Os nossos pecados eram tão ofensivos, a nossa situação era de tanta desgraça, merecíamos tanto a condenação – e, por consequência, o inferno – que

foi necessário que Jesus Cristo oferecesse uma expiação perfeita em nosso lugar, passando por um sofrimento que era nosso e sofrendo toda a punição merecida pelos nossos pecados, recebendo sobre Si a ira do Pai.

Então, esse conceito, essa ideia proposta aqui por Pedro Abelardo, como se fosse apenas uma demonstração do amor de Deus, essa proposta é insuficiente, no mínimo. No mínimo, ela é insuficiente, porque ela aborda apenas uma das questões. O sacrifício de Cristo, os temas teológicos por trás dele, são inúmeros, são inúmeros.

Então, prosseguimos aqui as nossas demais informações. Vamos lá. Outra teoria: teorias na história da teologia sobre expiação, é a teoria do exemplo, ensinada pelos socinianos, ensinada pelos socinianos, seguidores de Fausto Socino. E aí, depois, vocês facilmente pegam esse nome aí, dão uma pesquisada e vocês vão saber quem é esse rapaz aí, o Fausto Socino.

O que é que os seguidores de Socino ensinavam? Eles diziam que: "A morte de Cristo nos provê de exemplo de como devemos confiar em Deus e obedecer-Lhe de modo perfeito, mesmo que essa confiança e obediência nos levem a uma morte terrível". "A morte de Cristo nos provê de um exemplo de como devemos confiar em Deus e obedecer-Lhe de modo perfeito, mesmo que essa confiança e obediência nos levem a uma morte horrível".

Em um primeiro momento, você pode dizer: "Olha, qual é o problema com esse tipo de afirmação? A morte de Cristo nos proveu um exemplo? Proveu! A morte de Cristo é um exemplo para nós de muitas coisas, inclusive de que devemos confiar em Deus, por óbvio".

Mas, mais uma vez, é uma definição simplória. Lembrem que, antes de chegarmos a esse tipo de conceito, nós vimos ali características de tudo que foi conquistado? Então, baseados em tudo que foi conquistado, não é apenas um exemplo, não é apenas um exemplo a ser seguido, não é apenas um exemplo que nos inspira, não é apenas uma ideia que nos comove. Não é isso.

Num certo aspecto, você pode dizer: "De fato, a morte de Cristo...". E os cristãos vivem isso durante a sua caminhada. A história da igreja, a igreja no seu início, a igreja perseguida, a igreja perseguida em nossos dias... muitos cristãos, de fato, preferem perder as suas vidas do que apostatar da fé, do que negar a fé. Isso é fato! Preferem seguir o exemplo do Cristo e estarem dispostos até mesmo a enfrentar a morte por causa do Evangelho.

Mas a expiação não trata somente disso. Outros homens, na história da humanidade, morreram pelos seus ideais, deixaram algum exemplo a ser seguido e tiveram seguidores que morreram também, imitando esses exemplos. Mas a fé cristã nos ensina que a expiação é muito mais do que isso.

Quando Cristo realiza a obra de expiação em nosso favor, Ele não apenas dá um exemplo. Se fosse apenas um exemplo, Ele não teria conquistado absolutamente nada; estaríamos fadados ao desespero. O que foi conquistado por nós? Um exemplo? "Cristo nos deu um exemplo e nós devemos procurar imitar esse exemplo". E nós sabemos que não somos bons em imitarmos, nem guardarmos, nem obedecer.

Então estaríamos, do mesmo modo, condenados. Estaríamos, do mesmo modo, condenados. Então, a expiação é muito mais do que isso. A expiação é muito mais

do que isso. Mas aí, vocês têm consciência desta informação que está sendo apresentada a vocês. Depois, vocês dão uma pesquisada acerca dessa teoria proposta pelos socinianos, seguidores de Fausto Socino.

Também temos essa outra teoria aqui. Olha: teorias na história da teologia sobre expiação, teoria governamental, ensinada por Hugo Grotius: "Demonstração divina do fato de que as leis de Deus foram infringidas e isso exigia reparação". Ensinada por Hugo Grotius: "Demonstração divina do fato de que as leis de Deus foram infringidas e isso exigia reparação".

Mais uma vez, o que eu tenho que dizer a vocês dessa proposta é que ela é insuficiente. Talvez, se nós juntássemos – com exceção daquela proposta por Orígenes, da questão do pagamento de uma dívida de resgate ao diabo, essa para nada se aproveita, essa tem que ser abandonada, rejeitada e classificada como heresia: não foi pago nenhum preço ao diabo! –, essas outras, se pegarmos todas elas e colocarmos no mesmo esboço, podem ser usadas como características, no máximo, características, no máximo, do que é expiação.

Vejam que, nesta aqui, essa afirmação dele aqui não está de toda errada. O que seria a expiação? Ele diz lá: "Demonstração divina do fato de que as leis de Deus foram infringidas". Não está errado. O fato é que Cristo morreu porque o nosso primeiro representante quebrou a lei de Deus, quebrou os mandamentos de Deus.

Vimos lá em Antropologia Bíblica que o pecado é justamente isso: quando erramos o alvo, uma ação de rebeldia contra a Palavra de Deus, quebra de mandamento. Erraram, descumpriram o propósito para o qual fomos criados. Então, em Adão, as leis de Deus foram quebradas. Cristo morre na cruz porque, de fato, a lei do Senhor foi quebrada. Isso é pecado! Por que Adão pecou? Porque Deus lhe havia dado uma ordem e, conscientemente, Adão desobedece essa ordem. E, por causa dessa desobediência, ele traz as consequências sobre os seus descendentes, sobre aqueles que estavam ali sendo representados por eles... por ele, se estavam sendo representados por ele.

Então, está de fato correta aqui essa afirmação, só que ela é muito reducionista, ela é muito limitada. Foi muito mais do que isso que seria a expiação. E, mais uma vez, eu volto naqueles conceitos que já foram trabalhados com vocês. Então, nós só podemos entender a expiação, de fato, quando nós entendemos as consequências ou os efeitos. E aí, nós vimos isso nas aulas anteriores. Por isso que fica mais fácil para nós também rejeitarmos esses tipos de teorias.

Então, de fato, há um pouco de verdade, ou, nesse aspecto, seria correto, mas apenas como um dos pontos, um dos pontos. Então, a expiação, de fato, é a demonstração da seriedade do pecado: a lei do Senhor foi quebrada e exigia-se uma reparação, uma reparação ao próprio Deus, e Cristo foi e cumpriu a lei cabalmente, cumpriu a lei integralmente, e essa expiação foi realizada com sucesso, mas não é só isso, vocês entendem?

E aí é interessante eu voltar um pouquinho lá, informações que já foram trazidas, só para a gente fechar essa ideia nesse nosso encontro. Mas, antes de fazer isso, até lembrando vocês... lembram que eu coloquei que nós vamos trabalhar a questão da expiação eficaz, da expiação objetiva especificamente?

Por isso que eu estou caminhando com vocês, com essas teorias e, depois, daqui a alguns encontros... estamos na décima primeira aula, então, daqui a alguns encontros, eu trato especificamente da questão da expiação. Primeiro, eu vou encerrar aqui os conceitos da Cristologia. No próximo, vamos falar sobre algumas evidências da ressurreição, o *trispes* e o ofício de Cristo: Cristo como profeta, sacerdote e rei.

E aí, já nas aulas finais, eu começo a trabalhar algumas questões específicas, como expiação eficaz. Quero também ter um encontro específico sobre a Cristologia dos Puritanos, a Cristologia dos Reformadores, para que nós possamos ter, no final da nossa disciplina, um bom conceito geral da Cristologia Reformada, ok? Essa é a minha ideia como professor.

Mas vamos lá, então, só para fechar essa questão da expiação neste encontro. Então, fica aqui... essa é a minha ideia de voltar um pouquinho lá: todos esses conceitos propostos por esses teóricos – alguns deles trazem alguma verdade, com exceção lá do Orígenes; voltando essa de Orígenes, essa deve ser completamente rejeitada – vamos lá, pronto.

Então, a ideia de expiação é muito mais profunda, é muito mais abrangente do que esses homens propuseram. Lembram? Nós trabalhamos isso aqui. Os efeitos da obra do Cristo, a expiação realizada pelo Cristo, trazem um escopo muito maior do que esse proposto por esses teóricos. Traz ali a ideia de sacrifício, de propiciação, de reconciliação.

Vejam que é muito maior do que esses pressupostos reducionistas trazidos por esses teóricos. A obra do Cristo é muito rica. Os conceitos que emanam da expiação são muito plurais. Nós vamos chegar ao nosso encontro em relação aos puritanos. Os puritanos escreveram acerca da obra do Cristo de maneira extraordinária, de maneira extraordinária. Até nessa aula sobre a Cristologia dos Puritanos, eu vou trazer a indicação de um texto aí que eu acho também maravilhoso para vocês.

Mas vejam: nós vimos esses conceitos: sacrifício – Cristo morreu como sacrifício por nós –, propiciação – Cristo morreu como propiciação pelos nossos pecados –, reconciliação – Cristo nos trouxe de volta à comunhão com Deus –, redenção – Cristo pagou o preço pela nossa libertação do pecado. Então vejam que a obra da expiação é muito mais abrangente do que essas teorias propostas por esses homens.

Vimos aí o castigo infligido por Deus Pai, o castigo foi por Deus ao Filho, não foi um sofrimento eterno, mas um pagamento integral a Deus. Então Jesus sofre até aquele momento, mas, depois que a ira de Deus é aplacada sobre o Filho, Jesus Cristo ressuscita – daqui a pouco nós vamos ver isso, evidências da ressurreição – e o Seu novo posicionamento, e o Seu novo posicionamento, o significado do sangue de Cristo, o que esse sacrifício representou... então, não foi uma ideia apenas, não foi apenas um exemplo.

Se fosse só para isso, não era necessário Jesus Cristo ter passado por todo esse sofrimento. Entendem? Então, o significado é muito mais profundo, muito mais teológico do que os temas propostos ali por aqueles teóricos. Ok?

Então, nós vamos chegando aqui ao final desse nosso encontro. Muito bem. Eita, isso é para a próxima aula! Deixa eu voltar aqui com vocês. Muito bem. Então,

espero que essas nossas aulas, até aqui, tenham sido suficientes para trazer o despertar do interesse e da reflexão sobre a obra do Cristo, essa obra perfeita e os seus efeitos.

Como prometi, vamos trabalhar a questão da expiação eficaz somente no encontro exclusivo para esse tema. Já nessa próxima aula, vamos falar aí sobre as evidências da ressurreição. A ressurreição é um evento importante! Tudo isso que nós falamos até agora, se o nosso Senhor não tivesse ressuscitado, nada disso serviria, ou Ele não teria conquistado nada, ou Ele não teria conquistado nada!

Então, no nosso próximo encontro, nós vamos falar um pouquinho aí sobre a ressurreição de Jesus: as evidências do Novo Testamento, as evidências do Novo Testamento e as consequências desta ressurreição, ok? Um grande abraço. Até o nosso próximo encontro!

Olá, sejam bem-vindos à nossa décima segunda aula do nosso curso de Teologia Sistemática, disciplina Cristologia. Hoje nós entramos numa nova etapa da nossa reflexão. Temos trabalhado temas importantes para a nossa caminhada em relação à Cristologia, desenvolvendo temas importantes para que possamos ter uma base sólida. Como tenho colocado para vocês, mesmo que de forma introdutória, esses temas vão nos dando um alicerce para que nas aulas posteriores possamos ter discussões mais exaustivas acerca de alguns aspectos específicos da Cristologia.

Na aula anterior, trabalhamos questões relacionadas à expiação. Inclusive, eu trouxe aqui para vocês alguns conceitos, algumas teorias equivocadas acerca da expiação. Seguindo essa cronologia, nós passamos pelo ministério terreno de Jesus: as características desse ministério, seu sofrimento, sua humilhação, sua morte – não haveria expiação sem morte. E agora também chegamos num evento de extrema importância, porque esse Jesus... Os profetas nos informaram, quando eu digo nós, estou falando do povo de Deus em toda a história, os profetas informaram que esse Messias nasceria, e ele nasceu.

Também, já no Antigo Testamento, os profetas anunciaram que ele sofreria, que durante a sua vida aqui na Terra, ele sofreria. E, de fato, ele sofreu. Os profetas também profetizaram que ele morreria, que ele morreria em favor do seu povo. E ele, de fato, morreu. E também as profecias do Antigo Testamento... E aí as palavras do próprio Cristo, tanto as profecias do Antigo Testamento como no seu próprio discurso, e aí nós temos Jesus falando acerca de si mesmo, ele também deixou muito claro que estava consciente de todas essas etapas do seu ministério. Ele também disse que sofreria, ele também disse que morreria, mas esse Jesus também afirmou, em vários momentos, que iria ressuscitar. Que iria ressuscitar.

E é importante, quando nós construímos todo esse desenvolvimento de conceitos, para refutarmos de pronto a ideia, os pressupostos de algumas escolas de interpretação, ou escolas teológicas, de que a ressurreição tenha sido uma invenção dos crentes da comunidade primitiva. Eu não vou entrar nesse assunto aqui, porque não é a proposta da disciplina, vocês verão isso em outras disciplinas específicas. Mas há aqueles que defendem a ideia de que os discípulos, decepcionados com a morte do seu Senhor, do seu Mestre... Os discípulos decepcionados tinham que superar a perda do seu Senhor de alguma forma. E fizeram isso inventando a história de que Jesus ressuscitou.

Quando eu trabalho essas críticas em minhas aulas, eu sempre destaco alguns pontos: por que esses discípulos, logo ali na frente, morreriam por causa de uma

história que eles inventaram? Quando a igreja começa ali a ser perseguida e esses crentes são desafiados a abandonar o senhorio de Cristo sobre as suas vidas, eles preferem perder as suas vidas, mas não negam o nome de Jesus. Quase que impensável que essa comunidade tivesse tamanha maturidade, tamanha firmeza de fé, sabendo que esse homem chamado Jesus foi um enganador, foi um angústia, que tinha prometido para eles que iria ressuscitar, mas não ressuscitou, e eles tiveram que inventar.

Então, Jesus, para esses teóricos, ele apenas ressuscita no mundo das ideias. Então, os discípulos trouxeram um novo significado para aquilo, e a partir desse novo significado, Jesus ressuscita nos corações daqueles discípulos e também está ressuscitando no coração daqueles que aceitam esse tipo de novo significado, abraçam esse novo ideal. Não é isso. Evangelho não tem nada a ver com isso. Eu quero, mais uma vez, reafirmar a minha crença, que é a crença cristã, é a crença do nosso seminário, é a crença dos protestantes reformados. Isto está exposto em nossas confissões, nos escritos daqueles que expõem as nossas confissões de fé e a nossa confissão teológica: Jesus Cristo ressuscitou fisicamente.

Se tudo, até o momento da sua morte, tinha que ser real, se o sofrimento teve que ser real, se a morte teve que ser real, a sua ressurreição também. Então, Jesus ressuscitou verdadeiramente, fisicamente. Jesus morre, Jesus homem morre, a Bíblia diz que ao terceiro dia ele ressuscita, ele ressuscita, até porque toda a nossa cristologia depende da verdade da ressurreição. Paulo chega a dizer: "Se Jesus Cristo não ressuscitou, se não cremos na ressurreição, vã é a nossa esperança". De fato, não haveria nenhum sentido nem sequer de estudarmos teologia.

Para que estudar teologia de um Senhor que não está vivo? De um Senhor que nos enganou? De um Senhor em que nós não podemos confiar nas suas palavras? Então, por isso que a ressurreição, como um evento real, a ressurreição física do Cristo, ela é essencial dentro da Cristologia cristã e, obviamente, dentro da Cristologia reformada. Então, de pronto, na introdução desse encontro, eu quero reafirmar a minha crença e a crença do nosso seminário em que Jesus Cristo ressuscitou fisicamente. Apresentou-se depois, já com esse novo corpo, esse corpo glorificado, aos seus discípulos. Depois ele vai para o lado do Pai, está lá à direita do Pai, intercedendo pela igreja, e de lá retornará.

Por que eu posso afirmar? Porque ele prometeu. Então, se todas as palavras do Cristo se cumpriram desde o seu nascimento, desde o seu crescimento, se todas as suas palavras acerca de si mesmo se cumpriram, ou se Jesus Cristo disse que voltaria, e antes de ascender aos céus, ele prometeu isso aos seus discípulos, que ele voltaria, então nós cremos, vemos que Jesus voltará uma segunda vez, para aí sim implantar o seu reino de maneira plena. Reino que já está entre nós, reino que foi inaugurado, reino que já está sendo manifestado, mas esse assunto é para a eclesiologia, talvez a nossa próxima disciplina.

Então eu quero mostrar para vocês aqui alguns apontamentos, no nosso material, até para que, didaticamente, vocês possam desenvolver esse tema comigo. Então, está aí: Ressurreição e Ascensão. Nós estamos chegando aí no final do Ministério Terreno do Cristo. Aí se destaca ali uma arte de onde ele teria sido executado ali, o lenço, o lençol ali já posto de lado, a pedra foi retirada e o túmulo está vazio, o sepulcro está vazio. Então, esse é um símbolo muito especial para nós, cristãos, porque ele representa que tudo aquilo que o nosso Senhor falou se

cumpriu e aquilo que ainda não se cumpriu, se cumprirá. Ok?

Então, nós trabalhamos com essa temática a partir das evidências do Novo Testamento. Eu sempre digo isso: o que nós temos de melhor acerca do Cristo... É claro que é sempre muito bom estudarmos os teólogos, os comentaristas, os teólogos bíblicos, aqueles que dedicam a sua vida para trabalhar questões da vida do Cristo, características da cultura. Claro que é tudo muito bom, ler textos, os textos que foram aqui indicados para vocês na nossa bibliografia, homens que falam acerca da obra do Cristo.

É muito bom poder ler obras como as Institutas, ler aí várias cristologias cristãs que foram escritas na história da igreja. Nós temos aí um material muito vasto acerca desse assunto. O próprio material que eu indiquei do Heber Carlos de Campos para vocês, acredito que em língua portuguesa é o melhor material que nós temos, essa coleção de três livros falando sobre Jesus Cristo, falando sobre Jesus Cristo, tudo isso é excepcional.

Mas o melhor que nós temos acerca de Jesus, o que nos aproxima mais do nosso Mestre, a melhor versão que nós temos dele, o que nos dá a visão mais completa daquele que é o nosso Senhor e Salvador, são os evangelhos. São os evangelhos. Também reitero aqui a minha crença, a minha fé, na inspiração dos evangelhos, creio na inerrância e na suficiência desses evangelhos. Tudo que está contido nos evangelhos está ali por vontade de Deus, por inspiração do Espírito Santo, e creio eu que os autores dos evangelhos foram fiéis, tanto na escrita como foram guiados pelo Espírito Santo para escrever a melhor versão que nós temos de Jesus Cristo.

Então, antes de vermos Jesus, a Bíblia nos promete que um dia nós o veremos, mas até não chegar a esse momento, a melhor forma que nós temos de ver Jesus é através dos seus evangelhos. Ok? Então, quero reiterar aqui essa minha crença para vocês. Mas, então, lá nas nossas informações, quando nós colocamos aqui, nós temos textos dos quatro evangelhos, dos quatro evangelhos: Mateus 28, de 1 a 20, Marcos 16, de 1 a 8, Lucas 24, de 1 a 53 e João, o Evangelho de João, capítulo 20, de 1 a 25, e também até 21, 25, ok? Então, final ali do Evangelho de João.

E estes textos, todos eles são extraordinários. Então, mais uma vez, você deve fazer este exercício de parar um pouquinho a aula e conferir nos textos qual é a narrativa. Eu quero destacar com vocês o texto de João, quando Jesus aparece aos seus discípulos, isso está ali no verso 19: “Ao cair da tarde daquele dia, o primeiro dia da semana, estando trancadas as portas da casa onde estavam os discípulos, com medo dos judeus, Jesus veio e se pôs no meio deles, dizendo: ‘Que a paz seja com vocês!’”.

Depois, o fato vai se desenvolvendo e Jesus se apresenta a Tomé, porque foi um dos que duvidaram. Os discípulos já tinham dito que ele tinha ressuscitado, mas Tomé disse que não acreditaria se não o visse e não colocasse o dedo no seu lado. O texto é tão impressionante que Jesus se apresenta a eles e diz a Tomé: “Bota aqui o dedo, Tomé”. Tomé, quando vê Jesus e toca nele, aí ele diz: “Senhor meu e Deus meu! Senhor meu e Deus meu!”. Aí ele acredita. Quando se está vendo e tocando, fica mais fácil. Aí Jesus disse: “Você creu porque me viu? Bem-aventurados são os que não viram e creram”.

Por óbvio que nós estamos aí nessa turma. Não vimos e cremos. Mas Jesus disse

que nós somos bem-aventurados. Então, no Evangelho de João, nós temos isso. No transcorrer, lendo até o final, a Bíblia vai nos apresentar Jesus ali se apresentando no mar de Tiberíades. Alguns discípulos... Jesus aparece a sete discípulos, eles estão lá pescando, Pedro está lá, e vocês conhecem a história. Jesus aparece lá, pergunta: “E aí, tem peixe? Tem, não?”. “Joga a rede ali”. Todo aquele acontecimento ali, Pedro reconhece quem é que está lá na beira da praia, com vergonha, se joga, há uma pesca milagrosa, talvez com objetivo didático, trazer à memória tudo aquilo que aqueles homens já tinham vivido.

Mas o fato é que Jesus se apresenta ali, ressuscitado fisicamente, prepara uma refeição para os seus discípulos, que é a maior prova de que ele estava vivo. Teria que ser muita criatividade do autor do evangelho. Esses crentes teriam que ser muito inescrupulosos para inventar uma história como essa. E esses mesmos discípulos depois morrer por uma história inventada. Por isso que, para mim, alguns argumentos dos teólogos liberais não significam absolutamente nada. Nada. Por que essa comunidade morreria? Por que essa comunidade pagaria o preço por uma mentira?

Então, para mim, é muito mais forte os detalhes apresentados pelos evangelistas. Eles trazem aqui um Cristo extremamente humano. Um Cristo ressuscitado, mas extremamente humano. Pergunta se tem comida: “Não tem, não pescamos nada”. “Joga ali que tem”. Quando eles chegam, já tem uma pré-refeição ali preparada. Jesus diz: “Rapaz, vocês não pescaram? Tragam”. Prepara-se ali uma grande refeição e depois ele tem aquela conversa com Pedro. Essa conversa do mestre tratando com o seu discípulo, o pastor tratando com as suas ovelhas. E ele tem aquela conversa ali, portanto, com Pedro. Vocês já sabem o final desta conversa.

Então, os evangelistas narram um Jesus Cristo ressuscitado. Veja que nós não estamos... Os evangelistas não apresentam um final fantasioso, nem uma ressurreição no mundo das ideias. Jesus ressuscitou fisicamente. Outro texto interessante, citado para vocês... Deixa eu voltar lá um pouquinho. Outro texto interessante é o texto de Lucas, capítulo 24, de 1 até 53, que também trata do tema ressurreição, mas ali também tem um acontecimento interessante, que é Jesus ali se apresentando aos discípulos no caminho de Emaús.

Então Jesus, já ressuscitado, desenvolve ali uma caminhada com aqueles discípulos. Vocês já conhecem também o desenrolar dessa história. Jesus pergunta, e o tema é justamente esse: ressurreição. Por isso que esse assunto é importante para nós. Eu posso dizer a vocês que eu, particularmente, não tenho nenhum respeito... Posso dizer a vocês: não tenho nenhum respeito por um teólogo que não professa a fé na ressurreição de Jesus Cristo, na ressurreição física. Não tem interesse!

É claro que eu já tive que ler muita coisa pela questão do seminário, por dar aula, por ter que abordar temas teológicos da maneira mais abrangente possível, mas leio e no final fica aquela sensação de perder tempo. Mas todos nós temos que cumprir algumas etapas no processo da aprendizagem e, às vezes, somos obrigados a ler esse tipo de teólogo. E eu tenho até dificuldade de classificar como teólogo alguém que não acredita na ressurreição de Jesus.

Mas o tema ressurreição é importante, tanto que Jesus ali, nesse texto de Lucas 24, de 1 até 53, também ali, chegando no final do Evangelho de Lucas, o texto nos apresenta esse evento e os discípulos dizem: “Olha, por que vocês estão tristes?”. Os dois dizem: “Rapaz, você está onde? Você não sabe o que aconteceu

com o varão valoroso, profeta poderoso, chamado Jesus? O que é que os judeus fizeram com ele? Ele disse que ia ressuscitar, mas até agora nada”.

E aí Jesus começa... Algo que eu acho interessante nesse texto é que Jesus começa a conversar com eles e o texto vai dizer que Jesus expôs, começou lá no começo e expôs todos os profetas para aqueles... Meu Deus do céu, que privilégio desses dois homens. Ouviram aí uma explicação das profecias do Antigo Testamento acerca do Messias, da boca do próprio Messias! Da boca do próprio Messias! E aí vocês conhecem, Jesus chega à casa daqueles homens, Jesus parte o pão naquele momento, o Espírito Santo abre o entendimento daqueles homens, eles entendem quem é que estava ali, mas Jesus sai daquele lugar e eles dizem: “Está vendo, rapaz? É por isso que, enquanto ele falava, a palavra nos ardia nos corações. É por isso que ardia o nosso coração enquanto ele falava”.

Então, essas evidências apresentadas pelos evangelistas, elas, para mim, são excepcionais. Elas são excepcionais. São provas inequívocas de que Jesus, de fato, ressuscitou. Por isso, quando vem com essa conversa: “Não, é uma crescente da igreja, é uma versão da igreja, foi a igreja que...”. Eu não tenho muito respeito por esse tipo de afirmação, não. Ok? Então, como os sofrimentos do nosso Senhor, sua vida terrena foi uma vida real, seus sofrimentos foram reais, sua humilhação foi real, sua morte foi real, sua ressurreição também foi um fato real. Jesus Cristo ressuscitou.

E aí, teologicamente, isso tem uma série de significados. Se ele ressuscitou, esta ressurreição garante a nós uma série de consequências. Por isso que Paulo vai dizer lá em Coríntios que ele é “a primícia dos que dormem”. Se Jesus Cristo ressuscitou, todos aqueles que foram representados por ele também ressuscitarão um dia. Já pensou como é bom saber disso? Como é bom saber disso? Que temos a garantia da nossa ressurreição. E por que temos essa garantia? Porque aquele que nos representa ressuscitou. Se ele ressuscitou, temos a certeza de que também nele ressuscitaremos. Ok?

Então, vamos ver aqui mais algumas outras informações que vão nos ajudando na nossa reflexão. Muito bem. E aqui alguns apontamentos do significado doutrinário da ressurreição. A ressurreição do Cristo assegura a nossa regeneração. Acho interessante quando Paulo, lá em Romanos, capítulo 8, versos 28 a 30, quando ele fala sobre aquele plano de salvação: “todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus”, e ele vai apresentar ali: “aos que Deus amou, a esses também predestinou; aos que predestinou, também justificou; aos que justificou, também glorificou”.

Todo esse processo só é possível por causa da ressurreição. Por causa da ressurreição. Lá no Apocalipse, capítulo 20, aquele texto tão discutido, que fala sobre aqueles que reviveram, que reviveram, ou aqueles que ressuscitaram, mesmo que seja um texto bem discutido, e as definições exegéticas, as conclusões exegéticas acerca daquele texto sejam bem plurais, mas nós temos ali um indício também dessa consequência da ressurreição. O texto ali fala de um grupo que morreu e de um grupo que reviveu, ressuscitou.

E, claro que esse evento, independentemente da sua escola escatológica, aponta para uma continuidade de vida e uma vitória sobre a morte. Se você crê que isso é antes do milênio, depois do milênio, aí é outra história. Mas o que eu estou querendo colocar aqui é que, naquele texto ali também, naquele texto também, aquilo só é possível para aquele grupo porque esta ressurreição, de fato, foi

real.

Por isso que as consequências teológicas dessa ressurreição... Opa! Se ele, de fato, ressuscitou, então tudo aquilo que ele prometeu que seria imputado aos seus seguidores, aos seus discípulos, acontecerá. Ok? Então, voltando lá para as nossas informações. Veja: a ressurreição de Cristo assegura a nossa regeneração. 1 Pedro 1, 3. Efésios 2, de 5 a 6. Colossenses 3. Filipenses 3, 10. Romanos 6, 4 e 11. A ressurreição de Cristo também assegura a nossa justificação.

Mais uma vez eu falo, né? Se Jesus Cristo não ressuscita fisicamente, tudo aquilo que ele falou era mentira. Por isso que já disse alguém: "Ou Jesus Cristo é Deus, ou ele foi o maior impostor da história". Ou tudo aquilo que ele falou acerca de si mesmo se cumpre, ou ele foi um lunático, um maluco, um embusteiro, um enganador. Por isso que é tão importante a nossa defesa e o nosso entendimento correto acerca desses princípios.

Porque, se Jesus ressuscitou, e aqui eu estou falando com cristãos que não duvidam dessa ressurreição, Jesus, de fato, ressuscitou, então esta ressurreição assegura a nossa justificação. Vejam que, nesse desenvolvimento desses princípios, isso deve produzir em nós uma fé madura, uma fé consistente. Temos dúvidas? Não temos dúvidas em relação ao nosso destino eterno.

Então, essa afirmação também pode ser melhor entendida a partir de textos como Romanos 4, 25, Filipenses 8, 9, Romanos 4, 2 e Efésios 2, 6. Ok? A ressurreição de Cristo assegura-nos de que iremos receber igualmente corpos ressurretos, perfeitos. Repito aqui a afirmação: a ressurreição de Cristo assegura-nos de que iremos receber igualmente corpos ressurretos, perfeitos.

Isso também pode ser conferido lá em 1 Coríntios 6, 14 e João 20, 27. E que promessa maravilhosa, hein? Nós... Você já nasceu com um corpo com defeito. Já nascemos com defeito de fábrica, não é verdade? Na verdade, nós nunca experimentamos o que é ter um corpo sem a influência do pecado, nunca. Nós não sabemos o que é isso. O nosso melhor vislumbre é Jesus, é a narrativa dos evangelhos, é o melhor vislumbre.

Mas nós já nascemos com esse problema. Problema que foi visto lá em Antropologia Bíblica: já nascemos condenados, maculados, depravados pelo pecado. Então, por isso que adoecemos, por isso que essa nossa existência aqui, ela é tão curta, ela é tão cansativa. Vivemos para conquistarmos algumas coisas e, quando conquistamos, já estamos chegando ali no final da nossa existência, já não temos nem mais saúde para desfrutarmos daquilo que lutamos tanto para conquistar. Essa é a realidade humana: de manhã, uma coisa; tardezinha, já somos outra, já somos outras.

E aqui, a ressurreição de Jesus Cristo nos assegura que nós iremos receber novos corpos. Olha que maravilha! Olha que maravilha esse apontamento na nossa Cristologia! Nós receberemos novos corpos. Corpos perfeitos. Por que perfeitos? Porque já serão corpos livres da ação do pecado. Corpos livres da ação do pecado. E por que isso é possível? O que nos garante isto? Por que Paulo podia dizer: "Eu sei em quem tenho crido, estou bem certo, de que ele é poderoso para guardar o meu tesouro até aquele dia"? Por que nós podemos afirmar isso? Porque ele ressuscitou. Sua ressurreição nos garante.

E, assim como ele ressuscita, ele ressuscita ali com o corpo glorificado, nós

receberemos um corpo à semelhança do dele. Imaginem o que é isso? Vamos receber um corpo... Receberemos corpos semelhantes ao do nosso Senhor. Corpos perfeitos, sem pecado. Corpos glorificados. É isso que vai acontecer na grande ressurreição. Nós ressuscitaremos, receberemos novos corpos, e então estaremos com o Senhor. Apocalipse fala muito bem disso, quando fala dessa fusão, dessas duas realidades: Deus descendo para habitar com o seu povo, e a Bíblia dizendo que Ele habitará conosco, no nosso meio, Ele será nosso Deus, nós seremos seu povo por toda a eternidade.

E será um céu de seres humanos, com corpos agora livres do pecado. Imaginem! Por isso que uma das melhores definições que eu li, que eu já ouvi até hoje, do que seja céu, do que seja essa nossa realidade eterna, é justamente esse retorno ao paraíso. Vamos viver uma realidade semelhante à realidade de Adão, antes do pecado. Então, tira-se o pecado, restaura-se, inclusive, a criação, que espera ardentemente por essa regeneração, pela manifestação dos filhos de Deus, é isso que Paulo nos informa lá em Romanos. Então, esse povo agora, ressuscitado com novos corpos, viverá essa nova realidade. Então, isso é possível pela ressurreição física do nosso Senhor.

Na nossa próxima aula, daremos continuidade à nossa reflexão. Fiquemos por aqui. Um grande abraço. Até!

Olá, sejam bem-vindos à nossa décima terceira aula do nosso curso de Teologia Sistemática, disciplina Cristologia. Vamos dar prosseguimento à nossa análise das características da obra do Cristo. Na aula passada, conversamos um pouco sobre as características doutrinárias da ressurreição, significados que surgem a partir da ressurreição.

Então, conversamos um pouco acerca da importância da doutrina da ressurreição e dos seus desdobramentos teológicos para a nossa disciplina. Afirmamos a nossa crença de uma ressurreição física e, por óbvio, uma ressurreição real. E por ser uma ressurreição real, todas as promessas que dependiam do cumprimento desta fala do Cristo também, estas promessas se tornam verdadeiras.

Como eu disse, o Nosso Senhor disse que nasceria e nasceu, disse que sofreria e sofreu, disse que morreria e morreu, disse que ressuscitaria e ressuscitou, e Ele disse que vai voltar. Então, podemos crer na veracidade das Suas promessas, tendo a certeza de que tudo aquilo que Ele prometeu se cumprirá.

Então, eu quero continuar a nossa reflexão com vocês, voltando um pouquinho para o nosso material. Aqui foram aqueles significados da ressurreição: a ressurreição de Cristo assegura a nossa regeneração, a ressurreição de Cristo assegura a nossa justificação e a ressurreição de Cristo assegura-nos de que iremos receber igualmente corpos ressurretos.

O interessante do nosso próximo apontamento é que fala justamente sobre a ascensão do Cristo. Sobre a ascensão do Cristo. Interessante que esta ascensão do Cristo também tem um significado todo especial para nós e eu quero destacar dois aspectos da importância disso. Primeiro, a ascensão do Cristo significa que Ele está em uma nova posição. Na verdade, depois da Sua ressurreição Jesus Cristo ainda se apresenta em alguns eventos para os Seus discípulos.

Nós vimos, inclusive, as referências de alguns deles, e se apresenta já com esse novo corpo. Mas, no texto apontado pelo material, tanto em Atos como em Lucas, há essa narrativa da Sua ascensão, da Sua ida para o Pai. Então, esta ida tem

dois significados importantes para nós. Primeiro, que Cristo agora está em uma nova posição: está à direita do Pai.

Interessante que nós, os textos sagrados, observa-se isso de maneira muito clara na teologia paulina, de que estamos em Cristo, estamos em Cristo, esta também é a nossa nova posição. Paulo chega a dizer, chega a falar sobre isso lá em Efésios quando ele diz que nós já estamos assentados com Cristo nas regiões celestiais.

Então, esta ascensão do Cristo também tem um significado teológico para nós muito especial, porque, estando em Cristo, nós estamos onde Ele estiver, entendem? E aqui não é uma redundância, não. Estando nós em Cristo – e nós estamos, nós que fomos alcançados pela obra, a obra do Espírito Santo e passamos a ser habitação Sua – nós que estamos em Cristo e Cristo está em nós, aonde Ele estiver, nós também estamos, ok?

Por isso que Paulo escreve dessa forma, de que já estamos assentados com Cristo nas regiões celestiais. Claro que não é a nossa realidade plena, ainda não é o nosso estado final, porque ainda estamos nesses corpos maculados pelo pecado, ainda vamos passar pela ressurreição, o mesmo processo do Cristo. Nós ainda iremos... a não ser que Ele volte antes disso. A não ser que Ele volte antes disso.

Mas se Cristo não voltar, teremos que passar pelo mesmo processo: morreremos, ressuscitaremos e, então, estaremos eternamente com o Senhor. Mas esta ascensão do Cristo, ela já traz esse significado para nós: podemos ter certeza de que esse processo será concluído em nós, porque Aquele que nos prometeu e Aquele que nós depositamos a nossa fé nEle, Ele já cumpriu com essa promessa. Ele já cumpriu com essa promessa.

Então, como nós temos visto, todas as promessas feitas pelo nosso Senhor são verdadeiras. Então, nós podemos descansar nas promessas do Senhor. Ok? Vamos lá. Muito bem.

Então, Cristo subiu para um lugar. Atos 1, 3, Lucas 24, 50. Cristo recebeu mais glória e honra como Deus-homem. Vocês podem ver evidências disso nesses textos: 1 Timóteo 3,16, Hebreus 1,4 e Apocalipse 5,12.

Esse texto de Apocalipse é um texto que eu gosto muito dele. É uma narrativa para muitos comentaristas. O capítulo 5 de Apocalipse é uma narrativa da ressurreição do Cristo e fala justamente dessa honra, dessa glória, desta reverência do universo ao Cristo.

Naquele texto ali, nós vemos uma problemática sendo apresentada, como eu já falei em outros momentos para vocês: nem no céu, nem na terra, nem debaixo da terra havia ninguém digno de ser adorado. E Cristo é apresentado, o Cordeiro como tinha sido morto, mas que está vivo, está de pé, e naquele momento há uma adoração, pode ser chamada de uma adoração cósmica, uma adoração universal.

O céu, a terra e os que estão representando ali forças demoníacas se dobram diante dAquele que está de pé, diante do Cristo. Então, por quê? Porque justamente Ele está em uma nova posição. Ele está em uma nova etapa do Seu ministério. O Messias se encarnou, o Messias sofreu e agora o Messias ressuscitado, Ele está na Sua fase de glorificação. Agora Ele está sendo

glorificado. Ok?

Mas o que vale salientar é que, em tudo isso se cumprindo na vida do Cristo, são evidências que devem produzir em nós essa certeza de que esse processo também irá ser concluído em nós. Aquele que começou a boa obra em nós, Ele é fiel e justo, Ele é poderoso para levar essa obra até o seu final. Ok?

Mas voltemos lá para as nossas informações. Cristo assentou-se à destra de Deus. Lá em Hebreus 1, 3, Efésios 1, de 20 a 21 e 1 Pedro 2, 22. Essa é a nova posição do Cristo. Essa é a nova posição do Cristo.

Interessante também... Nós vamos ver um pouco disso daqui a pouco, quando eu tiver que destacar com vocês os três ofícios de Cristo, também vamos ver isso de maneira introdutória, não vamos trabalhar à exaustão cada um dos ofícios, apenas trazendo a ideia dos três ofícios de Cristo. Mas isso que nós acabamos de falar estará ligado ali, intrinsecamente, ao Seu ministério como Sumo Sacerdote.

Então, na próxima aula eu vou falar sobre isso... daqui a pouco... na próxima aula, não, ainda nessa aula nós vamos abordar essa questão dos três ofícios do Cristo: Cristo como profeta, Cristo como sacerdote, Cristo como rei. As Sagradas Escrituras O apresentam dessas três formas, mostrando esses três ofícios presentes na vida do Cristo.

Mas aqui está para nós, para a Igreja, algo que é extraordinário. Onde está Cristo? Onde está Cristo? Cristo está à direita do Pai. Fazendo o quê? Intercedendo por nós. Então, quando eu for tratar da questão do ministério sacerdotal do Cristo, Ele agora é o nosso Sumo Sacerdote, então eu falo um pouquinho mais acerca disso. Ok?

Voltemos... Cristo assentou-se à destra de Deus. Lá no capítulo 5 de Apocalipse, quando diz: "Ele, alguém que estava assentado num trono e esse alguém tinha um livro na mão, escrito por dentro, por fora, ninguém podia nem abrir, nem se caminhar, nem olhar para ele". Aí o texto vai dizer que esse que se levanta, vai lá e toma o livro da mão do que está assentado, o livro da Sua destra.

São todas figuras de linguagem que trazem a ideia de que esse que se levanta é igual ao que está assentado. O que está assentado no trono é Todo-Poderoso e o que se coloca de pé e vai lá e coloca e pega o livro da mão daquele que está assentado é Todo-Poderoso também. É Todo-Poderoso também! Essa ideia de igualdade. Temos alguém Todo-Poderoso intercedendo por nós junto ao Pai. Isso deve produzir muita alegria em nossos corações!

A ascensão de Cristo tem importância para a nossa vida. É aquilo que eu estou destacando para vocês. E essa ideia pode ser conferida em 2 Coríntios 10, verso 4, Hebreus 2, de 5 a 8, e Apocalipse 2, de 26 a 28. Por que isso tem importância para a nossa vida?

Porque isso tanto fala de características da nossa vida cristã atual, como também da nossa realidade futura. Ou seja, se a obra do Cristo está sendo realizada em nós, podemos descansar que Ele levará essa realização dessa obra até o final. E que isso já tem implicações para agora, para agora! Esta novidade de vida já está sendo produzida em mim agora! Por quê?

Porque Aquele que morreu por mim, Aquele que realizou a obra perfeita por mim,

Aquele que está à direita do Pai, está lá intercedendo por mim. Isso tanto tem implicações para agora, para hoje, como implicações futuras! Então, hoje Cristo está agindo em mim e eu posso ter a certeza de que essa nova posição dEle e também me garante essa minha nova posição futura. Vocês entendem?

Então, a Cristologia Reformada, ela trabalha justamente com esses desdobramentos teológicos: humanidade perfeita, representação perfeita, divindade perfeita, intermediação perfeita. Já que é algo perfeito que está sendo feito, então o que se espera é perfeição na aplicação desta obra. E é isso que está diante dos nossos olhos: Cristo como o nosso Salvador, Cristo como o nosso Rei, Entronado, como já vimos, Ele realiza algo perfeito por nós. Por isso que as consequências teológicas, as consequências doutrinárias e as consequências práticas são apresentadas e nós vamos sendo convencidos pelas informações trazidas pelas Sagradas Escrituras. Ok?

Então, nós temos um Salvador que agora, por estar em uma nova posição, e esta nova posição nos garante que a intermediação que Ele está fazendo é perfeita e que temos efeitos para a nossa vida agora e implicações também para a nossa vida futura, para toda a nossa eternidade.

Vamos prosseguir aqui com as nossas informações. Isso aí, que figura legal para representar. Isso que eu falei para vocês em relação à fala introdutória. Uma fala introdutória acerca dos três ofícios do Cristo: Cristo como rei, Cristo como sacerdote e Cristo como profeta. Então, esses três ofícios podem ser observados no ministério do Cristo.

****Cristo como Profeta:**** Ele é Aquele sobre quem foram feitas as profecias do Antigo Testamento. Então, quantas profecias nós temos no Antigo Testamento que foram profecias que falavam justamente da manifestação de Cristo como Messias? E em Seu ministério messiânico, claramente está inserido essa característica de profeta.

Cristo foi, de fato, um profeta. Não um profeta que pode ser colocado em pé de igualdade com os profetas do Antigo Testamento. Não, porque Ele estava acima. Ele sempre esteve acima. Então, Ele não é um profeta igual aos profetas do Antigo Testamento. Ele foi um profeta acima. Acima, não é verdade?

Interessante. Uma ideia do que eu estou tentando trazer para vocês nesse momento com a minha fala é o que Cristo faz, por exemplo, quando Ele faz aplicações do Sermão do Monte. Somente Cristo teria autoridade para fazer o que Ele fez. Somente um profeta que está acima dos profetas poderia fazer o que Ele fez naquele episódio.

Falando ali às multidões, falando ali aos Seus discípulos, falando especificamente, no primeiro momento, aos Seus discípulos, mas depois esse sermão chegando, as multidões chegando até nós, mas naquele momento ali Ele diz: "Ouviste o que foi dito? Eu, porém, vos digo...". Lloyd-Jones trabalha muito bem essa ideia também, que somente Deus poderia trazer, somente Deus poderia falar dessa forma.

Então, Cristo, Cristo sendo Deus, Ele tinha autoridade. Então, vejam que Ele é um profeta que está acima dos outros. Os profetas poderiam apenas dizer: "Assim diz o Senhor, assim diz o Senhor...". Cristo, é claro que Ele não contradiz o que havia sido profetizado, o que estava descrito na lei, mas Ele tem autoridade

para dizer: "Olha, há um significado maior do que esse que vocês identificaram e eu quero, como autor disso aí que vocês estão tentando obedecer, eu quero dizer que há um significado maior".

Por isso que Ele: "Ouviste o que foi dito? Eu, porém, vos digo...". E Ele traz uma aplicação maior ali, uma aplicação mais profunda ou, como poderiam dizer alguns, uma aplicação mais espiritual. Um exemplo disso: os judeus, os doutores da lei, achavam que só se poderia cometer adultério se de fato você concretizasse o ato, tivesse uma relação sexual com a mulher... Jesus vai dizer: "Olha, se você olhar para uma mulher e no seu coração já desejá-la, você já cometeu adultério".

Vejam que Ele traz um significado... é um profeta com uma visão bem mais abrangente. Mas os profetas do Antigo Testamento falaram sobre a manifestação do Messias, mas desse Messias também como boca de Deus, como esse que viria falar e seria a revelação perfeita de Deus. Então, Cristo é o profeta.

Lá em Hebreus, acho interessante quando o texto diz: "Olha, até esses nossos dias", ou "nos últimos dias, Deus nos falou pelos profetas, até João. E, por último, nos falou pelo Seu Filho". Como se Cristo fosse o último profeta e o maior profeta de todos. Se Ele fosse o último profeta, estaria ali trazendo a revelação direta de Deus, e o maior de todos eles.

Voltemos aqui para a nossa informação. Então, Ele é Aquele sobre quem foram feitas as profecias do Antigo Testamento. Ele não era meramente o mensageiro da revelação de Deus, mas era Ele mesmo a fonte da revelação de Deus. Tem um significado bem mais forte que os profetas do Antigo Testamento.

Esses textos podem ser lidos por vocês: Lucas 7,16, João 4,19, Deuteronômio 18,15 e 18, João 6,14 e 7,40, e o texto que eu citei aqui agora: Hebreus, capítulo 1, do verso 1 ao verso 2. Entenderam? Então, Cristo como profeta de Deus. Cristo como profeta de Deus.

Outra característica do Seu ministério é o Cristo como sacerdote. Cristo como sacerdote. Ou, agora, não apenas como mais um sacerdote, mas a Bíblia O apresentando como o Sumo Sacerdote, o maior sacerdote, o único sacerdote que nós temos. Nós não temos mais sacerdotes intercedendo por nós, porque simplesmente isso não é necessário. Nós temos o Sumo Sacerdote em nosso favor.

****Jesus tornou-se o nosso grande Sumo Sacerdote, ofereceu um sacrifício perfeito pelo pecado e nos aproxima continuamente de Deus e ora continuamente por nós.**** Vou repetir. Vejam que interessante essa característica do ministério do Cristo e o que isso representa dentro da obra perfeita que foi realizada por nós.

Jesus tornou-se o nosso grande e Sumo Sacerdote. Interessante destacar aqui com vocês, trazendo aqui à memória, algo que vocês já sabem, da função do sacerdote no Antigo Testamento. Ele é aquele que recebia a oferta do pecador, ofertante, e apresentava essa oferta diante de Deus.

Cristo, agora como nosso Sumo Sacerdote, é Ele quem oferece a nossa oferta diante de Deus, mas Ele é a própria oferta. Vejam que a importância da Sua humanidade. O que Cristo apresenta ao Pai é um sacrifício real, é um sacrifício verdadeiro, Ele nos representou de maneira plena e agora, como nosso Sumo Sacerdote, como nosso Sumo Sacerdote, Aquele que oferta por nós diante do Pai,

mas Ele mesmo é a nossa oferta.

Só que, diferentemente dos sacerdotes do Antigo Testamento, que precisavam estar repetindo esse rito – tanto o sacerdote como aqueles que ofereciam as ofertas pelos seus pecados –, agora Ele ofereceu um sacrifício que foi único, perfeito e eterno. Os do Antigo Testamento, não. Eles precisavam ser repetidos, não eram perfeitos, porque eles não ofereciam perdão perpétuo, não faziam isso, e eles não eram eternos, eram temporários. O sacrifício do Cristo, desse nosso Sumo Sacerdote, ele é único, ele é perfeito e ele é eterno.

Por que nós não necessitamos mais oferecer nenhum tipo de sacrifício? Por quê? Porque Cristo ofereceu o sacrifício perfeito por nós, um único sacrifício. Não é necessário mais sacrifícios. A cruz foi o último altar. Nós não temos mais altares em nossas igrejas, não há mais altar.

Nós temos lá... são plataformas onde os púlpitos estão postos para que a Palavra de Deus possa ser exposta e possamos falar deste sacrifício que foi feito, mas não temos mais altares porque não é necessário mais oferecermos sacrifícios. Não temos. Por quê? Porque agora nós temos alguém que ofereceu um sacrifício perfeito, que está à direita do Pai, intercedendo por nós de forma ininterrupta. Não há nenhum momento em que Cristo não esteja nessa posição de igualdade com o Pai e de que Ele não esteja intercedendo por nós. Entendem?

Então, por isso que Ele tornou-se o nosso grande Sumo Sacerdote, ofereceu um sacrifício perfeito pelo pecado e nos aproxima de Deus continuamente. Por que Ele nos aproxima? Porque nós estamos nEle, Ele nos representa e Ele está à direita do Pai, então nós estamos próximos, não estamos afastados. Deus não está distante de nós. Cristo se aproximou...

Todos aqueles conceitos que trouxemos nas aulas anteriores: reconciliação, paz na nossa relação, temos paz com Deus, porque Jesus Cristo nos garantiu esta nova posição. Ok? Então, Ele ofereceu um sacrifício perfeito pelo pecado, nos aproxima continuamente de Deus e ora, ora continuamente por nós. Então, Ele é, de fato, o nosso Sumo Sacerdote e o único que precisamos ter.

Então, todas essas ideias que algumas igrejas, dentro do Evangelicalismo brasileiro, tentam trazer de um resgate desses preceitos do Antigo Testamento, dessa imitação litúrgica de alguns ritos do Antigo Testamento, elas são desnecessárias e são blasfemas. Blasfema, blasfêmia, blasfêmia! Esses irmãos que tentam imitar, tentam trazer para suas liturgias imitações de ritos do Antigo Testamento estão cometendo blasfêmia. Porque estão repetindo algo que não pode ser repetido. Estão representando algo que não é necessário mais: vestuário, imitação das roupas sacerdotais... tudo isso não passa, não passam de uma grande bobagem! Não passam de grandes bobagens!

E nós não necessitamos nada disso! O Evangelho, ele é simples na sua apresentação, porque agora nós não precisamos de nada que era necessário lá no Antigo Testamento. Nada, nada! Nós não precisamos de vestes especiais, nós não precisamos nos preocuparmos com animais, nós não precisamos nos preocuparmos com a forma. Por quê? Porque temos esse Sumo Sacerdote que intercede de maneira plena e perfeita por nós. Ok?

Então, temos que tomar muito cuidado para não cometermos esse tipo de blasfêmia contra a obra do Cristo. Por que nós não temos essa liberdade litúrgica? Por que

nós não temos? Porque devemos ser reverentes a tudo aquilo que o Cristo conquistou. E qual é a única coisa que Ele nos autorizou a fazer em nossos cultos? Celebrar a Ceia do Senhor e batizar em Seu nome, batizar no Pai, no Filho e no Espírito Santo.

"Por que nós não podemos inventar outras coisas, professor?" Porque não nos é lícito! E tudo o que era necessário para que a nossa salvação fosse garantida foi realizada por Cristo, está sendo realizada por Cristo – nesse sentido, porque Ele continua intercedendo por nós até que Ele volte. Até que Ele volte. E aí estaremos com Ele para todo o sempre. Ok?

Mas aqui, nessa... então esses textos devem ser conferidos por vocês, tá bom? São todos textos que são aí comprovações disso que nós acabamos de afirmar: Jesus tornou-se o nosso grande Sumo Sacerdote, ofereceu um sacrifício perfeito pelo pecado e nos aproxima continuamente de Deus e ora continuamente por nós: Hebreus 9,24, Hebreus 10,4, Lucas 23,45 e Romanos 8,38. Ok?

Por último, desse nosso encontro de hoje: Cristo como Rei. Os profetas falavam acerca disso também. Aquele que se assentaria também no trono de Davi, um reino que não teria fim. E Cristo, Cristo de fato... Cristo de fato é o nosso Rei! Após a Sua ressurreição, Deus Pai deu a Jesus muito maior autoridade sobre a Igreja e sobre o universo. Então, isso pode ser conferido por vocês em Mateus 28, 18, 1 Coríntios 15, 25, 1 Tessalonicenses 1, 7-10 e Apocalipse 19, 11-16. Ok? Muito bem.

Voltando aqui. Então, como eu disse a vocês, é uma aula introdutória, né? Histologia também é uma cadeira muito abrangente. Nós temos ainda muitas coisas para tratarmos nas nossas aulas posteriores. Mas fiquemos por aqui hoje. Espero que essas aulas estejam despertando em vocês esse interesse em estudar a Cristologia Reformada. Fiquemos por aqui. Um grande abraço. Até o nosso próximo encontro.

Olá, sejam bem-vindos à nossa décima quarta aula do nosso curso de Teologia Sistemática, disciplina Cristologia. Meus queridos, acredito que nós, até este momento, já conseguimos dar pelo menos uma olhada geral em alguns temas importantes da Cristologia. Meu objetivo é sempre tentar passar o maior número de informações possíveis durante os nossos encontros. Então, conseguindo isso, já é um bom caminho percorrido por nós. Conseguindo passar o maior número de informações possíveis, eu fico satisfeito com as nossas aulas.

Então, o meu objetivo é justamente este: trazer informações, mesmo que introdutórias, que despertem em vocês o desejo pelo aprofundamento em suas pesquisas. Mas, como eu também havia dito nas aulas anteriores, a alguns temas, dada a sua importância, a sua complexidade, a sua polêmica, eu darei uma atenção especial. Nunca tendo a pretensão de ser uma exposição exaustiva e conclusiva, não vou trazer todas as informações e também não estarei concluindo nem encerrando o debate em torno de determinados temas.

Mas, pelo menos, vocês terão condições de ter a ideia de que há, de fato, essa discussão. E, segundo as nossas orientações, orientações que vocês devem buscar na nossa ementa, tanto na bibliografia obrigatória como na complementar, mas também nos livros que são citados aqui, naqueles livros que foram apresentados lá na nossa aula de introdução, bem como em pesquisas que vocês estarão fazendo, vocês terão total liberdade de aprofundar o conhecimento nesses temas que são propostos.

Hoje eu quero começar a tratar com vocês a questão da expiação objetiva ou eficaz. Ela é mais conhecida como expiação limitada. Esse apontamento faz parte dos cinco pontos do calvinismo. É um dos cinco pontos. Nos cinco pontos, você já conhece isso de cor e salteado, mas nós temos ali a eleição incondicional, nós temos ali a depravação total, nós temos aquele que é chamado terceiro ponto, que é a expiação limitada, e nós vamos explicar porque alguns teólogos preferem usar expiação objetiva ou eficaz em lugar de expiação limitada.

Nós temos ali o quarto ponto, que é a graça irresistível. E o quinto ponto, que é a perseverança dos santos. Alguns também preferem mudar, em vez de perseverança dos santos, perseverança nos santos, trazendo a clara ideia de que quem produz essa perseverança é o Espírito Santo. Então, nós vamos fazer isso, e eu terei que fazer um breve resumo histórico de como se desenvolveu esse debate acerca da obra da expiação. Nós já trabalhamos a obra da expiação em algumas aulas anteriores, mas agora nós vamos ter como objetivo este debate sobre esse apontamento.

Eu, inclusive, tinha dito isso em aulas anteriores: que, quando concluísse essa apresentação, essa reflexão geral dos temas, nós iríamos tratar de temas específicos. Então, neste ponto que destaco agora, nós vamos ver como esse tema se desenvolveu desde os pais da igreja, até chegar ali em alguns dos puritanos, está bom? Então, nós vamos gastar aí alguns encontros, alguns encontros, para que eu possa trazer informações acerca desse tema para vocês. Vamos lá? Me acompanhem aí. Vou tentar fazer isso aí da melhor forma possível.

Então, eu destaco aí, como eu estou projetando para vocês, expiação objetiva ou eficaz. Aí a pergunta, essa é a pergunta que gera toda a polêmica: por que Cristo morreu? Por que Cristo morreu? E aqui a pergunta surge a partir da seguinte problemática: Cristo morreu por todos, de forma indiscriminada? Cristo morreu por todos, ou Cristo morreu somente pelos seus eleitos?

Confesso a vocês que, quando eu ouvi essa pergunta pela primeira vez, eu fiquei assim, chocado. Eu enfrentei esse tema no meu segundo ano, segundo semestre do meu curso de teologia. E eu confesso a vocês que fiquei chocado. Fiquei chocado! E, nesse dia, o professor tratou do assunto da eleição, da predestinação. E, quando terminou a aula – e eu desesperado pelas informações que ele havia trazido, desesperado, chocado, revoltado, havia uma série de emoções que foram despertadas em mim – eu o procurei, né? E eu o procurei.

E olhei no olho dele assim e disse: "Olha, eu quero dizer ao senhor que eu não acredito nesse negócio de predestinação, nem de eleição, nem que Cristo tenha morrido somente pelos seus eleitos". E eu fui assim, usei um tom bem agressivo. Ele, um senhor, um cavalheiro, senhor de idade, um pastor inglês que deu aula por muitos anos aqui no Brasil, ele simplesmente olhou para mim e disse assim: "Talvez você não seja um eleito". Deu as costas e foi embora. Era uma característica da personalidade dele.

E aí eu: "Vou estudar e vou mostrar a esse homem que ele está errado!". Para encurtar aqui a história, no final do semestre, eu estava lá pedindo desculpas a ele e afirmando a ele que, também, a partir das pesquisas, das informações, eu também acreditava daquela forma. Mas o processo não foi fácil. Talvez você agora também possa estar passando pelo mesmo conflito. Talvez você fique até desestimulado, dizendo que não quer saber disso, não concorda com isso, e é um

direito seu como aluno, tá bom? É um direito seu como aluno.

Agora, como estudante de teologia, você precisa ter esse enfrentamento com todo tipo de informação. E aí, não somente no final dessa disciplina, mas depois das suas pesquisas, você mesmo vai poder responder a essa pergunta: "Por que Cristo morreu?". Assim como as outras temáticas da teologia sistemática. E eu sempre digo: a teologia sistemática está alicerçada sobre a teologia bíblica, então nós seremos convencidos pelas Sagradas Escrituras. As Sagradas Escrituras é que vão nos convencer da resposta, da solução desta problemática apresentada.

Porque, se você diz que Cristo morreu por todos, algumas coisas precisarão ser explicadas. Algumas coisas precisarão ser explicadas. Algumas dificuldades surgirão. Também, quando você afirma que Cristo só morreu pelos eleitos, também surgem dificuldades, onde teremos que ter uma boa base bíblica e uma boa compreensão das consequências teológicas para que possamos explicar isso a outros. Ok?

Mas vamos lá. Voltando lá, então, nós vamos fazer um, meio que um resumo histórico dessa questão, até chegarmos ali, como eu disse a vocês, nós íamos dar uma olhada desde ali dos pais da igreja, os reformadores, chegando ali até em alguns dos puritanos. Eu disse isso a vocês em aulas anteriores, então é esse exercício que nós vamos fazer.

A morte de Cristo na cruz é um dos cerne do cristianismo. Seu sacrifício foi expiatório, ou seja, removeu a culpa e promoveu a reconciliação entre Deus e os homens pecadores. Pelo sangue vertido na cruz, foram purificados e reaproximados do Santíssimo. A barreira que nos separava foi então removida. A Escritura nos revela que a humanidade se separou do Criador desde que Adão, representando toda a raça humana, pecou e foi expulso da presença de Deus. Mais ainda, no relato da queda, na promessa que ficou conhecida como *Proto-Evangelium*, lá em Gênesis 3.15, foi dito ao homem que haveria um descendente que traria consigo a redenção.

Por que é importante já conversarmos a partir deste apontamento? A morte do cristianismo... A morte de Cristo, obviamente, é um tema central na fé cristã. Se não tiver morte, não tem cristianismo. Se não tiver morte, não tem salvação. Como já ficou bem claro para nós. Por isso, sempre aquela ênfase na necessidade da humanidade do Cristo.

Mas nós vimos que o seu sacrifício foi expiatório. Não foi apenas um exemplo, lembram? Não foi apenas um exemplo. Não foi apenas por necessidade de cumprimento de algum preceito da lei, não foi só por isso. Foi muito mais do que isso. Vocês se lembram? O sacrifício de Cristo foi necessário porque a pena pelos nossos pecados precisava ser paga.

E Cristo, na cruz, não conquista ou Ele não realiza uma possibilidade de pagamento. Ao ler os textos bíblicos, os autores falam como algo que já foi realizado. Algo que já foi realizado. Tanto os profetas do Antigo Testamento quanto o próprio Cristo... Nós temos, inclusive, afirmações do próprio Cristo acerca dos efeitos da sua morte. Como os autores do Novo Testamento falam sobre algo que foi realizado.

Por que é importante colocar isso aqui? Porque, quando nós vamos discutir o alcance desta obra, algumas questões precisarão estarem bem resolvidas. Se você

for convencido de que ali foi conquistado algo e que, de fato, Cristo realizou uma obra perfeita, veja as implicações dos nossos posicionamentos. Se eu digo que Cristo conquistou, realizou, garantiu tudo que era necessário, mas eu afirmo que Ele morreu por todos obrigatoriamente, isso colocará em cima dessa afirmação a obrigação de você ter que afirmar que ninguém será condenado. Que ninguém será condenado.

Porque, se Ele tinha como objetivo, na sua obra, morrer por todos, então Ele pagou o preço por todos. Ninguém pode ser condenado. Aí você vai também dizer: "Não, não é assim que creio. Não é assim que creio. Eu creio que Cristo realizou a obra perfeita, mas depende de quem aceita ou não. Depende do homem em fazer a sua parte ou não". Aí nós já vimos, em aulas anteriores, a complexidade desse tipo de afirmação.

Por isso que os reformados – e aí se identificando com a nomenclatura calvinista dos cinco pontos do calvinismo – por isso que os reformados preferem dizer que Cristo morreu especificamente pelos seus eleitos. Como nós já colocamos em outros momentos, não sabemos quem são os eleitos, nem a quantidade deles. Os evangelhos nos ensinam, nos exortam a pregar o evangelho a toda criatura, "Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura".

Então, nós não sabemos quem são os eleitos, mas afirmamos, cremos que Cristo morreu pelo seu povo, todo o seu povo da história da salvação, desde Gênesis a Apocalipse. Então, pelo seu povo, por aqueles que foram eleitos desde a eternidade – "Cordeiro morto antes da fundação do mundo", "Cordeiro morto antes da fundação do mundo" –, por esse povo, Cristo realizou a obra perfeita. Nós vamos conversar sobre isso, mas vejam a complexidade do assunto.

Então, nesse momento, você pode estar aí com a sua mente... Porque há muita discussão acerca desse tema. Há muito material. Há muitos embates teológicos. Por isso que eu estou dizendo a vocês: o assunto está sendo apresentado. E aí você vai ler. Na nossa bibliografia, estarão lá livros, orientações, indicações, para que vocês estejam aprofundando as suas pesquisas. Ok?

E voltemos para o nosso material. Em Romanos 5, o apóstolo Paulo coloca Cristo como sendo o segundo Adão, aquele que, por meio do seu sacrifício, trouxe a vida e reconciliação, enquanto que o primeiro Adão trouxe desgraça e morte. Em termos factuais, podemos dizer que, entre os dois cabeças federais, aqueles que não estão em Cristo continuam sobre a maldição adâmica, pois são violadores da lei divina. Todavia, os que estão em Cristo, livres estão da condenação, pois são reconciliados com Deus pela morte do seu Filho.

Então, vocês devem também dar uma lida nesse texto. E a ideia aqui é a seguinte: o povo que foi representado por Adão recebeu todas as consequências da sua desobediência. O povo que foi representado por Cristo também recebe todas as consequências da sua obediência. E é aqui que o debate vai se encorpando. Cristo, em sua morte, estava representando a todos de maneira indiscriminada? Será que foi isso? Ou Cristo, na sua morte, estava representando o seu povo?

Cristo, na sua morte, estava morrendo por todos, inclusive por aqueles que irão morrer na incredulidade? Inclusive por aqueles que irão morrer na incredulidade? Vejam que o debate, ele é necessário, ele é importante, que às vezes as pessoas se chocam e dizem assim: "Não, mas você está diminuindo, vocês estão diminuindo o valor do sacrifício, vocês estão diminuindo a eficácia do sacrifício de

Cristo, dizendo que ele morreu apenas pela sua igreja". Não! Cristo morreu apenas pela sua igreja!

Mas só que, às vezes, essas pessoas não percebem que, quando dizem que Cristo morreu por todos, em um grande percentual da humanidade, morrem na incredulidade, morrem como rebeldes, morrem jamais sem terem se dobrado ao senhorio do Cristo, estão também afirmando algo muito mais sério, algo muito mais irreverente: de que, de alguma forma, a obra do Cristo foi ineficaz na vida das pessoas, ou nem ineficaz, completamente nula. Completamente nula!

Nós veremos que o desenvolvimento desses conceitos são importantes para termos condições... E, lá na frente, podemos emitir algum juízo de valor acerca disso. Claro que o posicionamento também dependerá da exegese de alguns textos específicos. Existem textos difíceis, tanto para um lado como para o outro. Existem textos que, claramente, trazem a ideia de uma expiação objetiva, de uma expiação eficaz, de uma expiação exclusivista, ou seja, uma expiação oferecida só por um povo.

Agora, existem textos nas Escrituras que podem trazer a ideia de que esse sacrifício do Cristo tenha sido oferecido não somente por aqueles que iriam crer no seu nome. E aí, essa análise de texto por texto, nós não teremos como fazer aqui, mas aí vocês poderão estar pesquisando e comparando argumentos. Hoje também nós temos acesso às ferramentas digitais, onde você pode pesquisar de maneira muito rápida e comparar discursos.

Mas vamos prosseguir. No entanto, sabemos que nem todos gozarão de comunhão com o nosso Senhor. Parte da humanidade não se salvará da ira vindoura, e seu estado de rebelião os levará à condenação. Tal constatação só é negada por teólogos universalistas. Interessante isso aqui, não é? Somente um universalista poderá questionar esse óbvio. No entanto, sabemos que nem todos gozarão de comunhão com nosso Senhor. Ou seja, o que está sendo posto aqui?

Mesmo que você faça parte de uma tradição arminiana, mesmo os nossos irmãos arminianos dizem que nem todos se salvarão. Nem todos permanecerão salvos. Isso é um pressuposto da teologia arminiana. Basta ler os escritos arminianos, e é isso que os nossos irmãos defendem. Então, eles não discutem de que nem todos serão salvos. Ok? E não há discussão acerca disso. Só quem contesta isso são os universalistas.

Então, o universalista vai dizer: "Não, o sacrifício de Cristo foi por todos, independentemente se haverá crença ou não, haverá arrependimento ou não, o sacrifício de Cristo é eficaz para todos. Então, todos serão salvos". Todos serão salvos! Mas não estamos do mesmo lado desse grupo. Não somos universalistas.

Mas vamos lá. Que entendem que todos, sem nenhuma exceção, virão a ser salvos. Todavia, arminianos e calvinistas seguem o que a Escritura diz a respeito da condenação dos que não creram em Cristo e na mensagem do Evangelho. João, capítulo 3, verso 18. Sendo assim, uma questão surge: se Cristo morreu para perdoar os pecados dos homens, mas muitos homens serão condenados, logo, esse sacrifício não é de todo abrangente. Daí a importante pergunta: por quem Cristo morreu?

Entendem a problemática que está sendo apresentada? Sendo assim, uma questão

surge: se Cristo morreu para perdoar os pecados dos homens, mas muitos homens serão condenados, logo, este sacrifício não é de todo abrangente. Daí a pergunta, daí a importante pergunta: por quem Cristo morreu? Vocês estão percebendo? Quando vamos trazendo o desenvolvimento da temática, como nós percebemos que teremos que tomar uma posição, teremos que tomar uma posição.

E é claro que, como eu digo sempre, nós sempre escolhemos as escolas que se aproximam mais das Escrituras. Isso não quer dizer que essas escolas sejam perfeitas. Falando de escolas de interpretação, sistemas teológicos, confissões de fé, nós abraçamos e até subscrevemos escolas, confissões, sistemas que nós acreditamos que eles mais se aproximam daquilo que as Sagradas Escrituras dizem. Mas isso não quer dizer que eles sejam sistemas perfeitos e isentos de dificuldades. Mas uma pergunta está diante de nós: nem todo mundo vai se salvar. Isso é fato. Então, o sacrifício de Cristo foi eficaz para quem?

Então, quer dizer que não é somente o que Ele faz? É necessário a participação do homem? O homem tem participação nesse processo? Se você é monergista, você vai dizer: "Não! Deus é o único responsável pela salvação". Se você é sinergista... Mono é a ideia de uma força só atuando para realizar algo. Sinergismo, de sinergia, a ideia de duas ou mais forças atuando para a realização de algo. E aí? Daí, no apontamento, surge uma importante pergunta: por quem Cristo morreu? Por todos ou pela sua igreja?

Vamos prosseguir na nossa reflexão. E aí, como eu disse a vocês, a gente vai fazer aí meio que um resumo histórico da coisa, do desenvolvimento do conceito da expiação, até chegarmos ali em alguns dos puritanos, como nós já tratamos em alguns aspectos da expiação ali só pelo viés da teologia sistemática, então aqui é mais um desenvolvimento histórico específico acerca da doutrina da expiação, levando para essa discussão da expiação objetiva ou expiação eficaz. Ok? Vamos lá.

Há algumas teorias da expiação. Antes de adentrarmos na chamada expiação limitada, que corresponde ao terceiro dos conhecidos cinco pontos do calvinismo, precisamos ver que, no desdobramento da doutrina cristã, vários teólogos tiveram concepções distintas acerca do caráter expiatório da morte de Cristo. Na patrística, a expiação ainda não era uma doutrina bem definida, e os teólogos da época escreveram coisas não muito importantes acerca do assunto. É preciso reconhecer que temas como o cânon, a Trindade, as naturezas de Cristo consumiam a maior parte do labor teológico.

Aqui tem uma situação. Berkhof, e identifica-se ali a sua obra, chega a fazer a seguinte declaração, usando expressões do teólogo Macintosh: "Se tivéssemos que nomear quaisquer teorias que caracterizavam o período patrístico grego, [o] salientarismo, que Macintosh chama de 'a grande doutrina esotérica da expiação na igreja grega'". Ou seja, foi aquilo que foi apresentado a vocês, que foi uma proposta feita por Orígenes, ou seja, de que foi pago um resgate ao diabo. Também o que ele apoda de "a teoria esotérica do *recapitulatio*". Ok?

"Dentre os pais latinos, nem mesmo Agostinho, o maior de todos eles, engendrou algo mais sistematizado acerca da obra expiatória do Cristo. A sistematização dessa doutrina se dará a partir da obra de Anselmo de Cantuária, intitulada *Cur Deus Homo* (*Por que Deus se fez Homem?*), século... Século XI, décimo primeiro século. Nesta obra brilhante, em introdução, Anselmo trata sobre os questionamentos mais agudos do seu tempo, algo do tipo: 'Por que Deus não desfez

as obras do pecado de uma maneira instantânea e mais fácil, dada a sua onipotência?'. Para dar resposta a esse tipo de indagação, Anselmo vai tratar da honra de Deus, e nisso consistirá o cerne do seu argumento.

"Otton resume esse argumento da seguinte forma: 'Como um rei desprezado pelos atos [in]abitantes de um subalterno, Deus deve ter um atributo apropriado para compensar a afronta de sua honra. Dada a infinitude da majestade de Deus, a penalidade deve ser infinita, e somente um substituto infinito pode satisfazê-lo'. Porque aqui já há desenvolvimento desses conceitos, de conceitos mais específicos acerca da necessidade e da eficácia da expiação. Então, Roton cita esse pensamento aqui: "Como um rei desprezado pelos atos [in]abitantes de um subalterno, Deus deve ter um atributo apropriado para compensar a afronta da sua honra. Dada a infinitude da majestade de Deus, a penalidade deve ser infinita, e somente um substituto infinito pode satisfazê-lo".

Então, meus queridos irmãos, nós vamos... Deixa eu voltar aqui. Nós demos início aí nessa nossa reflexão acerca desse tema aí, a expiação objetiva ou eficaz. Vamos ficar por aqui. No próximo encontro, daremos continuidade à nossa reflexão. Grande abraço!

Cristologia - Aula 15: Transcrição Editada

Olá, sejam bem-vindos à nossa décima quinta aula do nosso curso de Teologia Sistemática, disciplina Cristologia. Estamos conversando sobre a questão da expiação eficaz ou expiação objetiva. Na aula anterior, mostrei a vocês a necessidade de respondermos a esta pergunta, a esta problemática apresentada. Num primeiro momento, ela parece ser de pouca importância, mas quando analisamos as consequências teológicas do nosso posicionamento, vamos entendendo a seriedade de termos uma base sólida acerca desta problemática.

Não é apenas uma pergunta especulativa, no sentido de matar uma curiosidade apenas. Estamos vendo que é algo importante para a nossa Cristologia. Entender também o resultado da expiação faz com que possamos ter uma pregação que está de acordo com aquilo que as Escrituras ensinam acerca da obra de Cristo. Aqui, a nossa pesquisa não tem como objetivo definir qual é o melhor sistema teológico. Como eu disse na aula anterior, todos os sistemas são tentativas humanas de propor a melhor metodologia de estudo, a melhor forma de viver a fé de acordo com as Escrituras.

Acredito eu que esse é o objetivo de todo sistema, de todo sistema teológico, de todo sistema de interpretação. O nosso exercício aqui é tentar averiguar se o nosso sistema é o que mais se aproxima daquilo que as escrituras revelam. Então, nós estamos tratando desse assunto e agora daremos prosseguimento à análise das nossas informações para que, lá na frente, nós tenhamos condições de nos posicionarmos acerca disso. Cristo morreu por um grupo específico de pessoas ou Ele morreu por todos de maneira indiscriminada?

Então, vamos conversando, vendo o desenvolvimento da doutrina da expiação e até chegarmos, lá na frente, a um melhor posicionamento. Ok? Muito bem. A seguinte colocação é de Louis Berkhof: "Assim o Pai aceita o sacrifício voluntário do seu Filho para que a sua desonra não ficasse impune diante da realidade do pecado. Punição e satisfação seriam as únicas alternativas que Deus escolheu para satisfazer sem punir a raça humana com o extermínio. Daí a necessidade da encarnação". Tudo aquilo que temos falado até agora.

"Pois, se para desfazer a desonra de um ente infinito, o próprio Filho, que é da mesma essência do Pai, eternamente gerado, cumpriu esse papel, por outro lado, Ele também deveria ser humano, pois da raça humana veio a ofensa". Aí a citação de Berkhof: "Foi mistério que o Deus-homem prestasse a obediência que o homem deixara de prestar a Deus. Todavia, isso não era bastante para manter a honra a Deus, pois, ao assim fazer, Ele nada mais faria do que seu dever como homem, e isso não poderia constituir mérito da sua parte".

"Entretanto, na qualidade de ser impecável, Ele não estava sobre a obrigação de sofrer e morrer. Isso foi algo inteiramente voluntário da Sua parte. E ao submeter-se a amargos sofrimentos e a uma morte ignominiosa, no fiel desencargo do seu dever para com o seu Pai, Ele trouxe glória infinita a Deus". Uma citação de Louis Berkhof. Então vejam, esses conceitos vão ficando mais claros para nós. Vejam que essa ideia da necessidade do sacrifício humano, por ser um representante da raça humana, teria que ser um sacrifício humano.

Para que houvesse plena justiça à pena que estava sendo imposta e paga, mas também tinha que ser divino. Está vendo aí? Tinha que ser divino para que os efeitos deste sacrifício pudessem ser únicos, perfeitos e eternos. Somente um ser infinito poderia aplacar a ira de outro ser infinito. Somente Deus poderia cumprir cabalmente com as exigências da Sua plena justiça. Por isso que foi necessário que Cristo se colocasse como nosso representante, o Deus-homem.

Então, aquilo que o homem não pode fazer, Ele fez com o homem. E aquilo que o homem não pode fazer como homem, Ele faz como Deus. Entendem? Aquilo que o homem não pode fazer, Ele fez. E aquilo que o homem não pode fazer, Ele o fez como Deus. Interessante é que, quando analisamos esse assunto, vamos ver também que Ele tanto é o sacerdote como Ele é a oferta. Ele se coloca na posição de sacerdote, mas também Ele é esta oferta voluntária.

Ele não o faz por constrangimento, não é uma obrigação. É um ato voluntário de amor, em obediência amorosa à vontade do Pai. Vemos claramente que aquilo que foi feito foi algo importante. E aí os conceitos vão sendo clareados em nossas mentes. Será que toda essa perfeição do que está sendo feito, tanto a perfeição daquele que está fazendo, não nos garantiria nada? Ainda assim deixaria sobre a nossa responsabilidade completar algo que tinha sido iniciado?

Será que é isso? Mas vamos prosseguir aqui na análise das nossas informações. Muito bem. "Embora tenha sido um avanço para a época, o ensino de Anselmo possui fraquezas exegéticas e não pode ser visto como sendo igual à formulação da substituição penal feita pelos reformadores séculos mais tarde. Mesmo tendo o mérito de focalizar a ofensa do pecado para com Deus, Anselmo reduz a expiação a um tratado econômico entre o Pai e o Filho, sem fazer o devido relacionamento com os pecadores".

"Ademais", aí ele vai fazer outra citação de Berkhof, "nos adverte que a doutrina de Anselmo", aí ele apresenta alguns erros, "erroneamente apresenta a punição e a satisfação como alternativas dentre as quais Deus poderia escolher. Não deixa lugar para a ideia que, em seus sofrimentos, Cristo sofreu a penalidade devida ao pecado, pois reputa os sofrimentos de Cristo como um tributo voluntário à honra de Deus, um método supérfluo que teria servido para compensar deméritos".

"A leis, na realidade, essa é a ideia católica romana da penitência aplicada à

obra de Cristo, e ela é incoerente porque parte do princípio ou costume da lei privada, segundo o qual o lado prejudicado poderia exigir qualquer satisfação que se achasse por bem e, então, a fim de estabelecer a absoluta necessidade da expiação, dá um salto para o ponto de vista da lei pública e a expiação unilateral, pois baseia a redenção exclusivamente sobre a morte de Cristo, negando a significação expiatória da sua vida. Apresenta a aplicação dos métodos de Cristo ao pecador como se for meramente externa. Não há qualquer indício da união mística entre Cristo e os crentes".

O que é que nós estamos vendo aqui? Aquele conceito lá apresentado a princípio, antes daquela citação do Berkhof, e é importante eu voltar aqui um pouquinho... Opa, voltando. Essa citação aqui, não aquela de Berkhof, não essa aqui, certo? Mas essa: "Ele diz: o Pai aceita o sacrifício voluntário do Cristo para que não ficasse impuro". A crítica de Berkhof é esse trecho aqui. Esse trecho aqui.

Ele diz que foi já um avanço no pensamento, só que ele ainda é limitado. E ele apresenta os porquês desta limitação. Então, é importante você, quando chegar lá, parar, analisar a crítica que Berkhof fez e dar uma olhada aqui no conceito novamente. Em relação a essa citação aqui do Berkhof, está tudo certo. Foi em cima dela que eu fiz o meu comentário acerca de uma visão correta do que Cristo estava realizando. Ok? Muito bem.

Deixa eu passar aqui um pouquinho. Pronto. "No período medieval, o que veremos, até que surja a Reforma, são ideias sincréticas acerca da expiação. Tomás de Aquino, por exemplo, tem traços de Anselmo e de Abelardo em suas formulações. Ele chega a alegar que havia uma necessidade para expiação, e que esta iria sanar a dívida do pecador com Deus. Mas não vê essa necessidade como inerente da justiça e santidade do Senhor. Ao invés disso, ela é necessária apenas porque Deus estabeleceu que fosse um método para a reparação do pecado, sendo algo inerente à vontade divina e não aos seus atributos".

Temos aqui um enfraquecimento que Anselmo postulou acerca da necessidade de um sacrifício expiatório. Então, aqui nós estamos vendo que no desenvolvimento desta questão, da discussão dessa problemática acerca da expiação, da necessidade dela, das suas características, os autores, os teólogos, no desenvolvimento dessa doutrina na história da igreja, eles vão, como é que eu coloco, vão desenvolvendo a teologia acerca disso.

Mas ainda um pouco distante daquilo que hoje nós temos definidos como Cristologia Reformada ou Cristologia Confessional. A gente vai perceber uma progressividade no desenvolvimento dos conceitos acerca da expiação. E aqui nós vamos chegando no apontamento acerca dos Reformadores e a expiação. Qual seria uma ideia geral? É claro que, quando você estuda os Reformadores, eles também escreveram muita coisa acerca da expiação.

Então, o que eu estou trazendo aqui para vocês são conceitos gerais. Não espere aqui, como eu sempre coloco, que eu consiga, dentro dessa limitação de tempo que nós temos, tratar de maneira exaustiva todo o desenvolvimento de doutrinas tão importantes como esta. Bom, apenas mostrando para vocês um desenvolvimento desta doutrina. Então, vamos para a questão dos Reformadores.

Para os Reformadores, havia uma questão penal para que Cristo realizasse a sua obra expiatória. Aprofundando a teoria de Anselmo, os Reformadores transferiram um argumento privado que falavam em honra ferida e colocaram numa esfera pública

quando, ao afirmarem que o homem quebrou a conhecida lei de Deus e, por isso, precisava pagar o preço pela sua transgressão. Assim, para os Reformadores, não há uma escolha entre satisfação e punição. Uma coisa não exclui a outra.

E a justiça de Deus foi satisfeita através da punição vicária de Cristo. "Vicária" está falando justamente de punição substitutiva. Cristo sofrendo no lugar do pecador. Tal como Paulo escreveu aos Coríntios: "Deus tornou pecado por nós aquele que não tinha pecado, para que Nele nos tornássemos justiça de Deus". Segunda Coríntios 5:21. Então aí a gente já começa... Deixa eu voltar aqui para vocês...

...já começamos a observar essa ideia da Cristologia Reformada já tomando corpo. A partir desse desenvolvimento, os Reformadores vão pensar em outros conceitos. A partir das cinco solas, vocês também já conhecem, há um desenvolvimento da doutrina, depois em Calvino... Calvino será o sistematizador... sistematizador de muita coisa. Vocês sabem que Calvino não foi original na maioria das suas ideias... eu digo original, ele não foi o primeiro a escrever acerca de muita coisa que ele escreveu, mas Calvino, claramente, foi um extraordinário sistematizador.

Então, esses conceitos, com o caminhar da Reforma Protestante, com a produção teológica de teólogos reformados, e depois pelo próprio Calvino, e depois por discípulos de Calvino, então é que nós chegaremos aos famosos cinco pontos do calvinismo, depois também bem representados no Sínodo de Dort. Então, é isso que você precisa compreender, que essas doutrinas ou esses posicionamentos teológicos não surgiram do dia para a noite.

Por isso que também não podemos sermos inocentes de acharmos que vamos dominá-los rapidamente. Não é isso. É necessário tempo. Tempo tanto para a pesquisa, para a reflexão e para a aplicação dessas informações. Ok? Então, nós começamos a ver aí o desenvolvimento embrionário desses princípios reformados, inclusive desse ponto que nós estamos abordando, da expiação objetiva ou da expiação eficaz. Vamos lá, vamos voltar para lá.

Muito bem. "Portanto, a Reforma opta pela doutrina da substituição penal, na qual Cristo voluntariamente se entrega para morrer no lugar dos pecadores, sofrendo a punição como se fosse um pecador, mesmo sem ter cometido nenhum pecado". É didático ao expor a necessidade penal da expiação. Ele diz: "Deus tem que punir o pecado, não por causa de qualquer constrangimento externo, mas devido a quem Ele é e o que é o pecado".

Voltando aqui a leitura para ficar mais clara: "Deus tem que punir o pecado, não por causa de qualquer constrangimento externo, mas devido a quem Ele é e o que é o pecado. Se o pecado ficasse impune, isso seria às custas da santidade de Deus. Além do mais, a justiça da nossa salvação seria minimizada". Minimizada. Por quê?

"Pois nosso perdão fluiria do mero esquecimento e não de uma resolução definitiva e final a esse respeito". Esse conceito aqui é importante. Que ele seja entendido para a nossa discussão, para o nosso debate, para o nosso posicionamento lá na frente da questão da problemática apresentada de por quem Cristo morreu. Cristo morreu por todos ou Cristo morreu pelo Seu povo, mesmo que não saibamos a quantidade dos integrantes desse corpo, ok?

Eu gosto sempre de frisar isso porque, quando se fala: "Cristo morreu somente pela sua igreja", sempre tem uma ideia reducionista. Não sabemos quantas pessoas fazem parte da igreja; eu sei que é muita gente, são todos os eleitos de Deus por toda a história da salvação. Então, desde Adão, todos os que foram salvos e os que serão ainda, antes da volta de Cristo. Então, é muita gente. Então, Cristo não morreu por poucas pessoas, Ele morreu por muita gente. Se você, no final, se identificar com aqueles que defendem uma expiação eficaz ou uma expiação objetiva.

Mas esse conceito aqui é importante demais para nos ajudarmos nessa resolução dessa problemática. Deus tem que punir o pecado. Então, Cristo ali está recebendo real punição, não por causa de qualquer constrangimento externo. Deus não estava sendo constrangido por ninguém. Também não foi por não suportar o nosso sofrimento e não suportar o nosso castigo eterno. Não.

O interessante é que esse Deus resolve ter uma relação conosco. Lá em Teontologia, nós vimos que o alicerce da eleição é o amor de Deus. Deus nos amou. Por quais razões? Desconhecemos. Não sabemos por que Ele nos amou. Não sabemos. O que sabemos é que Ele nos amou. Ele nos ama. Ok? Então, foi porque, devido a quem Ele é, esse Deus resolve ter comunhão conosco, só que Ele é santo. Deus não pode ter comunhão com o pecado.

Segundo a Sua própria lei, o pecado precisa ser punido. Punido. Então, a necessidade está na devida punição do pecado e no entendimento correto da santidade de Deus. Então vejam que é algo muito sério. Nós só podemos ter uma relação verdadeira com Deus, por quê? Porque em Cristo, o que impossibilitava esta nossa comunhão com Deus, foi retirado. Porque Cristo recebeu sobre si a punição pelos nossos pecados.

Veja, não pode ser apenas uma ideia. Não pode ser apenas um exemplo. Não pode. Se eu admito isso, é como se eu tivesse dito que Ele não fez absolutamente nada. Nada. E aí nós voltamos para aquilo que nós vimos na aula anterior. Ou o que Ele fez não garante nada, ou o que Ele fez garantiu tudo a um grupo, e aí nós chamamos esse grupo de povo de Deus, de igreja, enfim.

Ou este sacrifício, ele é, assim, perfeito, e ele garantiu a salvação de todos, até mesmo daqueles que morrem na incredulidade. E aí nós temos três grupos distintos. Nós temos aqui aqueles que representam uma teologia que diz que Cristo fez a Sua parte, mas que agora é necessário que o homem faça a dele. Nós temos uma teologia, e que essa oferta... esse primeiro grupo, que essa oferta de salvação está sendo feita a todos, mas ela só terá efeito sobre a vida daqueles que a aceitarem... aceitarem a Jesus.

Nós temos o outro grupo que diz: "Não, o que Cristo realizou foi perfeito, perfeito, tudo o que Ele tensionou foi realizado". Então, se tudo o que Ele realizou foi perfeito e tudo o que Ele tensionou foi realizado, então um grupo específico recebeu todos os benefícios deste ato. E sobre este grupo Ele produz novo nascimento, fé, arrependimento e todas as características ali do ato da salvação e do processo da santificação. E nós chamamos esse grupo de povo de Deus, igreja, enfim.

E aí nós teríamos um terceiro grupo, daqueles que dizem que o que Cristo realizou, de fato, foi suficiente para salvar os pecados de todos, independentemente se a pessoa vai exercer fé, vai se arrepender ou não. E aí nós

estamos diante daquilo que é costumeiramente classificado como universalismo. Os universalistas dizem que, no final de tudo, todos serão restaurados. Inclusive os anjos rebeldes. Inclusive os anjos rebeldes.

E eles chamam, numa linguagem muito bonita, da vitória final do amor. Deus é amor. Então, esse amor seria vencido se ficasse alguma, pelo menos uma única criatura desse Deus que amou, sofrendo por toda a eternidade. Então, ali no último capítulo, no final da história, Deus vai, por causa do que Cristo fez, restaurar a todos. Claro que eles fazem isso baseado em alguns textos... falam acerca disso baseado em alguns textos...

Não é o objetivo aqui da nossa disciplina, porque nós estamos aqui trabalhando com essas duas possibilidades: ou Cristo morreu por um grupo específico, ou Cristo, de fato, morreu por todos, mas esse sacrifício só teria eficácia se esses aceitem, permitam que esses benefícios sejam aplicados sobre as suas vidas. Ok? Vamos voltar para lá. Desenvolvendo o conceito.

"Cristo, como substituto do seu povo, assumindo a culpa pelos seus pecados, é o assunto que domina a Escritura e que tem, no sistema sacrificial judaico", olha lá, tudo aquilo que a gente está conversando, no Antigo Testamento, "uma sombra daquilo que o Filho de Deus realizaria no Calvário. O israelita ofertava o animal em sacrifício por conta do pecado. O ofertante era culpado".

"Mas, através da imposição de mãos, a sua culpa era transferida... a sua culpa era transferida à oferta". Esse detalhe aqui é importante também para a nossa conversa. Veja, havia uma identificação do ofertante com a oferta. E qual era a identificação? Ele colocava a mão sobre. Colocava a mão sobre. Não há nenhum exagero... nenhum exagero afirmar isso, está de acordo com a Cristologia Reformada, de que Cristo, na Sua morte, na Sua oferta, Ele também estava se identificando com um grupo.

Entendem o que eu estou colocando? Cristo não está morrendo ali sem representar alguém! E aí é que a problemática vai se tornando mais séria. Porque qual era a exigência lá no Antigo Testamento? O que os sacrifícios representavam? O ofensor leva a oferta e, no momento em que ele entrega ao sacerdote, ele tem que colocar a mão sobre a oferta. Isso representa identificação, cumplicidade entre os dois.

O animal era inocente, o ofertante era culpado. Só que naquele momento, aquele ato representa transferência de culpa. Então, não é nenhum exagero afirmar que Cristo, no sacrifício ali do Calvário, Ele está se identificando com o grupo. Ou, segundo a segunda alternativa que nós estamos trabalhando, ou com todos. Mas se eu digo que, no sacrifício de Cristo, Ele está levando sobre si o pecado de todos, eu estou afirmando que todos serão salvos.

E creio que essa não é uma possibilidade para nós. Mesmo aqueles que não se identificam com o sistema calvinista de teologia, você vai dizer que todos serão salvos? Há vários textos na Bíblia afirmando que não! Jesus usou uma figura de linguagem muito simples de entender: "a porta é estreita, o caminho é apertado". Ele disse que são muitos que entram pelo caminho da perdição, muitos! E os que entram pelo caminho da salvação são poucos. Palavras de Cristo! Palavras de Cristo!

Então, como admitir a possibilidade de um sistema de interpretação, de um sistema teológico que diz que, no Seu sacrifício, Ele estava representando a

todos? Isso não está de acordo com aquilo que os sistemas... os sacrifícios... todo o sistema sacrificial judaico no Antigo Testamento apresentava. Eu era responsável pela minha oferta, havia uma identificação, eu não poderia ir ali e sacrificar no lugar de outro. Não, não tem lógica isso, não tem lógica. Ok?

Então vejam que é importante esse tipo de informação para a nossa problemática... Terminar de ler essa informação aqui, porque aí nós continuamos no próximo encontro. "O ofertante era culpado, mas, através da imposição de mãos, a sua culpa era transferida à oferta. O sacerdote, então, sacrificava o animal e aspergia o seu sangue sobre o propiciatório. O ofertante ficava livre da culpa".

O autor da carta aos Hebreus trata disso. No capítulo 10, lemos que todo o antigo sistema sacrificial apontava para o sacrifício de Cristo, não passando de sombras. Por isso que, ano após ano, os sacrifícios se repetiam. Mas quando Cristo é imolado, como o Cordeiro Pascal, os pecados são removidos de uma vez por todas, de modo que não há mais a necessidade de sacrificar.

Vocês percebem como a coisa vai encaminhando para uma visão de uma expiação mais específica, de uma expiação mais objetiva? Espero que, até aqui, todos estejam aí interessados sobre esse tema. Na próxima aula, nós daremos prosseguimento. Abraço, até o nosso próximo encontro!

Olá, sejam bem-vindos à nossa décima sexta aula do nosso curso de Teologia Sistemática, Disciplina Cristologia. Vamos dar prosseguimento às nossas reflexões acerca daquela problemática apresentada: por quem Cristo morreu? E aí, vocês já conseguiram ter uma noção de qual será a sua resposta?

O nosso objetivo é sempre termos uma resposta que se aproxime o máximo possível daquilo que as Escrituras nos revelam. Um conselho que eu dou a todos vocês também, e que tenho procurado seguir, é que não devemos fazer dos nossos posicionamentos doutrinários, principalmente em questões sensíveis como esta, cavalos de batalha. Ou então nos tornarmos arrogantes, porque, pela graça de Deus, tivemos a oportunidade, às vezes, de ter informações que outras pessoas ainda não tiveram.

Uma das coisas que nós devemos fugir é de que o conhecimento teológico produza algum tipo de orgulho em nossos corações. Principalmente aqueles que já entenderam que foram salvos somente pela graça, que estavam completamente condenados e que não podiam fazer absolutamente nada pela sua salvação. Em corações destes não pode haver nenhum tipo de orgulho.

Nós sabemos, se temos algum conhecimento de Deus e se chegamos ao entendimento correto de algo acerca de Deus, que é tão somente pelo ato de graça e de misericórdia do Todo-Poderoso sobre as nossas vidas. Não é porque sejamos melhores do que os outros, não. Quanto mais aprendemos das Sagradas Escrituras, mais nos sentiremos menores. Porque a nossa visão aproximada de Deus sempre aumentará a nossa pequenez. É para isso que a teologia serve.

Para isso que a teologia serve: para mostrar quem somos e também para que possamos entender melhor quem Deus é. E quando as coisas estão caminhando bem, sempre será o caminho inverso: quanto mais se estuda, mais humildade, mais piedade, mais esse sentimento de que carecemos desesperadamente da graça de Deus sobre as nossas vidas.

Mas a teologia, por outro lado, também nos oferece essa oportunidade de estarmos estudando temas relacionados à nossa fé. E este é, além de polêmico, além de sensível, um tema que alegra o nosso coração. Porque saber que Cristo realizou tudo isso por mim, saber que Cristo realizou tudo isso por você é algo extremamente edificante. Então vamos dar prosseguimento às nossas informações.

Muito bem. Isso aqui nós já vimos na aula passada. Pronto. Há uma citação aqui de Letham: “O caráter vicário do sistema sacrificial do Antigo Testamento era plenamente evidente. Uma pessoa peca e é culpada. Um animal morre e a pessoa fica livre, porque esse animal é morto em seu lugar. Nós também pecamos e estamos sob o juízo de Deus. Cristo toma o nosso lugar e morre em nosso favor, vicariamente, recebendo o nosso pecado e as suas consequências, e assim somos libertados”.

Extraordinária, não é? Essa citação. Vejam que, mais uma vez, é reforçado esse caráter de que algo concreto foi realizado. Que não foi apenas uma possibilidade, ou algo que tenha sido feito, deixado ali guardado e somente usado ou somente tornado eficaz a partir de outras atitudes.

O caráter vicário do sistema sacrificial do Antigo Testamento era plenamente evidente. O que é que ele representava? E esta representatividade é elevada ao máximo na cruz. Todos nós concordamos que todos os sacrifícios do Antigo Testamento apontavam para o sacrifício maior que seria oferecido pelo Cristo. Ponto. Nisto todos nós concordamos.

O que esses sacrifícios do Antigo Testamento representavam? Uma pessoa peca e é culpada, ok, um animal morre e a pessoa fica livre porque esse animal é morto em seu lugar. Mesmo que ali no antigo testamento, e a gente sempre fala disso, os sacrifícios tinham resultados limitados e temporários, mas naquele momento em que ele estava sendo feito, ele representava uma realidade espiritual na vida do ofertante.

Naquele momento em que ele oferta, em que o seu pecado é imputado à oferta que está sendo morta em seu lugar, aquilo representa transferência de pecados e perdão. Mesmo que no outro dia essa pessoa, dependendo do calendário da religião, ele teria que voltar para oferecer novo sacrifício, mas naquilo que ele representava ele era eficaz, representava a cumplicidade do ofertante com a oferta.

É isso que eu preciso que vocês façam esta correlação de maneira objetiva. Cristo não pode ter morrido de maneira subjetiva. Cristo morreu por quem? Por todos. Mas a sua obra é eficaz sobre quem? Aí eu digo: não, ela é eficaz apenas na vida daqueles que creem em seu nome. É como se Cristo ali estivesse se oferecendo por ninguém.

Ou também, racionalmente, a possibilidade de que ele poderia ter morrido por ninguém é extremamente plausível, porque todos poderiam ter dito não. Este é um peso que pesa sobre os que pensam desta forma: se é o homem que decide se aceita ou não a eficácia desse sacrifício, então todos poderiam dizer não.

Aí se responde: não. Mas Deus sabe quem diria sim e quem diria não. Aí há a conclusão lógica que se faz a partir desta afirmação: ué, então por que Cristo morreria e pagaria o preço daqueles que ele saberia que diriam não ao seu sacrifício? Entendem?

De todo modo, acaba chegando na mesma conclusão de que Cristo teria morrido por um grupo em específico. Então, essas informações vão apenas reforçando a profundidade da nossa reflexão. Por quem Cristo morreu? Pelo seu povo? Pela sua igreja? Ou por todos? Vamos prosseguir aqui na leitura.

Só terminando de ler novamente aqui: “Então, o animal é morto em seu lugar. Nós também pecamos e estamos sob o juízo de Deus. Cristo toma o nosso lugar e morre em nosso favor, vicariamente. Nosso lugar. Recebendo o nosso pecado e as suas consequências. E assim somos libertados”. Calvino, né?

Eita, aqui nós temos uma citação de Calvino, né? Diz assim: “A eficácia salvífica da expiação não estava limitada à morte de Cristo. Ela se estendeu por todo o curso de sua obediência. Assim, o nascimento, a vida, os ensinamentos e os milagres, junto com o seu sofrimento e morte, pertencem à sua obra de expiação. Enfim, desde que se revestiu da pessoa de servo, começou a pagar o preço de nossa libertação, a fim de redimir-nos”.

“De fato, não há disjunção alguma entre a morte de Cristo na cruz e o seu contínuo ministério de intercessão à direita do Pai. O fruto da morte de Cristo é sempre novo e duradouro para os cristãos, pois mediante sua intercessão ele propicia Deus para nós e santifica nossas orações pelo aroma do seu sacrifício, socorrendo-nos pelo beneplácito de sua advocacia”.

Que citação maravilhosa, né? Que citação maravilhosa aqui de um trecho da escrita de Calvino nas Institutas. Eu sempre tenho dito aos meus alunos: “Quer conhecer fé reformada, quer conhecer teologia calvinista, leia as Institutas”. Mas vejam, Calvino também fala de algo muito mais profundo.

Veja que ele estende o conceito de expiação. Ele estende. E é extraordinário o que ele escreve. Ele vai dizer que a obra do Cristo não está restrita nem limitada... Que foi até uma crítica, lembram? Tem uma das teorias lá atrás.

Ele vai dizer que a obra da expiação é muito mais abrangente, ela não está restrita nem limitada somente à morte. Ele vai dizer que no nascimento, ao ministério do Cristo, aos seus milagres, ao seu sofrimento, à sua morte, tudo isso, a partir disto, Cristo já está oferecendo a expiação perfeita em nosso lugar. E isto está de acordo com tudo aquilo que temos visto até esta aula. Os conceitos vão se encaixando.

Por que ele nasceu? Por que sua vida? Por que seus ensinamentos? Já são um cumprimento disto. Porque isso só pode acontecer por causa da encarnação do Verbo, o **λόγος** (logos) divino se encarnou. Então, a encarnação já faz parte desta obra, da obra que foi totalmente realizada pelo nosso Senhor. Vocês entendem?

Vejam que é muito mais do que apenas um exemplo, é muito mais do que apenas conceitos, é muito mais do que apenas Cristo tornando possível. Eu tenho dificuldades com esse tipo de afirmação. Quando eu ouço algum pregador falando isso, a testa gira na hora. Cristo tornou possível! E agora, o que você vai fazer com tudo isso?

E não entendem esses que fazem esse tipo de afirmação, que estão diminuindo a força, o peso. Estão diminuindo a grandeza daquilo que foi realizado. O “está

consumado" que foi verbalizado pelo nosso Senhor, perde completamente a sua força. Se tudo o que ele fez ainda depende da obediência humana, da aprovação humana, ou da perseverança humana...

São as consequências, por exemplo, daqueles que acreditam que alguém que foi salvo, alguém que foi alvo da ação regeneradora do Espírito Santo, que foi iluminado, que se arrependeu de seus pecados, os efeitos da obra do Cristo foram imputados a ele, mas em que algum momento essa pessoa pode perder completamente a sua fé, pode apostatar da fé, pode não perseverar, ele pode perder a sua salvação.

Os que assim afirmam não entendem que estão desmerecendo por completo, desvalorizando por completo tudo aquilo que foi realizado por Cristo. Aí, Calvino vai dizer que tudo o que foi feito por ele faz parte desta obra da expiação. "O fruto", ele diz, "o fruto da morte de Cristo é sempre novo e duradouro para os cristãos. Pois, mediante sua intercessão, ele propicia Deus para nós e santifica as nossas orações pelo aroma do seu sacrifício". Que coisa linda, hein? "Socorrendo-nos pelo beneplácito da sua advocacia".

Então, desde o seu nascimento até a sua posição agora, Cristo está oferecendo uma expiação perfeita, completa a obra e agora está intermediando a nossa relação com Deus. Será que de fato houve um grupo de pessoas pelas quais Cristo morreu, mas esta obra não trouxe sobre este grupo nenhum tipo de benefício? Cristo foi incompetente? O Espírito Santo foi incompetente?

Cristo queria fazer algo. O Espírito Santo também queria convencê-los da obra. Mas essas pessoas não quiseram. Será que de fato existe um grupo assim? Prossigamos nas nossas informações.

Vamos lá. Outro aspecto que deve ser dito sobre a posição de Calvino é que ele também trata do caráter subjetivo da expiação e seus efeitos na vida do cristão. Ele ensina que o crente se apropria da morte de Cristo, se apropria da morte de Cristo e, em resposta a ela, busca viver uma vida de obediência.

Essa apropriação da obra do Cristo na vida do cristão é o tema do terceiro volume das Institutas, que Calvino intitulou "A maneira de se receber a graça de Cristo e os frutos que daí nos provenham e que efeitos se sigam". Então, Calvino via também esse caráter subjetivo, entendendo a obra do Cristo, entendendo essa posição.

O cristão vê essa posição, esse entendimento correto, refletindo na sua caminhada cristã, inclusive se apropriando de maneira correta dos meios de graça. O crente que entende... Vejam, isso aqui é interessante dizer para vocês, o crente que entende todas as características da obra da expiação, tudo aquilo que representa, tudo aquilo que foi conquistado...

A sua maneira, por exemplo, de participar do sacramento da ceia é completamente diferente, porque naquele momento de ceia ele entende o que aquilo representa, ele entende, ele não vai participar daquilo de forma indigna. Na minha opinião, participar de maneira indigna está muito atrelado a não entender a profundidade do que aquele ato litúrgico representa.

É participar de maneira irreverente, como se fosse um ato qualquer, como se fosse algo que representasse algo de pouca importância. E não é! O sacramento da

ceia do Senhor é justamente a melhor representação que nós temos hoje de tudo aquilo que foi realizado por nós na cruz.

E, entendendo a profundidade do que foi realizado na cruz, como é que eu participo daquilo de forma indigna? Como é que eu participo daquilo de todo modo? É praticamente impossível. Então, por isso que é de suma importância, tanto para nós, pastores, vocês, futuros pastores, futuros líderes, discipuladores, doutrinadores, pregadores, que vocês também sejam assim, dominados por esse conceito mais profundo do sentido da expiação do Cristo.

Porque isso também redundará em seus discursos, em sua maneira de falar sobre o sacrifício do Cristo. Não tenho dúvida disso. Se olhar sobre os textos, as suas exposições acerca do Cristo ganharão muita força. E você vai estar falando de algo que, na sua opinião, foi real e os efeitos são reais na sua vida. Isso será percebido na sua fala, no seu semblante, porque isso produzirá em você, em nós, alegria e reverência. Alegria e reverência. Ok? Sigamos aqui nas nossas informações.

Vamos lá. Nós chegamos ali em Dortie. “A teoria conhecida como expiação limitada tem sua formulação influenciada pela doutrina da eleição calvinista. E é nesse pressuposto que surge a compreensão de que Cristo não morreu por toda a humanidade, mas apenas para os eleitos, conforme diz o próprio Jesus: ‘Eu dou a minha vida pelas minhas ovelhas’. Cristo é o mediador do seu povo”, conforme disse Horton. E aí está a identificação da citação.

“Nos eternos conselhos da Trindade, o pacto da redenção, o Pai elegeu um certo número dentre toda a raça humana e deu a seu Filho como seu guardião e mediador, com o Espírito empenhando-se para trazê-lo a Cristo, a fim de receber todos os benefícios da sua mediação”. Nós já estamos falando aqui de um apontamento de Dortie.

“Nos eternos conselhos da Trindade, o pacto da redenção...”, falamos muito isso lá em Antropologia Bíblica, vocês se lembram, “o Pai elegeu um certo número dentre toda a raça humana e deu a seu Filho como seu guardião e mediador, com o Espírito empenhando-se para trazê-lo a Cristo”, obviamente está falando aqui do Espírito Santo. “O Espírito empenhando-se para trazê-lo a Cristo, a fim de receber todos os benefícios da sua mediação”.

Vocês estão vendo aí que o conceito de que algo grande, algo perfeito, algo competente foi conquistado? O Pai determina, o Filho executa e o Espírito aplica. Essa regrinha que eu ensinei para vocês, lá em Teontologia. O Pai determina, o Filho executa e o Espírito aplica.

Mas tudo que é feito é sempre feito pela Trindade. É interessante enfatizar isso aqui para vocês. Porque quando eu uso essa divisão, é apenas uma divisão didática. Todas as obras sempre são feitas pela Trindade. Nossa salvação é realizada pela Trindade. As três pessoas da Trindade sempre estão envolvidas no nosso ato de salvação. Ok?

Vamos lá. A coisa vai se aprofundando. Espero que isso esteja trazendo empolgação para o seu coração, de estudar mais acerca do assunto. “Este entendimento aceito por toda a tradição reformada começa a ser questionado com o surgimento do arminianismo, que defenderá a expiação universal”. O que seria isso?

“Ou seja, que Cristo morreu por todos os homens. Mas, utilizando-se de inferência lógica, se Cristo morre vicariamente e assume nossa culpa e punição, bebendo o cálice da ira do Pai para livrar toda a humanidade da condenação, logo todos seriam salvos. Só que uma parte da humanidade provará do cálice da ira do inferno, pagando pelos seus próprios pecados. Sendo assim, o sacrifício de Cristo que visava a salvação de todos os homens ou foi ineficiente, já que alguns não se salvarão”. Uma pergunta: “Já que alguns não se salvarão...”.

Veja, também cabe aqui, porque às vezes... E é até uma fala legítima, viu gente? As pessoas dizem assim: “Mas o que se apresenta é uma caricatura da teologia arminiana”. Não, existem conceitos que são básicos em todos os sistemas. Claro que um arminiano escrevendo ou falando ou dando aula acerca desse tema, ele poderia se expressar de maneira distinta, colocar de maneira distinta ou até explicar de outra forma.

Ele até poderia... Não, não é isso que nós cremos. Como também isso acontece quando um arminiano vai expor o sistema calvinista. É outra coisa que eu quero chamar a atenção de vocês. Porque tem alunos que dizem: “Olha, porque às vezes isso se apresenta, é uma caricatura do sistema”.

Esta é uma falha que todos os sistemas carregam. Quando eu falo de um sistema oposto ao meu, ocorrem duas questões: ou eu faço uma caricatura porque não entendo todas as informações do outro sistema, ou faço por uma questão lógica. Eu entendo que o meu sistema é um sistema melhor, no sentido de que ele está mais próximo das escrituras, e na minha fala eu acabo transparecendo o meu desprestígio pelo outro sistema. Só isso.

Mas não quero dizer que nós estejamos de alguma forma certos. Não. São apenas visões distintas. Mas essa ideia, esta afirmação aqui, esta afirmação de que Cristo morreu por todos, é uma ideia básica do sistema teológico arminiano. Entendeu?

Agora, se você quer entender o sistema arminiano de maneira mais correta, aí eu concordo com você. Você vai ter que ler textos de autores arminianos, que vão falar de maneira mais didática, de maneira mais pedagógica, de maneira mais aprofundada de conceitos arminianos. Ok? Mas aqui é suficiente.

Nós estamos diante de um sistema calvinista, que diz que Cristo morreu por um grupo específico, e também trabalhamos com um sistema teológico que mais representa esse oposto do sistema calvinista. Nós também não devemos resumir o estudo da teologia numa oposição entre esses dois sistemas. Isso também é muito limitado. Mas, nesse momento aqui do nosso curso, é uma etapa que nós precisamos cumprir. Vamos lá.

“Os calvinistas limitam a expiação no que diz respeito à sua extensão”. Então, os calvinistas têm que assumir esse ônus. Todo sistema tem ônus e bônus. Os calvinistas têm que assumir esse ônus. Então, os calvinistas limitam a expiação apenas no que diz respeito à sua extensão. O que é isso? Cristo morreu por um grupo.

“Os arminianos, por sua vez, a limitam, como vimos, no que diz respeito ao seu poder, ao seu valor inerente, à sua eficácia, visto que apenas torna possível a eleição de todos, mas não assegura realmente a salvação de ninguém”. Vou

repetir. “Os calvinistas limitam a expiação apenas no que diz respeito à sua extensão”.

Cristo morreu por um grupo específico, restrito, limitado. Cristo não morreu por ninguém a mais, por nenhum indivíduo a mais daqueles que foram eleitos. Esse é um pressuposto da teologia calvinista. E nós temos que assumir o ônus. Se, porventura, aparecem textos nas escrituras que tragam a ideia de que Cristo teria morrido por todos, cabe a nós uma explicação. Certo?

“Os arminianos, por sua vez, a limitam, como vimos, no que diz respeito ao seu poder”. Cristo ofereceu a obra, mas ela não é perfeita. Porque ela necessita da aceitação do pecador. Ou seja, ele limita o seu poder, o seu valor inerente e a sua eficácia.

“Visto...”, e é uma afirmação da teologia arminiana, “visto que apenas torna possível...”. Até os arminianos... Aí você vai ter que pesquisar o que os arminianos chamam de graça preveniente, graça precedida ou graça oferecida de antemão. É um conceito arminiano de que Deus... Não é o mesmo conceito de graça especial defendida pelos calvinistas.

Os calvinistas falam em graça comum, que é a graça dispensada a todos. É uma graça também como meio de preservação da humanidade. E os meios dessa graça comum estão aí em todas as áreas. Também não cabe aqui eu colocar tudo isso. Então, não é disso. Os calvinistas vão falar de uma graça especial, a graça irresistível, que essa só é dispensada, ela só é lançada sobre os eleitos.

Então, o eleito é alvo dessa graça irresistível, ele não pode resistir a essa graça e obrigatoriamente ele se submeterá ao senhorio do Cristo. Ele se arrependerá dos seus pecados, será convencido pelo Espírito Santo do pecado e do juízo e confessará ao Cristo. Não, aquilo que os arminianos defendem... Isso está lá em seus escritos, é a ideia de que Deus, por essa graça preveniente, essa graça que precede o ato de fé, ele dá a capacidade a todos, e que Deus restaurou em todos essa capacidade de dizer sim ou não.

Ou seja, mas ainda assim, ainda que esse conceito fosse verdade, o homem está sobre... O homem tem o poder de dizer sim ou não. Não há nenhuma segurança da aplicação da obra do Cristo sobre esse indivíduo. Mesmo que Cristo tenha tensionado morrer por ele, mesmo que Cristo tenha realizado toda a sua obra em seu favor, mas isso não garantiu nada em absoluto, porque ele ainda assim pode dizer: “Eu não quero”. Ok?

Então, só confirmando aqui com vocês, né? Veja: “Os calvinistas limitam a expiação apenas no que diz respeito à sua extensão. Os arminianos, por sua vez, a limitam, como vimos, no que diz respeito ao seu poder, seu valor inerente, sua eficácia, visto que apenas torna possível a salvação de todos, mas não assegura realmente a salvação de ninguém”.

Muito bem. Vamos dar prosseguimento à nossa reflexão sobre esse tema. Estamos seguindo aí para o final. Mais uma vez, enfatizo com vocês: são apenas introduções ao tema, as conclusões só surgirão a partir de muitas pesquisas. Fiquemos por aqui. Deus abençoe, até o nosso próximo encontro. Um grande abraço!
Transcrição da Aula 17 - Cristologia: A Problemática do Objetivo da Morte de Cristo

Olá, sejam bem-vindos à nossa 17ª aula do nosso curso de Teologia Sistemática, disciplina Cristologia. Daremos prosseguimento à nossa reflexão acerca da problemática apresentada sobre o objetivo da morte de Cristo, mais especificamente, ****por quem**** Cristo morreu. Estamos tentando responder à seguinte pergunta: Cristo morreu pelo seu povo, pelo povo de Deus, pela Igreja, pelos eleitos, ou Cristo morreu por todos, sem nenhuma discriminação?

Quando uso o termo discriminação, me refiro a todos os indivíduos que existiram. Essa é a questão que precisa ser levantada. Nossa reflexão gira em torno dessa problemática: ou Cristo morreu por um grupo – e esse grupo pode ser classificado de várias formas, como povo de Deus, eleitos de Deus, Igreja de Deus por toda a história da salvação –, ou Cristo morreu por todos os homens, de maneira indiscriminada, ou seja, Ele morreu por todos e todos poderiam ser beneficiados com o seu sacrifício.

São dois pontos bem distantes, e estamos acompanhando o desenvolvimento desse conceito de expiação, já chegando perto de uma definição, ou pelo menos da melhor opção dentro do que é proposto pelas nossas informações. Darei prosseguimento à apresentação dessas informações para que possamos ir conversando sobre elas. Para que essa questão não fique sem sentido, paramos na seguinte informação:

"Esse entendimento aceito por toda a tradição reformada começa a ser questionado com o surgimento do arminianismo, que defenderá a expiação universal, ou seja, que Cristo morreu por todos os homens. Mas, utilizando-se da inferência lógica, se Cristo morre vicariamente e assume nossa culpa e punição, bebendo o cálice da ira do Pai para livrar toda a humanidade da condenação, logo, todos seriam salvos. Só que uma parte da humanidade provará do cálice da ira no inferno, pagando pelos seus próprios pecados. Sendo assim, o sacrifício de Cristo, que visava a salvação de todos, foi ineficiente, já que alguns não se salvarão."

E aí vem um apontamento, uma afirmação de teólogos arminianos – claro que aqui é um apontamento de um livro de linha reformada, mas ainda assim é verdadeiro, porque de fato é esse o questionamento, ou esta a resposta apresentada pela teologia arminiana clássica. Então, qual seria essa resposta para essa indagação?

"Os arminianos respondem ao questionamento alegando que o sacrifício de Cristo oferece a base para a remissão. Mas é necessário que o pecador responda com fé ao evento da cruz. Caso contrário, perecerá em seus delitos e pecados. Para eles, a morte de Cristo criou a oportunidade para o exercício da fé salvadora. Mas isso foi tudo o quanto ela conseguiu."

É importante conversarmos sobre isso dentro da teologia arminiana clássica, porque, assim como na nossa tradição, há variantes dentro da teologia arminiana. Mas, dentro da teologia arminiana clássica, esse apontamento está correto. É basicamente isso o que a teologia arminiana ensina: o sacrifício de Cristo é a base, Ele conquistou tudo – entre aspas.

É como se Ele tivesse feito a Sua parte, Cristo fez a parte dEle, e foi assim que nós fomos discipulados. Eu fui discipulado numa igreja de tradição arminiana, mesmo que o pastor ou a igreja não soubessem que eram de tradição arminiana, mas os conceitos estavam lá. Então, quando fui chamado pelo Senhor nesta comunidade, era isso que se pregava: "Olha, Jesus fez tudo isso por você."

Jesus fez a parte dEle. E agora, o que você vai fazer? Você vai dizer sim ou não a tudo isso que foi realizado em seu favor?".

Então, é uma afirmação correta acerca da teologia arminiana, especificamente sobre essa problemática que estamos pensando. Os arminianos vão se contrapor à ideia de que Cristo morreu somente pelos eleitos, de que Cristo morreu somente pela igreja. Aqui está um pressuposto arminiano da sua teologia: eles vão dizer que não, Cristo morreu por todos. Cristo conquistou a base, Cristo tornou possível a salvação de todos. Todo pecador que se arrepender e buscar no Cristo o perdão dos seus pecados, a obra do Cristo será imputada a este pecador. Então, isso está sendo oferecido a todos.

E assim como acontece na tradição calvinista, os arminianos também têm os seus versículos, que são usados para dar base às suas afirmações. Não conseguirei apresentar dado à limitação do nosso tempo, mas vocês poderão contrapor essas informações tanto nos livros que serão indicados na bibliografia, mas também fazendo suas pesquisas e buscando quais são os textos clássicos, os textos bíblicos usados por ambos os sistemas para dar base para esse tipo de afirmação.

Eles dizem que a morte de Cristo criou a oportunidade para o exercício da fé salvadora, mas foi tudo o que ela conseguiu. Veremos agora uma afirmação de Paulo Anglada: "Dito isto, Anglada é feliz na seguinte afirmação: 'Os calvinistas limitam a salvação apenas no que diz respeito à sua extensão. Os arminianos, por sua vez, a limitam, como vimos, no que diz respeito ao seu poder, valor inerente, sua eficácia, visto que apenas torna possível a eleição de todos, mas não assegura realmente a salvação de ninguém.'"

"O Sínodo de Dort teve uma amplitude internacional. Além dos ministros das igrejas reformadas dos Países Baixos, houve a representação de 27 igrejas estrangeiras. Os participantes do Sínodo rejeitaram os cinco pontos dos Remonstrantes e materializaram a oposição num documento..." - já houve um posicionamento histórico acerca disso que estamos conversando, "...num documento conhecido como os Cânones de Dort, que passou a ser adotado juntamente com a Confissão Belga e o Catecismo de Heidelberg, como sendo as três formas da unidade das igrejas reformadas."

Então, para a tradição de fé reformada, - deixa eu voltar aqui para vocês -, para a tradição de fé reformada, essa é uma questão já resolvida há muito tempo. É claro que esse debate surge, principalmente no nosso contexto, no contexto brasileiro, pela falta de conhecimento histórico do desenvolvimento de algumas doutrinas e dos posicionamentos da Igreja.

Mesmo as igrejas históricas - e eu falo a partir do meu contexto -, mesmo as igrejas históricas, essa tradição de fé, essa utilização dos posicionamentos históricos e até mesmo a utilização das confissões de fé foi abandonada, foram abandonadas. Então, hoje, quando você trata de determinados temas em algumas comunidades de igrejas históricas, é como se algo totalmente novo estivesse sendo trazido.

É por isso daí o espanto de alguns irmãos, a revolta e até a acusação de que o pregador ou o pastor que tenta resgatar essa tradição reformada está ensinando algo novo, que ele está desvirtuando aquilo que foi ensinado na igreja durante muito tempo, e é justamente o contrário. É apenas um retorno a posicionamentos

que já foram tomados pela Igreja há muito tempo, ok?

Então, vamos prosseguir aqui na nossa conversa. "Em resposta à doutrina arminiana, os artigos dos Cânones de Dort... os artigos dos Cânones deram origem aos chamados hoje os cinco pontos do calvinismo" – aqueles cinco pontos já conhecidos. "Dentre eles, a expiação limitada, afirmando que o valor da obra do Cristo, apesar..." – veja que interessante. Em resposta, foram lá representantes que ficaram conhecidos como representantes da teologia arminiana porque eram discípulos de Jacó Armínio. Então, por isso são conhecidos como arminianos, e daí, teologia arminiana, ok?

Tenho certeza de que vocês já sabem, já estão por dentro desse assunto. Mas, "...em resposta à doutrina arminiana, os artigos dos Cânones deram origem ao que chamamos hoje de os cinco pontos do calvinismo. Dentre eles, a expiação limitada. Afirmando que o valor da obra do Cristo, apesar de ser suficiente para expiar os pecados do mundo, eficazmente remiu apenas os eleitos."

Repito: "...dentre eles a expiação limitada, afirmando que o valor da obra do Cristo, apesar de ser suficiente para expiar os pecados do mundo, eficazmente remiu apenas os eleitos." E daí surge aquela questão que eu coloquei para vocês em encontros anteriores: por que alguns reformados preferem usar não o termo "expiação limitada", porque, quando lido de maneira pejorativa, dá a ideia de que Cristo ofereceu algo limitado, algo não tão poderoso?

Essa não é a ideia da coisa. Em respeito, em reverência, em fidelidade à competência daquilo que foi realizado pelo Cristo... Se Cristo realizou o sacrifício, então esse sacrifício foi perfeito também em seus resultados. Ele foi perfeito também em seus resultados. Então, a limitação não está na suficiência. Nenhum reformado vai dizer ou vai se contrapor à afirmação de que o sacrifício de Cristo é suficiente para salvar a todos que existiram. Não. O sacrifício de Cristo é suficiente para salvar a todos. O que entendemos que não é correto é porque nem todos são salvos. Uma boa parte não é salva.

Uma boa parte, como já foi posto, pagará eternamente pela punição dos seus pecados. Não seria estranho um grupo de pessoas pelas quais Cristo morreu pelos seus pecados, pagou o preço dos seus pecados, e ainda assim essas pessoas serem condenadas eternamente e pagarem eternamente pela punição de pecados que já foram perdoados?

Então, é nesse sentido que a tradição reformada prefere o termo "expiação eficaz" ou "expiação objetiva". Cristo salvou eficazmente por todos aqueles que Ele, de fato, morreu. Não sabemos quantos foram, mas sabemos que todos pelos quais Cristo morreu certamente são salvos, ou serão salvos, ou foram salvos, porque a obra do Cristo é eficaz. Lembrem?

Deus determinou quem seria salvo. Cristo morreria por esses que foram escolhidos e o Espírito Santo... E como já vimos lá em Teontologia, quando trabalhamos a questão da Trindade, o Espírito Santo, que é Deus, por ser Deus, não há nada impossível para Ele, ninguém pode se opor à Sua vontade. Então, esse Espírito Santo eficazmente também aplica os efeitos da obra que foi realizada pelo Cristo. Ok?

E é claro aqui que vocês estão vendo que eu, como professor da disciplina, estou me posicionando a favor da tradição reformada. Sou um professor de linha

reformada, estamos num seminário de linha reformada, e é natural que haja esse guiamento para a nossa tradição. Mas isso não quer dizer que você, aluno, que ainda talvez não se identifique com a tradição de fé reformada, que esta aula não seja interessante para você. Pelo menos você está conhecendo aquilo que a tradição de fé reformada ensina acerca desta problemática apresentada. Porque talvez também o que você conhecia era uma caricatura daquilo que a tradição reformada ensina. Entendem?

Então, é bom ter informações. Voltemos lá para as nossas informações. Muito bem. "...Dort estava repetindo uma fórmula comum: 'suficiente para o mundo inteiro, mas eficiente somente para os eleitos'. Essa fórmula é encontrada em vários sistemas medievais, inclusive nos escritos de Aquinas, Gregório de Rimini e o mentor de Lutero, Johann von Staupitz" – talvez seja essa a pronúncia correta.

"Como a fórmula indica, essa visão não limita a suficiência ou a disponibilidade da obra salvífica de Cristo. Antes, ela defende que a intenção específica de Cristo, quando foi para a cruz, era a de salvar os seus eleitos." Uma citação do Horton também. Pronto, aqui nós temos a posição do Sínodo de Dort. O que é que eles definiram? O que é que foi definido em relação a... O que é que foi definido em relação à teologia, à afirmação de que Cristo teria morrido por todos? O que é que foi definido? É isso que nós vamos ver. Ok? Muito bem. Deixa eu voltar aqui. Muito bem. Vejam, eu estava aqui acertando o material aqui. Muito bem. Deixa eu voltar para lá. Ok.

Pronto, então aqui nós estamos diante da posição oficial, da posição oficial do Sínodo de Dort. Vamos lá:

"Pois este foi o conselho soberano, pois este foi o soberano conselho, a vontade graciosa e o propósito de Deus o Pai, que a eficácia vivificante e salvífica da preciosíssima morte do seu Filho fosse estendida a todos os eleitos, daria somente a eles a justificação pela fé e, por conseguinte, os traria infalivelmente à salvação. Isto quer dizer que foi da vontade de Deus que Cristo, por meio do sangue da cruz, pelo qual Ele confirmou a Nova Aliança, redimisse efetivamente de todos os povos" – redimisse efetivamente de todos os povos – "tribos, línguas e nações, todos aqueles e somente aqueles que foram escolhidos desde a eternidade para serem salvos e lhes foram dados pelo Pai. Deus quis que Cristo lhes desse a fé, que Ele mesmo conquistou com a sua morte, junto com outros dons salvíficos do Espírito Santo. Deus quis também que Cristo os purificasse de todos os pecados por meio do seu sangue, tanto do pecado original como dos pecados atuais, que foram cometidos antes e depois de receberem a fé, e que Cristo os guardasse fielmente até o fim e finalmente os fizesse comparecer perante o Pai em glória, sem mácula, sem ruga."

Então vejam aí, meus queridos irmãos, nós estamos diante de um posicionamento oficial, conclusão ali daqueles debates, daquelas reflexões. Então, aqui houve um posicionamento oficial desse grupo que representava as igrejas, a tradição de fé reformada. Então, aqui, nessa conclusão, afirma-se que Cristo, de fato, morreu somente pelos eleitos, de que os dons do Espírito Santo, a justificação pela fé, e tudo isso alicerçado na vontade do Pai, foram realizados em favor apenas dos eleitos, em favor apenas dos eleitos.

Então, é interessante ver que já houve um posicionamento da Igreja em relação a isso, houve um posicionamento da Igreja. Então, não é algo novo, não é algo que foi inventado. A tradição de fé reformada já se posicionou em relação a isso. É

claro que, quando o nosso sistema é contraposto a outros sistemas, aí sim há essa discussão em torno desse tema. Ok? Vamos prosseguir?

"...aqui também uma informação acerca do... a tradição puritana... os puritanos também adotaram esse..." – por óbvio, essa tradição de fé reformada. "...há uma citação aqui de John Owen, que foi alguém que escreveu... escreveu acerca desse tema... nós temos inclusive em português um texto... foi escrito por Owen... o título desse livro é justamente a pergunta que estamos trabalhando: 'Por Quem Cristo Morreu?'"

Então, nesse livro, que eu indico a vocês, que estará lá também na nossa bibliografia, na nossa bibliografia, John Owen levanta os argumentos ali que, na minha opinião, são quase que irrefutáveis. Mas é apenas minha opinião. Mas ele levanta ali argumentos quase que irrefutáveis.

"Não só os reformados de tradição holandesa adotaram a doutrina de que a expiação é efetiva apenas aos eleitos. A tradição inglesa e os puritanos também aderiram à ideia de uma redenção particular. No século XVII, John Owen escreve 'A Morte da Morte na Morte de Cristo'. E como afirma Parker, seu intuito é mostrar, entre outras coisas, que a doutrina da redenção universal é antibíblica e destrutiva para o Evangelho. Aqui é apenas um resumo, um resumo bem pequeno dos argumentos de Owen a favor da expiação eficaz." Ok? Só apresentando aqui para vocês.

"...usando vários textos bíblicos e argumentações lógicas, Owen chega a resumir sua defesa com o seguinte esquema: 'O Pai impôs sua ira devida a...' E 'o Filho suportou o castigo por...' um dos três..." Veja. "...todos os pecados de todos os homens, todos os pecados de alguns homens, ou alguns pecados de todos os homens." E aqui nesse ponto você vai ter que parar e analisar aqui o pressuposto apresentado pelo Owen. Veja, a ideia é a seguinte:

"O Pai impôs sua ira devida a..." E "o Filho suportou o castigo por..." Aí, um dos três, dessas três opções que são colocadas: "...todos os pecados de todos os homens, todos os pecados de alguns homens ou alguns dos pecados de todos os homens." Então, em torno dessas possibilidades é que gira a nossa discussão.

"No qual caso pode ser dito? Se a última opção for a verdadeira, todos os homens têm alguns pecados pelos quais responder e assim ninguém será salvo. Se a segunda opção for verdadeira, então Cristo, no lugar deles, sofreu por todos os pecados de todos os eleitos no mundo inteiro." E aí ele coloca: "e esta é a verdade".

"Mas se a primeira opção for o caso, por que nem todos os homens são livres do castigo devido aos seus pecados?" Vejam, são apontamentos aí que tentam organizar essa discussão de forma racional. Voltando lá um pouquinho, só para poder conversar aqui com vocês... Isso, tudo bem. "...o Pai impôs a ira devida..." – ponto. "...o Filho suportou o castigo...", pagou o preço. Aí ele coloca três opções, que é basicamente aquilo que nós já conversamos em aulas anteriores: ou Cristo morreu por todo mundo, mas o seu sacrifício não é eficiente para todos; ou Ele morreu pelos eleitos e o seu sacrifício é eficaz para todos os eleitos; ou Ele morreu por todos e, diferentemente – se todos vão aceitar ou não, chegarão em arrependimento e fé ou não –, serão redimidos, no final de tudo, por aquilo que foi feito pela cruz.

E aí nós classificamos, geralmente, essas três possibilidades como: a tradição de fé reformada, a tradição de fé arminiana – a tradição de fé reformada e os universalistas. Ok? Então, é interessante também quando ele coloca aqui... Nós colocamos aqui. Muito bem.

"Se a última opção for verdadeira, todos os homens têm alguns pecados pelos quais responder..." Se Cristo morreu apenas por alguns pecados... Não é isso que a Bíblia ensina. "...que se a segunda opção for verdadeira, então Cristo, no lugar deles, sofreu todos os pecados e de todos os eleitos do mundo inteiro." O que me parece, como alguém de tradição reformada, a opção mais racional. A terceira opção é que geralmente se identifica com a tradição arminiana.

"Mas se a primeira opção for o caso, porque nem todos os homens são livres do castigo devido para os seus pecados", já que Cristo morreu por todos. Então, são apontamentos que visam ajudar a mim, a você, na nossa reflexão acerca desse tema. Vamos lá, nós estamos indo para o finalzinho dessa nossa reflexão acerca desse tema, porque eu ainda tenho mais algumas aulas para esse semestre, e tem ainda assuntos importantes também. Mas espero que, pelo menos, essas aulas sirvam de uma boa base de informação para vocês, para a discussão do tema.

"Você responde: 'Por causa da incredulidade'." Eu pergunto: "essa incredulidade é um pecado? Ou não é? Se for, então Cristo sofreu o castigo devido por ela, ou não? Se Ele sofreu, por que esse pecado deve impedi-los mais do que os seus outros pecados pelos quais Ele morreu? Se Ele não sofreu por tal pecado, então Ele não morreu por todos os seus pecados."

"A obra escrita em quatro capítulos faz uma defesa sólida e consistente, dita irrefutável por muitos teólogos que o sucederam. O terceiro capítulo, em especial, é tido como o mais importante por conta dos seus 16 fortes argumentos que desconstróem o ensino arminiano da expiação universal." Então é bom ter acesso a esse livro do Owen.

"A expiação limitada também foi formulada nos documentos de Westminster. A Assembleia, que aconteceu entre 1643 a 1649, contou com 121 pastores, dos mais capazes, com o intuito de reestruturar a igreja inglesa, sendo convocada pelo próprio parlamento inglês para elaborar novos padrões doutrinários, litúrgicos e administrativos. A maioria dos membros da Assembleia eram puritanos, e por isso o Diretório de Culto, os Catecismos Maior e Menor, e a Confissão de Fé oriundas de Westminster, são consideradas obras do puritanismo inglês. Vejamos a expiação limitada presente nos seguintes textos." Estamos pegando no finalzinho aí. O que dizem esses documentos?

"O Senhor Jesus, pela sua obediência perfeita e pelo sacrifício de si mesmo, sacrifício que pelo eterno Espírito ele ofereceu a Deus uma só vez, satisfaz plenamente a justiça do Pai e para todos aqueles que o Pai lhe deu, adquiriu não só a reconciliação, como também uma herança perdurável no reino dos céus." Confissão de Fé de Westminster.

"Quem são os participantes da redenção mediante Cristo?" É uma pergunta do Catecismo Maior. "A redenção é aplicada e eficazmente comunicada a todos aqueles para quem Cristo a adquiriu, os quais são nesta vida habilitados pelo Espírito Santo a crer em Cristo conforme o Evangelho." Catecismo Maior de Westminster, pergunta 59.

Ok, meus queridos. Então, eu espero que essas informações tragam para vocês uma boa base para a sua reflexão. Eu acredito que Cristo morreu pelo seu povo. Sou um defensor da expiação objetiva, da expiação eficaz, e espero ter trazido importantes informações a esse assunto. Ok? Deus abençoe. Até a nossa próxima aula. Um grande abraço.

Olá, sejam bem-vindos à nossa 18ª aula do nosso curso de Teologia Sistemática, disciplina Cristologia. Meus irmãos, como eu disse a vocês na aula anterior, nós temos, dentro da Cristologia, muitos assuntos importantes. E eu, tentando aqui ser o mais plural possível, tentando trazer o máximo de informações para vocês, sou obrigado, meio que, a selecionar alguns temas. Nós temos muitos temas, mas como alguns deles serão tratados em outras disciplinas, disciplinas do curso que vocês estão realizando em nosso seminário... Então, no encontro de hoje, eu decidi falar sobre um tema que é pouco conhecido, mas, quando nós somos confrontados com ele, às vezes, nos falta uma resposta mais correta, uma resposta que, de fato, traga a luz sobre algo que, às vezes, está no imaginário dos membros das nossas comunidades.

Até mesmo nos louvores que se cantam, em alguns desses louvores que se cantam dentro do Evangelicalismo brasileiro, existem algumas músicas que trazem a ideia desse tema que eu quero tratar com vocês. Há uma pergunta que se faz e, às vezes, uma afirmação. E a pergunta é a seguinte: Cristo desceu ao inferno ali no período entre a sua morte e a sua ressurreição? Nós vamos ver que, durante a história da igreja, houve vários posicionamentos acerca disso. É claro que, mais uma vez, dada a nossa limitação de tempo, eu não vou conseguir mostrar todo esse desenvolvimento ou todas as posições para vocês, mas quero fazer, sim, uma apresentação, um resumo histórico. Vou fazer isso a partir de um material do pastor Heber Campos, uma adaptação que eu fiz aqui do material dele, para ser o mais informativo possível, o mais didático possível.

Então, eu quero trabalhar essa questão com vocês nas nossas duas próximas aulas. Tanto nessa 18ª aula como na 19ª, nós vamos tratar dessa questão, tentando responder a esta pergunta aqui: Cristo desceu ao inferno? E aí nós vamos pensar: de onde surgiu isso? De onde surgiu a afirmação? Se há base bíblica para isso, se a base bíblica apresentada está sendo entendida de maneira equivocada. E outra pergunta, que é complemento dessa primeira: o que Cristo teria feito entre a sua morte e a sua ressurreição? Porque, quando eu falo de algumas músicas, e eu poderia citar algumas, há músicas que falam justamente deste momento, de que, neste momento, Jesus teria ido ao inferno e lá teria pregado e também teria tomado as chaves da mão do diabo e, assim, completado a sua obra de expiação.

Então, veja que é um assunto que precisa ser tratado, porque já pensou: lá na frente, você pastoreando, exercendo a doutrina ou o discipulado, e alguém lhe pergunta acerca disso? Porque é um assunto presente em nosso universo, o nosso universo de pesquisa, o nosso universo das nossas comunidades, como os crentes ouvem. E também há quem defenda esse tipo de ideia. Então, é natural que, em algum momento, sejamos questionados com esse tipo de pergunta, então, seria estranho você dizer: "Quando eu cursei essa disciplina, o professor não fez nem menção a ela". Acontecerá de alguns temas que você não tem como, em uma disciplina, falar sobre tudo.

Mas, especificamente nesse tema, eu espero trazer algumas informações importantes para vocês, ok? Então, vamos lá, para tentar passar o maior número de informações possíveis para os meus queridos irmãos. Está lá. Muito bem. Então: Cristo desceu ao inferno? Uma pergunta. O que Ele fez entre a sua morte e

a sua ressurreição? Onde Cristo estava, né, durante esse período? Ele identifica ali como... É uma adaptação nesse material, uma adaptação do material do pastor Heber Carlos de Campos, ok?

Então, a expressão "desceu ao Hades", com referência a Cristo, não é encontrada em nenhum lugar das Escrituras. Afirma-se que o Redentor desceu às regiões inferiores da Terra. Isso pode ser encontrado lá em Efésios 4:9, mas não que Ele desceu a um lugar chamado Hades, depois da sua morte e sepultamento. Todavia, essa expressão apareceu em dois credos da igreja cristã antiga, ainda que com palavras diferentes. A primeira ocorrência está no Credo Apostólico, que tem a expressão latina **descente ad inferna** (desceu ao inferno, Hades). E a outra encontra-se no Credo de Atanásio, com a expressão latina "desceu às regiões inferiores". Qual é o objetivo dessas informações? O estudo dessa matéria será desenvolvido abaixo. Abaixo, primeiramente, historicamente, depois, teologicamente e, então, biblicamente.

Então, nós vamos, utilizando-se desse material, dessas adaptações que eu fiz, fazendo um resumo aqui para vocês, fazendo um resumo aqui para vocês, vai entender um pouquinho de onde surgiu essa ideia de Cristo descendo ao inferno, Cristo completando a sua obra de expiação, Cristo desenvolvendo um diálogo com o diabo e tomando a atitude, e tendo a atitude de tomar algo da mão dele, como se ele fosse detentor de alguma coisa, trazendo a ideia também de possibilidade de pregação a quem já estava condenado. Então, é uma doutrina que, num primeiro momento, parece estranha, inocente, mas, dependendo do posicionamento, como eu tenho colocado nas aulas anteriores, dependendo do nosso posicionamento, abre-se para inúmeras consequências teológicas, se, de fato, admitíssemos tal fato, que Cristo tenha ido lá nesse período e pregado.

Mas nós vamos entender de onde surgiu esse tipo de ideia, como foi proposto ali, historicamente, biblicamente e teologicamente. Teologicamente e biblicamente, nós vamos dar uma olhadinha nesta questão. Algo que chama a atenção, eu confesso a vocês, quando esse assunto chegou para mim a primeira vez, ele me despertou interesse e, na minha época de seminário, também me senti na obrigação de entender esse tipo de posicionamento.

Vamos lá. A expressão "desceu ao Hades", que aparece no Credo Apostólico, não faz parte das suas formas mais antigas. Ela sofreu alterações posteriores, uma das quais foi a expressão acima. Itzus afirma: "É digno de nota que, antigamente, aqueles credos que possuíam um artigo sobre a descida do Cristo ao inferno não continham o artigo relativo ao seu sepultamento, e aqueles nos quais o artigo com respeito à descida do inferno foi emitido, de fato, continham o artigo relativo ao sepultamento".

Aí ele sai trazendo algumas informações. "O fino", o bispo da igreja de Acléia, fez alguns comentários sobre o Credo Apostólico em sua **Expositio Symboli Apostolici**, por volta do final do século IV, dizendo que esta cláusula nunca foi encontrada nas edições romanas ocidentais do credo. Rufino acrescenta que a intenção da alteração do credo em Acléia não foi a de acrescentar uma nova doutrina, mas a de explicar uma antiga. Portanto, o credo de Acléia omitiu a cláusula "foi crucificado, morto e sepultado" e a substituiu por uma nova cláusula, onde se refere à descida ao inferno. Portanto, originalmente, a expressão "descida ao inferno" não fazia parte do Credo Apostólico. No tempo de Rufino, ela apareceu inserida no credo, mas não como um acréscimo ao que já havia, sendo apenas uma expressão substitutiva de "crucificado".

O Credo de Atanásio, escrito por volta do 4º ou 6º século, escrito por volta do 5º ou 6º século, segue mais ou menos a mesma ideia do credo de Acléia, onde a expressão "desceu ao Hades" substituiu a expressão "sepultado", não sendo um acréscimo a ela. Até então, não havia nenhuma modificação significativa na doutrina cristã com respeito à situação da pessoa do Redentor ao morrer, pelo menos nas traduções mais conhecidas do credo".

Estou lendo aqui rapidamente com vocês e também quero já adiantar aqui: veja, como nós temos a limitação do tempo, às vezes, eu vou passar algumas informações aqui para vocês em que eu não vou ler tudo. Mas o que é que eu quero combinar com vocês? Que aí você vai dar a pausa e você vai ler, entendeu? Vamos supor... O que é que eu quero dizer com isso? Vamos supor, eu coloco essa informação aqui para vocês, mesmo que eu não leia toda a informação, aí você vai pausar e você vai ler e aí a gente continua, entendeu? A partir da nossa reflexão, para que eu possa ganhar tempo.

Como nós temos a limitação do tempo, o tempo limite para cada aula, e vocês perceberão que, nesse semestre, eu até me excedi um pouquinho em todas as aulas, todas as nossas aulas têm um tempo maior do que o mínimo ali indicado pelo nosso coordenador. Então, eu quero que vocês façam isso: parem, leiam e prossigam a partir de onde paramos. Mas aí vai ser interessante, porque você vai ter condições de estar lendo muita informação, tá bom? Pegou, parou, leu, volta para o vídeo e a gente continua a refletir.

Então, nós estamos vendo aqui como é que isso surgiu. No primeiro momento, nas confissões mais antigas, não havia. Depois, as explicações estão sendo colocadas, do acréscimo e do decréscimo de alguma coisa. E estamos chegando perto de como é que isso surge, a partir do momento que a expressão será colocada. Então, é aquilo que eu coloquei: consequências teológicas aparecerão. Alguém... "Opa, Cristo desceu ao Hades! Cristo desceu ao inferno! Ele desceu ao inferno, o que Ele foi fazer lá?". E daí começam a surgir as propostas para isso. Mas vamos lá.

"Enquanto houve a omissão da cláusula 'sepultado' e o aparecimento da cláusula substituta 'desceu ao Hades', ou vice-versa, não surgiu nenhum problema teológico novo. Este apareceu quando as duas expressões acima apareceram no mesmo credo, uma após outra, por volta do século VII. A cláusula 'descida ao inferno' apareceu em outros credos, mas não como um acréscimo a 'crucificado, morto e sepultado' e não como uma expressão substitutiva dessas coisas acontecidas a Cristo. A partir de então, uma nova doutrina começou a aparecer dentro da igreja cristã, ou seja, a descida de Cristo a um local chamado Hades, após o seu sepultamento". Daí, as várias traduções do Credo Apostólico aparecerem assim: "Padeceu sob o poder de Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado, desceu ao Hades, ao terceiro dia, ressurgiu dos mortos".

Então, esta questão aqui... É a partir daí que surge o que nós vamos ver, porque, inclusive, nós vamos ver o que algumas tradições teológicas afirmam acerca disso. Os católicos têm uma posição acerca disso, os luteranos têm uma posição acerca disso, os arminianos têm uma posição acerca disso, outras tradições. Mas eu vou focar, por motivos óbvios, no que a tradição Reformada pensa acerca disso. Mas, a partir disto, eu estou tentando correr aqui com as informações. Em um momento, houve um decréscimo, no outro momento, houve um acréscimo. Mas aqui nós temos essas informações postas todas juntas, como se

fosse uma cronologia.

Então, veja: "Padeceu sobre Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado, desceu ao inferno, desceu ao Hades, ao terceiro dia, Ele ressuscita dos mortos". Então, abre-se para essa ideia de que, nesse período, entre a Sua morte e Sua ressurreição, Cristo continuou em atividade. Onde? Segundo essa cronologia que é apresentada, no inferno, no Hades, ok? Então, vamos caminhando.

De onde surgiu essa inserção? É difícil identificar a sua trajetória, mas há alguns indícios. Menciona que, por volta de 359, encontra-se em Constantinopla cerca de 50 pessoas e lá compilaram um credo, no qual professaram que "criam em Cristo, que foi morto e sepultado e que penetrou as regiões subterrâneas, nas quais até mesmo Hades foi golpeado com terror", o que dará a entender um sentido diferente, que vai além de um sepultamento, contrastando com o entendimento de Rufino.

Aqui ele cita: "Doutor Kelly também menciona que, na doxologia da *Didaskalia Siríaca*, que aparecia em uma formulação credal, havia a seguinte expressão: '...que foi crucificado sobre Pôncio Pilatos e partiu em paz, a fim de pregar, a fim de pregar a Abraão, Isaque, a Jacó e Jacó e a todos os santos, a respeito do fim do mundo e da ressurreição dos mortos'. A 'descida', como atividade de Cristo em um mundo inferior, entre a sua morte e a sua ressurreição, não apareceu a princípio nas formulações credais da igreja ocidental, porém, sob a influência do pensamento da igreja oriental, desde os tempos bem antigos, veio a aparecer posteriormente, até mesmo nas suas formulações ocidentais".

O que é que ela afirma? "Deveria ser observado que, após Santo Agostinho, é que prevaleceu o hábito ocidental de explicar..." E esse texto será central na nossa reflexão. Lá na frente, inclusive, nós vamos ver uma explicação a partir da Confissão de Fé Reformada de como podemos explicar esse texto de 1 Pedro 3:19, como um testemunho da missão de Cristo aos contemporâneos de Noé, muito antes da sua encarnação, porque o texto vai falar lá: "o Espírito de Cristo pregando aos contemporâneos de Noé". O que é isso? Como podemos explicar isso? Será que isso, de fato, é uma base bíblica para que Cristo, de fato, tenha ido pregar no inferno, a espíritos em prisão? E aí nós teríamos a nossa soteriologia com dificuldade.

Mas, enfim, vamos passando. "A doutrina que, usualmente, é chamada de 'descida ao Hades' desenvolveu-se de forma efetiva na igreja cristã com o passar dos séculos, numa tentativa de reviver a doutrina pagã do Hades. Dentro do pensamento grego, havia um lugar para onde iam todos os mortos, para onde iam todos os mortos: o Hades. Este era dividido em dois setores: o Elísio, para onde iam todos os bons, e o Tártaro, para onde iam todos os maus. Essa ideia greco-pagã é razoavelmente coerente, pois pelo menos os maus iam para um lugar chamado inferno, que é uma das traduções de Tártaro, e os bons iam para o paraíso, que é a tradução de Elísio. Alguns cristãos, com base em uma análise equivocada do texto de 1 Pedro 3:18 e com apoio da expressão 'desceu ao Hades', inserido no Credo Apostólico, tomando a ideia de Hades do conceito pagão, acabaram criando um Hades inconsistente, também com duas divisões: os bons vão para o paraíso e os maus vão para o Hades. Isso quer dizer: se alguém perguntar a esses cristãos qual é a composição do Hades, a resposta será: paraíso e Hades. A visão pagã dessa matéria é muito mais consistente do que a dos cristãos influenciados pelo conceito pagão de Hades".

"Do século VII em diante, apareceu uma nova doutrina sobre a atividade de Cristo após a morte e sepultamento, num outro lugar que não o céu. Portanto, durante a história da igreja, o pêndulo vai oscilar entre a descida do Cristo ao Hades, enquanto esteve entre nós, especialmente ao ser crucificado e ressuscitado, e uma descida a um local chamado Hades, entre a sua morte e ressurreição. Nesse último caso, o grande problema é definir o que Ele foi fazer lá. E é disso que trataremos com mais detalhes nesse material".

Então vejam, como a princípio parece algo simples, mas vejam que muitos conceitos estão envolvidos. E aqui também cabe uma aplicação sempre. A gente sempre faz Teologia a partir de uma confissão. Não existe um fazer teológico neutro. Às vezes, quando estamos iniciando o nosso curso de Teologia, a gente tenta defender essa bandeira. "Não, eu preciso ter uma leitura neutra, preciso fazer Teologia pura". Isso não existe! Nós sempre falamos a partir de uma base, uma base filosófica, uma base teológica. Sempre lemos, entendemos e nos posicionamos a partir da nossa cosmovisão. Não tem como fugir disso.

E aqui você vai ver que... Aí as perguntas: "Como é que essa ideia surgiu? Por que tais afirmações? Por que tais desdobramentos teológicos?". O material vai justamente apresentando isso, essa mistura da influência grega também, essa absorção e essa junção de alguns conceitos, acaba-se por criar-se um conceito estranho, estranho ao defendido pelas Escrituras. E acaba-se por impor ao texto, se impor ao texto, é imposto ao texto, conceitos que, no primeiro momento, não são defendidos pelo texto. Aí não é exegese, é eisegese. Colocar sobre o texto, é impor ao texto a minha visão das coisas.

Mas também cabe essa explicação: nós sempre falaremos a partir de algo. Não existe leitura neutra, não existe leitura neutra e também não existe fazer Teologia de maneira neutra. Não, a gente sempre vai falar a partir da nossa confissão, a partir das nossas informações. O que eu aconselho é que todos nós sejamos humildes e que o princípio da **Sola Scriptura** seja sempre a nossa bússola orientadora, em sendo confrontados com as Sagradas Escrituras, que ela sempre esteja acima das nossas confissões ou acima da nossa visão de mundo, ok?

Eu estou num ritmo um pouco mais apressado do que nas outras aulas, porque também aqui, vocês veem que a quantidade de informações é muito maior. Estou aqui apresentando esse material para vocês, porque também, se eu fosse falar apenas desse conceito, sem apresentar informações, seria uma aula muito vaga, seria uma aula muito vaga e vocês não teriam acesso a essas informações. Mas façam aquilo que eu orientei no início da aula. Muito bem.

Aqui ele vai apresentar algumas análises teológicas de várias tradições sobre a descida ao Hades. Várias tradições são apresentadas, também você deve dar uma parada, ler rapidamente, porque eu vou só apresentando aqui para ganharmos tempo. As várias tradições teológicas mencionadas abaixo, refletindo os seus pressupostos teológicos, aquilo que eu falei, as confissões, as tradições refletem os seus pressupostos, deram as suas próprias explicações sobre a descida ao Hades. Na história da igreja, houve várias divergências entre os herdeiros da Reforma, que serão analisados ligeiramente adiante.

Ele vai citar aqui a tradição católica. O entendimento católico é de que Cristo, após a sua morte, foi ao **Limbus Patrum**. Na Teologia Católica, esse lugar é para onde vão os mortos que não são salvos pela graça de Deus, mas que podem ser classificados como pagãos ou mesmo como pecadores réprobos. Esse lugar fica nas

bordas do inferno e do purgatório, todavia, não deve ser confundido com eles. O *Limbus Patrum*, segundo a Teologia Católica, não é um lugar de tormentos, é o "seio de Abraão", ao qual Cristo se refere na parábola do rico e do Lázaro. Você já sabe que isso não tem nada a ver com a nossa visão de "seio de Abraão". Nós não cremos na existência desse lugar intermediário entre inferno e céu. Mas aqui nós estamos apresentando. Então, a Teologia Católica, a partir da sua tradição, ela tem uma explicação distinta e ela, meio que, se adapta, ou, meio que, ela também se utiliza. Porque, para a doutrina católica, esta visão aqui é interessante: essa possibilidade de uma intervenção *post mortem*. A Igreja Católica tem todo um sistema baseado nisso, sistema de indulgências, inclusive, para os mortos, em que a família pode oferecer algo aqui que interfere na realidade deles lá. Então em que haja um texto que mostre a possibilidade disso, então é interessante para esse sistema teológico, ok?

Vamos lá. "O inferno é um lugar de condenação eterna, enquanto o purgatório é um lugar temporário de punição purgativa, reservada para os cristãos que morrem com as manchas dos pecados veniais, ou quem morre sem a devida penitência pelos seus pecados". Aí entra todo aquele conceito, aquele sistema de indulgências deles. "No Limbo, os *Patrum*, os santos do Antigo Testamento, esperavam a sua redenção ser consumada por Jesus Cristo, que se deu...", olha aí, "na sua descida ao Hades. Ali, Jesus concedeu às almas dos santos do Antigo Testamento que haviam morrido os benefícios do seu sacrifício expiatório, pois eles estavam esperando o anúncio final da sua salvação".

Essa ideia católica desenvolveu-se principalmente na Idade Média, quando se tornou popular. Estão vendo aí, meus, meus queridos alunos, os conceitos, eles ganham força a partir, também, dos interesses, interesses aqui eclesiais, religiosos, também, dependendo do contexto, do contexto daquele momento. Então, os conceitos ganham força dentro daquele período. Essa ideia se tornou popular. Então, as pessoas começaram a acreditar dessa forma. Se Cristo... Se foi necessário Cristo ir ao inferno, ou esse lugar, esse lugar aqui, onde os santos do Antigo Testamento esperavam o anúncio da vitória final, e, até aquele momento, não haviam recebido nenhum tipo de benefício, eles só receberam a partir da ida do Cristo até lá... Então, veja o que isso não deve ter criado nos corações, nas mentes daqueles que estavam submissos à fé católica: um sentimento de medo, de dependência, de submissão, de necessidade de fazer parte daquele sistema que escravizava as pessoas a partir do medo e também a partir da ideia de que você poderia fazer alguma coisa para ajudar alguém que havia morrido e que a igreja classificava quem é que partia com esses pecados chamados veniais, pecados que não foram devidamente "perdoados" pela própria igreja. Então, vai que o cara não fez tudo certinho? Então: "Nós estamos oferecendo aqui a vocês a possibilidade de que, em oferecendo-se algumas coisas aqui que a igreja tem à disposição, você pode interferir na situação eterna dessas pessoas". Complicado, não é?

Vamos lá. Aqui é a tradição implicantes. Então, só voltando lá, tem mais informação aqui? Aí você faz aquilo que eu falei, você para e dá uma lida, ok?

Vamos lá. A visão da tradição anglicana. "Por volta de 1537, a Teologia Anglicana, em uma formulação semiprotestante, elaborada no tempo de Henrique VIII, sustentava uma doutrina sobre a descida do Cristo ao Hades semelhante à noção católica, mas com alguns aspectos distintos: a alma do Cristo desceu ao inferno para conquistar a morte e o demônio e para libertar as almas daqueles homens justos e bons que, desde a queda de Adão, morreram por causa de Deus e na

fé e na crença desse Salvador Jesus Cristo que estava por vir. Sua conquista do demônio destruiu qualquer reivindicação, reivindicação que o diabo tinha sobre os homens, e a descida foi por parte do resgate pago por Cristo".

No período do rei Eduardo VI, houve algumas variações no conceito da descida ao Hades. Thomas Bacon elaborou um catecismo, onde a pergunta: "Cristo sofreu dores também no inferno?". Então ele responde: "De modo algum, pois quaisquer que tenham sido as dores que tivesse que sofrer por nossos pecados e impiedades, ele as sofreu todas em seu bendito corpo, sobre o altar da cruz". Embora esteja absolutamente certo nisso, Decon também acrescenta que "Ele não desceu ao inferno como uma pessoa culpada para sofrer, mas como um príncipe valente para conquistar". Essa concepção trouxe modificações ao pensamento católico, sendo um pouco mais imaginativa que a tradição anterior. No seu Catecismo, Bacon deixou transparecer não somente uma Teologia de pagamento de penalidade no Hades, mas também uma espécie de Teologia do triunfo, mesmo estando Cristo no estado de humilhação, evidenciando uma ligeira semelhança ao pensamento do luteranismo influenciado por Melanchthon, que veremos adiante.

Então ele vai apresentar aqui algumas visões de movimentos reformados radicais. "O inferno esvaziou-se com a obra da pregação do Jesus Celestial. Não ficou ninguém na condenação". É uma outra maneira de ensinar o universalismo salvador. Além disso... E muita gente defende isso, viu? Inclusive, alguns pensadores brasileiros. Mas vamos lá. "É outra maneira de ensinar o universalismo salvador. Além disso, não há nada de humano naquilo que Jesus teria feito no inferno. Era o típico movimento da Reforma Radical, uma espécie de docetismo", um movimento teológico na história da igreja que negou a plena encarnação e humanidade de Jesus. "Além disso, não foi o Jesus divino que pregou, mas a terceira pessoa da Trindade, o Espírito Santo". Um posicionamento dele aqui.

Aqui também ele faz uma apresentação do pensamento dos anabatistas. Também nessa ideia de que Jesus... A descida foi ao Hades, foi uma função da natureza humana do Redentor e é um ritual pelo qual somente o homem deve passar. Além disso, foi o Jesus mortal que desceu, o Pai divino quem o libertou de lá. A descida foi realizada por um Jesus humano que carece da ajuda do Pai para ser resgatado antes que por um ser divino. Todavia, o sentido mais importante da descida não foi a encarnação, mas a cruz. Esse pensamento é bem diferente do primeiro, porque torna a descida algo que aconteceu neste mundo, não no mundo anterior, localizado fora do mundo".

E aqui ele sai trazendo aqui... Veja, aqui é a definição. Nessa minha adaptação, eu destaquei o que seriam ali os pensamentos centrais. "Portanto, na concepção desses anabatistas, todos os cristãos que sofrem nesse mundo por causa de Cristo compartilham também dos mesmos tormentos que Jesus suportou. Esses sofredores são libertos dos sofrimentos infernais do futuro, porque já experimentaram, em sofrimentos, semelhantes de Cristo. Nesse caso, os sofrimentos de Cristo sobre a cruz foram mais um exemplo para os Seus, e não sofrimentos penais, diminuindo-se, assim, o valor substitutivo penal dos sofrimentos de Cristo".

Ufa, né? Estamos num ritmo mais acelerado? Vejam, na nossa próxima aula, aí nós iremos concluir essa olhada rápida aí, o desenvolvimento dessa doutrina e vamos ver a posição Reformada acerca dela, o que os Reformados pensam acerca disso e qual é o comentário Reformado acerca desse texto apresentado, esse texto de Pedro, ok? Então, ficamos por aqui. Até a nossa próxima aula. Um grande abraço! Olá, sejam bem-vindos à nossa décima nona aula do nosso curso de Teologia

Sistemática, Disciplina Cristologia. Vamos dar prosseguimento ao assunto que eu trouxe na aula anterior: a questão da... teria Cristo descido ao inferno? O que é que ele fez naquele período entre a sua morte e a sua ressurreição? Já vimos algumas informações de como essa doutrina surgiu, de alguns posicionamentos de algumas tradições, e nesta aula de hoje, pretendo caminhar para que cheguemos à questão da visão reformada acerca desse tema proposto, e qual seria a melhor explicação para o texto usado, o texto clássico usado para o desenvolvimento de algumas teorias acerca dessa suposta descida e dessa suposta atividade de Jesus no inferno, naquele período entre a sua morte e a sua ressurreição. Ok? Vamos lá?

Ele, o autor, também vai apresentar uma outra variação dessa descida, defendida pelos simpatizantes da Reforma Radical: a de Miguel Serveto. Aí ele vai fazer uma explicação aqui, é aquilo que eu disse para vocês. Dêem uma parada, leiam, para que a gente possa caminhar a contento. Ele vai apresentar o desenvolvimento dessa doutrina defendida pelos simpatizantes de Serveto. Você pode estar perguntando: "Serveto, aquele lá que foi condenado com o consentimento de Calvino?". Sim, é ele mesmo.

A visão da tradição luterana, a interpretação luterana, é bem diferente da interpretação das tradições anteriores. Embora Jesus Cristo tenha sido, literalmente, ao Hades entre a sua morte e a sua exceção, o propósito foi o de proclamar a sua vitória sobre Satanás. Lutero vê nesse descenso a conjunção do triunfo de Cristo sobre Satanás com a ideia de levar cativo o cativo. É já uma ideia de Lutero. A grande dificuldade dessa interpretação é que ainda não tinha havido nenhuma manifestação da vitória de Cristo, pois a ressurreição estava ainda por acontecer. O resultado do pensamento de Lutero é que, na tradição luterana, a descida ao Hades é o primeiro estágio da exaltação do Cristo. Nós vamos discutir isso, é apenas uma apresentação.

Na teologia luterana, a descida ao Hades é tomada com muita seriedade por causa da importância da expressão para essa tradição da Reforma. Todavia, os luteranos não se aventuraram a explicar a descida em seus detalhes, pois deve ser aceito somente pela fé. Não é fácil reconciliar as diferentes afirmações de Lutero a respeito da descida de Cristo ao Hades, pois ora ele falava da mesma em termos metafóricos, quando Cristo conquistou Satanás, ora em termos literais. Todavia, parece-nos que foi Meláquio que mais influenciou o luteranismo posterior porque afirmou uma descida real e espacial de Jesus ao Hades e, acima de tudo, tornou esse ato de Jesus uma parte do seu triunfo. Depois vocês vão parar isso aqui, dar uma olhadinha nesse desenvolvimento da forma confessional, como o Luterano tratava com isso. Vocês parem e deem uma lida aqui.

Deixa eu ver aqui. Na teologia reformada, a expressão descida ao Hades é muitas vezes omitida inteiramente dos credos dos apóstolos. Quando, todavia, a expressão aparece, ela substitui "sepultado", sendo a palavra Hades entendida como referência ao Sheol, a região dos mortos, ou como referência ao estado de morte. Outras vezes, como pensa Calvino, o Hades significa o sofrimento e morte de Jesus como expressão do recebimento da justiça divina. Calvino sustentava que a descida ao Hades foi a experiência das dores do inferno na alma de Jesus enquanto seu corpo ainda estava pendurado na cruz, especialmente a experiência da ira divina contra o pecado que ele suportou no lugar dos seres humanos, que se evidencia numa dor espiritual resultante do abandono de Deus. Ali na cruz Cristo tomou sobre si as dores da punição que eram devidas ao seu povo. Depois, no desenvolvimento, essa questão, essa ideia, que vai ficar como o pensamento

central da visão reformada acerca do que estamos tratando.

Essas ideias de Calvino foram transmitidas a alguns segmentos da Igreja da Inglaterra, período do rei Eduardo VI, através dos ensinamentos do bispo anglicano John Hooper, que assim comentou a cláusula da descida do inferno no credo apostólico por volta de 1549. Ele faz um comentário acerca dessa cláusula: "Eu creio também que, enquanto ele estava sobre a dita cruz, morrendo e entregando o seu Espírito a Deus, seu Pai, ele desceu ao inferno. Isso quer dizer que provou verdadeiramente e sentiu a grande aflição e o peso da morte. E, igualmente, as dores e tormentos do inferno, o que quer dizer, a grande ira de Deus sobre si, até ter sido totalmente esquecido por Deus. Este é simplesmente o meu entendimento de Cristo em sua descida ao inferno".

Tudo bem. Toda a tradição reformada sustenta, em alguma medida, o que foi dito acima, o que foi dito por esse bispo anglicano, John Hooper. É o que o Weber diz. Toda tradição reformada sustenta, em alguma medida, o que foi dito acima, com pequenas variações, mas sem qualquer prejuízo do entendimento geral de que a descida de Cristo ao Hades deve ser entendida como algo que aconteceu enquanto ele ainda estava sobre a ira de Deus no Calvário, ou, no máximo, quando foi sepultado.

De fato, quando você vai ler, quando lemos os escritos posteriores da tradição reformada, dos puritanos, é basicamente esta ideia mesmo. Quando se fala de Cristo experimentando tudo isso, é justamente Cristo experimentando a ira de Deus na cruz. E quando se fala que Cristo desceu às regiões inferiores da Terra, é uma referência só ao seu sepultamento. Cristo foi sepultado. Pronto, foi colocado em algum lugar. Mas não há o menor indício aqui de um exercício no inferno. Vejam que não tem nada a ver com aqueles conceitos que foram apresentados aqui para vocês, nas informações anteriores. Não há nenhuma atividade do Cristo no inferno, não há nenhum contato dele com o diabo, não há nenhuma complementação de obra. Então, com algumas variações, dentro da tradição reformada, é isto que vai se defender acerca do que se entende dessa cláusula. Ok? Vamos prosseguir.

Muito bem. Aí chegamos aqui à interpretação da tradição reformada. O que a tradição reformada fala acerca desse texto aqui? De 1 Pedro, capítulo 3, dos versos 18 a 20. O que aqui se diz? Deve ser interpretado à luz de outros textos das Escrituras, que ajudam a esclarecê-lo. O apelo dos teólogos reformados deve ser às informações bíblicas e não às informações do credo apostólico com o acréscimo da descida ao inferno.

Estes são pontos fundamentais que não podem ser esquecidos. Lembrando-nos de que a controvérsia sobre o Hades recrudescceu quando da inserção no credo, ou volta do século VII, da frase "descida ao inferno", após a cláusula "crucificado, morto e sepultado". Antes disso, pouca coisa havia na igreja sobre essa matéria. Portanto, o foco desse assunto deve ser o ensino geral das Escrituras, não a afirmação credal.

E também aqui, meus irmãos, o autor destaca aquilo que deve ser sempre observado por nós. Eu já fiz referência a isso algumas vezes em nossas aulas: o princípio da Sola Scriptura nunca deve ser esquecido por nós. Nunca! A Reforma foi justamente... Um dos motivos da Reforma foi justamente essa ideia de que a teologia estava submissa à interpretação da igreja, a leitura correta das escrituras estava submissa à tradição da igreja, a tradição confessional da

igreja. Os reformadores disseram: "Não! Somente as Escrituras!".

A nossa fé deve ser sempre sendo analisada a partir deste conceito. Basicamente, é isso que ele está dizendo. O que nos convence sempre será a ideia das Escrituras acerca de determinado assunto, não o credo, não a confissão de fé, não a tradição da igreja, ok? Então isso é importante ser posto aqui porque, a partir de reflexões ou de discussões acerca de temas como este, quem dará a palavra final? A questão aqui posta, quem dará a palavra final? As Escrituras! Qual será a melhor interpretação desse texto de 1 Pedro, capítulo 3, versos 18 a 20? A visão geral das Escrituras! Não tentar ler o texto a partir do credo e com esse acréscimo dessa cláusula. Entendem?

Acredito que já estamos chegando perto de um bom entendimento desse assunto proposto, ok? Então voltemos para lá. A fé reformada, em sua constante busca de consistência bíblica e teológica, rejeita tanto a formulação pagã como a cristã-pagã a respeito do Hades, exemplificadas acima, daquilo que foi apresentado para vocês. Não há lugar para onde vão todos os mortos igualmente, um lugar específico de espera até que chegue o dia da ressurreição. Não há dois compartimentos separados no mesmo Hades, um lugar para os bons e outro para os maus, como é ensinado em algumas teologias. A fé reformada crê, inequivocamente, que, quando morrem, os homens vão para lugares diferentes. Os ímpios que morrem sem o conhecimento salvador de Jesus Cristo vão para a condenação, e o que a Escritura chama de inferno, é o que a Escritura chama de inferno, aguardando o juízo final; os que morrem no Senhor, isto é, os genuínos cristãos, vão para o céu. Por isso é que Paulo diz: "Prefiro morrer e estar com Cristo, o que é incomparavelmente melhor". Não há como abrir mão dessas verdades.

Aí veja lá. Então, seria interessante... Agora você vai abrir sua Bíblia, abrir aí no texto citado, você vai abrir lá em 1 Pedro 3, 18 a 20, porque agora nós vamos ver as possíveis explicações, ou a visão reformada de como comentar esse texto. Ok? Vamos lá.

Esse texto é crucial com todas as correntes que se defrontam. Já vimos algumas interpretações. Doravante, a análise será de acordo com o ensino geral das Escrituras, como entendem os pensadores de linha calvinista, também chamados de reformados. Qual é o sentido de "carne" e "Espírito vivificante"? Nesse texto, essas duas palavras não devem ser tidas como referências antitéticas, à mesma natureza humana do Redentor, isto é, referência ao corpo e alma de Jesus Cristo, pois esse não é o propósito do texto. Há lugares em que esse tipo de interpretação é possível, mas não aqui.

Nesse texto, Pedro está contrastando dois estados diferentes de existência do nosso Redentor: uma está na esfera da limitação e quem viveu enquanto conosco, com respeito à sua natureza humana, no seu estado de humilhação. O outro é uma esfera de poder e de não humilhação, que ele esteve antes de encarnar-se e que veio a possuir depois de exaltado. Essa mesma ideia, com outras palavras, aparece em Romanos 1, 3 e 4, quando Paulo contrasta as duas existências do Filho encarnado, chamando-os de existência "segundo a carne" - existência humana, vinda da descendência de Davi - e existência "segundo o Espírito de Santidade", revelando o seu estado vitorioso, não limitado.

Em 1 Timóteo 3:16, dois estados de existência do Redentor também são apresentados: "manifestado na carne" e "justificado no Espírito". O próprio Pedro apresenta a mesma ideia... E é importante essa informação, porque nós

estamos falando do mesmo autor. O mesmo Pedro apresenta a mesma ideia em 4:6, referindo-se aos mortos que, segundo os homens, haviam sido julgados na carne, terminaram a sua existência humana na fraqueza, e agora viviam "no Espírito, segundo Deus", uma existência em poder e vitória, sem as limitações em fraqueza.

O texto de 1 Pedro 3:18 também dá essas duas conotações ao Redentor. No estado de limitação e fraqueza do Filho de Deus, a palavra usada aqui é "carne". É a mesma palavra grega, σάρξ (sarx), encontrada em outros lugares da Escritura, não significando, contudo, a parte material do homem e a sua natureza pecaminosa, mas certamente a vida humana nesse presente estado.

A existência humana, como ela é agora, segundo o entendimento de Pedro, "está morto na carne", refere-se simplesmente à humanidade de Cristo no estado de fraqueza, não de pecaminosidade, a que estava exposto. Quando ele morreu na carne, ali saiu desse estado de fraqueza e fragilidade. Nesse sentido, portanto, é que devemos entender a expressão "morto na carne". Todavia, não foi nesse estado que ele pregou aos espíritos em prisão. O estado de limitação, o estado de não limitação e força do Filho de Deus...

Às vezes a palavra πνεῦμα (pneuma), "Espírito", usada no verso 18, tem sido traduzida com letra maiúscula, como referência ao Espírito Santo. Mas parece-nos que não há por que interpretá-la assim. Se assim fosse, ele não teria nenhuma referência a Cristo, mas à terceira pessoa da Trindade, o Espírito... O Espírito. A questão aqui, a nossa questão aqui, é a respeito do Filho.

O pensamento do verso 18 não é que o corpo de Jesus morreu e que seu Espírito reviveu. Essas coisas não fazem sentido para Jesus Cristo e nem para qualquer outro ser humano, pois quem morre é o homem e quem ressuscita é o homem, e não o corpo ou o Espírito. A expressão "vivificado em Espírito", que possui similares em outros textos das Escrituras, diz respeito à vitória de Cristo na ressurreição, combinando-se com o que Paulo diz em 1 Timóteo 3:16. Todavia, nesse texto específico de 1 Pedro 3:19, o Espírito vivificado ou vivificador pode ter mais significado se entendermos como a natureza divina do Redentor. Antes dele encarnar-se, ele vivia nesse estado de poder e não limitação, que contrasta com o poder da fraqueza em que esteve nos dias da sua carne. E foi nesse tempo de não limitação é que ele foi e pregou aos espíritos em prisão quando eles viviam no tempo de Noé. Eu acho muito interessante essa explicação.

Vamos lá? Eu sei que está corrido. Qual o sentido no qual... Do verso 19, certo? É uma explicação que está sendo apresentada a vocês pela visão reformada. Quando o texto de Pedro diz: "vivificado em espírito, no qual também foi", não está se referindo ao lugar onde ele foi depois da morte, mas onde ele estava quando havia desobedientes nos tempos de Noé. Foi nesse espírito de vivificação que ele pregou através dos profetas, nos tempos antigos, como veremos adiante. A palavra "também", no verso 19, dizia o assunto para esse mesmo estado de não limitação do Cristo, que o levou a estar presente na vida dos pregadores no tempo da desobediência dos tempos contemporâneos de Noé. Ele não poderia ter feito isso nos dias da sua carne, isto é, da sua existência terrena. Ele foi antes de ser o Verbo encarnado, quando da sua inexistência absolutamente ilimitada... E eu acho muito interessante, viu, irmãos? Essa proposta trazida aqui pelo Éber. Muito interessante. Eu acho uma excelente explicação do texto. Eu acho uma excelente explicação do texto.

Como ele disse, os comentaristas reformados podem variar. Eles variam em algumas

pequenas questões. Mas, essencialmente, o pensamento é este. A boa explicação para o texto é esta. Ok? Então, voltemos lá para a nossa leitura dessas informações. Uma pergunta, né? Para onde foi o Filho de Deus? Cristo não foi literalmente ao inferno entre a morte e a ressurreição para pregar aos aprisionados que lá estavam, porque a Escritura mostra claramente o lugar para onde ele foi depois que morreu e foi sepultado. Certamente ele também não foi ao inferno após a sua ressurreição. Quando Jesus foi morto na carne, ele foi estar com seu Pai, pois a Escritura afirma que, antes dele expirar, ele disse: "Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito" (Lucas 23:46).

Quando Jesus Cristo foi morto na carne, ele foi para o céu com seu Pai. No mesmo contexto da cruz, quando foi interpelado pelo ladrão à sua direita, que lhe suplicava: "Lembra-te de mim quando entrares no teu reino", Jesus replicou: "Hoje mesmo estarás comigo no paraíso". Então, meus irmãos, vejam... Fica muito claro, muito claro, onde Jesus estava entre a morte e ressurreição: estava com o Pai. Não tem como pensar de outra forma.

Se a resposta à questão apresentada for baseada na visão das Escrituras, a resposta está dada. Como citado pelo Weber, Jesus Cristo, momentos antes do cessar do fôlego de vida, ele diz: "Pai, em tuas mãos, entrego o meu espírito". O corpo sepultado, o corpo guardado lá na sepultura, e o espírito ao lado do Pai. Esse exemplo também, quando há essa súplica do ladrão convertido, pedindo que Cristo se lembrasse dele, Jesus disse: "Olha, hoje mesmo estarás comigo no paraíso". Os dois morreram ali, muito próximos. "Hoje mesmo nós estaremos no mesmo lugar". Então, não há margem para pensar de outra forma. Não há margem para se pensar de outra forma. Onde Jesus esteve? Então, fica muito claro que ele não foi ao inferno. Ele não foi lá ter nenhum tipo de diálogo com Satanás. Ele não foi lá!

Vocês viram que na explicação anterior, a ideia de ter pregado em Noé... Porque o Cristo sem a limitação, o Cristo pré-encarnado, ele não tinha essa limitação. Então, ele estava presente nos profetas. Os profetas do Antigo Testamento que pregavam em nome da Trindade. Que falavam em nome da Trindade. Que falavam inspirados pela Trindade. Ok?

Então, não há nenhuma ideia de Cristo indo ao inferno, tomando alguma chave do diabo, pagando alguma coisa ao diabo, proclamando alguma coisa ao diabo, como se... Imaginem vocês, Cristo sendo submetido a esse tipo de situação! Então, a sua obra só estaria completa se ele fosse lá e dissesse: "Olha, diabo, eu completei. Olha, diabo, eu fiz. Olha, eu paguei o preço. Então me dê aí a chave para que eu possa concluir a minha obra". Essa é uma ideia absurda, pagã, que deve ser totalmente rejeitada por nós. Mas vamos lá.

Mais uma vez, aí separa essas informações aqui, lê, compara os textos. É assim que deve ser feito. Se formos buscar na própria Escritura o sentido de paraíso, verificamos que o sinônimo é de céu, terceiro céu, lugar onde Deus habita de modo especial. Esta foi a ideia que Paulo deu a respeito da sua subida ao terceiro céu, que ele equipara ao paraíso. Portanto, o lugar em que Jesus Cristo permaneceu após a sua morte e até a sua ressurreição não foi o Hades, mas o céu, o lugar de santa bem-aventurança, o gozo. Além disso, quando Cristo estava para morrer, ele disse que todo o seu sofrimento pela redenção do pecador estava no final. Ele exclamou: "Está consumado!". Ele não teria que descer ao Hades para fazer qualquer pagamento, nem terminar a sua obra de evangelização, ou mesmo proclamar a sua vitória. Toda a obra de redenção e de proclamação pessoal do

Redentor já havia cessado. Amém?

Quando ele pregou? Outra pergunta, né? Quando ele pregou? A preocupação do texto, 1 Pedro 3:18, não é o que Cristo fez entre a morte e a ressurreição, mas o que ele fez no seu estado pré-encarnado, de poder não limitado, no reino espiritual, no tempo de Noé. O texto diz que ele, "vivificado em espírito", isto é, em espírito poderoso, não em fraqueza e humilhação, como foi o caso da sua vida entre nós, "também foi e pregou aos espíritos em prisão". Foi nesse mesmo Espírito de poder, ou de existência poderosa e ilimitada, que ele pregou. A palavra "também", no verso 18, define uma outra época, não após a morte e antes da ressurreição. Esse Redentor foi e pregou aos contemporâneos de Noé, nesse Espírito, que é estado de poder, que ele "também foi e pregou aos espíritos em prisão", que viviam escravizados no tempo em que Noé pregou. Está comprovado pelo fato, nessa mesma carta, Pedro dizer que o Espírito de Cristo, que é a sua natureza divina, ilimitada e cheia de poder, estava presente nos pregadores e nos profetas dos tempos antigos. O próprio Pedro responde... Ok, muito boa explicação!

O que ele pregou? Outra pergunta. Pode ser perfeitamente deduzido, no contexto dessa epístola de Pedro, que Jesus pregou o evangelho aos contemporâneos de Noé espiritualmente. Cristo estava presente em Noé quando este era o pregoeiro da justiça. Pois o mesmo Pedro menciona a salvação da qual os profetas falaram, "investigando atentamente a ocasião ou quais as circunstâncias oportunas, indicadas pelo Espírito de Cristo que neles estava, ao dar de antemão, sobre os sofrimentos de Cristo e sobre as glórias que o seguiram".

Irmãos, este verso indica que Pedro admite que Noé era um profeta, ou seja, um pregador da justiça, em quem e através de quem Jesus pregou. Excelente explicação! O conteúdo da mensagem não foi de condenação final. Portanto, podemos afirmar com certeza que o conteúdo da pregação do Espírito, verificado através de Noé, era de salvação do juízo de Deus que haveria de vir sobre o mundo ímpio. Noé certamente pregou aos seus contemporâneos para que se arrependessem e cressem na libertação divina através da arca, pela qual somente oito pessoas foram salvas.

Tem aqui também, meus irmãos, a outra pergunta: quem foram esses espíritos aprisionados? Citados aí pelo texto. A frase "espírito sem prisão", sozinho, não define a matéria, mas quando examinamos à luz das frases que vêm a seguir, podemos ter uma noção clara do que Pedro está falando. De acordo com o texto de 1 Pedro 3:18-20, e o seu contexto, não há nenhuma possibilidade razoável de que a expressão "espíritos em prisão" se refira aos desobedientes do tempo de Noé. O texto não fala de justos que foram para o Hades, nem de anjos aprisionados, como querem alguns, mas de pessoas que, em outro tempo, rejeitaram a pregação de Noé e que eram consideradas "espíritos em prisão", incapazes de fazerem qualquer coisa por si mesmas para a sua própria salvação. E aqui ele vai dizer que esse Cristo, esse espírito que habitava nos profetas, pregou a essas pessoas exatamente da mesma forma que acontece conosco.

A ideia aqui é essa, meus irmãos. Veja, o que é que nós aprendemos? Temos aprendido com as nossas aulas: de que o homem é incapaz de fazer qualquer coisa para sua salvação. O homem sem Cristo está preso, está cativo. Ele é escravo, essa é a ideia. Mas não que agora existe um lugar que essas almas estavam lá por não terem cumprido determinadas exigências, tanto de incrédulos como de crédulos, mas que não foram tão bons, mas que precisam de alguém que vai lá e os

liberte. Essa ideia é estranha. Estranha! E ela não encontra nenhuma base bíblica para ela. Então, basicamente, o que aconteceu na época de Noé é o que acontece conosco. Esta é a explicação. A Trindade se utiliza de um pregador para anunciar a oferta de salvação aos ouvintes; aqueles que rejeitam o fizeram por serem cativos na sua natureza pecaminosa. Ponto. A ideia é esta.

Vamos lá, estamos chegando no final. Então, eu estou passando aqui para que vocês tenham a oportunidade de dar a pausa no vídeo e confirmar as informações. Está certo? Então, chegamos no final.

O que a fé reformada rejeita? O que a fé reformada rejeita? A fé reformada rejeita qualquer noção de descida literal de Jesus ao Hades após a sua morte e antes da sua ressurreição. Embora estivesse sob o estado de morte, até a sua ressurreição ele não passou um final de semana, um fim de semana, em um lugar chamado Hades. A fé reformada rejeita qualquer possibilidade de pregação de uma segunda oportunidade de salvação feita por Jesus, pelos apóstolos ou por qualquer outro dos santos quaisquer no Hades depois da sua morte. A morte de todos os apóstolos e crentes, e a abertura para sua entrada no céu, é o descanso das suas fadigas dessa vida, e não o trabalho penoso de evangelizar no inferno. De modo contrário, a morte de todos os ímpios é o selo do seu destino eterno; não há mais qualquer oportunidade de redenção após a morte.

A fé reformada rejeita qualquer noção de que os crentes do Antigo Testamento estivessem cativos no Hades e de que Jesus Cristo lá desceu para libertá-los, usando Efésios 4:8-9 como texto-prova para justificar tal posição. A Escritura ensina que os crentes do Antigo Testamento não foram para o Hades após sua morte, mas foram estar com Deus (Salmo 73:23-24), como também é o ensino do Novo Testamento. As Escrituras afirmam que aqueles que morrem têm seus corpos repousando e os espíritos voltam para Deus que os deu. Elas também afirmam que Elias, Enoque e Moisés estão no céu com Deus e não no Hades (textos aí: Gênesis 5:24; 2 Reis 2:11; Lucas 9:28-36).

A fé reformada rejeita a ideia da morte, do inferno e da sepultura em que Jesus desceu ao Hades para tomá-las dele. Não há qualquer sugestão das Escrituras de que essas coisas pertencem a Satanás. Pertencem a Satanás? Falando sobre Jesus Cristo, conforme a interpretação joanina do Apocalipse, Isaías diz que "a chave do Senhor e do Universo" pertence a Jesus Cristo. Há somente outros dois versos das Escrituras que mencionam as chaves, e Satanás nunca é associado a elas. O primeiro texto diz: "a chave do reino dos céus", que foi entregue por Jesus aos apóstolos. O segundo afirma que "as chaves da morte e do inferno" pertencem a Jesus Cristo. Somente o Senhor possui as chaves da morte e do inferno, e ninguém mais.

Muito bem. Meus queridos irmãos e alunos, espero ter conseguido trazer boas informações. Então, qual é a aplicação que nós devemos fazer disso? Que a obra da expiação foi perfeita, completa, e que ela não precisou de nenhum complemento. E também ela passa a visão reformada acerca dessa pergunta, uma visão onde coloca Cristo no seu devido lugar, onde ele deve ser, no lugar de onde ele deve ser proclamado, ensinado. Cristo não se submeteu a nenhum estado de humilhação depois da sua morte. Não! A humilhação do Cristo encerra-se na cruz. Ponto. Ele ressuscita, ele já ressuscita numa nova posição. Ok?

Então, para nós fica muito claro, muito claro, que a obra da expiação na cruz foi obra perfeita. Quando ele exclama ali: "Está tudo consumado!", tudo estava

consumado de fato. E ali ele realizou o que era necessário para a salvação do seu povo, da sua igreja. Ok? Grande abraço. Até a nossa última aula. Olá, sejam bem-vindos à nossa vigésima e última aula do nosso curso de Teologia Sistemática, disciplina Cristologia. Espero ter conseguido trazer boas informações para vocês durante este semestre, durante as nossas aulas anteriores. Se eu conseguir fazer isso, eu já fico muito satisfeito. O propósito, como professor da disciplina, é sempre trazer, pelo menos, um bom número de informações acerca da disciplina.

Fica sempre aquele meu pedido a vocês, pedido que acho importante: que vocês se dediquem às pesquisas, que vocês aprofundem esses temas que foram trazidos sempre de maneira introdutória aqui em nosso curso. Então, hoje, eu vou fazer um resumo – metodologia que eu sempre utilizo em minhas disciplinas também –, um resumo geral daquilo que a gente viu durante essas aulas, só para a gente conseguir refrescar tudo isso na nossa memória e vocês consigam desenvolver bem as suas pesquisas acerca da Cristologia Reformada. Ok?

Então, o material é o material que vocês já conhecem, o material que eu usei em algumas aulas. Apenas farei uma apresentação geral, um resumo, para que vocês – agora já munidos das informações que eu trouxe durante todas essas aulas – percebam que fica muito mais fácil dialogarmos com os conceitos, de vermos as consequências teológicas dos nossos posicionamentos. Então, acredito que isso é importante.

Conversamos sobre como Jesus pode ser plenamente Deus e plenamente homem, e ainda assim ser uma pessoa. Jesus Cristo foi plenamente Deus e plenamente homem, em uma só pessoa, e assim será para sempre. Vimos toda a necessidade da compreensão correta desse apontamento teológico. Isso também alegra o nosso coração: saber que Cristo assumiu essa forma, se colocou nessa posição por nós, assumiu a Sua humanidade por toda a eternidade, por amor ao Seu povo.

E, como vimos, está agora à direita do Pai, intercedendo por nós. De lá, só sairá para a implantação integral do Seu Reino, a implantação integral do Seu Reino. Mas o que nos alegra é saber que o nosso Senhor, o nosso Mestre, a quem nós seguimos, está intercedendo por nós. Por causa da Sua obra perfeita, por causa da Sua humanidade perfeita, por causa da Sua divindade perfeita, é que Ele pode realizar tudo isso em nosso favor.

Nós passamos por essas informações, vimos as características dessas duas naturezas, a necessidade dessa doutrina – uma mera especulação. São apontamentos teológicos necessários para uma Cristologia Reformada. Características da humanidade desse Cristo: Seu nascimento, possui um corpo humano, Jesus possui uma mente humana, 100% homem. Por quê? Porque era necessário que tivéssemos um representante, como nós vimos em aulas anteriores, necessário que nós tivéssemos um representante 100% humano.

O pecado contra Deus foi cometido pela raça humana. Somente um representante humano poderia se colocar como representante da raça humana que ofendeu a Deus. Então, Ele foi – e Ele é – esse nosso representante perfeito. Ok. Vimos também a questão da impecabilidade: a natureza divina dá esta qualidade à natureza humana. Esse é o resumo do que nós vimos.

Jesus possuía alma humana e emoções humanas. E os evangelhos nos narram que as pessoas próximas a Jesus O viam, O ouviam como um ser humano completo. E, até, O

ouviam apenas como um ser humano: Seus próprios familiares. Depois, com o desenvolver do Seu ministério, com a realização dos sinais, é que as pessoas em Sua volta foram tendo consciência de que Ele não era somente humano.

Vimos porque era necessário: possibilitar a obediência representativa, ser um sacrifício substitutivo, porque era necessário que Ele fosse plenamente humano, ser o único mediador entre Deus e os homens, cumprir o propósito original do homem – dominar a criação –, ser o nosso exemplo e padrão de vida.

Ou seja, a Teologia Cristã, a Cristologia Reformada, nos coloca diante de um homem que cumpriu integralmente as exigências da Lei, viveu uma vida de obediência, e Ele pode ser o nosso exemplo. Ele pode ser o nosso exemplo. Na verdade, Ele é o nosso parâmetro. Jesus é o nosso parâmetro. A vida cristã nada mais é do que sermos tornados cada vez mais parecidos com o Cristo. E isso só é possível porque Ele foi esse representante humano.

Esse representante humano é o nosso mediador, Ele cumpriu o propósito de Deus para a criação – Deus ser glorificado e Cristo glorificou o Pai em Sua vida – e, de fato, Ele é o nosso exemplo, o nosso padrão de vida. Nós, cristãos, temos um modelo, temos um modelo: este homem, Jesus, que viveu entre nós.

Muito bem. Vimos que Ele assumiu essa humanidade por toda a eternidade – apontamento do Grudem: a encarnação foi o ato pelo qual Deus Filho assumiu a natureza humana por esse objetivo de ser o nosso representante e realizar a obra perfeita.

Falamos um pouquinho sobre a divindade de Jesus – palavras que têm um peso teológico nisso. Sinais de que Jesus possui atributos da divindade: onipotência, onipresença, onisciência, imortalidade. Conversamos sobre a necessidade da divindade de Jesus. Por que é necessária a divindade de Jesus?

A salvação vem do Senhor, e toda a mensagem das Escrituras é moldada para mostrar que nenhum ser humano, nenhuma criatura, jamais conseguiria salvar o homem, só Deus mesmo. Então, nós fomos convencidos – porque, às vezes, alguém pode dizer que é exagero quando identificamos qualquer conceito, qualquer fala que diminui ou não atribui a Cristo a Sua divindade plena, plena, e que, quando reagimos de pronto, dizemos: “Opa, isso não pode ser aceito!”.

Algumas pessoas acham exagerado isso, mas não é. A igreja tem que se posicionar de pronto, e ela o fez. Nós vimos, inclusive, o posicionamento do concílio – nós vamos chegar nele daqui a pouco –, onde nós temos ali uma definição da nossa Cristologia.

Mas, aqui, mais uma vez, está sendo reafirmado a nós: Por que não é necessário? Porque uma criatura, um homem, não poderia fazer isso por nós. Somente Deus poderia nos salvar. E Cristo cumpriu perfeitamente isso, sendo 100% homem e sendo 100% Deus, plenamente divino.

Vamos lá. O que é necessário? É a divindade de Jesus! Se alguém que fosse verdadeiramente – e plenamente – Deus poderia ser o mediador entre Deus e homem – tanto para nos levar de volta a Deus, como também para revelar Deus de maneira mais completa a nós.

Vimos alguns equívocos. Vimos alguns equívocos acerca da Cristologia. Seria

interessante, também, aqui, você parar e fazer pesquisas. Pegue esses termos aí: apolinarismo, nestorianismo, monofisismo. Você pega esses termos, joga no Google, em algum buscador da internet. Você vai poder ter acesso a muitas informações acerca desses equívocos cristológicos.

Vimos a definição de Calcedônia. De Calcedônia. Então, como eu disse naquela aula, aqui você tem um parâmetro para julgamento. Todas as vezes que alguma forma de Cristologia for apresentada a você, ela tem que estar de acordo com isso aqui. Claro que os nossos parâmetros sempre serão as Sagradas Escrituras, mas aqui você tem um bom posicionamento teológico, um bom posicionamento teológico, e que você pode fazer uma comparação com alguma Cristologia que seja apresentada a você.

Não vou ler, vocês podem fazer isso, já tenho esse material à disposição. Cristologia de Calcedônia é uma representação daquilo que o texto nos mostra, uma representação daquilo que o texto nos mostra. Natureza humana sem pecado, natureza plenamente divina. Uma natureza não anula a outra. Resumo sobre a divindade e a humanidade de Cristo.

Também, um apontamento do Grudem: “Permanecendo o que era, tornou-se o que não era”. Em outras palavras, enquanto Jesus “permanecia” o que era, ou seja, plenamente divino, Ele também se tornou o que não fora antes, ou seja, também plenamente humano. Jesus não deixou nada da Sua divindade quando se tornou homem, mas assumiu a humanidade que antes não Lhe pertencia. Obra perfeita da natureza divina para a natureza humana. Nós vimos isso.

Dignidade para ser cultuado por Jesus. A natureza divina concede essa dignidade ao Jesus humano. O Jesus Deus concede essa dignidade, essa prerrogativa. Podemos adorar o Cristo homem, porque Ele também é o Cristo Deus. Então, não estamos cometendo o pecado da idolatria.

A natureza divina também concede à natureza humana a incapacidade – ou a não possibilidade – de pecar. Um bom resumo, interessante – por isso que eu gosto de fazer isso nos finais das disciplinas. Natureza humana... A natureza humana para a natureza divina: capacidade de experimentar o sofrimento e a morte. A natureza humana de Jesus Lhe deu a capacidade de ser o nosso sacrifício substitutivo.

A expiação é a obra que Cristo realizou em Sua vida e morte para obter a nossa salvação. Falamos muito sobre a expiação, né? E aí vimos a causa, vimos a necessidade, a natureza. A expiação não era absolutamente necessária, mas, como consequência da decisão divina de salvar alguns seres humanos, a expiação era absolutamente necessária. Já que Deus decidiu salvar, então ela passa a ser necessária, né? Ela passa a ser obrigatória.

Deus teve que prover o meio de expiação. E o meio, nós já sabemos: a natureza. Jesus obedeceu ao Pai em nosso lugar e cumpriu, de maneira perfeita, as exigências da Lei. Consequências dessa expiação que Ele fez: obediência de Cristo por nós – obediência ativa –, sofrimento de Cristo por nós – obediência passiva.

Tudo aí, vocês devem ir recapitulando, tudo que nós vimos durante este semestre. Lembrem que eu disse a vocês que estudar esses conceitos seria interessante, pensando na questão de entender melhor a obra da expiação? Vocês lembram disso? Eu falei muito sobre isso. Falei sobre a questão de entender conceitos para,

quando chegássemos a uma discussão mais séria, mais profunda, já chegássemos com conceitos definidos.

Quando se pensa na questão da expiação eficaz e objetiva, que foi o tema aqui de algumas aulas, fica mais fácil – quando você chega nesse momento de reflexão – entender que Cristo realizou algo... e as características. Como foi um sacrifício real, como foi um sacrifício real, então Ele realizou coisas reais. Vimos que algo foi conquistado – ou muita coisa foi conquistada –, mas algo ali foi conquistado.

Então, fica mais fácil para entendermos quando, por exemplo, a Cristologia Reformada vai afirmar que Cristo, de fato, na cruz, conquistou salvação pelo Seu povo, e não apenas uma possibilidade. Então, esses conceitos aqui que nós vimos nos ajudaram. Quando chegamos ali, nessa discussão mais bíblica, mais teológica, entendemos que não pode ser apenas uma conquista subjetiva ou que Cristo apenas tenha nos proposto ideais.

Vimos que não foi apenas um exemplo o que Ele fez, mas Ele realizou, de fato, algo maravilhoso em favor da Sua Igreja. Ok? Vimos as características desse sofrimento: sofrimentos reais, dor da cruz, dor da física da morte, a dor de carregar pecado, a dor de suportar a Lei de Deus... tudo isso Ele realizou por um povo.

Vimos os efeitos dessa obra... Interessante este quadro aqui: antes, éramos escravos, merecíamos morrer como castigo pelo pecado, merecíamos receber a ira de Deus, estávamos separados. Mas aí, na Sua cruz, Ele conquista isso aqui: sacrifício, propiciação, reconciliação e redenção. Sacrifício, propiciação, reconciliação e redenção.

Aí, a pergunta – por isso que fica mais fácil, agora, conversar acerca disso com vocês –: Conquistou isso por quem? Porque os autores bíblicos não falam de possibilidades, falam de algo que, de fato, foi realizado. Então, se algo, de fato, foi realizado, a pergunta que nos cabe foi aquela que nós trabalhamos em algumas aulas: “Foi realizado por quem? Qual grupo foi o alvo? Qual grupo recebeu os benefícios dessa conquista?”.

Ok? E aí, quando chegamos lá naquela discussão, nós somos quase que levados à conclusão de que Cristo morreu por um grupo. Mesmo sempre gostando de enfatizar – mesmo sem saber quem são os participantes desse grupo, a quantidade... eu sempre tento dizer que o número é muito grande, as pessoas que Cristo morreu: todos os salvos de toda a história da igreja, dos que ainda serão salvos antes de Cristo voltar – mas é como se nós fôssemos obrigados a chegar a esse tipo de conclusão...

Ou, então, que a posição – que eu acredito que vocês não vão assumi-la – é de que Cristo fez a Sua parte e de que, agora, o homem deve fazer a parte dele. Porque, aí, nós estaríamos esvaziando todos esses conceitos. Teríamos que colocar, sempre, ali, uma interrogação, um asterisco, dizendo assim: “É e não é. Ele conquistou, mas não conquistou. Fez, mas não fez. Está completo, mas não está”. Teria que ser sempre esse tipo de afirmação. E esses termos nos trazem um peso teológico muito mais forte do que isso.

Ok? Vamos lá. Sacrifício, propiciação, reconciliação, redenção... tudo isso foi conquistado pelo nosso Senhor. Foi castigado pelo Pai, finjado pelo Pai. Não um

sofrimento eterno, mas um pagamento integral. Sofreu ali, até na cruz. Depois que Ele morre na cruz, cessa-se o sofrimento do Cristo. Um pagamento integral.

Vimos algumas teorias estranhas acerca da Teologia da expiação. Depois, nas aulas, lá na frente, quando vimos a questão de “Por que Cristo morreu?”, acabamos voltando um pouquinho para isso aqui. Vimos que é muito mais do que isso. Não foi um pagamento ao Satanás, não foi apenas uma influência moral, não foi apenas um exemplo. Muito mais do que isso. Acredito que vocês tenham sido convencidos disso, de que não foi somente essas propostas aí, foi muito mais.

Falamos sobre a importância da doutrina da ressurreição. Se Cristo ressuscitou, nós também ressuscitaremos. Nas aulas, eu sempre enfatizei isso com vocês: as consequências teológicas dos fatos narrados pelos evangelistas. Todos os fatos narrados – desde o nascimento até a Sua ressurreição – nos mostram que todas as profecias do Antigo Testamento são verdadeiras, e que tudo aquilo que Cristo falou também é verdadeiro, e que nós devemos acreditar, confiar e depositar plenamente todas as nossas esperanças em todas as Suas promessas.

Então, esse Cristo que ressuscitou fisicamente – por isso que eu disse a vocês, também, em uma aula: “Qualquer sistema teológico, qualquer teólogo, qualquer comentarista que negue a ressurreição física de Jesus, para mim, não vale absolutamente nada”.

Porque, se Cristo não ressuscitou, vão é a nossa esperança! Se Cristo não ressuscitou, isso que nós estamos fazendo aqui é exercício de tolos! Se Cristo não ressuscitou, porque tudo que os profetas falaram era mentira, tudo que Cristo falou foi mentira, e nós não devemos acreditar num mentiroso, acreditar nas promessas de quem mentiu! Então, seria exercício de tolo o que nós estamos fazendo aqui.

Mas, ao contrário disto, todas essas evidências nos mostram a veracidade de tudo aquilo que foi dito acerca d’Ele – pelos profetas – e de tudo aquilo que foi dito por Ele, durante Seu ministério terreno, tudo aquilo que foi dito pelos Seus discípulos e pelos apóstolos. Então, devemos crer! Devemos crer, sim!

Então, as narrativas dos evangelhos da ressurreição, as evidências do Novo Testamento dessa ressurreição, também, são importantes para nós. Tudo isso que nós estudamos, ou tudo aquilo que Cristo realizou na cruz, não teria feito absolutamente nada se Ele não tivesse ressuscitado. A obra da ressurreição, também... O fato da ressurreição é o cumprimento da Sua obra em nosso favor. Assim como Ele ressuscitou, nós também ressuscitaremos. Ok?

Deixa eu voltar para lá. Vimos alguns significados... a doutrina da ressurreição: a necessidade dela ser real, física... Cristo assegura a nossa regeneração, a ressurreição de Cristo assegura a nossa justificação, a ressurreição de Cristo assegura-nos de que iremos receber, igualmente, corpos ressurretos perfeitos. Estão aí os textos para vocês conferirem.

Agora, está numa nova posição, posição que a Teologia do Novo Testamento também nos coloca nesse lugar. Paulo fala disso: nós já estamos assentados com Cristo nas regiões celestiais, porque Cristo está em nós e nós estamos n’Ele. Então, baseados nessa obra perfeita, baseados nessa obra perfeita que foi realizada em nosso favor, então nós temos a segurança, nós podemos falar de coisas futuras, mas com a certeza de que elas são reais para nós! Podemos falar de um estado

futuro, mas com a certeza de que são coisas reais! Por quê? Porque tudo aquilo que Cristo prometeu, todo o desenvolvimento do Seu ministério, se cumpriu!

Então, nós podemos acreditar, integralmente, em Suas benditas promessas! Cristo ascendeu-se à destra de Deus. A ascensão de Cristo tem importância para a nossa vida. Vimos alguma coisa sobre os três ofícios: o nosso Senhor é Rei, o nosso Senhor é Sumo Sacerdote, o nosso Senhor foi profeta. Profeta. Cristo como profeta, né? Trouxe aí algumas informações. Ele é aquele sobre quem foram feitas as profecias do Antigo Testamento. Ele não era, meramente, o mensageiro da revelação de Deus, mas era Ele mesmo a fonte da revelação de Deus.

Jesus tornou-se o nosso grande Sumo Sacerdote: ofereceu um sacrifício perfeito pelo pecado e nos aproxima, continuamente, de Deus, e ora, continuamente, por nós. Louvado seja Deus por essa informação! Cristo como Rei: após Sua ressurreição, Deus Pai deu a Jesus muito maior autoridade sobre a igreja e sobre o universo.

Muito bem. Voltando aqui a vocês... E, depois disso, meus queridos irmãos, demos uma olhada, ali, também, em relação àquela pergunta: "Por quem Cristo morreu?". Trabalhamos ali com algumas possibilidades. No final, eu me posicionei que a posição majoritária, dentro da confissão reformada, é de que Cristo morreu pela Sua Igreja, Igreja, o povo de Deus, de todos aqueles que foram alcançados pela graça de Deus. Depois de Adão, até o último, até o último que será alcançado, antes da volta do Cristo.

Então, por estes – e somente por estes, não por todos os indivíduos que já existiram –, Jesus pagou o preço. Por estes, Jesus realizou obra perfeita. Então, é claro que é uma discussão acalorada, há muito debate acerca disso, mas, também, espero que, a partir das informações que eu trouxe, isso tenha despertado em vocês o interesse pela pesquisa do tema.

Ok? Então, pesquisem, corram atrás, comparem informações, mas vocês já têm as informações necessárias para iniciar essas pesquisas. Ok? Façam isso, mas não admitam... não admitam que ninguém diminua a obra, o valor daquilo que foi realizado pelo Cristo!

E aí, você vai ter que decidir se a sua Cristologia... se a sua Cristologia, ela gira em torno da glória de Deus... a sua Cristologia terá que ser teocêntrica e, por consequência, cristocêntrica. Tudo foi feito por Ele, tudo foi realizado por Ele, Ele realizou a obra perfeita, ou não.

Então, você vai ter que fazer uma Cristologia no modelo híbrido: uma Cristologia teocêntrica e antropocêntrica ao mesmo tempo. Uma Cristologia que reconhece a importância do que Cristo fez, mas, ainda assim, diz que o homem precisa fazer algo para que os efeitos daquilo que foi feito sejam aplicados a esse. Aí, você vai ter que assumir o ônus e o bônus de se posicionar entre essas escolas.

Ok? Eu confesso a vocês que a posição reformada, a posição confessional, para mim, é a que mais se aproxima... aproxima daquilo que as Escrituras falam acerca do que foi realizado na cruz, acerca da obra do nosso Senhor.

Por último, eu trouxe aquela questão ali de se Cristo desceu ao inferno ou não. Vimos algumas... como essa doutrina se desenvolveu, seu desenvolvimento histórico – mesmo que de maneira rápida –, mas as informações foram trazidas

para vocês. E vimos o posicionamento reformado, que, também, acredito ser o melhor posicionamento, é o que mais se aproxima das Escrituras.

Enfim, eu espero que este semestre tenha sido um bom semestre para vocês. Vamos continuar nesse nosso labor teológico, com muita humildade, com muita reverência, sabendo que só aprendemos algo se Deus assim nos revelar. Muito obrigado pela companhia de vocês, durante todo esse semestre! Que Jesus Cristo, nosso Senhor, continue sendo o nosso grande exemplo. Grande abraço, Deus abençoe, até o próximo semestre, se Deus assim nos permitir.